

ISSN 1646-107X
eISSN 2182-2972

mOtricidade

2022, vol. 18, n. 4

Escopo

A revista Motricidade (ISSN 1646-107X, eISSN 2182-2972) é uma publicação científica trimestral. A política editorial da revista visa contribuir para o desenvolvimento e disseminação do conhecimento científico de caráter teórico e empírico nas áreas científicas do desporto, psicologia e desenvolvimento humano, e saúde, adotando sempre que possível uma natureza interdisciplinar.

Direitos de autor

Os direitos de autor dos textos publicados são propriedade da revista motricidade. A sua reprodução só é permitida mediante a autorização por escrito do diretor.

Ficha Técnica

ISSN (print): 1646-107X
ISSN (online): 2182-2972
Depósito legal: 222069/05
ICS: 124607
Periodicidade: Trimestral (Março, Junho, Setembro e Dezembro)

Correspondência/Edição

Revista Motricidade
(A/C Prof. Dr. Nuno Domingos Garrido)

director@revistamotricidade.com
revistamotricidade@revistamotricidade.com

Propriedade

Sílabas Didáticas, UNIPESSOAL, LDA
Urbanização Aleu 5
5000-054, Vila Real
PORTUGAL
silabasdidaticas@gmail.com
NIPC: 515999750
Capital Social: 500€
Gerência: Nuno Domingos Garrido Nunes de Sousa

Indexação

Web of Knowledge/Scielo Citation Index (Clarivate Analytics), ELSEVIER (SCOPUS, EMCare), SCImago (SJR: Medicine, Health Professions), PsycINFO, IndexCopernicus, Scielo, CABI (CAB Abstracts, Global Health, Leisure, Recreation and Tourism Abstracts, Nutrition Abstracts and Reviews Series A), Qualis, SPORTDiscus, EBSCO (CINAHL Plus with Full Text, Academic Search Complete, Fonte Acadêmica, Fuente Academica, Fuente Academica Premier), Proquest (CSA Physical Education Index, ProQuest Psychology Journals, Summon by Serial Solutions, Ulrich's Periodicals Directory), DOAJ, Open J-Gate, Latindex, Gale/Cengage Learning (InfoTrac, Academic OneFile, Informe) Google Scholar, SIIC Databases (siicsa-lud), BVS ePORTUGUESe, SHERPA/RoMEO, e-Revistas, OCLC, Hinari/WHO, Swets Information Services, ScienceCentral, Genamics JournalSeek, Cabell's Directories, SafetyLit, NLM Catalog, SCIRUS, BASE Bielefeld, Academic Journals Database, Index Online RMP, Saúde em Movimento

Produção editorial



Scope

Journal Motricidade (ISSN 1646-107X, eISSN 2182-2972) is a scientific electronic journal, publishing quarterly. Its editorial politics aim is contributing to the development and dissemination of scientific knowledge of theoretical and empirical character in the context of sports, psychology and human development, and health assuming whenever is possible an interdisciplinary commitment.

Copyright

The journal motricidade holds the copyright of all published articles. No material published in this journal may be reproduced without first obtaining written permission from the director.

Technical Information

ISSN (print): 1646-107X
ISSN (online): 2182-2972
Legal Deposit: 222069/05
ICS: 124607
Frequency: Quarterly (March, June, September and December)

Correspondence/Edition

Journal Motricidade
(A/C Prof. Dr. Nuno Domingos Garrido)

director@revistamotricidade.com
revistamotricidade@revistamotricidade.com

Property

Sílabas Didáticas LDA
Urbanização Aleu 5
5000-054, Vila Real
PORTUGAL
silabasdidaticas@gmail.com

Index Coverage

Web of Knowledge/Scielo Citation Index (Clarivate Analytics), ELSEVIER (SCOPUS, EMCare), SCImago (SJR: Medicine, Health Professions), PsycINFO, IndexCopernicus, Scielo, CABI (CAB Abstracts, Global Health, Leisure, Recreation and Tourism Abstracts, Nutrition Abstracts and Reviews Series A), Qualis, SPORTDiscus, EBSCO (CINAHL Plus with Full Text, Academic Search Complete, Fonte Acadêmica, Fuente Academica, Fuente Academica Premier), Proquest (CSA Physical Education Index, ProQuest Psychology Journals, Summon by Serial Solutions, Ulrich's Periodicals Directory), DOAJ, Open J-Gate, Latindex, Gale/Cengage Learning (InfoTrac, Academic OneFile, Informe) Google Scholar, SIIC Databases (siicsa-lud), BVS ePORTUGUESe, SHERPA/RoMEO, e-Revistas, OCLC, Hinari/WHO, Swets Information Services, ScienceCentral, Genamics JournalSeek, Cabell's Directories, SafetyLit, NLM Catalog, SCIRUS, BASE Bielefeld, Academic Journals Database, Index Online RMP, Saúde em Movimento

EQUIPA EDITORIAL

Diretor

Nuno Domingos Garrido — *Universidade de Trás-os-Montes and Alto Douro, Vila Real, Portugal*

Director

Editor-Chefe

Tiago Manuel Cabral dos Santos Barbosa

Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação — Campus de Santa Apolónia — 5300-253 Bragança, Portugal

Editor-In-Chief

Editores Associados

Associate Editors

Henrique Pereira Neiva — *University of Beira Interior, Covilhã, Portugal*

Jorge Morais — *Politechnique Institute of Bragança, Bragança, Portugal*

Diogo Monteiro — *Politechnique Institute of Leiria, Leiria, Portugal*

Maria Teresa Anguera — *Barcelona University, Barcelona, Spain*

Eduardo Borba Neves — *Federal Technological University of Paraná, Brazil*

Pedro Morouço — *Politechnique Institute of Leiria, Leiria, Portugal*

Danilo Sales Bocalini — *Federal University of Espirito Santo, Brazil*

Gabriel Rodrigues Neto — *Faculty of Nursing and Medicine Nova Esperança (FAMENE / FACENE) / Higher Education and Development Center (CESED – UNIFACISA, FCM, ESAC), Brazil*

Manoel Costa — *State University of Pernambuco, Brazil*

Pedro Forte — *SCE DOURO – Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro, Penafiel, Portugal*

Ricardo Ferraz — *University of Beira Interior, Covilhã, Portugal*

Conselho Editorial Internacional

International Editorial Board

Aldo Filipe Costa, *UBI, Portugal*

André Luiz Gomes Carneiro, *UNIMONTES, Brasil*

António José Silva, *UTAD, Portugal*

António Prista, *Moçambique*

Aurelio Olmedilla, *Espanha*

Carlo Baldari, *Università degli Studi di Roma "Foro Italico" Dipartimento di Scienze Motorie, Umane e della Salute, Itália*

Daniel Almeida Marinho, *UBI, Portugal*

David Paulo Ramalheira Catela, *CIEQV, Instituto Politécnico de Santarém, Portugal*

Diogo Santos Teixeira, *Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade Lusófona, Lisboa*

Eduardo Borba Neves, *Brasil*

Eduardo Leite, *Portugal*

Felipe José Aida, *UFS, Brasil*

Fernando Navarro Valdivielso, *Espanha*

Filipe Fernandes Rodrigues, *Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, Portugal*

Filipe Luis Martins Casanova, Diogo Santos Teixeira, *Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade Lusófona, Porto, Portugal*

Flávio António De Souza Castro, *Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Gian Pietro Pietro Emerenziani, *Università degli Studi di Catanzaro "Magna Græcia", Itália*

Guilherme Tucher, *UFRJ, Brasil*

Helder Miguel Fernandes, *Portugal*

Jefferson Silva Novaes, *UFJF, Brasil*

João Paulo Vilas-Boas, *FADE-UP, Portugal*

José Pérez Antonio Turpin, *University of Alicante, Espanha*

José Vilaça-Alves, *UTAD, Portugal*

Laura Guidetti, *Università degli Studi di Roma "Foro Italico" Dipartimento di Scienze Motorie, Umane e della Salute, Itália*

Luis Cid, *ESDRM, Portugal*

Marc Cloes, *Université de Liège, Bélgica*

Marek Rejman, *University School of Physical Education in Wroclaw, Poland*

Maria do Socorro Cirilo de Sousa, *URCA, Brasil*

Mário Jorge Costa, *FADE-UP, Portugal*

Martim Bottaro, *UNB, Brasil*

Michael Bemben, *Department of Health and Exercise Science, University of Oklahoma, Estados Unidos*

Mikel Izquierdo, *Espanha*

Nelson Sousa, *UTAD, Portugal*

Per-Ludvik Kjendlie, *Noruega*

Ricardo J. Fernandes, *FADE-UP, Portugal*

Roberto Simão, *UFRJ, Brasil*

Romeu Mendes, *SNS, Portugal*

Rubens Vinícius Letieri, *Multidisciplinary Research Center in Physical Education, NIMEF, Federal University of Tocantins, UFT*

Steven Fleck, *University of Wisconsin-Parkside, Estados Unidos*

Victor Machado Reis, *UTAD, Portugal*

Wagner Prado, *Brasil*

SUMÁRIO

Desporto, cultura e comunicação: uma fita de Moebius?496

Susana Pimenta, Orquídea Ribeiro, Fernando Moreira

**O desporto e a intersexualidade, os transgéneros e os não binários:
a importância do cromossoma Y na avaliação da inclusão!498**

António José Silva

**A crise do basquetebol brasileiro (1989-2008): uma análise do discurso
de presidentes da confederação e treinadores da seleção nacional501**

Diego Gutierrez, Thiago Leonardi, Janice Mazzo, Roberto Paes

Artistic-cultural perspectives in technical-professional training at UTFPR-Brazil511

Adriana Santos Auzani, Levi Leonido Fernandes da Silva, Antonino Manuel de Almeida Pereira,
Elsa Gabriel Morgado

**O que pensam os treinadores e assessores de comunicação sobre a
importância dos *media* e o seu impacto no futebol profissional?519**

Tatiana Baltazar Fazenda, Pedro Guedes de Carvalho, Aldo Filipe Matos da Costa

Contributos para a história do desporto em Portugal530

Fernando Moreira, Daniela Fonseca

**A mediatização do “racismo”? Análise a partir da representação dos
casos Marega, Webó e Diakhaby nas primeiras páginas da imprensa535**

Fábio Ribeiro, Susana Pimenta

As estratégias de comunicação do Futebol Clube do Porto548

Daniela Fonseca, Elísio Mota

**Futebol e comunicação: influência e as percepções de adeptos, árbitros,
jogadores e treinadores.....561**

José Lemos Quintela

**O doping esportivo na mídia: uma revisão sistemática da literatura sobre
dopagem no contexto das teorias de agendamento e enquadramento583**

Andressa Fontes Guimaraes Mataruna

Music, rhythmic gymnastics and expressiveness: an artistic performance590

Elsa Maria Gabriel Morgado, Maria Beatriz Licursi, Levi Leonido Fernandes da Silva

Navigating colonialism through Sports in Portuguese Africa596

Orquídea Moreira Ribeiro

**Recensão a Cristóbal Villalobos Salas. "Futebol e Fascismo". Lisboa,
Edições 70, 2021, 203 pp.602**

Esser Jorge Silva

Desporto, cultura e comunicação: uma fita de Moebius?

‘Sport, Culture and Communication: a Möbius strip?’

Susana Pimenta^{1,2,3*} , Orquídea Ribeiro^{1,2} , Fernando Moreira^{1,2} 

Tomando como princípios orientadores que os atos comunicativos e as expressões/práticas culturais têm uma dimensão operatória na vida do indivíduo enquanto ferramentas de intervenção social, considerando que a cultura é sempre uma herança transmitida e que os meios utilizados para o fazer integram essa mesma cultura e que, finalmente, cultura e comunicação desempenham um papel essencial na realidade social pois se instituem como fundamentais na difusão do saber, entretenimentos e modelos comportamentais, nomeadamente no que concerne a(s) prática(s) desportiva(s), este suplemento pretende refletir sobre a relação entre cultura, comunicação e desporto no mundo de língua portuguesa. Esta tríade, considerada essencial à sociedade nas suas atividades intelectuais e físicas, é posta à prova quando confrontada com casos como os de desportistas de diferentes modalidades vítimas de racismo que, não raras vezes, abandonam as competições em que estão envolvidos. Aspetos socioculturais e históricos emaranham-se entre regras e ética desportivas, entrelaçando-se num processo comunicativo acelerado (e descontrolado), como é hoje o das redes sociais e dos *influencers* ou “autorizados fazedores” de opinião nos mais variados meios de comunicação, originando conflitos e uma discussão pública que ultrapassa fronteiras e que põe em causa o caráter educativo e cultural do desporto, reclamado pela Unesco na sua *Carta Internacional da Educação Física e do Desporto* (1991), no artigo 2: “A educação física e o desporto, elementos essenciais da educação e da cultura, devem desenvolver as aptidões, a vontade e o autocontrolo das pessoas humanas e contribuir para a sua inserção social”. Como este, muitos outros exemplos poderiam ser apontados com o objetivo de estudar a diversidade cultural, as relações

sociais e culturais no campo desportivo, de forma a reeducar e sensibilizar os públicos ou adeptos para uma cultura sempre dinâmica e, sobretudo, uma cultura de paz (Unesco, 2015).

Tendo em conta as palavras de Jean Caune (2014), segundo o qual “A cultura e a comunicação aparecem como um dos terrenos privilegiados para a promoção de mudança social” (Caune, 2014, p. 3), e considerando a importância do desporto nas sociedades, pretende-se que a análise da comunicação desportiva identifique problemas e aponte possíveis respostas às dinâmicas sociais e culturais ao longo dos tempos, para além do estabelecimento de casos exemplares que traduzem a evolução e consolidação do desporto no quadro histórico das sociedades contemporâneas, em particular de Portugal.

Também a comunicação, a cultura visual e artes, aliadas ao desporto, estão convocadas para um olhar crítico, pois “Se a cultura é um acontecimento social, não existe cultura a não ser quando manifestada, transmitida e vivenciada pelo indivíduo. A cultura existe, antes de mais nada, como herança e para compreendê-la devemos analisar os modos de transmissão desta, que é elemento constituinte da cultura” (Caune, 2014, p. 2). A cultura, enquanto expressão da totalidade da vida social do ser humano (Cuche, 2004, p. 16), assume-se “como uma mediação entre o indivíduo, as manifestações por meio das quais se expressa e o mundo onde ele estabelece relações com os outros” (Caune, 2014, p. 5) e exprime-se, entre outros aspetos, através das práticas sociais, como a prática de desportos ou atividade física, as quais, beneficiando dos atos comunicativos, se instituem e materializam numa história do desporto. As indústrias culturais e criativas têm hoje um papel preponderante como ponte de transformação e dinamização social e cultural, desde o “culto

¹Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Vila Real, Portugal.

²Universidade do Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade – Braga, Portugal.

³Instituto Politécnico de Bragança – Bragança, Portugal.

*Autor correspondente: Quinta de Prados – 5000-801 – Vila Real, Portugal. E-mail: susanapimenta7@gmail.com

Conflito de interesses: nada a declarar. **Financiamento:** nada a declarar.

do corpo” à promoção das capitais europeias do desporto, mas importa lembrar que o desporto como lazer ou como competição ou a prática desportiva ligada à educação e ao bem-estar do indivíduo têm um histórico que remonta à Antiguidade e conheceram um desenvolvimento renovado, intenso e diversificado enquanto fenómeno cultural e social, que muito aproveitou do papel da imprensa, com a institucionalização à escala mundial dos Jogos Olímpicos da Era Moderna no ano de 1896.

Hoje, mais do que nunca, é possível dizer-se que os conceitos de cultura e comunicação não existem nem se explicam isoladamente e ninguém duvida do papel estrutural e crucial que desempenham nas sociedades modernas e desenvolvidas; credores desta matriz, a que se junta o desporto enquanto manifestação e prática cultural, os trabalhos apresentados deverão posicionar-se, à semelhança da figura geométrica de Moebius, na mesma face, na senda do pensamento de

Jean Caune (2014, p. 8): “Não cabe a figura da dualidade, da complementaridade, da oposição ou da diferença; trata-se de uma relação de inclusão recíproca que faz que um fenómeno de cultura funcione também como processo de comunicação; ou que um modo de comunicação seja igualmente uma manifestação da cultura”.

REFERÊNCIAS

- Caune, J. (2014). *Cultura e comunicação: convergências teóricas e lugares de mediação*. Editora Unesp.
- Cuche, D. (2004). *La notion de culture dans les sciences sociales*. Editions La Découverte.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (1991). *Carta Internacional da Educação Física e do Desporto*. UNESCO.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (2015). *Carta Internacional da Educação Física e do Desporto*. UNESCO.

O desporto e a intersexualidade, os transgéneros e os não binários: a importância do cromossoma Y na avaliação da inclusão!

Sport and intersexuality, transgenders and non-binary people: the importance of the Y chromosome in the assessment of inclusion!

António José Silva^{1,2,3,4,5*} 

Cabe às organizações desportivas, ODs, serem fatores da plena garantia de isenção, integridade e inclusão, com especial atenção à proteção dos mais vulneráveis, propiciando as condições indispensáveis para que beneficiem de um ambiente seguro no desporto e aí possam dar expressão às suas competências.

O desporto, não devendo assumir posições de ativismo político, tem a obrigação, enquanto sistema, de identificar os anátemas de exclusão, potenciais fatores de ameaça à integridade, em determinados contextos sociais, corrigi-los e funcionar como potencial agente catalisador de mudanças sociais globais.

O desporto deve pressupor a existência de igualdade de oportunidades na participação de pessoas sem discriminação, por motivos: étnicos, religiosos, deficiência, género, orientação sexual, classe social; não devendo ser ele próprio promotor de ameaças à integridade pela assunção de irracionalidades de critério com consequências no próprio desporto e a eventuais retroversões sociais.

Algumas destas ameaças já se encontram sublimadas pela ação diligente e vanguardista do desporto e das ODs nas mudanças positivas no sentido de valorizar o mérito acima de tudo. Outras, como no caso da garantia de equidade de género em funções desportivas relevantes – os que dirigem equipas ou federações nacionais e internacionais – pressupõem ainda um longo caminho a percorrer, quer de enquadramento

legislativo, no âmbito do regime jurídico das federações desportivas, quer de repercussão social.

Uma das maiores ameaças atuais à integridade desportiva é a questão de género (Henry & Robinson, 2010). A participação de transgéneros no desporto tornou-se um tópico atual e sensível. Se, por um lado, há o desejo de inclusão e de assumir a diversidade como algo positivo, incentivando a participação, por outro, corremos o risco de prejudicar, mesmo destruir, a competitividade das mulheres no desporto de alto nível, algo que deve ser protegido.

No caso particular existe muita confusão, diria mesmo desconhecimento, misturando conceitos, implicações e decisões. Intersexualidade, transgéneros e identidade não binária são conceitos diferentes, com implicações desportivas diferentes.

A variação intersexual nas características físicas, internas e externas, e/ou traços hormonais em desconformidade com o entendimento tradicional das características de um ou dos dois sexos (masculino e feminino), podendo levar a condições de hiperandrogenismo (níveis superiores de testosterona (McArdle et al., 2011)), é diferente, quanto à natureza e às implicações dos transgéneros, de alguém que se identifica com um género que é diferente do sexo que lhe foi atribuído à nascença, de uma forma permanente, e diferente, ainda, de alguém que abarca várias identidades de género diferentes dentro de si, que não são estritamente masculinas ou femininas (não binário).

¹Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Vila Real, Portugal.

²Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano – Vila Real, Portugal.

³Federação Portuguesa de Natação – Lisboa, Portugal.

⁴Liga Europeia de Natação – Nyon, Suíça.

⁵Federação Internacional de Natação – Lausane, Suíça.

*Autor correspondente: Complexo Desportivo da UTAD, Quinta de Prados, 5000-801, Vila Real, Portugal. E-mail: ajsilva@utad.pt

Conflito de interesses: nada a declarar. **Fonte de financiamento:** nada a declarar.

Recebido: 05/05/2022. **Aceite:** 20/05/2022.

Muito já foi discutido sobre esta temática, não existindo ainda conclusões definitivas, que urgem, pela integridade do desporto, nomeadamente:

1. A obrigatoriedade dos transgéneros, para competirem, serem submetidos a intervenções cirúrgicas (2003);
2. As investigações públicas sobre hiperandrogenismo sobre o caso de Caster Semenya's (2009);
3. A decisão do tribunal arbitral do desporto internacional, TAD, (2015), acerca da validade das regras de elegibilidade da federação Internacional de Atletismo para atletas com diferenças de desenvolvimento sexual, contestada pela bicampeã olímpica Caster Semenya, e o acordo de consenso sobre a não obrigatoriedade da intervenção cirúrgica, desde que os níveis de testosterona para atletas transgéneras femininas não ultrapassem os 10 nanomole por litro de sangue (nmol/L) (2015);
4. A decisão da organização mundial da saúde de remover as perturbações de identidade de género do manual global de doenças (2019);
5. A resolução dos tribunais Suíços sobre a decisão do TAD no caso "Caster Semenya's" (2020), e o relatório da organização mundial dos direitos humanos, acerca da discriminação no desporto nos casos de identidade de género (2020);
6. A participação, nos jogos Olímpicos de Tóquio, de atletas transgéneros pela primeira vez (2021).

Neste âmbito, há que diferenciar a participação dos transgéneros no desporto da sua inclusão no desporto de elite. Os fundamentos desta subdivisão são claros. O rendimento é sempre o resultado de uma estrutura multifatorial que engloba variáveis que o determinam: psicológicas, fisiológicas, genéticas (potencial), sociais, contextuais, etc.

A inclusão de atletas, pela presença identificada de características específicas nos casos acima citados, fora do quadro normativo regular, de acordo com a estrutura do rendimento que a assiste, com vantagens competitivas evidentes, pode conduzir o desporto a um fator de segregacionismo, à imagem da exclusão social que se reclama e que se pretende combater.

Não é muito diferente classificar algumas formas de melhoria de desempenho como antiéticas, como o doping, porque negam a característica essencial inerente do desporto que lhe confere valor, a naturalidade, e concordar com outras que, apesar da naturalidade aparente, intersexuais, ou assumida, transgéneros, continuam a ser antiéticas. Ao fazê-lo, estamos a incorrer no erro de ao incluir, excluir os que por norma deveriam ter condições para disputar o sucesso.

É claro que a inclusão deve ser uma prioridade. Todos devem ter a oportunidade de participar no desporto de uma forma

segura e sem discriminação. A participação desportiva deve ser um direito para todos. Todavia, a participação no desporto de alto rendimento deve ser restrita a quem tem as condições necessárias e suficientes para tal, pugnando pela não discriminação, mas prevenindo vantagens desleais que excluem, de forma sistemática, atletas do sucesso desportivo pelo benefício que decorre do uso das regras de inclusão.

A discussão deve ser ponderada, por forma a não redundar em posições extremadas, que optem ou pelo descontrolo, irrestrito, das categorias de competição, existindo tantas quantas as perceções individuais; ou pela dissolução de todas as categorias de competição permitindo que todos compitam da forma que consideram, formato Open.

O foco deve estar na performance, de tal forma que todos os atletas possam ter uma oportunidade justa de competir e disputar os lugares de pódio, de acordo com a estrutura específica e multifatorial de rendimento de cada desporto, valorizando nesta análise as vantagens e desvantagens que decorrem da participação.

Em suma, o enquadramento legal e consequente normativa desportiva deve surgir como resultado da ponderação de dois planos de análise: a questão fisiológica, sobre se há ou não vantagens competitivas inerentes à participação dos transgéneros, intersexuais, e não binários, mais concretamente homens de identidade sexual, mas mulheres em identidade de género, em categorias femininas e se, apesar destas vantagens, a questão da inclusão/exclusão na ótica dos direitos humanos deve prevalecer.

Biologicamente, os atletas do sexo feminino, conceito tradicional, possuem o mesmo tipo de cromossomas sexuais (XX), e por isso chamado de sexo homogâmico. Os atletas do sexo masculino, conceito tradicional, são o sexo heterogâmico, contendo dois tipos distintos de cromossomos sexuais, um X e outro Y (Malina, Rogol, Cumming, Coelho e Silva & Figueiredo, 2015).

Na ótica da performance os estudos fisiológicos são claros. Uma das discussões reside no limite superior, recomendado, dos níveis de testosterona dos atletas do sexo feminino em competições de elite. As determinações atuais do comité Olímpico Internacional determinam que as mulheres transgénero, devem ter um nível de testosterona inferior a 10 nmol/L, aproximadamente o limite inferior dos valores masculinos típicos.

Estas recomendações esquecem, no entanto, de referir que aproximadamente 99% das mulheres têm níveis de testosterona que variam de 0,12 a 1,79 nmol/L. Esta recomendação válida, por isso, uma competição feminina com "alguns" atletas com níveis hormonais de homens.

Outros estudos, de meta-análise, sobre atletas transgéneros concluíram que mulheres transgénero mantêm uma

vantagem de 12% em testes de corrida, mesmo depois de tomarem hormonas supressoras de testosterona por dois anos.

É inequívoco que, na generalidade dos desportos, as evidências científicas concluem que as diretrizes atuais do Comité Olímpico Internacional confere às mulheres transgénero e intersexuais uma “vantagem competitiva injusta” sobre as mulheres biológicas.

Na ótica dos direitos humanos, encarar as desconformidades hormonais, no caso dos intersexuais, e as opções de identidade de género, no caso dos transgéneros, ou da falta dela, no caso dos não binários, adequando o quadro normativo para prover a exceção em detrimento da regra (masculino e ou feminino) incluindo, é a assunção da exclusão dos que por opção não se enquadram na exceção. Em suma, é tornar o desporto a antítese da naturalidade que decorre das condições de inclusão iniciais.

O desporto não pode ser ele próprio indutor de regras que possam favorecer as discriminações. A não ser assim, poderemos estar a assistir à criação de classes desportivas que sejam identitárias de uma natureza específica e mutuamente exclusiva: competições ráticas, competições religiosas, competições de género, competições naturais, competições artificiais, etc.

As regras do desporto devem integrar, de uma forma não arbitrária, a oportunidade de manifestação de competência e de virtude de um atleta face a outros. Só assim, e rejeitando os artificialismos que alteram a naturalidade e harmonizam a variabilidade humana característica, se pode preservar os valores intrínsecos do desporto!

É óbvio que a assunção da inclusão nestes casos provocará uma nova etapa no quadro ético de valorização axiológica no desporto.

Para que a pureza e a integridade das competições passem pela valorização da participação, é necessário a existência de categorias com classes cujos critérios estejam dependentes dos valores normativos necessários para permitir que a aleatoriedade esteja subordinada, não às características escolhidas potencialmente do atleta, mas à naturalidade do seu processo de desenvolvimento, isto é, ao treino.

Posto isto, e para evitar paradoxos cujo absurdo pode levar a fundamentalismos que vão inquinar o desporto e o seu quadro axiológico de referência, só há uma solução que integre várias condições: (1) os critérios devem ser baseados em evidências científicas; (2) o primado da saúde deve ser protegido, tornando desnecessários procedimentos de tratamento específicos; (3) os critérios não devem envolver o exame invasivo dos corpos (direitos humanos); (4) os critérios devem ser justos, neutros e imparciais, privilegiando a privacidade dos atletas.

Nesta ótica só vejo uma de duas soluções:

1. A mais absurda, que roça o limite do direito à privacidade, mas passível, seria a criação de mais uma categoria para além da participação dos homens e mulheres, a dos intersexuais, transgéneros e não binários, como categoria de competição oficial, ou;
2. A utilização do critério biológico para além das naturalidades, intersexuais, e artificialidades biológicas, transgéneros e não binários, para definição, em caso de dúvida da categoria. O factor Y: em caso de dúvidas, quem tiver o cromossoma Y, só pode competir em competições da categoria masculina. Todos os restantes (XX) podem competir em competições da categoria feminina.

As categorias de classificação desportiva em qualquer desporto devem responder sempre ao primado da justiça, com base na análise das vantagens e não a outros critérios de potencialidade que excecionam os atletas.

REFERÊNCIAS

- Henry, I. P., & Robinson, L. (2010). *Gender Equality and Leadership in Olympic Bodies*. Loughborough University.
- Malina, R. M., Rogol, A. D., Cumming, S. P., Coelho e Silva, M. J., & Figueiredo, A. J. (2015). Biological maturation of youth athletes: Assessment and implications. *British Journal of Sports Medicine*, 49(13), 852-859. <https://doi.org/10.1136/bjsports-2015-094623>
- McArdle, W. D., Katch, F. I., Katch, V. L., McArdle, W. D., Katch, F. I., & McArdle, W. D. (2011). *Essentials of exercise physiology*. Lippincott Williams & Wilkins.

A crise do basquetebol brasileiro (1989-2008): uma análise do discurso de presidentes da confederação e treinadores da seleção nacional

The Brazilian basketball crisis (1989-2008): an analysis of the interviews of the confederation presidents and national team coaches

Diego Gutierrez^{1*} , Thiago Leonardi² , Janice Mazzo² , Roberto Paes¹ 

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo construir um panorama da organização do basquete brasileiro entre 1989 e 2008, a fim de compreender os elementos que influenciaram a crise da modalidade culminando na perda de público, patrocinadores e no fraco desempenho das seleções nacionais. Esse panorama foi construído por meio da Análise Crítica do discurso da cobertura dos presidentes da Confederação Brasileira de Basquete e dos técnicos da Seleção Brasileira adulta (feminina e masculina), publicada nos jornais do período. É possível concluir que a crise da modalidade é resultado da incapacidade de se definir um projeto de longo prazo e das disputas políticas envolvendo a gestão dos campeonatos nacionais.

PALAVRAS-CHAVE: basquetebol; Brasil; análise crítica do discurso; história do esporte; gestão esportiva.

ABSTRACT

This work aims to build a panorama of the organization of Brazilian basketball between 1989 and 2008 in order to understand the elements that influenced the crisis of the sport culminating in the loss of the public, sponsors and the poor results of the national teams. This overview was constructed through the Critical Discourse Analysis of the coverage of the presidents of the Brazilian Basketball Confederation and of the coaches of the Brazilian adult team (women's and men's), published in the newspapers of the period. It is possible to conclude that the transformations in Brazilian sport allied with internal management problems contribute to the poor results of the national team and the disorganization of the national championship.

KEYWORDS: basketball; Brazil; critical discourse analysis; sports history; sport management.

INTRODUÇÃO

O basquetebol é uma modalidade esportiva que foi introduzida no Brasil no final do século XIX, se tornando muito popular e possuindo hoje mais de 34 milhões de fãs no país. O esporte avultou-se no Brasil entre os anos de 1940 e 1960, período no qual a seleção masculina de basquetebol ganhou três medalhas de bronze nos Jogos Olímpicos de 1948, 1960 e 1964, além de duas Copas do Mundo (1953 e 1959). Décadas depois, a seleção masculina, novamente, teve destaque ao conquistar em 1987 a medalha de ouro nos Jogos

Pan-Americanos realizados em Indianápolis, nos Estados Unidos, ao vencer a seleção norte-americana na partida final. Tal feito histórico foi comemorado pelo basquetebol brasileiro, pois a partida assinalou a primeira derrota da seleção masculina de basquetebol dos Estados Unidos em casa, assim como a primeira derrota em uma final. A seleção feminina teve uma trajetória similar, mas em um período posterior, atingindo o ápice na década 90 vencendo a Copa do Mundo de Basquetebol em 1994 e conquistou uma medalha de prata nos Jogos Olímpicos de 1996 e o bronze em 2000.

¹Universidade Estadual de Campinas – Campinas (SP), Brasil.

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre (RS), Brasil.

*Autor correspondente: Alameda Alemanha, 170, Granja Vianna – CEP: 06355-465 – Carapicuíba (SP), Brasil. E-mail: diegomonteirogutierrez@gmail.com

Conflito de interesses: nada a declarar. **Financiamento:** nada a declarar.

Recebido: 24/05/2021. **Aceite:** 10/02/2022.

A despeito das conquistas históricas, o basquetebol brasileiro passou por uma série de problemas nas décadas de 1990 e 2000, perdendo atletas, patrocinadores e público. O enfraquecimento da prática do basquetebol era observado desde o âmbito do esporte juvenil até o adulto. Diniz (2000) relata uma queda acentuada na quantidade de equipes sub-16 jogando competições oficiais no interior do estado de São Paulo, tradicional reduto do basquetebol brasileiro, entre os anos de 1994 e 1998. A pesquisa de Beneli (2007) mostrou que em São Paulo, após um pico de 311 equipes juvenis jogando competições oficiais em 2000, sucedeu o declínio no ano de 2006, quando reduziu para 252 equipes.

A situação caótica do basquetebol no Brasil acabou por refletir no desempenho das seleções adultas. A equipe masculina de basquetebol não se classificou para os Jogos Olímpicos de 2000, 2004 e 2008. A seleção feminina conseguiu se manter competitiva por mais tempo, ainda vivendo do talento de um restrito grupo de atletas, chegando ao fim nas Olimpíadas de 2008 quando venceu apenas um jogo, cenário que se repetiu em nos jogos olímpicos de 2010.

Justamente no ano da realização dos Jogos Olímpicos no Brasil, a Confederação Brasileira de Basquete (CBB) foi suspensa pela Federação internacional de Basquetebol (FIBA) devido a uma série de infrações, que vão desde a má gestão financeira até o não envio de seleções juvenis para competições internacionais. Devido a sanção imposta pela FIBA, a CBB sofreu uma intervenção, a qual repercutiu, por exemplo, na suspensão da participação das seleções nacionais em competições internacionais de basquetebol até o ano de 2017, retornando somente no ano seguinte. Em meio à crise financeira e política no basquetebol brasileiro, cujos indícios estavam mais aparentes nos anos 2000, notou-se um movimento de reação e renovação das ações conduzidas por entidades esportivas ligadas ao basquetebol no país.

O estabelecimento da Liga Nacional de Basquete (LNB), em 2008, uma entidade independente administrada pelos clubes responsáveis pelo campeonato nacional masculino da modalidade, marcou uma ruptura não apenas no cenário do basquetebol, mas do esporte brasileiro acenando para novas possibilidades de organização de eventos esportivos. No mesmo ano, o campeonato nacional, denominado Novo Basquete Brasil (NBB), teve sua primeira edição. De tal modo, a CBB perdeu o controle do campeonato de basquetebol mais importante e popular, que a partir de então passou a ser administrado integralmente pelos clubes.

O objetivo desta pesquisa é determinar os principais elementos que contribuíram para a crise do basquetebol brasileiro no período. Como método de pesquisa analisamos as entrevistas, em dois periódicos da época, dadas pelos presidentes da

confederação e treinadores das seleções masculina e feminina adultas utilizando a Análise Crítica do Discurso.

O recorte temporal inicial contempla o período de crise da modalidade esportiva assinalado pela eleição de Brito Cunha, primeiro candidato da oposição a se eleger presidente da CBB e primeiro ex-treinador a assumir o cargo em 1989 em um ambiente de otimismo com as possibilidades da modalidade. Logo, o período final da pesquisa é o ano de 2008, quando estava na presidência da CBB Gerasime Nicolas Bozikis e foi criada a LNB. Nesse ano ocorreu a contratação do primeiro treinador estrangeiro para a seleção brasileira masculina de basquetebol, que ficou de fora de três jogos Olímpicos em sequência, e no caso do feminino ocorreu à campanha ruim nas Olimpíadas de Pequim.

A produção jornalística é um processo nesse sentido ao se comunicar com a imprensa o treinador ou presidente busca impor sua visão dos fatos da mesma maneira que o jornalista interpreta essas informações ao produzir a reportagem, nessa produção ele é influenciado pela linha editorial, pela própria visão de mundo, patrocinadores entre outros. Essa produção jornalistas acaba também por influenciar a atitude dos sujeitos que influencia a própria produção jornalística (Shin et al., 2020). A Análise Crítica do Discurso (ACD) permite interpretar esses conflitos e a partir deles entender como se deu as principais transformações dentro do basquetebol brasileiro no período.

A ACD foi desenvolvida por Norman Fairclough (1995) e se diferencia por realizar uma abordagem interdisciplinar do discurso. Enquanto a análise do discurso tradicional foca no texto, a ACD avança a discussão focando em como questões sociais impactam na construção do discurso e como a análise desse discurso pode trazer informações importantes sobre a sociedade. A ACD é uma metodologia consagrada dentro do campo dos estudos do esporte, se mostrando uma ferramenta muito versátil sendo usada para analisar os mais variados aspectos da prática esportiva (Bimper & Harrison, 2017; Kim, 2018; Yoon & Wilson, 2016), como questões organizacionais (Rossi et al., 2009), raciais (Lavelle, 2010) e de gênero (Kavoura, 2018). No presente estudo utilizamos a ACD para compreender como a mídia retratou a crise do basquetebol e a partir da cobertura dos presidentes e dos treinadores delimitar os principais elementos que levaram a perda de popularidade da modalidade.

Reconhecemos que a utilização de análise do discurso para se estudar a história do esporte não é o método mais usual, porém no caso brasileiro essa é uma ferramenta bastante interessante. As instituições esportivas brasileiras são historicamente descuidadas com o seu acervo histórico o que faz com que, mesmo em eventos recentes o material de

pesquisa seja escasso. A imprensa, então, em muitos casos se constitui como a única fonte possível de informação. Assim essa pesquisa além de discutir a crise do basquetebol também pretende se apresentar como um método de pesquisa que possa ser utilizado quando o assunto possua poucas fontes históricas (Hollanda & Melo, 2012).

MÉTODOS

O procedimento metodológico utilizado no estudo foi a Análise Crítica do Discurso (ACD). A ACD é uma ferramenta importante para estudar a relação entre mídia e esporte, pois permite uma análise sistemática do texto criando temas de maneira indutiva e delimitando as relações de poder que permeiam o texto e influenciam a sociedade (Hovden & Lippe, 2019). Nesse sentido a ACD Trata de compreender como as mudanças na sociedade se revelam como transformações no discurso; ao mesmo tempo, é possível observar as transformações discursivas como uma indicação de mudanças mais amplas na sociedade (Chiapello & Fairclough, 2002; Chouliaraki & Fairclough, 1999).

A ACD possui uma dupla função de teoria e método auxiliando na coleta de informação e na sua interpretação (Hovden & Lippe, 2019). Nesse sentido é preciso destacar que a linguagem não é neutra, assim como a produção jornalista. Ela não é uma representação fiel da realidade, mas a interpretação do profissional de imprensa de uma determinada situação sendo que no texto estão contidos os conflitos e disputas em torno daquele determinado assunto (Shin et al., 2020). Fairclough (1995) considera que através da análise dos conflitos presentes dentro do texto podemos entender melhor como esses conflitos se apresentam na sociedade.

Nesse sentido este trabalho pretende entender os principais conflitos que levaram à crise do basquetebol brasileiro a partir da cobertura dos presidentes da confederação e dos treinadores das seleções masculinas e femininas adultas. A escolha pelos presidentes e treinadores se deu pelo fato de serem as figuras mais influentes dentro do esporte e terem a cobertura mais ampla da imprensa. A partir da ACD é possível entender como se desenvolveram os principais conflitos no período e como a crise do basquetebol se desenvolveu.

A pesquisa coletou todas as reportagens que citavam os treinadores das seleções brasileiras masculinas e femininas e os presidentes da confederação no período entre 1 de janeiro de 1989 e 31 de dezembro de 2008 publicadas nos jornais A Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo. A escolha dos dois veículos se deu pela circulação e localização. No período pesquisado os dois jornais eram os de maior circulação no país, além disso, ambos estão sediados na cidade de São

Paulo, capital do estado que concentra o maior número de clubes, atletas e torcedores. Assim consideramos que esses dois veículos tem um interesse maior na modalidade. As matérias foram coletadas no arquivo online dos jornais (<https://acervo.estadao.com.br/>, <https://acervo.folha.com.br/index.do>). No total, foram analisados 1052 artigos, os quais tiveram como sujeitos os seguintes personagens do período histórico do basquetebol brasileiro (Anexo 1).

Importante destacar que a ACD é um método eminentemente qualitativo, nesse sentido, dentro do arcabouço teórico proposto não realizamos uma análise estatística das reportagens (Gutierrez et al., 2021). Na ACD os temas são definidos de maneira indutiva, ou seja a partir da análise textual das reportagens (Kim, 2018). A ACD seleciona o tema central de cada texto, ao mesmo tempo em que foca nas nuances e nos conflitos internos presentes dentro dele (Fairclough, 2003; Hovden & Lippe, 2019). Assim, primeiro os autores do texto realizaram uma leitura superficial dos artigos, focando no título e no primeiro parágrafo, selecionando os artigos mais significantes para a pergunta de pesquisa esses artigos foram então lidos de maneira aprofundada, determinando os principais conflitos e disputas do período.

RESULTADOS

A partir da análise quantitativa do volume de reportagens (ver Anexo 1) podemos notar que o Estado de S. Paulo possui mais que o dobro de reportagens da Folha de S. Paulo. O diferencial se deve principalmente a uma maior cobertura do dia a dia das seleções nacionais, resultados escalafões, convocações, lesões e etc. A Folha de S. Paulo teve uma cobertura mais distante do dia a dia das seleções, mesmo que noticiando os principais acontecimentos esportivos, preferindo focar nas questões políticas e administrativas da confederação.

A diferença entre as duas linhas editoriais pode ser notada na cobertura dos presidentes. Mesmo produzindo no geral mais reportagens o Estado de S. Paulo produziu o mesmo número de reportagens com Brito Cunha (33 cada um) e menos sobre Bozikis (60 contra 138 da Folha de S. Paulo). Bozikis presidiu a confederação durante o período mais crítico da modalidade, tomando decisões controversas e se envolvendo em diversos conflitos, o que explica a maior cobertura da Folha de S. Paulo.

O foco do Estado de São Paulo esteve nas seleções nacionais, como evidenciado na quantidade de reportagens dedicadas aos treinadores. Dentro dessa linha o jornal ia frequentemente além dos aspectos técnicos da modalidade, usando os treinadores para discutir a qualidade geral do esporte no Brasil, a organização do campeonato nacional, entre outros

temas. A Folha de São Paulo teve uma abordagem diferente, com menos destaque para as seleções e focando principalmente nos aspectos técnicos e gerenciais, geralmente a partir de falas dos presidentes.

O foco na seleção nacional por parte do Estado de S. Paulo pode ser notado na cobertura de Brito Cunha, com o jornal reproduzindo comentários do presidente sobre o desempenho da seleção nacional. Em alguns casos, após um jogo importante, reproduzindo as considerações do treinador e do presidente como iguais. Por outro lado, no caso da Folha de São Paulo, a cobertura dos presidentes foi, em geral, restrita a aspectos gerenciais.

Como estratégia de pesquisa qualitativa, neste estudo analisamos cada um dos sujeitos individualmente iniciando primeiro com os dois presidentes criando um quadro geral e depois analisando a participação de cada um dos treinadores nas seleções. Porém consideramos que apresentar os dados dessa maneira tornaria a análise confusa, e em alguns casos repetitivas, por isso optamos por apresentar os dados de maneira cronológica.

Brito Cunha foi o primeiro ex-treinador a assumir a CBB (treinou a seleção masculina em 1984, nas Olimpíadas de Los Angeles), bem como o primeiro candidato da oposição a assumir o cargo. Ele esteve à frente da organização por dois mandatos (1989-1992 e 1993-1997). Brito Cunha desde o início era descrito como uma figura polêmica (O Estado de S. Paulo, 1989, p. 21). Ele fez jus às expectativas frequentemente tomando decisões unilateralmente e utilizando a imprensa para criticar seus adversários. Nos primeiros contatos com a imprensa expôs os seus objetivos: a profissionalização do esporte, a criação de um campeonato nacional masculino lucrativo e a busca de novos patrocinadores.

A profissionalização era o discurso da época, Brito Cunha falava da profissionalização definitiva do basquetebol, da criação de um departamento de marketing e da utilização de auditorias externas, um conjunto de objetivos que definiu como o fim da “era romântica” (O Estado de S. Paulo, 1990, p. 19). Essa promessa, no entanto, sua gestão não foi capaz de cumprir, fato reconhecido por Brito Cunha quando declarou, em 1996, que o basquete no Brasil ainda era “de fato profissional, mas de judice amador” (A Folha de S. Paulo, 1996, p. 12).

Apesar desses comentários, na maior parte das suas interações com a imprensa ele preferiu abordar o desempenho das seleções adultas, agindo frequentemente mais como treinador do que como gestor. Durante os oito anos de mandato, quatro treinadores comandaram a seleção masculina, Hélio Rubens, José Medalha, Ênio Vecchi e Ary Vidal, sempre sujeitos ao olhar vigilante do presidente. Brito Cunha defendia que o Brasil tinha uma equipe talentosa, mas que não conseguia

bons resultados devido a decisões erradas da comissão técnica. A seleção feminina também contou com quatro treinadores: Antonio Carlos Vendramini, Maria Helena Cardoso, Miguel Ângelo da Luz e Antonio Carlos Barbosa.

Brito Cunha iniciou seu mandato contratando novos treinadores para as duas seleções, Hélio Rubens para a seleção masculina e Antonio Carlos Vendramini para feminina. Vendramini comandou por menos de um ano, demitido sem explicação do presidente, atitude que gerou certo desconforto entre os atletas, e em seu lugar foi contratada Maria Helena Cardoso. Cardoso treinou a equipe por dois anos e foi demitida em uma grande reestruturação proposta por Brito Cunha.

A equipe masculina, aos olhos do presidente, teve um desempenho abaixo do esperado no período; Hélio Rubens foi demitido após a 5ª colocação no Mundial de 1990 e José Medalha após a 5ª colocação nas Olimpíadas de 1992. Brito Cunha decidiu, então, iniciar um processo de modernização e renovação dos plantéis. Ele foi à imprensa e anunciou que a confederação estava unificando o estilo de jogo das seleções, criando o estilo CBB, sem maiores explicações, que seria implantado nas seleções juvenis e adultas. Para concretizar esta visão foram contratados Enio Vecchi, para a seleção masculina, e Miguel Ângelo da Luz, para a feminina. Os treinadores tinham uma formação semelhante: treinaram as seleções de juniores e tinham pouca ou nenhuma experiência nas competições adultas. Brito Cunha afirmou que os jovens treinadores estavam mais bem preparados para unificar as equipes com um conhecimento profundo dos jovens jogadores. A imprensa, entretanto, viu os novos treinadores como fantoches do presidente.

Este projeto durou pouco. Enio Vecchi foi demitido após um desastroso 11º lugar no Mundial. O país corria o risco de não se classificar para os Jogos Olímpicos, torneio mais importante para os patrocinadores. Para chegar à qualificação, Brito Cunha foi obrigado a contratar um antigo desafeto, Ary Vidal, que veio com a garantia de que o presidente não interferiria em suas decisões. Na equipe feminina, a situação era diferente; com uma geração muito talentosa em mãos, da Luz conseguiu vencer a Copa do Mundo de 1994 e a medalha de prata nas Olimpíadas de 1996, mas renunciou por desentendimentos com os atletas e a confederação.

Brito Cunha, quando abordou questões administrativas em suas entrevistas, apresentou principalmente questões financeiras da modalidade, focando na busca por patrocinadores e a construção de um campeonato brasileiro masculino viável e competitivo (Nunes, 1990, p. 45). Apesar de não discutir esses assuntos, o presidente costumava se mostrar satisfeito com o sucesso nessas áreas. Um aspecto significativo é que essas alegações não foram contestadas pelos dois veículos,

que optaram apenas por divulgar os comentários do presidente sem maiores investigações.

Um dos objetivos de sua administração era criar um campeonato nacional masculino estável e lucrativo. Essa meta foi atingida, na opinião do presidente, no campeonato nacional de 1995, com 12 times jogando 22 partidas por temporada (em casa e fora), sempre às sextas e domingos “Em 1994 deixei a organização do campeonato com os clubes e foi um fracasso... este ano temos uma proposta de marketing da qual não vou abdicar” (O Estado de S. Paulo, 1995, p. 30). A busca por patrocinadores também foi um sucesso. Em 1995, a confederação contratou a Sportlink, importante empresa de marketing, que conseguiu diversos patrocinadores, entre eles o patrocínio máster da Caixa Econômica Federal, um banco público e um dos cinco maiores do país.

O estilo de gestão centralizado do presidente, no entanto gerou conflitos e, depois de se reeleger facilmente em 1992, a oposição formou uma coalizão poderosa para a eleição de 1997, uma aliança entre as confederações de São Paulo e do Rio de Janeiro e as representantes do basquetebol feminino. O novo campeonato nacional brasileiro, com 12 seleções, desagradava essas federações que queriam ter uma participação maior. A decisão de Brito Cunha de fazer as classificatórias para o campeonato nacional fora das competições estaduais também desagradou aos dirigentes, que achavam que isso fragilizava as competições regionais (O Estado de S. Paulo, 1997, p. 28). Tradicionalmente, no esporte brasileiro, o campeonato estadual funcionava como classificatório para o campeonato nacional, com cada estado recebendo vagas de acordo com seu tamanho e poder político.

O apoio do basquetebol feminino foi um fator político importante. Os bons resultados em competições internacionais conferiram uma força inédita a esse segmento, que foi responsável pela maior parte dos patrocínios e tempo de televisão do basquetebol brasileiro no período. O Brasil tinha algumas das melhores jogadoras do mundo, mas o esporte ainda não era nacional, com o estado de São Paulo concentrando a maioria dos times profissionais. Nacionalmente, a única competição era a Taça Brasil, considerada pouco atrativa e de baixa qualidade técnica. Com a popularidade em alta, o basquetebol feminino passou a exigir uma competição nacional no mesmo modelo do masculino, mas Brito Cunha afirmou que não havia viabilidade financeira para uma competição desse porte.

A oposição lançou a candidatura de Gerasime Nicolas Bozikis popularmente conhecido como “O Grego”, presidente da Federação do Rio de Janeiro. A presidência da CBB é escolhida pelo voto das federações estaduais, 26 na época, com maioria simples necessária para a vitória. A oposição

rapidamente afirmou que tinha votos suficientes para vencer Brito Cunha e todos os indícios apontavam para uma vitória fácil.

Brito Cunha e seus aliados, diante da derrota certa, traçaram uma estratégia para vencer a eleição. Primeiro, eles transferiram a reunião para a cidade de São Luís, no estado do Maranhão, a mais de 3 mil quilômetros da sede da confederação no Rio de Janeiro. O resultado oficial foi de 15 a 11 para Bozikis. Porém o lado perdedor apresentou liminar na Justiça municipal para invalidar os votos de quatro federações pró Bozikis, o que empataria a eleição e daria a vitória a Brito Cunha porque, de acordo com o estatuto, a idade do candidato era o primeiro critério de desempate (A Folha de S. Paulo, 1997, p. 14). A justiça, entretanto, rejeitou as reivindicações cinco dias depois e Bozikis tornou-se oficialmente vitorioso (Felippe, 1997, p. 26). Uma vez no comando, a nova gestão deveria agradar seus principais colaboradores. O campeonato masculino foi ampliado, os campeonatos estaduais se tornaram classificatórios e foi criado um campeonato brasileiro feminino.

No geral, a relação de Bozikis com a imprensa foi bastante diferente da de Brito Cunha. Ele raramente falava sobre aspectos técnicos da seleção nacional ou planos de longo prazo. Suas interações se concentraram em problemas imediatos, principalmente a falta de financiamento e a crescente agitação política dentro da modalidade. O primeiro problema enfrentado pelo presidente foi uma disputa judicial com a Sportlink. A empresa cobrava uma comissão de 20% sobre o valor líquido dos patrocínios da Caixa Econômica Federal e da Globosat (empresa de tv a cabo). A confederação rompeu unilateralmente esse acordo, para contratar outra empresa, a Brunoro Sports, o que resultou em uma longa batalha judicial (Aguiar, 1997, p. 36). A ligação deste episódio com os problemas financeiros da confederação não esteve presente nos meios de comunicação, mas em 2001 a Caixa decidiu não renovar o patrocínio, optando por investir na Confederação de Atletismo, e Bozikis atribuiu isso a uma decisão interna do banco.

A organização de um campeonato brasileiro de basquete feminino foi uma tarefa mais complicada do que inicialmente se esperava. A primeira edição, disputada em 1998, teve oito times, quatro de São Paulo e quatro de outros estados. Devido à baixa qualidade técnica fora do estado, três times jogaram com atletas emprestadas de times de São Paulo. A nova competição foi desastrosa, o cronograma ampliado entrou em conflito com a seleção nacional, que tinha menos tempo para treinar e recebia atletas desgastadas devido a maratona de jogos. A falta de viabilidade financeira e as várias tentativas de remodelação do calendário contribuíram

para o êxodo de atletas para a Europa e EUA. Doze anos após a conquista da prata olímpica, o basquetebol feminino se encontrava em decadência, vivendo uma crise econômica e técnica, conforme afirmou o então técnico nacional Paulo Bassul: “Há dez anos tínhamos todos os atletas brasileiros e alguns estrangeiros de grande qualidade no campeonato nacional. O êxodo é econômico se tivéssemos investimento eles retornariam” (Felippe, 2008, p. 187).

A situação do campeonato masculino era semelhante. A organização não conseguiu criar um campeonato brasileiro estável, entrando em conflito com os principais clubes. A situação se agravou a ponto de o campeonato de 2006 terminar sem vencedor. A série final, entre Franca e Flamengo, foi cancelada após Brasília entrar com processo na justiça civil alegando o uso de jogadores irregulares pelos adversários e reivindicando um lugar nas finais (O Estado de S. Paulo, 2006, p. 87). A confederação não foi capaz de resolver essa disputa e o campeonato terminou sem campeão, o que contribuiu para afastar torcedores e patrocinadores.

A situação da seleção nacional também era difícil. Bozikis, ao se eleger, demitiu Ary Vidal, treinador bastante popular que havia conquistado bons resultados em competições internacionais, mas era considerado um aliado da administração Brito Cunha. A CBB decidiu, então, iniciar um projeto de longo prazo e contratou Hélio Rubens. A ideia era manter o novo treinador até 2004, cobrindo dois ciclos olímpicos, Sydney e Atenas. À semelhança de Ênio Vecchi, na antiga administração, o objetivo era renovar a equipe e criar um estilo unificado do adulto ao juvenil. Esse projeto, porém, não foi concluído. Hélio Rubens não conseguiu qualificar a equipe para as Olimpíadas de 2000, sendo demitido em seguida, substituído por Aloísio Ferreira, que vinha com a tarefa de formar uma nova geração e classificar o time para os jogos de Atenas, em 2004. A seleção acabou por não se classificar novamente, e o treinador, contudo, foi mantido no cargo. A partir de 2004 houve uma mudança no perfil da cobertura da seleção brasileira, adotando uma postura mais otimista. No Estado de S. Paulo essa postura foi mais evidente. Apesar dos problemas internos, o Brasil tinha um grupo de jogadores talentosos na NBA, e “O consenso é que esta é a geração mais talentosa desde Oscar e Marcel” (Fernandez, 2007, p. 85). A cobertura, então, focou na dificuldade de se ter todos os atletas saudáveis e à disposição da seleção nacional. A Folha de S. Paulo adotou um tom mais cauteloso, passou a destacar a atuação dos atletas no exterior, embora tenha continuado a discutir os diversos problemas do basquetebol nacional.

O Brasil conseguiu ter todas as suas estrelas no torneio FIBA Américas 2007, mas não conseguiu chegar à final. Correndo o risco de perder a terceira Olimpíada seguida, a

confederação contratou um técnico estrangeiro, o espanhol Moncho Monsalve. Porém, a seleção foi desprezada pelos jogadores internacionais, para consternação do presidente, que declarou ao Estado de São Paulo, em 2008: “Não tenho dúvidas de que todos sabem da importância de se jogar pela seleção. Nenhum jogador saiu do clube para ganhar dinheiro na Europa ou nos Estados Unidos. Todos eles só recebem atenção por causa da seleção nacional” (Romanelli, 2008b, p. 202). Sem as principais estrelas, a equipe não conseguiu se classificar para os terceiros Jogos Olímpicos consecutivos, expondo a terrível situação do esporte, como apresentada pelo Estado de São Paulo, em 2008: “Era uma vez um basquete campeão” (Romanelli, 2008a, p. 106).

O time feminino teve uma trajetória semelhante, porém posterior ao masculino. O grupo talentoso de jogadoras, atuando em sua maioria no exterior, continuou tendo bons resultados nas competições internacionais. Bozikis manteve o técnico Antonio Carlos Barbosa até 2007, quando ocorreu uma transição pacífica com seu auxiliar Paulo Bassul, que assumiu o cargo. A crise só foi notada pelos jornais em 2008, quando a equipe não conseguiu se classificar para a segunda fase das Olimpíadas de Pequim, deixando claro que não seria possível manter a qualidade técnica do time.

Diante da situação caótica do basquetebol nacional, os clubes começaram a se organizar fora da CBB. A primeira vez que os meios de comunicação discutiram essas iniciativas foi em março de 2005, com o lançamento da Nossa Liga Basquete (NLB), uma associação de 30 clubes organizada por Oscar, maior estrela do basquete brasileiro, que propôs um campeonato nacional fora da confederação. O principal objetivo da oposição era ter mais controle sobre o dinheiro do patrocínio. É importante destacar que, embora essa disputa política tenha sido determinante para a organização do basquetebol nacional, ela foi discutida de maneira diferente pelos dois veículos. Enquanto o Estado de São Paulo continuou focando na seleção nacional, a Folha de São Paulo optou por cobrir extensamente a batalha jurídica que se desenvolvia.

A NLB enfrentou uma resposta irada de Bozikis, que afirmou que “É ruim para o basquete; essa possibilidade não existe em minha mente, enquanto eu estiver no comando, isso não acontecerá” (Rangel, 2005, p. D4). Mesmo assim, a NLB conseguiu organizar um campeonato em 2006. No entanto, a liga durou pouco. Desentendimentos internos e a ameaça da CBB de excluir os times de todas as competições da CBB, incluindo os torneios juvenis, desmantelaram a NLB. Alguns dos clubes rebeldes, na mesma temporada, tentaram disputar o campeonato nacional da confederação, o que foi negado pela CBB. As equipes então acionaram a justiça civil, ganhando o direito de participar da competição.

Quando o veredicto foi dado, o campeonato já havia começado, com os clubes rebeldes entrando no decorrer da competição e jogando menos partidas. Isso contribuiu para o ambiente já confuso que resultou no campeonato nacional de 2006 terminar sem campeão.

O fim da NLB não contribuiu para pacificar a situação e em 2008 a Federação Paulista de Basquetebol (FPB), que se aliou aos rebeldes, ajudou a organizar mais um campeonato rival, a Supercopa. Disputado apenas por times do estado, que não disputavam o campeonato nacional, resultou em um torneio sem alguns dos times mais populares e tradicionais do país. A situação só se normalizou no final de 2008, com a criação da LNB, presidida por Kouros Monadjemi, presidente do Minas Tênis Clube e amigo pessoal de Bozakis. Essa liga foi aceita pela confederação, com a primeira temporada da nova competição nomeada Novo Basquete Brasil sendo disputada no ano seguinte. O motivo do sucesso dessa liga e do fracasso das demais foi atribuído a disputas internas, mas segundo a Folha de São Paulo, o principal motivo é que as lutas políticas estavam dando mau exemplo para as demais confederações, que temiam que alguns de seus membros seguissem o exemplo do basquetebol (Leister Filho, 2008, p. D4).

DISCUSSÃO

A cobertura de ambos os meios de comunicação foi semelhante em conteúdo e na linha editorial. Os jornais relataram questões semelhantes, o que significa que não havia conflitos considerados fundamentais em um veículo e não no outro. A abordagem também foi semelhante com o tom otimista do início do período gradualmente sendo substituído por previsões mais pessimistas. No entanto, algumas diferenças existem e são importantes para serem discutidas.

O sucesso de uma modalidade esportiva está relacionado a uma série de fatores internos e externos, englobando os mais diversos aspectos da prática esportiva como a estrutura organizacional, a formação de treinadores, a diversidade genética da população, entre outros (De Bosscher et al., 2016). Nos últimos anos uma série de trabalhos tem discutido a estrutura esportiva nacional e de modalidades específicas, buscando entender os fatores que levam determinados países a terem mais sucesso que outros. Nesse sentido existe um debate entre os que entendem que existe um modelo fixo, que pode ser aplicado em todas as situações, e os que veem a influência de fatores culturais, que inviabilizam a criação de um modelo unificado (Sotiriadou et al., 2014). No caso brasileiro é possível destacar a complexidade das estruturas esportivas envolvendo governo federal, estados, municípios, federações e confederação com o esporte sendo praticado em

clubes, escolas, organizações não governamentais e associações de bairro (Meira et al., 2012).

Apesar das diferentes análises, é possível destacar a importância de dois elementos para o sucesso das modalidades esportivas: o financiamento e a estrutura de políticas para o esporte (De Bosscher et al., 2016; Meira et al., 2012; Sotiriadou et al., 2014). A maior parte dos trabalhos discutindo essa temática aborda os casos de sucesso, buscando entender os elementos que melhor contribuem para a o sucesso de determinadas modalidades. Este artigo, contudo, realiza o caminho inverso, apontando os elementos que contribuíram para a crise de uma modalidade, com piora no desempenho das seleções nacionais, a desorganização das competições nacionais e a alienação do público.

Assim, analisando as entrevistas, é possível destacar o predomínio de questões de curto prazo, focadas principalmente no desempenho das seleções nacionais. Nesse ambiente, as derrotas são uma consequência das péssimas condições do esporte como um todo e as vitórias garantem a estabilidade no longo prazo. Isso pode ser exemplificado pela reportagem publicada pelo Estado de São Paulo em 16 de junho de 1994, quatro dias após a seleção feminina vencer a Copa do Mundo: “O título mundial já está mudando o esporte no Brasil” (O Estado de S. Paulo, 1994, p. 43). Durante todo o período pesquisado, existe uma urgência em melhorar o resultado das seleções nacionais, sempre considerados abaixo do potencial do país. Importante destacar que as seleções masculinas e femininas possuem uma trajetória semelhante, mas uma linha do tempo diferente. No caso do masculino, já no início do período pesquisado existe uma preocupação com o desempenho da equipe, que atinge o ápice em 2008 com a equipe fora da terceira olimpíada seguida. Enquanto o masculino enfrentava problemas, o feminino tinha um desempenho excepcional, vencendo o campeonato mundial em 1994, a prata olímpica em 1996 e o bronze em 2000, o que deu origem a uma série de projetos ambiciosos para a modalidade. Apenas a partir de 2004 a discussão em torno da renovação e da falta de qualidade da nova geração surgiu na imprensa.

A questão que se coloca não é a ausência de projetos de longo prazo, mas a incapacidade de cumpri-los, devido principalmente a disputas políticas e questões de curto prazo. No caso das seleções nacionais, principalmente a masculina, a confederação anunciou diversas vezes a reestruturação das categorias de base e o início de uma renovação visando melhorar o desempenho do time no longo prazo. A necessidade, porém, de se classificar para a próxima competição acabava por interromper esses projetos, com o foco retornando ao curto prazo.

A CBB era a principal responsável pela gestão das seleções nacionais. Embora as derrotas tivessem um impacto em todo o basquetebol, diminuindo os patrocínios e o interesse pela modalidade, o desempenho da seleção nacional não era o principal foco das disputas políticas. Durante todo o período, a gestão das competições nacionais foi o principal foco de tensão. O campeonato nacional masculino era a mais importante competição de clubes do país sendo a principal fonte de renda para os clubes. A CBB era a responsável pela gestão da competição negociando patrocínios, cotas de televisão, formato, arbitragem, entre outros. As decisões administrativas tinham de levar em conta também os interesses de federações e clubes, que buscavam impor sua agenda dentro da confederação.

A necessidade de acomodar os interesses, muitas vezes conflitantes, dos diversos envolvidos era constante fonte de tensão que acabava por prejudicar o campeonato. As disputas políticas, que em 2006 fizeram a competição terminar sem um vencedor, afastaram público e patrocinadores resultando em um torneio desinteressante e deficitário. A situação culminaria em 2008 com a criação da LNB que retirou da CBB a gestão do campeonato nacional masculino.

O campeonato nacional feminino também foi fonte de conflito. No início do período pesquisado a competição nacional feminina, chamada de Taça Brasil, era um campeonato de curta duração e baixo nível técnico. A principal competição era o campeonato paulista, que mobilizava as principais equipes do país, contando inclusive com atletas internacionais. Os títulos internacionais deram uma importância política sem precedentes para o basquetebol feminino, que passou a pressionar pela criação de um campeonato nacional nos moldes do masculino. A aliança entre as federações do Rio de Janeiro, São Paulo e as lideranças do basquetebol feminino foi a principal responsável pela derrota do então presidente Brito Cunha e a vitória de Bozikis. O campeonato nacional feminino foi criado em 1998, porém a viabilidade econômica da competição foi superestimada, sendo deficitária desde o início. A principal consequência daquele movimento foi a desorganização das equipes, enfraquecendo as competições regionais e finalmente prejudicando o desempenho da seleção nacional. A instabilidade das competições nacionais aliadas ao desempenho ruim da seleção contribuíram para a queda de arrecadação de clubes, federações e confederações o que por sua vez contribuiu para a instabilidade política e a constante busca por novos projetos, que acabavam não se concretizando.

A principal limitação do artigo está relacionado à utilização de fontes secundárias, jornalísticas no caso. Sendo influenciada pela posição política e linha editorial dos veículos transmitindo uma visão que pode não ser exata, mesmo

que a ACD leve isso em conta na análise. Para um melhor entendimento do basquetebol no período é importante à realização, no futuro, de pesquisas utilizando fontes primárias, documentos da época, e também com a realização de entrevistas com os principais envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo discutiu as transformações do basquetebol brasileiro entre 1989 e 2008 com foco na gestão da confederação e no desempenho das seleções adultas buscando entender os elementos que levaram a crise da modalidade. Analisando a cobertura dos presidentes de confederações e treinadores das equipes adultas em dois jornais do período, utilizando a Análise Crítica do Discurso.

A cobertura começa em tom positivo, com Brito Cunha buscando modernizar a modalidade em um momento que basquetebol tinha várias possibilidades. A CBB, entretanto, não foi capaz de implementar esses projetos. Apesar da retórica, o foco da confederação no período foi nos resultados de curto prazo das equipes adultas, principalmente a masculina. O fraco desempenho das seleções nacionais resultou em constantes trocas de treinador que aumentaram a instabilidade e prejudicaram os resultados.

Institucionalmente, a situação foi semelhante. As disputas políticas contribuíram para a instabilidade da modalidade como um todo, refletindo principalmente nas competições nacionais. A confederação não foi capaz de encontrar novos patrocinadores e criar um campeonato nacional viável e interessante, que resultou em constante conflito com os clubes masculinos, resultando na criação da LNB em 2008, que tirou da CBB o controle do campeonato nacional masculino da modalidade. No caso do feminino a confederação não foi capaz de viabilizar um campeonato nacional, prejudicando clubes e a própria seleção.

Podemos destacar a partir da análise dos dados que o esporte brasileiro passou por grandes transformações no período, principalmente relacionadas com a modernização da gestão esportiva e novas fontes de financiamento. A crise do basquetebol brasileiro no período investigado está relacionada então com a incapacidade da confederação de se adaptar a esse novo cenário, internamente as disputas políticas e o planejamento mal executado, com a incapacidade de se estabelecer objetivos de longo prazo, desorganizaram a modalidade levando à perda de receitas e praticantes. Externamente as seleções nacionais deixaram de ser competitivas, resultado do mal planejamento e mudanças na forma de jogo, contribuindo para afastar mais o público agravando os problemas internos.

REFERÊNCIAS

- A Folha de S. Paulo. (1996). Profissionalismo ainda “intriga” SP. *A Folha de S. Paulo*, p. 12. Recuperado de <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=13355&keyword=%22Brito%22&anchor=263799&origem=busca&pd=d6ec46146372d46b16aca3d48bd3c22b>
- A Folha de S. Paulo. (1997). Justiça vai decidir a eleição da CBB. (1997). *A Folha de S. Paulo*, p. 14. Recuperado de <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=13536&keyword=Bozikis&anchor=266289&origem=busca&pd=873da441d2dce-c530bf9176400e06516>
- Aguiar, J. S. (1997). CBB contesta penhora, mas reconhece dívida. *O Estado de S. Paulo*, p. 36. Recuperado de <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19971204-38032-spo-0036-esp-e8-not>
- Beneli, L. M. (2007). *Basquetebol masculino paulista: apropriação das características do esporte profissional na estrutura organizacional das categorias de base*. 156f. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Bimper, A. Y., Jr., & Harrison, L., Jr. (2017). Are we committed to issues of race? Institutional integrity across intercollegiate athletics. *International Review for the Sociology of Sport*, 52(6), 675-692. <https://doi.org/10.1177/1012690215616270>
- Chiapello, E., & Fairclough, N. (2002). Understanding the new management ideology: a transdisciplinary contribution from critical discourse analysis and the new sociology of capitalism. *Discourse & Society*, 13(2), 185-208. <https://doi.org/10.1177/0957926502013002406>
- Chouliarakis, L., & Fairclough, N. (1999). *Discourse in Late Modernity: Re-Thinking Critical Discourse Analysis*. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- De Bosscher, V., Shibli, S., Westerbeek, H., & van Bottenburg, M. (2016). Convergence and divergence of elite sport policies: is there a one-size-fits-all model to develop international sporting success? *Journal of Global Sport Management*, 1(3-4), 70-89. <https://doi.org/10.1080/24704067.2016.1237203>
- Diniz, A. (2000). *O basquetebol paulista: análise crítico-pedagógica sobre sua iniciação*. Dissertação (mestrado), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Fairclough, N. (1995). *Media Discourse*. Londres: Arnold.
- Fairclough, N. (2003). *Analysing Discourse*. Londres: Routledge.
- Felippe, H. (1997). Eleição para presidente da CBB está sob judge. *O Estado de S. Paulo*, p. 26. Recuperado de <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19970531-37845-nac-0026-esp-e5-not>
- Felippe, H. (2008). Feminino vive dias de penúria. *O Estado de S. Paulo*, p. 187. Recuperado de <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20080120-41732-spo-187-esp-e5-not/busca/Bassul>
- Fernandez, M. (2007). Técnico da seleção se irrita com cobranças. *O Estado de S. Paulo*, p. 85. Recuperado de <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20070802-41561-nac-85-esp-e8-not/busca/Consenso+gera%C3%A7%C3%A3o+mehor+Oscar+Marcel>
- Gutierrez, D. M., Almeida, M. A. B., Gutierrez, G. L., Pedersen, Z. P., & Williams, A. S. (2021). Two Events, Two Brazils: A Critical Discourse Analysis of the FIFA World Cup and the Olympic Games. *International Journal of Sport Communication*, 14(4), 591-607. <https://doi.org/10.1123/ijsc.2021-0052>
- Hollanda, B. B. & Melo, V. A. (2012). *O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS.
- Hovden, J., & Lippe, G. (2019). The gendering of media sport in the Nordic countries. *Sport in Society*, 22(4), 625-638. <https://doi.org/10.1080/17430437.2017.1389046>
- Kavoura, A. (2018). “Successful and feminine athlete” and “natural-born fighter”: a discursive exploration of female judoka’s identities in Greece and Finland. Jyväskylä: University of Jyväskylä.
- Kim, J. (2018). Why we cheer for Viktor Ahn: Changing characteristics of sporting nationalism and citizenship in South Korea in the era of neoliberal globalization. *Communication & Sport*, 7(4), 488-509. <https://doi.org/10.1177/2167479518788842>
- Lavelle, K. L. (2010). A critical discourse analysis of black masculinity in NBA game commentary. *The Howard Journal of Communications*, 21(3), 294-314. <https://doi.org/10.1080/10646175.2010.496675>
- Leister Filho, A. (2008). Sob pressão CBB avaliza liga. *A Folha de S. Paulo*, p. D4. Recuperado de <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=17752&keyword=Bozikis&anchor=5207597&origem=busca&pd=b42377c578609b931b6ff420a57f4ae0>
- Meira, T. B., Bastos, F. D. C., & Böhme, M. T. S. (2012). Análise da estrutura organizacional do esporte de rendimento no Brasil: um estudo preliminar. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 26(2), 251-262. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092012000200008>
- Nunes, J. P. (1990). Organização de ligas moderniza o esporte. *O Estado de S. Paulo*, 18, p. 45. Recuperado de <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19900218-35280-nac-0045-999-45-not>
- O Estado de S. Paulo. (1989). Brito Cunha, ex técnico, preside a CBB. *O Estado de S. Paulo*, p. 21. Recuperado de <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19890128-34951-nac-0021-999-21-not>
- O Estado de S. Paulo. (1990). Brito Cunha quer basquete profissional. *O Estado de S. Paulo*, p. 19. Recuperado de <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19900117-35252-nac-0019-999-19-not>
- O Estado de S. Paulo. (1994). Luz tem projeto para atletas novas. *O Estado de S. Paulo*, p. 43. Recuperado de <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19940616-36765-spo-0043-esp-e15-not/busca/Miguel%3C%82ngelo%3C%82Luz>
- O Estado de S. Paulo. (1995). Brito Cunha não abre mão de ter 12 times na Liga. *O Estado de S. Paulo*, p. 30. Recuperado de <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19950906-37212-nac-0030-esp-e8-not>
- O Estado de S. Paulo. (1997). Federações se unem na oposição a Brito Cunha. *O Estado de S. Paulo*, p. 28. Recuperado de <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19970107-37701-spo-0028-esp-e4-not>
- O Estado de S. Paulo. (2006). Justiça paralisa o nacional. *O Estado de S. Paulo*, p. 87. Recuperado de <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20060406-41078-nac-87-esp-e2-not>
- Rangel, S. (2005). CBB diz que vai barrar liga independente. *A Folha de S. Paulo*, p. D4. Recuperado de <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=16431&keyword=Bozikis&anchor=5276253&origem=busca&pd=8157f6dbb4d874216727187641718c7a>
- Romanelli, A. (2008a). Era uma vez um basquete campeão. *O Estado de S. Paulo*, p. 106. Recuperado de <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20080719-41913-spo-106-esp-e1-not/busca/basquete+campe%C3%A3o>
- Romanelli, A. (2008b). Grego culpa os desertores pelo fracasso. *O Estado de S. Paulo*, p. 202. Recuperado de <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20080720-41914-spo-202-esp-e6-not/busca/Bozikis>
- Rossi, T., Tinning, R., Mccuaig, L., Sina, K., & Hunter, L. (2009). With the best of intentions: A critical discourse analysis of physical education curriculum materials. *Journal of Teaching in Physical Education*, 28(1), 75-89. <https://doi.org/10.1123/jtpe.28.1.75>
- Shin, N., Park, D., & Peachey, J. W. (2020). Taegeuk Warriors with Blue Eyes: A Media Discourse Analysis of the South Korean Men's Olympic Ice Hockey Team and Its Naturalized Athletes. *Communication & Sport*, 10(6), 1134-1164. <https://doi.org/10.1177/2167479520958402>
- Sotiriadou, P., Gowthorp, L., & De Bosscher, V. (2014). Elite sport culture and policy interrelationships: the case of Sprint Canoe in Australia. *Leisure Studies*, 33(6), 598-617. <https://doi.org/10.1080/02614367.2013.833973>
- Yoon, L., & Wilson, B. (2016). “Nice Korea, Naughty Korea”: Media framings of North Korea and the inter-Korean relationship in the London 2012 Olympic Games. *International Review for the Sociology of Sport*, 51(5), 505-528. <https://doi.org/10.1177/1012690214547745>

Anexo 1. Presidentes da CBB e treinadores das seleções brasileiras de basquetebol foco das matérias dos jornais analisados

Sujeito	Folha de São Paulo (n= 357)	Estado de São Paulo (n= 807)	Total (n= 1.164)	Cargo
Brito Cunha	33	33	66	Presidente
Bozikis	138	60	198	Presidente
Hélio Rubens	18	40	58	Treinador Masculino
José Medalha	14	24	38	Treinador Masculino
Ênio Vecchi	3	35	38	Treinador Masculino
Ary Vidal	14	73	87	Treinador Masculino
Hélio Rubens	23	250	273	Treinador Masculino
Aloísio Ferreira	9	75	84	Treinador Masculino
Moncho	24	14	38	Treinador Masculino
Vendramini	3	4	7	Treinador Feminino
Maria Helena Cardoso	9	40	49	Treinador Feminino
Miguel Ângelo da Luz	9	48	57	Treinador Feminino
Antônio Carlos Barbosa	19	92	111	Treinador Feminino
Paulo Bassul	41	19	60	Treinador Feminino

Artistic-cultural perspectives in technical-professional training at UTFPR-Brazil

Adriana Santos Auzani¹, Levi Leonido Fernandes da Silva^{2,3} , Antonino Manuel de Almeida Pereira^{4*} ,
Elsa Gabriel Morgado^{5,6} 

ABSTRACT

In this research, we intend to study the role of art in the creative process, in engineering courses at the Universidade Tecnológica Federal do Paraná, as a technological innovation factor. This qualitative research is characterised as a method for adopting a naturalistic and descriptive perspective. The sample is composed of students and graduates (10); teachers, coordinators and directors of Education of the Pato Branco Campus (10); Dean (1); Entrepreneurs (4). In the analysis and discussion of results from semi-structured interviews, we opted for Content Analysis, having in perspective the Theory of Social Representations of Moscovici (1978). Among the main conclusions, we highlight the valorisation of creative, interpersonal and communicative skills as fundamental competences in the formation of an engineer. It is also highlighted that the role of art in engineering can enhance creativity and constitute a factor of technological innovation. This can promote the imagination and the capacity for necessary and fundamental abstraction in the design of engineering projects and the communicational plan. The integration of art in formal training, at the moment, does not constitute an institutional option, nor does it contribute to a significant dialogical relationship between curricular activities and extracurricular artistic activities.

KEYWORDS: higher education; engineering; art; creativity; communication; culture.

INTRODUCTION

Starting from the idea related to education and learning that “it means going beyond the narrow utilitarian and economist vision, seeking to integrate the multiple dimensions of human existence” (UNESCO, 2016, p. 8) and that “knowledge is inextricably linked to the cultural, social, environmental and institutional contexts where it is created and reproduced” (UNESCO, 2016, p. 21). Thus, the importance of Education (Higher Education) becomes evident in terms of properly training professionals working in production activities (Markett, 2004). and, at the same time, assuming their “huge responsibilities in the training of competent and trained professionals” since “Education is public, that is, everyone’s heritage and responsibility” (Dias Sobrinho, 2019, p. 2).

The theoretical focus of this study looks for references in Adorno (2013), Heidegger (2009), Kant (1990), Marcuse (1977) and Rancière (2005, 2010) to support the understanding of art and aesthetics as critical knowledge of society, and art is approached not in its mere enjoyment or for mere consumption, but in the formative aspect of the individual. Also, by the relation of appropriation of its internal logic, of its formal law, where, by its constitutive elements, it is configured in a critique of society and the context affected by the rationalities (Weber, 1994) of the instrumental world, tracking the knowledge of the subjects involved in the educational process, and in understanding the practices and circumstances related to art (Bosi, 1985; Costa, 2009; Grinspun, 1999; Ostrower, 1977;

¹Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Curitiba (PR), Brazil.

²Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Vila Real, Portugal.

³Centro de Investigação de Ciência e Tecnologia das Artes, Universidade Católica Portuguesa – Porto, Portugal.

⁴Instituto Politécnico de Viseu – Viseu, Portugal.

⁵Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos, Universidade Católica Portuguesa – Braga, Portugal.

⁶Instituto Politécnico de Bragança – Bragança, Portugal.

*Corresponding author: Av. Cor. José Maria Vale de Andrade s/n, Campus Politécnico Santa Maria, 3504-510 – Viseu, Portugal. E-mail: apereira@esev.ipv.pt

Conflict of interests: nothing to declare. **Funding:** National Funds through the Foundation for Science and Technology, I.P., under the project Ref.^a UIDB/05507/2020.

Received: 11/11/2021. **Accepted:** 01/11/2022.

Pareyson, 1984; Rancière, 2010; Veloso et al., 2016) and to creativity in the processes of creation and technological innovation (Akamine Junior, 2012; Bazzo, Pereira, & Linsingen, 2000; Benjamin, 2012; Bonatto, Silva & Lisboa, 2013; Conte & Devecchi, 2016; Costa et al., 2021; Dias Sobrinho, 2009; Grotowski, 1968; Valério & Bazzo, 2006; Vieira Pinto, 2005).

Qualitative in nature (Bisquerra, 2009), the study was developed at Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), it sought to understand the intervention of art and its aesthetic expressions (Leonido, 2006) with the training of engineers to verify if there are activities that contribute to and with the creativity of academics, which may become a technological innovation when applied to technical-scientific knowledge combined with the process of human training together with technological training. Regarding the method and the analysis and organisation of the data, Content Analysis was used, embodied in Moscovici's Theory of Social Representations (1978, which considers common sense knowledge as true knowledge, which allows for the explanation of certain practices in educational institutions. Based on this model of theory, applied to the processes of cognition, knowledge is not built individually but based on the interaction between subjects. It is noticed that this theory is an important tool to understand as knowledge or cultural practice, in the specific case of theatre aesthetics, is significant as a practice to be considered in the educational environment.

The proposal that accompanies Content Analysis refers to a decomposition of the discourse and the identification of units of analysis or groups of representations for the categorisation of phenomena, from which it becomes possible to reconstruct meanings that present a deeper understanding of interpretation; in the Social Representations Theory, the basic theory is the subjective interpretation of the individual in their own reality and, therefore, the choice of this theory to research in the UTFPR universe, which is based on content analysis as a method of analysis of the discourse declared by social actors.

METHOD

It is a qualitative research, designed as a Case Study (Bisquerra, 2009), whose objective was to explore the environment and data resulting from (and in) context, having as the object of study the Engineering courses of the Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR — Campus Pato Branco, Brazil) and its relationship with the expressive-theatrical universe.

Participants

In the Sample (Flick, 2007; Ghiglione & Matalon, 2001; Guerra, 2005; Ruquoy, 2005), 10 students ($n= 5$ Computer Engineering and $n= 5$ Mechanical Engineering) participated in this study. Engineering from UTFPR, involved in the creation of projects; 10 teachers ($n= 5$ Computing and $n= 5$ Mechanics); Dean of UTFPR ($n= 1$) and entrepreneurs/employers ($n= 4$).

Instruments

Data collection was carried out using semi-structured interviews (approved by the Ethics and Research Committee of UTFPR — Opinion No. 2,163,357), applied in places, dates and times, in accordance with the Term of Commitment, after a contextualisation initial, followed by an in-depth explanation of the theme. The interviews were recorded using a digital audio recorder (and then transcribed). In conjunction with this, a survey was carried out on the social context and on the historical-institutional contents that had the power to represent the group of individuals. The configuration of the interview scripts was framed by the Theory of Social Representations by Moscovici (1978). This is fundamentally concerned with the interrelationship between subject and object and how the process of conceiving individual and collective knowledge takes place in the construction of Social Representations.

Procedures

The interviews were scheduled at times, dates, and places previously indicated (in the work or academic context of the participants), and the Term of Commitment assumed by the research was provided. Work context: graduate students and entrepreneurs. Academic context: academics and professionals at UTFPR. Immediately before the interview, the interviewees were given general and specific information about the purposes of the study. Each interview lasted an average of 50 minutes. All interviewees authorised it to be fully transcribed. The data analysis technique used was Bardin's Content Analysis (2011). For the author, this type of content verification appears as a set of communication analysis techniques that use systematic and objective procedures to describe the content of messages. The content analysis process involves a set of operations or steps: 1. delimitation of objectives and definition of theoretical references; 2. constitution of a corpus; 3. definition of categories and units of analysis; 4. quantification (if necessary); 5. interpretation of the results obtained (Vala, 1986). The different phases of content analysis are organised around three poles: 1) data pre-analysis; 2) exploration of the material; 3) treatment of

results: inference and interpretation (Bardin, 2011). From an operational point of view, the content analysis starts with a reading of the speeches expressed in the interviews in order to reach a deeper level, going beyond the meanings expressed in the material.

The definition of the system of categories can be done a priori or a posteriori or by combining these two processes (Bardin, 2011). A priori, when the researcher intends to verify formulated hypotheses, having defined, in advance, the categories. A posteriori, when the categories were not previously defined, and there is no theoretical assumption to guide their elaboration. This type of analysis is called an 'exploratory procedure'. In this study, the construction of the categorical system was made a posteriori. The categories and their respective subcategories were submitted to a panel of experts in order to comply with the fidelity standards (intra- and inter-coders) and to obtain the validity of the entire process. The research points proposed by the interviews reveal how the relationship between art occurs in engineering courses and its function in this context as a factor of technological innovation according to the Theory of Social Representations. The researched reality ranges from the reality of the academic education of the engineer to the moment of his/her insertion in the labour market through the employer. It should be noted that the scripts are structured in three dimensions, and in this study, the dimension of social representations will be addressed (Table 1).

RESULTS

The presentation of the results was carried out question by question, followed by the most expressive or privileged answers by the individuals who constituted the various groups of participants. In this way, a more global and integrated view of these was valued in view of the topic under study and the questions asked to the interviewees. The proposed questions were organised, analysed and synthesised based on the dimensions of representations, practices and aspirations. We present a set of answers to the questions presented to

the interviewees about the understanding of the skills and competences that are most relevant in the academic education of engineers; the importance of art in the skills required of them; about the relationship between art and innovative projects; and about the relevance of imagination in the search for solutions to problems in the field of engineering. At this point, we will focus on the Representation Dimension and do an analysis from Q1 to Q4 (Table 2).

DISCUSSION

Q1 — Taking the question related to the main competences that an engineer must demonstrate and the answers of the interviewees, who brought technical competence as the main category, it is assumed that this answer is correlated with the legal and institutional point of view and with the theoretical framework on that competence. It is noticed that, currently, technical competence is not linked to specific knowledge to perform a technical function well. This competence is associated with a global-business vision that demands from the engineer excellence in "the development of competences allied to the development of technological, general and specific professional competences, including the scientific and humanistic foundations necessary for professional performance and citizen performance" (UTFPR, 2018, p. 18). Thus, the theme of art, within the scope of this research, addresses the global aspects of engineering education, brought together with the technical issue, with regard to the stimulus "critical and creative performance in the identification and resolution of problems, considering the political, economic, social, environmental and cultural aspects, with a humanistic vision in meeting the demands of society" (UTFPR, 2018, p. 25), by the intervention of art in these environments, as sensitive thinking, capable of contributing to the development of potentialities such as critical thinking and creativity, mentioned in the legal bases that make up the institutional political project and by engineering theorists.

As a second category, it appears that the assumption of knowing how to relate well with people in the work

Table 1. Study dimensions.

Dimension	Purpose
Representations	A set of questions that asks respondents about the understanding of the skills and competences that are most relevant in the education of an engineer.
Practices	A set of questions enquiring what has been done or will be done, in terms of quantity and quality (by educational institutions), about the implementation of projects, disciplines and other activities that contribute to the training of engineers, within the scope of art and theatre.
Aspirations	A group of questions enquiring what the interviewees would like to see done, that is, what proposals (projects, disciplines and other activities) they present for an engineer's education that includes cultural and artistic activities in their training process.

Table 2. Summary of categories: Representations Dimension.

Q1 - In your opinion, which are the main competences that an engineer should show? Justify.			
Goal	It intends to know the skills required of the engineer by the current job market.	Synthesis	The analysis of the answers allows us to verify that the most evident category was specific and technical knowledge. The second most evident category was the ability to relate, which was highlighted by some interviewees. The third category most mentioned by respondents was the ability to learn quickly.
Q2 - In this group of skills, how important are those related to cultural/artistic aspects?			
Goal	It is related to the importance of art in the skills required of engineers.	Synthesis	The study of the answers given by the interviewees to this question allows verifying that the competences most evidenced were: relationship skills, expression, communication and reasoning training, innovation, team management and improvisation. Regarding the most evident category, the ability to express and communicate was highlighted by some interviewees. The category of reasoning training, innovation, team management and improvisation was also mentioned by some interviewees.
Q3 - Can cultural training, such as theatre, and music, contribute to technological innovation?			
Goal	The third question dealt with whether cultural and/or artistic practices/experiences are significant at the time of elaborating an engineering project.	Synthesis	All respondents answered affirmatively. In their justifications, the categories that stood out the most were: promoting the capacity for imagination, useful and aesthetic creations, and creativity and innovation. Regarding the category's capacity for useful and aesthetic creations, several interviewees mentioned it, as well as what refers to the category promotes creativity and innovation.
Q4 - Do you see any relationship between art and the processes of training engineers? Justify			
Goal	The fourth question in the Representations Dimension deals with the relationship between art and innovative projects	Synthesis	All respondents answered affirmatively. In the answers, the most evident categories were: art develops the capacity for innovation, enhances your professional vocation, develops personal training and motivation, improves communication and expression skills, develops creativity and favours interpersonal relationships

environment comes as an important category for the participants as one of the main competences for the performance of engineers. The human interpersonal relationship is considered a competence valued in the professional environment of the engineer (Bazzo & Pereira, 1997), as it was found that the interviewees in this study and the theorists who refer to the subject observe that it should be part of a profile developed throughout the pedagogical practices at the university: good interaction in groups and in projects involving multi-disciplinary areas. The competence of knowing how to relate well with people is associated with other professional training competences, such as good coexistence in the work environment; fluent communication, which will allow for problem solving; or finding a solution collectively through the various responses arising from and in the workgroups (Novaes, 1980; Silveira, 2005).

In the third category, the importance of the engineer's proactive posture is highlighted in the search for solutions to problems, quickly and creatively, based on the received technique and on the active human profile developed. In this perspective, fast learning is the engineer's commitment to the company or to what he is performing professionally in the work environment (National Academy of Engineering, 2005).

Q2 — Based on the statements received, it is understood that knowing how to be, within knowing how to do, is an essential condition and making the various cultures and

their expressions, technological or artistic, interact is important because Strauss (1993, p. 14) explains that “the diversity of cultures is the fact in the present and, also by right in the past, much greater and richer than everything we are destined to know about it”. It is evident that knowledge is not closed in systematisations, it is added to a subject that integrates social and cultural diversity and, therefore, must form it for autonomy and emancipation, for knowing how to act within a constructivist perspective, with an emancipatory critical knowledge (Adorno & Horkheimer, 1973; Taille et al., 2016). Thus, it is understood that where culture has space, intellectual exchanges occur with intensity and promote the development of all individuals because “in the ideas present in culture, autonomy means being able to consciously and competently situate oneself in the network of diverse points of view and conflicts present in a society” (Taille et al., 2016, p. 17).

The issue of communication or the need to develop it in the courses surveyed is brought up recurrently throughout most responses, followed by interpersonal relationships. In this way, there is an insufficiency in engineering courses, addressed mainly by academics and graduates. In their speeches, there is, overtly or between the lines, a request to improve, in their respective courses, the communicative issue. This request is understood, making an analysis of what Bazzo and Pereira (2006, p. 46) stand out when they express themselves about

communication as an important tool, stating that “An efficient professional is, above all, the one who he knows how to use his knowledge, his memory, his reasoning and his ability to research. But he is also someone who knows how to express himself, effectively communicating ideas and results of his work”. The ability to search, select and store information is a preponderant factor in ensuring that professionals in the technological area can keep up with state of the art in their profession. Only then can he develop his work well and communicate what is important in his area of expertise.

The category of reasoning training, innovation, team management and improvisation was also mentioned by some interviewees. With regard to the development of individual skills in professional training, such as creativity, art and the presence of environments that promote culture (collective capacity), what Barracho and Dias (2010, p. 52) highlight is important: “Individual capabilities develop through the acquisition of new attitudes, behaviours, skills and functions, as the social gains inherited from history are appropriated. In this way, the different intervening systems (psychological, social and cultural) are present and involved in the individual’s development”. That said, it reiterated the importance of strengthening the human capacities of engineering professionals today with regard to the expansion of experiences with art and culture. In other words, when acquiring technical-scientific knowledge, there must be a space for social interactions beyond the room and classroom, where there is the exercise of expressiveness, dialogue and social coexistence “in reality, society and the individual are not antagonistic things. Culture provides the raw material from which the individual makes his living. If she is poor, the individual suffers; if the individual is rich, he is likely to take advantage of the opportunities that are offered to him” (Benedict, 1934, p. 77).

Q3 — When referring to each of these answers, it is clear that the words imagine, art and communicate are associated with the creative and innovative act, in engineering, at the time of developing creative projects. This association permeates the responses of all those involved in the training process of UTFPR engineers and also that of entrepreneurs who employ these professionals, confirming the role of art in sensitivity to perceive the world and imagine beyond what is set and bring it to the ingenuity, for creation (Machado, 2009).

In the case of engineers in training, thinking creatively to innovate means having in their training something that enhances creativity and guides them towards technological innovation. Therefore, thinking about a reality different from the one he already knows is to use what he learns in the technical and scientific areas and add sensitivity, affection, and emotion for the experiences and experiences that may

stimulate creativity (Marcondes, 2017). In this case, through perception, imagination and sensitive thinking, there is a potential for engineering and designing technological innovations. For, art generated in the heart of technology lives (Domingues, 2009) since, through aesthetic expressions (such as theatre, music and drawing, new forms of coexistence are projected with reality in order to improve systems and processes, as well as to train, as a subject of action and thought, the engineer in contemporaneity, as indicated by the participants’ responses. Theatre, for example, makes for an identity and reference to life in society as a reflection, enhancing the imagination, coming to impact the processes of creation and technological innovation.

With regard to the category that promotes creativity and innovation, it can be seen, in these statements, that art within the university makes a difference in the creative stimulus. Considerations about this are expressed in the importance given by the interviewees to playful, relaxing spaces and multiple environments that favour innovation if they were present in the teaching-learning environment. The issue of creativity and inventiveness in engineering and technology innovation goes through activities with art in the human formation of academics and, therefore, as a function of creative, inventive and ingenious capacity, which promotes innovation (Bazzo & Pereira, 2006; Colenci, 2000). It is understood that the three categories brought up as most representatives of the role of art in the training of engineers are linked to the development of the creative capacity of academics, in a continuous exercise, with activities that improve their perception, sensitivity and imagination to create. They have, similarly, in aesthetic expressions, such as theatre, spaces to resignify life in society and its creations and, from there, bring innovations and improvements to society, that is, innovation.

Q4 — It is understood that creativity is directly related to the ability to innovate. A prerequisite to leverage the success and sale of products in the market, and is highly requested from professionals in various areas. In engineering, it is a recurrent discourse in congress programs and is part of the objectives and goals to be achieved in the profile of the future engineer in the political-pedagogical projects of higher education institutions. However, what is seen are curricula closed to creative experiences or that generate innovation in simple collaborative experiences at the university. It is understood, then, that there is a gap in the training of the engineer in terms of motivation and encouragement of creativity and technological innovation (Bazzo & Pereira, 2006). Art, therefore, through aesthetics, enhances creativity, individual reflection, and coexistence with the collective have human references of individual feelings and coexistence in society.

In this coexistence, in this case (in the university), it provides experiences with knowledge (scientific basis) and technique (execution). “Metal is an important achievement both for art and for Science and Technology” (Wilson, 2009, p. 493). And the answers of the interviewees are joined to them. The academic community affirms that, in order to design in a creative and innovative way, it is necessary to have training that develops human characteristics of perception, imagination, refined senses and very sensitivity. However, the current education of engineers at UTFPR has little, or no space in its curriculum for subjects that contribute to or meet the characteristics pointed out in these answers.

With regard to the category, it enhances their professional vocation and develops personal training; the professional activity of the engineer is materialised in projects and creative actions that, allied to execution and technique, must be associated with experience and social interaction. In other words, he will interact and communicate his creations and projects to the society for which he works and will give the projects meaning and utility. Bazzo and Pereira (2006, p. 94) warn about the importance of communication in engineering courses,

A quality that is often relegated to the background by some engineering professionals is communication. But the fact is that good communication today is much more important than it must have been some time ago [...] communication is a significant and essential quality for good professional performance. From this, the importance of the universality of knowledge in human formation becomes evident. Montenegro (2004, p. 54) underlines: ... teaching blocks intuition as it ceases to use creativity.

It is understood that the engineer’s communicative expression, both to sketch his first ideas in a project through the drawing and to communicate them to a group and, later on, to society, undergoes a good communicative performance, proactive of the created ideas. In this case, the importance of developing the engineer’s communicative skills in training is essential so that he can interact with the context (the collective) in the sum of his technical-scientific intellectual actions, to communicate and present the practice of his ideas and creations in problem solving, that is, as technological innovation.

However, the spaces for discussion, experience and communicative coexistence beyond the classroom at UTFPR are restricted. The interaction between students and the academic community is due to the interaction in the classroom and some lectures, seminars and congresses in the engineering area, where students are invited to participate. Spaces for social

interaction linked to activities of discussion and reflection on society and its needs and problems are not considered in the teaching process in a remarkable way, to the point where students play a more active role in the communication process. The reference that is made bringing the presence of art in this context, through aesthetic expressions, such as theatre, for example, comes as a proposal to stimulate and more effectively motivate students in the communication process, where their participation in theatre performances or of music, or of theatre plays, or the presence in artistic-cultural events can contribute in this formative process. Thus, it is understood that art and its expressions are also a counterpoint, as they could, by their experience and practice in engineering courses, favour communication as an important skill in the training of engineers.

With regard to the category that develops personal training, the importance of the universality of knowledge in human training is highlighted. Montenegro (2004, p. 54) points out that “teaching blocks intuition as it stops using creativity. [...] This is exactly what happens with creativity: due to lack of use and stimulation, it atrophies”. Society tends to stratify itself, refusing change. It is self-defence, as changing can lead to the loss of positions of current advantages. Industry, in turn, is adapted to mass production, repetition and routine. Even in schools and repeat what has been learned.

The formatting of engineering courses and the classroom teaching practices of these courses at UTFPR follow traditional standards and are guided by the market, industries and companies to maintain the technical excellence of professionals and, therefore, the time for stimulus to creativity is reduced in this context, being restricted to a few isolated activities in a few projects. It can be seen, in the respondents’ answers, that it is necessary, that it is a gap in the course, pointed out by both the academic community and entrepreneurs. Art is included as a proposal to transform this reality, where it does not inhabit, bringing it with the function of developing, in the creative process, with students, practices that motivate aesthetic appreciation in contributing to greater perception and sensitivity of the surroundings. Art and the encouragement of creativity are factors of innovation, as it promotes dialogue between individuals, through the symbolic, as in theatre plays or in front of any other aesthetic expression.

It appears that there is an understanding of the importance of culture, art and cultural evolution in an academic environment for creativity in the development of projects and useful and aesthetic creations. However, this reference to art and aesthetic desideratum is a reality still sought after by managers since the subjects in the technical-scientific area dominate the engineering curriculum.

CONCLUSIONS

It is thought that the dialogue between art and human sciences, in a context of technological innovation, such as the UTFPR, and the exact sciences may contribute to the idealisation of new products and ideas once the personal skills of imagination, perception, sensitivity and communication will result in a more complete and creative academic training (Auzani, 2020; Sampaio, 2021; Silva et al., 2018). Equally more attentive, more alert, more critical, reflective and sensitive to the problems and solutions of life in society (Bonatto et al., 2013; Conte & Deveschi, 2016; Dias Sobrinho, 2019; Marcondes, 2017; Schlindwein, 2015). In other words, “it provides the person with a complete job, involving the intellect, senses, emotion and acquired knowledge — those already built and those subject to change” (Schlindwein, 2015, p. 423). Because Marcondes (2017, p. 67-68) “thus assures that (...) art is something for the experience, that is, what triggers new experiences. There is a construction of meanings in the aesthetic experience”. Recent studies demonstrate that “UTFPR Technology has the capacity to innovate, but it has not yet emerged as a differential in the area of engineering and technology” (Costa et al., 2021, p. 371).

However, it was evident in the respondents' answers that aspects related to art and cultural development are few and inefficient in engineering training at UTFPR, as they do not contribute to academic training due to a lack of teacher motivation and investment in this area, such as the hiring of teachers linked to art and culture, and the lack of spaces for the practice of art, music, theatre and dance workshops (Auzani, 2020), through aesthetic expressions, such as theatre classes in everyday learning environments, is related to the creative process and technological innovation sought in this context due to the demand of the labour market.

We sought support in the theoretical basis used and in compensation to assert the potential of art, with the aim of intervening in engineering courses at UTFPR and the need for it to become a formative element in the training of engineers. In this context, with the role of exact sciences in technological education, making the composition between art and engineering was arduous work since there are few bibliographies found that address engineering and art together in a technological university. In terms of technological university, UTFPR is unique in Brazil.

Artistic practices have their resonances in this context, directly, in communicative training, interpersonal relationships and creativity, as evidenced in the specifics. This research is focused on the intervention of art in the creative process for technological innovation. Thus, the debate on the education of engineers is focused on the subject of action, on the

perceptive and imaginative capacity to innovate, which may be provided by art and aesthetic experiences, which make them have the most refined sensitivity to observe the world around them, feel the existing needs and needs and act creatively, with technology, promoting innovation.

Companies and partners are asking UTFPR-trained engineers for creativity, proactive posture and the ability to innovate (Ostrower, 1977). However, among the disciplines present in the curriculum of engineering courses at this institution, which trains academics in engineering with high competence and technical-scientific quality, nothing (or almost nothing) develops in order to stimulate creativity (Auzani, 2020).

Art seems to appear in a counter cycle to the means of production (Adorno, 2013), which needs innovation, competitiveness and profit. The training of an engineer, in terms of training human capital, must bring — to the professional field — technical-scientific knowledge, reflection, good communication and interpersonal relationships, which must have been developed in the initial training. It seems to be an arduous and difficult path, but not impossible, as the activities (during two decades) and the research carried out can allow political and academic decision-makers to reflect and invert a conservative academic logic regarding innovation and the relationship between areas of diverse knowledge domains (Auzani, 2020; Leonido, 2006; Silva et al., 2018) but which, as we have shown here, there is potential and interest (from curriculum recipients and from the business community) in creating, maintaining and sustaining this same dialogic relationship between art and technology.

ACKNOWLEDGMENTS

We would like to thank the Centre for Studies in Education and Innovation (CI&DEI) and the Polytechnic of Viseu for their support.

REFERENCES

- Adorno, T. (2013). *Teoria estética*. Edições 70.
- Adorno, T., & Horkheimer, M. (1973). *Cultura e civilização*. Cultrix.
- Akamine Junior, O. (2012). *Direito e estética: para uma crítica da alienação social no capitalismo*. (Tese de Doutorado). Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito, Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo. <https://doi.org/10.11606/T.2.2013.tde-12022014-114104>
- Auzani, A. S. (2020). *A função da arte no processo criativo nos cursos de engenharia da UTFPR como fator de inovação tecnológica*. (Tese de Doutorado). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Barracho, C., & Dias, M. (2010). *O espaço e o homem: perspectivas multidisciplinares*. Edições Sílabo-LDA.

- Bazzo, W. A., & Pereira, L. T. (1997). *Ensino de Engenharia: na busca do seu aprimoramento*. Editora da UFSC.
- Bazzo, W. A., & Pereira, L. T. (2006). *Introdução à engenharia: conceitos, ferramentas e comportamentos*. Editora da UFSC.
- Bazzo, W. A., Pereira, L. T., & Linsingen, I. V. (2000). *Educação tecnológica: enfoques para o ensino de engenharia*. Editora da UFSC.
- Benedict, R. (1934). *Padrões de cultura*. Livros de Brasil.
- Benjamin, W. (2012). *Benjamim e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. Contraponto.
- Bisquerra, R. (coord.). (2009). *Metodología de la investigación educativa*. La Muralla.
- Bonato, F. R. O., Silva, A. F., & Lisboa, P. (2013). Tecnologias nas atividades escolares: perspectivas e desafios. In L. E. R. Valle, M. J. V. Mattos, & J. W. Costa (ed.), *Educação digital: a tecnologia a favor da inclusão* (p. 58-74). Penso.
- Bosi, A. (1985). *Reflexões sobre a arte*. Ática.
- Colenci, A. T. (2000). *O ensino de engenharia como uma atividade de serviços: A exigência de atuação em outros patamares de qualidade acadêmica*. (Dissertação de Mestrado). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Paulo. <https://doi.org/10.11606/D.18.2000.tde-14052004-150657>
- Conte, E., & Deveschi, C. P. V. (2016). A experiência estética em tempos de virtualização tecnológica. *Cadernos de Pesquisa*, 46(162), 1216-1233. <https://doi.org/10.1590/198053143724>
- Costa, A., Pilatti, L. A., & Santos, C. B. (2021). Inovação, desenvolvimento e transferência de tecnologia em universidade clássica e tecnológica: comparação entre UFABC e UTFPR. *Avaliação*, 26(2), 347-376. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772021000200002>
- Costa, R. (2009). Do tecnocosmos à techno-arte. In D. Domingues (ed.), *Arte, ciência e tecnologia, passado, presente e desafios* (pp. 63-66). Fundação Unesp.
- Dias Sobrinho, J. (2009). Professor universitário: contexto, problemas e oportunidades. In I. F. Soares, S. R., Soares, & M. L. Ribeiro (eds.), *Docência universitária: profissionalização e práticas educativas* (pp. 15-31). UEFS.
- Dias Sobrinho, J. (2019). Qualidade, pertinência, relevância, responsabilidade social, bem público. *Avaliação*, 24(1), 1-7. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772019000100001>
- Domingues, D. (ed.). (2009). *Arte, ciência e tecnologia: passado, presente e desafios*. Fundação UNESP.
- Flick, U. (2007). *Introducción a la investigación cualitativa* (2ª ed). Morata.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (eds.). (2001). *O inquérito: teoria e prática* (4ª ed). Celta.
- Grinspun, M. P. (ed.). (1999). *Educação tecnológica desafios e perspectiva*. Cortez.
- Grotowski, J. (1968). *Towards a poor theatre*. OdinTeatrets Verlag.
- Guerra, F. (2005). *A história da engenharia em Portugal*. Lopes da Silva.
- Heidegger, M. (2009). *Seminário de Zollikon*. Vozes.
- Kant, E. (1990). *Crítica da Faculdade do Juízo*. Forense.
- Leonido, L. (2006). *Método Interdisciplinar de Literacia Musical, Educação e Sensibilização Artística*. (Tese de Doutorado). Universidade de Salamanca, Espanha.
- Machado, A. (2009). Máquina e imaginário. In D. Domingues (ed.), *Arte, ciência e tecnologia, passado, presente e desafios* (pp. 179-199). Fundação UNESP.
- Marcondes, O. M. (2017). *Dewey: estética social e educação democrática*. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Marcuse, H. (1977). *A dimensão estética*. Martins Fontes.
- Markett, W. (2004). *Trabalho, comunicação e competência: contribuições para a construção crítica de um conceito e para a formação do profissional transformativo*. Autores Associados.
- Montenegro, G. (2004). *A investigação do projeto: a criatividade aplicada em desenho industrial, arquitetura, comunicação visual*. Edward Blücker.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Zahar.
- National Academy of Engineering (2005). *Educating the Engineer of 2020: Adapting Engineering Education to the New Century*. National Academies Press. <https://doi.org/10.17226/11338>
- Novaes, M. H. (1980). *Psicologia da aprendizagem* (5ª ed). Vozes.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). (2016). *Repensar a educação: rumo a um bem comum mundial?* UNESCO.
- Ostrower, F. (1977). *Criatividade e processos de criação*. Vozes.
- Pareyson, L. (1984). *Os problemas da estética*. Martins Fontes.
- Rancière, J. (2005). *Estética e política: A partilha do sensível*. Dafne.
- Rancière, J. (2010). *O espectador emancipado*. Orfeu Negro.
- Ruquoy, D. (2005). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In L. Albarello, F. Digneffe, J. P. Hiernaux, C. Maroy, D. Ruquoy, & P. Saint-Georges (eds.), *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais* (pp. 84-116). Gradiva.
- Sampaio, J. C. C. (2021). Educação: tecnologias, cultura hacker e ensino de artes. *Revista Brasileira de Educação*, 26, e260001. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260001>
- Schlindwein, L. M. (2015). As marcas da arte e da imaginação para uma formação humana sensível. *Cadernos Cedes*, 35(spe.), 419-433. <https://doi.org/10.1590/CC0101-32622015V35ESPECIAL154120>
- Silva, L. L. F., Morgado, E. M. G., Rodrigues, J. B. & Auzani, A. S. (2018). Estética e engenharia: para além da racionalidade tecnológica. *Avaliação*, 23(1), 23-36. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772018000100003>
- Silveira, M. (2005). *A formação do engenheiro inovador: uma visão internacional*. Sistema Maxwell.
- Strauss, L. (1993). *Raça e história*. Editorial Presença.
- Taille, Y., Oliveira, M. K., & Dantas, H. (2016). *Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão*. Summus.
- Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). (2018). *Projeto Pedagógico Institucional (PPI) – UTFPR*. Retrieved from http://portal.utfpr.edu.br/comissoes/consulta/ppi/ppi_consulta_publica_21_12_2018.pdf
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Eds.), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 101-128). Afrontamento.
- Valério, M., & Bazzo, W. A. (2006). O papel da divulgação científica em nossa sociedade de risco: em prol de uma nova ordem de relações entre ciência, tecnologia e sociedade. *Revista de Ensino de Engenharia*, 25(1), 31-39.
- Veloso, M. M. S. A., Bonilla, M. H. S., & Pretto, N. L. (2016). A cultura da liberdade de criação e o cerceamento tecnológico e normativo: potencialidades para a autoria na educação. *Educação Temática Digital*, 18(1), 43-59. <https://doi.org/10.20396/etd.v18i1.8639486>
- Vieira Pinto, A. (2005). *O conceito de tecnologia*. Contraponto.
- Weber, M. (1994). *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Editora da UnB.
- Wilson, S. (2009). Ciência e arte – olhando para trás / olhando para frente. In D. Domingues (ed.), *Arte, ciência e tecnologia, passado, presente e desafios* (pp. 489-498). Fundação UNESP.

O que pensam os treinadores e assessores de comunicação sobre a importância dos *media* e o seu impacto no futebol profissional?

What Portuguese coaches and media advisor's think about the importance of the media and its impact on professional soccer?

Tatiana Baltazar Fazenda¹ , Pedro Guedes de Carvalho¹ , Aldo Filipe Matos da Costa^{1*} 

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar a influência dos *media* no futebol profissional considerando a perceção dos treinadores e dos assessores de comunicação dos clubes. A amostra foi constituída por um grupo de cinco assessores de comunicação e sete treinadores de clubes portugueses de futebol de primeira e segunda Liga, aos quais foram aplicadas entrevistas semiestruturadas. As respostas obtidas foram analisadas, utilizando uma metodologia qualitativa de análise de conteúdo. Os resultados obtidos mostram que os *media* posicionam-se como um importante fator de influência no desempenho dos jogadores dada não só, a massificação de informação e conteúdos desportivos como também, o processo de transformação que a comunicação desportiva atravessa. Por efeito inequívoco dos *media*, alguns treinadores relatam um ambiente de tensão em torno dos seus jogadores, o que tem conduzido à aplicação de estratégias psicológicas e comunicacionais capazes de motivar os seus atletas rumo à obtenção de sucesso. Contudo, é relevante a perceção dos entrevistados, sobre a importância de se manterem continuamente informados provocando, uma necessidade de um acompanhamento mais próximo. A realização de formação interna aos jogadores e treinadores de futebol profissional para obtenção de uma melhor eficácia da comunicação dos clubes foi uma solução apresentada. Constatamos, em suma, que os assessores de comunicação e os treinadores entrevistados consideram os *media* um fator relevante de influência sobre o futebol profissional, com potencial de provocar nas equipas, nomeadamente, estados de falta de confiança, coesão e tensão. PALAVRAS-CHAVE: *media*; futebol; treinadores; assessores de comunicação.

ABSTRACT

The present study aimed to analyze the influence of the media in professional football by considering the perception of clubs' coaches and communication advisors. The sample consisted of a group of five communication advisors and seven coaches from Portuguese football clubs, to whom a semi-structured interview from the first and second leagues was applied. The responses obtained were analyzed using a qualitative content analysis methodology. The results obtained show that the media are positioned as an important influencing factor in the players' performance. The massification of information and sports content as well as the transformation process that sports communication goes through thus positioned them. Due to the unequivocal effect of the media, some coaches report an environment of tension around their players, which has led to the application of psychological and communicational strategies capable of motivating their athletes towards success. However, the interviewees' perception of the importance of being continuously informed is relevant, causing a need for closer monitoring. The solution offered was internal training for professional football players and coaches in order to obtain a better communication efficiency for the clubs. We found, in short, that the media advisors and coaches interviewed consider the media to be a relevant factor of influence over professional football, with the potential to provoke teams, namely, lack of confidence, cohesion and tension.

KEYWORDS: media; soccer; coaches; communication advisors.

¹Universidade da Beira Interior – Covilhã, Portugal.

*Autor correspondente: Universidade da Beira Interior, R. Marquês de Ávila e Bolama, 6201-001, Covilhã, Portugal. E-mail: mcosta.aldo@gmail.com

Conflito de interesses: nada a declarar. **Financiamento:** nada a declarar.

Recebido: 15/12/2021. **Aceite:** 10/02/2022.

INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas os *media* adquiriram um enorme poder de influência sobre o desporto, interferindo e alterando as suas práticas a tal ponto que ambos se tornaram indissociáveis (Betti, 2010). De facto, a reciprocidade parece ser inequívoca e vantajosa para ambas as partes (Gulam, 2016) — o desporto precisa de publicidade e de uma abordagem massiva para a maioria da população, enquanto a sustentabilidade dos *media* é suportada nas notícias desportivas fornecidas pelas organizações, agentes e demais atividades do desporto. Além disso, Hughes e Fill (2007) referem que os *media* desempenham um papel importante para as organizações desportivas como mediadores entre a organização e o público, no sentido de poderem fornecer notícias relevantes, dando credibilidade e garantindo ao público e adeptos, especial atenção.

Ao falar de mediatismo desportivo, surge com especial destaque o futebol profissional, enquanto autêntico espetáculo de *media* à escala global (Wenner & Billings, 2017). Esse mediatismo parece constituir uma fonte de stress competitivo, afigurando o jogador (e a equipa) como foco central de análise de desempenho em cada momento. Obviamente que essa pressão mediática sobre o jogador é apenas um fator num complexo quadro de influentes que concorrem para o stress competitivo (Salvador & Costa, 2009). Sabemos, por exemplo, que determinadas variáveis situacionais (e.g., local do jogo; importância do jogo; qualidade da equipa adversária) parecem provocar alterações nos níveis de stress dos jogadores com prováveis implicações nos estados fisiológicos e psicológicos (Casanova et al., 2016), e na predisposição para competir ao mais alto nível (Michailidis, 2014). Embora não seja claro se a experiência e o nível desportivo atenuam os efeitos indesejáveis destas variáveis no comportamento e desempenho competitivo dos jogadores e das equipas (Casanova et al., 2016), parece evidente que os *media* serão agentes cumulativos de stress (Kristiansen, Halvari, & Roberts, 2012), e provavelmente catalisadores dessa pressão competitiva inevitável.

Todavia, os jogadores não são o único foco de atenção pelos *media* — os treinadores também estão sujeitos a um constante clima de tensão, nomeadamente sobre o seu relacionamento com a organização desportiva (Fletcher & Scott, 2010). Por exemplo, Masturelli e Oliveira (2005) constatou que os treinadores da primeira divisão do campeonato brasileiro de futebol são constantemente confrontados com a influência dos *media* como mediador da sua credibilidade, prestígio e reconhecimento social, pelo que, uma das suas maiores dificuldades é obter preparação específica para a própria instabilidade do cargo. Adicionalmente, a comunicação social

perscruta todas as suas decisões e opções de carácter técnico, o que resulta numa constante e desgastante afirmação de autoridade e competência, sempre no risco de ser mal interpretado ou julgado erradamente (Machado, 2010). Acrescida a essa fonte de tensão para o treinador, haverá que considerar ainda a responsabilidade em zelar pelo bom relacionamento com os jogadores, sendo este um pressuposto fundamental não só na qualidade da gestão da comunicação interna como, também, na estabilidade emocional e, consequentemente, comportamental dos jogadores quando confrontados com as pressões diárias a que estão sujeitos (Olusoga, Maynard, Hays, & Butt, 2012).

Os contactos semanais dos treinadores e jogadores com a imprensa são cada vez mais frequentes e até obrigatórios, acreditando-se na crescente importância dos clubes de futebol disporem de profissionais no campo da comunicação, a fim de conseguir minimizar a tensão que por vezes surge (Silva, 2011). Isto sugere que as linhas de comunicação dentro das organizações desportivas possam ser repensadas. Por essa razão, na generalidade dos clubes de futebol profissional, o assessor de comunicação é um elemento de gestão absolutamente determinante, possibilitando a estruturação, a divulgação e a materialização eficaz dos objetivos, funções, produtos e serviços da organização (Pederson, Miloch, & Laucella, 2007).

Embora se possa referir algumas pesquisas que abordaram de forma indireta esta temática (e.g., Olmedilla, Ruiz-Barquín, Ponseti, Robles-Palazón, & García-Mas, 2019) desconhece-se a existência de trabalhos que se tenham debruçado especificamente sobre esta relação de influência dos *media* no contexto desportivo do futebol, considerando particularmente a perspetiva do treinador profissional ou mesmo dos assessores de comunicação dos clubes. A perspetiva de ambos será de inequívoca relevância para se melhor compreender o processo comunicativo que existe no futebol profissional.

Assim, foi o objetivo do presente estudo descrever os efeitos do processo comunicativo dos *media* no futebol profissional, considerando a perceção de treinadores e de assessores de comunicação de clubes portugueses de primeira e segunda Liga.

METODOLOGIA

Participantes

Uma amostra de conveniência não probabilística foi recrutada com base no contacto prévio com todos os clubes de futebol portugueses da primeira e segunda Liga profissional. Sete (7) clubes portugueses concordaram em participar no estudo, cinco (5) dos quais da primeira liga. Desses clubes

participantes, foram entrevistados sete treinadores de futebol (n= 7, masculinos), com idades entre os 42 e 55 anos. A carreira profissional dos treinadores entrevistados variava entre os 10 e os 20 anos de experiência. Adicionalmente, foram entrevistados cinco (5) assessores de comunicação, quatro (4) dos quais da primeira liga, com idades compreendidas entre os 34 e os 44 anos, e uma experiência profissional na área entre os 3 (três) e os 9 (nove) anos.

O estudo foi concretizado no âmbito do programa de trabalhos de doutoramento em ciências do desporto proposto pela primeira autora, realizado na Universidade da Beira Interior, que aprovou o seu projeto. Os treinadores e os assessores de comunicação convidados a participar no estudo foram devidamente informados sobre os objetivos e o protocolo de pesquisa, tendo ambos assinado um termo de consentimento livre e esclarecido, com o pressuposto que os procedimentos experimentais realizados estão de acordo com os princípios éticos definidos na declaração de Helsínquia para estudos científicos. Aos participantes foi também dada garantia de anonimato e confidencialidade no tratamento dos dados recolhidos nas entrevistas realizadas.

Instrumentos

Assumindo uma abordagem de natureza qualitativa para esta investigação, conduziram-se entrevistas semiestruturadas (Culver, Gilbert & Sparkes, 2012), estratégia que permitem compreender a forma como os participantes observam determinado tipo de fenómeno, o que sentem e pensam sobre ele (Hastie & Hay, 2012), permitindo correções, esclarecimentos e adaptações na obtenção da informação pretendida (Nogueira-Martins & Bógus, 2004).

Este tipo de entrevistas são normalmente organizadas segundo um conjunto pré-definido de questões, juntamente com outras que possam surgir decorrentes do diálogo estabelecido entre o entrevistador e o entrevistado. Assim, na elaboração do guião da entrevista a implementar, foram considerados os seguintes pontos indicados por Flick (2005) e Gomes (2007): (1) Perguntas relacionadas com o tema definido para a entrevista; (2) Perguntas variadas e abertas; (3) Perguntas adequadas ao entrevistado e à temática em questão; (4) Utilização de um vocabulário claro, acessível e rigoroso; (5) Perguntas que partem de uma informação mais genérica para uma mais específica.

Após uma definição clara dos objetivos que se pretendiam atingir, elaborou-se um guião de entrevista (Patton, 2002) composto por 10 questões abertas e claras, vocabulário acessível apesar de rigoroso, em que as questões foram apresentadas de forma coerente e de acordo com o objetivo do presente estudo (Tabela 1).

A entrevista foi seguidamente testada e validada por investigadores com conhecimento adequado à temática em análise.

Procedimentos

Elaborado o guião da entrevista, foram contactados por correio eletrónico e telefone os clubes que aceitaram participar no estudo, a fim de os informar sobre os procedimentos metodológicos a adotar e propor o agendamento da entrevista ao treinador e ao assessor de comunicação. As entrevistas foram individuais, pelo que decorreram na presença somente do entrevistador e entrevistado nas instalações dos próprios clubes, e de acordo com as diretrizes e critérios definidos. Recorrendo ao auxílio de um minigravador, utilizado com o consentimento de cada entrevistado, as entrevistas foram realizadas entre Março e Maio de 2017; Agosto e Novembro de 2017; Março e Maio de 2018, no final do treino diário, visto os clubes só se terem mostrado disponíveis em períodos coincidentes com o início ou o final de época, pelo que as entrevistas ocorreram durante um período de aproximadamente um ano. Com o auxílio de um minigravador para registo da informação, utilizado com consentimento dos entrevistados, cada entrevista demorou cerca de 20 minutos (variando entre 15 e 35 minutos) permitindo-se alguma liberdade de resposta ao entrevistado.

Análise de dados

Transcritas todas as entrevistas, procedeu-se à importação de toda a informação recolhida para o software QSR NVivo 11. A principal função do NVivo é codificar texto e armazenar informações em categorias específicas, permitindo identificar a frequência das citações presentes em cada categoria. A utilização deste software permitiu flexibilizar a codificação assim como a articulação dos dados e a sua visualização através de mapas conceptuais, como é o caso da criação de modelos hierárquicos (Davis & Meyer, 2009) ou codificação axial (procurar uma categoria central, a partir da qual se organizam outras categorias em termos de subordinação) (Straus, 2003). A designação de cada categoria teve em conta palavras que estão associadas à própria investigação e que melhor descrevem ou refletem o tema a que se refere (Hastie & Glotova, 2012). A definição das categorias implicou encontrar relações de semelhança entre conceitos, identificando características que lhes são subjacentes e relações entre si. Por via de uma estrutura de árvore de nós, a informação transcrita foi assim classificada em categorias *a priori* e *a posteriori*. Assim, criou-se um conjunto de categorias temáticas cujos títulos conceptuais foram agrupados segundo o significado

de cada tema e de acordo com as unidades de análise do conteúdo das respostas.

Para assegurar a adequabilidade da categorização, foi realizada uma revisão por pares de validação das categorias definidas.

RESULTADOS

Na Tabela 2 apresenta-se para cada sub-categoria as frequências relativas do conteúdo das respostas registadas a ambos os grupos de entrevistados. Interpreta-se de seguida o significado destes resultados, reforçando a análise com algumas citações representativas.

Ligação com os media

Conhecimento diário do que é noticiado

Todos os entrevistados deste estudo consultam os *media* diariamente e consideram importante ser informado sobre o que é noticiado sobre o seu clube e os clubes adversários: “É uma das minhas grandes preocupações bem como, da minha equipa técnica estar sempre informado sobre tudo o que se passa em relação ao meu clube e aos meus próprios adversários” (T4; Ref.1).

Sim diariamente há uma rotina que é a de consultar os órgãos de comunicação social nomeadamente, os três principais jornais desportivos. Inclusive, fazemos a digitalização

Tabela 1. Guião de entrevista.

CATEGORIAS (a priori)	CATEGORIA (a posteriori)	CÓDIGO	QUESTÕES PRINCIPAIS
Ligação com os <i>media</i>	Conhecimento diário do que é noticiado	Q1	Acompanha o que é noticiado sobre si e a sua equipa nos <i>media</i> ?
		Q7	Considera importante que os jogadores de futebol profissional tenham conhecimento do que é noticiado sobre si nos <i>media</i> ?
	Relação com os <i>media</i> no presente e futuro	Q9	Como lida com a presença dos <i>media</i> ?
		Q10	Como prevê a relação futura entre os <i>media</i> e os jogadores de futebol profissional?
Influência dos <i>media</i>	Performance	Q4	Considera que os <i>media</i> influenciam a performance desportiva dos jogadores de futebol profissional?
		Q8	Considera os <i>media</i> um dos factores com maior influência na performance dos jogadores de futebol profissional? Ou quais os fatores que potencialmente mais influenciam a performance desportiva?
	Opinião Pública	Q6	No que respeita à formação da opinião pública, considera fundamental o papel dos <i>media</i> enquanto formadores de opinião?
	Cognitivo	Q3	Considera que a informação veiculada pelos <i>media</i> sobre si e a sua equipa exerce alguma influência sobre o seu estado de espírito?
	Resultados	Q2	Considera existir alguma influência entre o conteúdo noticiado nos <i>media</i> e os resultados desportivos obtidos pelo clube?
Importância da comunicação	Como competência interna existente	Q5	Considerando que a informação mediática é trabalhada internamente por cada clube, de que forma é trabalhada no seu?
	Como competência interna a desenvolver		

de tudo o que sai sobre o clube para que os atletas, treinadores e restante staff tenha conhecimento do que sai na imprensa (RC6; Ref.1).

ao contrário dos grandes clubes que conseguem ser eles a impor as regras (RC4; Ref.1).

Relação com os media no presente e futuro

Todos os treinadores entrevistados consideram que atualmente têm um bom relacionamento com os *media*, e que o mesmo ocorre de forma espontânea e natural. Em relação à perspectiva futura desse relacionamento, 43% mencionaram que, no futuro, o relacionamento com os *media* deve ser mutuamente respeitoso e de maior proximidade.

Quanto aos assessores de comunicação, todos eles afirmam manter uma relação bastante próxima com os *media* no presente, e que assim se perspectiva manter no futuro: “*Sendo um fator de grande influência, não tenho dúvidas que cada vez será mais próxima e direta com os clubes, até como forma de proteger os seus ativos mais valiosos, os jogadores*” (T1; Ref.1).

Eu lido com os media diariamente e mantemos uma relação bastante aberta. Por um lado é bom, por nos permitir filtrar mais a informação que vão publicar. Clubes de menor dimensão, como é o nosso caso, precisam da imprensa

Influência dos media

Performance

Quando questionados sobre a possível influência que os *media* exercem sobre o desempenho desportivo, todos os treinadores e responsáveis de comunicação dos clubes entrevistados consideraram que os *media* exercem influência sobre o desempenho desportivo dos jogadores profissionais de futebol. No entanto, 57% dos treinadores e 67% dos assessores de comunicação mencionaram que existem outros fatores que podem interferir no desempenho dos jogadores de futebol não se posicionando os *media*, como um fator determinante: “*Ligeiramente sim, mas não ao ponto de condicionar totalmente. Depende de como os atletas lidam com as notícias e se são críticas positivas ou negativas*” (T2; Ref.1).

Tudo aquilo que é noticiado, tem uma grande influência no rendimento desportivo porque a crítica é constante, a avaliação também e nem todos os jogadores conseguem criar

Tabela 2. Resultados da análise e categorização de conteúdo definidos para as entrevistas realizadas.

CATEGORIA (a priori)	CATEGORIA (a posteriori)	SUB-CATEGORIA	TREINADORES (n= 7) (%)	ASSESSORES DE COMUNICAÇÃO (n= ??) (%)
Ligação com os media	Conhecimento diário do que é noticiado	Consulta os media	7 (100)	(100)
		Não consulta os media	0 (0)	0 (0)
	Relação com os media no presente e futuro	Próxima	3 (42,9)	(100)
		Distante	2 (28,6)	0 (0)
		Igual	2 (28,6)	0 (0)
Influência dos media	Performance	Influência determinante	3 (42,9)	(33,33)
		Influência mas não de forma determinante	4 (57,1)	4 (66,66)
		Não influência	0 (0)	0
	Opinião Pública	Influencia	7 (100)	100
		Não influencia	0 (0)	0
	Cognitivo	Influência	5 (71,4)	66,66
		Não influência	2 (28,6)	33,33
	Resultados	Influência	4 (57,1)	50
		Não influência	3 (42,9)	50
Importância da comunicação	Como competência interna existente	Boa	4 (57,1)	50
		Precisa melhorar	3 (42,9)	50
		Inexistente	0 (0)	0
	Como competência interna a desenvolver	Importante	6 (85,71)	100
		Não é importante	1 (14,28)	0

a resistência que é necessária ao longo da carreira para lidar com isso. Também aos clubes cabe no fundo formar e preparar os atletas para tal (RC6; Ref.2).

Do ponto de vista dos entrevistados, as relações familiares, o bem-estar físico e psicológico e o ambiente interno do clube contribuem de forma mais decisiva para o desempenho de um jogador profissional de futebol: *“O relacionamento dentro do clube com os diferentes agentes desportivos, o relacionamento com a família e o contexto familiar é crucial, portanto existem um conjunto de fatores que influenciam o desempenho desportivo do jogador”* (T5; Ref.1); *“Os valores familiares e o equilíbrio emocional são importantes para as suas carreiras, pois se psicologicamente perderem o foco, podem acontecer algumas situações menos agradáveis”* (RC1; Ref.1).

Opinião pública

Todos os treinadores e responsáveis de comunicação entrevistados, falam sobre a inevitabilidade dos media serem vistos como fortes influenciadores da opinião pública. Ressaltam ainda que é através dos media que a maioria das pessoas obtém conhecimento sobre várias áreas de interesse do desporto, principalmente devido ao crescente desenvolvimento dos media online: *“Acho que sim. Porque existe um constante consenso de informações, colocando os media como propulsores da formação da opinião pública em termos gerais”* (T7; Ref.1); *“No caso do desporto são pessoas que trabalham numa área muito específica, com alguns anos de experiência e com reconhecimento do grande público. A sua opinião, gera identificação ou não por parte dos leitores mas sempre tida como séria e com conhecimentos de causa”* (RC2; Ref.1).

Cognitivo

Em relação a este ponto, 71% dos treinadores e 67% dos assessores de comunicação observaram que o tipo de efeito que os media podem ter sobre o estado mental de cada atleta depende muito do seu perfil individual. No entanto, como ninguém fica indiferente quando o seu nome é referenciado pelos media, é importante a existência de algum trabalho e formação comunicacional enquanto apoio na confiança, estabilidade emocional e psicológica do jogador. Embora o efeito dos media seja um fator a ser levado em consideração, os participantes deste estudo consideraram que essa não é uma condição imperativa que determina um bom ou mau desempenho apesar de significativa a sua influência.

Os media colocam o jogador e a equipa sob tensão para que eles possam perder o foco psicologicamente. É aqui que algumas situações menos agradáveis podem acontecer,

dependendo também do equilíbrio que cada atleta possui e do apoio que nós treinadores lhe conseguimos dar (T1; Ref.2).

Os media podem fazer divergir a concentração dos jogadores caso, não seja feito, um acompanhamento cuidado da informação e dos elementos alvo. Ao interferir com os níveis de concentração, obrigatoriamente a confiança que têm em si próprios também vai sofrer alterações (RC7; Ref.1).

Resultados do clube

Na opinião de 43% dos treinadores e 50% dos assessores de comunicação entrevistados não há relação direta entre a informação que é noticiada nos media e os resultados desportivos obtidos pela equipa. No entanto, mencionaram que a interferência e a atenção dos media é proporcional aos resultados obtidos; ou seja, bons resultados atraem maior atenção dos media e consequentemente, um aumento da projeção da equipa. Todavia, 57% dos treinadores e 50% dos assessores de comunicação acreditam, que pode haver alguma influência no comportamento da equipa se algum dos atletas estiver sob pressão. Para os entrevistados, o tipo de notícia (positiva ou negativa), determinará a confiança do jogador. Boas notícias geram bom desempenho, más notícias geram desmotivação e falta de confiança: *“Acredito que há notícias que podem influenciar o comportamento de uma equipa. Se um atleta se sente pressionado, durante o jogo ou até mesmo no treino, ele pode transmitir essa tensão a outros colegas de equipa, que podem ficar mais vulneráveis”* (T1; Ref.3); *“Não, porque o nosso foco deve estar claramente apenas no trabalho em campo, limitando-nos a respeitar o trabalho dos profissionais de comunicação. Se assim for, não haverá relação entre o que é noticiado e os resultados que o clube alcança”* (T2; Ref.2)

Automaticamente notícias boas geram resultados melhores, notícias más afetam emocionalmente os jogadores retirando-lhes por isso rendimento. Na minha opinião acaba sempre por afetar indiretamente apesar de eles estarem treinados para que isso não aconteça. Acho que se trata de um ato involuntário (RC4; Ref.2).

“Considero que os resultados desportivos não são influenciados pelas notícias veiculadas pelos media pois, existe uma cultura de trabalho no nosso clube que identifica claramente os fatores importantes para o rendimento desportivo” (RC8; Ref.1).

Importância da comunicação

Comunicação como competência interna existente

Relativamente ao tratamento da informação mediática que é feito internamente pelos clubes, 43% dos treinadores e 50% dos assessores de comunicação entrevistados, mencionaram que a comunicação e a relação com os *media* nos seus clubes é tratada de forma estratégica e cuidadosa. Contudo, dada a rapidez e a fluidez que atualmente se assiste da imprensa desportiva ressaltam, a importância de constantes atualizações e melhorias nesta área.

Temos um elemento da equipa técnica que trabalha com a imprensa todos os dias. É preciso perceber que há coisas que até nos interessam para ‘provocar’ os nossos jogadores e motivá-los para o próximo jogo, pois há situações em que precisamos de nos proteger e proteger os nossos jogadores. Há muitas mentiras que vêm no jornal (T4; Ref.2).

*Toda a informação difundida para o exterior é pensada de acordo com a estratégia global do clube e da equipa. Torna-se determinante estabelecer linhas orientadoras internas que sejam seguidas pelos vários agentes desportivos, de forma a potenciar uma mensagem sólida e evitar ao máximo ruído informativo. No nosso clube, todas as atividades são acompanhadas e planeadas no sentido de alimentar os *media* em todas as plataformas existentes na atualidade (RC8; Ref.2).*

Comunicação como competência interna a ser desenvolvida

A importância atribuída pelos entrevistados à necessidade interna de formação, orientação e acompanhamento de jogadores profissionais de futebol como resultado do sucesso foi mencionada pela maioria dos participantes. Para eles, uma maneira de alcançar um possível equilíbrio, semelhante ao que eles consideram já existir em atletas de elite, é preparar e acompanhar internamente os jogadores fornecendo-lhes estratégias de *coping* eficazes para saber lidar com a imprensa.

*Dependendo de como cada clube funciona, a coisa mais importante é uma das minhas preocupações sobre os jogadores é que eles percebam que os *media* fazem parte do futebol e que temos de estar preparados para todos os tipos de situações que se relacionam com eles (T4; Ref.3).*

*“Junto dos atletas é trabalhado de modo a que eles saibam o que dizer em cada momento futuro sempre que confrontados com conteúdos publicados pelos *media*” (RC2; Ref.2).*

DISCUSSÃO

A literatura refere que a presença dos jornalistas e a intensa cobertura mediática no futebol profissional é uma fonte cumulativa de tensão, particularmente em situações de grandes eventos competitivos (Silva, 2011). A constante presença dos *media* na atividade dos clubes, num mundo totalmente mediatizado (Tench, Verčič, Zerfass, Moreno & Verhoeven, 2017) faz com que a perceção de fenómenos ganhe força de realidade, tanto para quem a eles assiste, como para quem neles intervém (Quintela, 2006).

Este estudo procura descrever os efeitos desse processo na perspetiva dos treinadores e dos assessores de comunicação de clubes de futebol profissional Portugueses em que, enquanto objeto de estudo e em termos científicos, o seu conhecimento é praticamente inexistente apesar de toda a centralidade e mediatismo que podem possibilitar. Para Quintela (2020) as pesquisas desenvolvidas não têm acompanhado a dimensão que este fenómeno tem evidenciado, uma lacuna que carece de ser colmatada, para o que pretendemos contribuir.

Assim, os resultados mostram que a constante divulgação de informação mediática sentida pelos treinadores pode dificultar a gestão do seu estado de humor e dos seus atletas, mas também diminui a eficácia da comunicação interna e da concentração no foco definido (o jogo), opinião esta partilhada também pelos assessores de comunicação. Acredita-se, por isso, ser importante a intervenção do assessor de comunicação junto do treinador e dos atletas na prévia preparação de atividades comunicacionais. A implementação de um modelo de formação, que consista na abordagem a múltiplos fatores que permitam, garantir uma estabilidade entre os principais intervenientes da comunicação nos clubes, será também um passo importante, na temática desta relação.

Essa abordagem permitirá alavancar a comunicação organizacional do clube enquanto estratégia de gestão.

Ligação com os *media*

Os resultados parecem mostrar que existe uma rotina nos clubes de futebol de acompanhamento dos *media*, com vista a reconhecer os elementos que possam gerar impacto negativo nos atletas e no clube, para assim alavancar eventuais medidas de minimização. Este resultado é congruente com outros estudos anteriores (e.g., Czech,

Ploszay & Burke, 2004; Díaz & Rodriguez, 2005) ao referirem que, comportamentos rotineiros como a consulta diária dos *media*, beneficiam o foco e a atenção, reduzindo a ansiedade, eliminando distrações e aumentando a autoconfiança, a preparação mental e, previsivelmente, a prontidão para competir. No entanto, Kristiansen, Roberts e Sisjord (2011) acrescenta que os jogadores quando confrontados com situações negativas, evitam comprar, ler ou assistir a reportagens sobre os jogos, concentrando-se nas indicações dadas pelo treinador. Além disso, os entrevistados também mencionaram que possuem, e contam manter no futuro, um bom relacionamento com os *media*, sublinhando a importância do respeito mútuo que sempre deve existir entre as partes, numa tríade de comunicação que se pretende “honesta, verdadeira e responsável” entre treinadores, jogadores e jornalistas. Aliás, é de salientar que ao longo da história, o desporto e os *media* desenvolveram uma relação simbiótica, um relacionamento de longa data, que se articula entre si para dar origem à atual simbiose entre os *media* e o futebol, que vários autores caracterizam como “complexa” (e.g., Rowe, 2004; Horne, 2006), estabelecida desde a última década do século XIX.

Influência dos *media*

O potencial de influência dos *media* no desempenho desportivo é reconhecido por todos os treinadores e assessores de comunicação entrevistados. Porém, não parece figurar *per se* como um fator determinante primário, o que mostra ir ao encontro dos resultados já assinalados pela literatura (Kristiansen et al., 2011). De facto, como referem vários estudos sobre a performance no futebol, serão os fatores de ordem biológica e comportamental os influentes primários do desempenho desportivo dos jogadores e das equipas (e.g., Baker, Cobleby & Schorer, 2012).

Todavia, o desempenho desportivo depende sempre de uma situação de autoavaliação e avaliação feita por terceiros, influenciada secundariamente por fatores emocionais e cognitivos (Howle & Eklund, 2013). Uma investigação recente (Baardsen, 2017) analisou as percepções de jogadores de futebol de elite quanto à existência de possíveis fatores organizacionais, psicológicos e mediáticos que ocorrem ao longo da época de futebol e que podem ser perturbadores do seu desempenho. Esse estudo concluiu que quatro em dez jogadores admitiram sofrer de problemas psicológicos sendo as causas apontadas a existência de uma forte pressão diária originada por uma combinação de fatores competitivos, organizacionais e pessoais, o que exige uma contínua força mental para se destacar no ambiente competitivo em que se encontra inserido (Gerber et al., 2018).

Quanto à possível influência dos *media* nos resultados desportivos obtidos pelo clube, os entrevistados não consideraram existir uma relação direta de influência entre o que é noticiado pelos *media* e os resultados seguidamente obtidos nos jogos disputados. Pelo contrário, argumentam que as atenções dos *media* estão diretamente relacionadas com os resultados dos jogos. Esta percepção é concordante com o referido por Boyle (2006), quando ressalva que os *media* divulgam frequentemente e estrategicamente informações falsas, sobre transferências de jogadores entre clubes, lesões, comportamentos, conflitos e relacionamentos da sua vida social e privada que alimentam o público e vão muito além do objetivo e interesse desportivo. Neste sentido, Hutchins e Rowe (2012) referem-se aos desafios enfrentados pelas organizações desportivas na gestão de “acidentes de informação” e como as críticas públicas podem prejudicar o desporto, atletas individuais, equipas, patrocinadores, parceiros de negócios e associados. Perante tal panorama, será válido supor como fundamental o papel do treinador enquanto fonte de equilíbrio, confiança e motivação, e sobretudo de minimização do impacto negativo que eventuais situações mediáticas possam colocar aos jogadores e equipas (Kristiansen et al., 2012). Além disso, a literatura estudada também segue essa linha de pensamento quando Fletcher e Scott (2010) acrescentam que as características pessoais e situacionais, a família e os amigos dos jogadores podem afetar a sua autoconfiança e consequentemente, o seu desempenho desportivo, devendo por isso ser instruídos a não discutir com eles a cobertura mediática, ignorando a opinião jornalística.

Em relação ao potencial dos *media* como influenciadores e formadores de opinião (segunda categoria definida *à priori*), estudos anteriores evidenciaram que os *media* não parecem influenciar significativamente o pensamento e a opinião das pessoas (Lazarsfeld, Berelson, & Gaudet, 1948; Berelson, Lazarsfeld, & McPhee, 1954). No entanto, estudos mais recentes (e.g. Machado, 2010) mostram exatamente o oposto — os *media* parecem exercer uma influência relevante sobre a opinião pública em geral, conduzindo as pessoas a experienciarem dois mundos em paralelo: o mundo real das suas experiências de vida, e o mundo criado e disseminado pelos *media* (Zucker, 1978). Todos os entrevistados parecem concordar com Zucker (1978) e Alger (2000) relativamente à imprensa ser um importante agente na formação de subculturas desportivas de massa por meio da sua capacidade de constituir fontes de informação e formação de opinião pública.

Importância da comunicação

Apesar dos entrevistados confirmarem que, nos clubes que representam, existe tratamento e acompanhamento interno das notícias difundidas pelos *media*, a opinião dos

entrevistados também é unânime quanto à necessidade de desenvolver estratégias e programas de intervenção dirigidos para a minimização dos focos de tensão dos jogadores e, ao mesmo tempo, desenvolverem as capacidades de *coping* (Rosado, Marques dos Santos, & Guillén, 2012). Neste ponto, denota-se a diferença entre clubes da primeira e segunda Liga de futebol, em que treinadores de alguns clubes, sobretudo os pertencentes à primeira Liga, passaram a ser alvo de uma grande atenção por parte dos media, estando perfeitamente conscientes da complexidade do seu papel perante a equipa e o clube bem como, nas relações dinâmicas que envolvem a sua atividade.

Apesar de não existir qualquer referência e distinção quanto aos resultados obtidos dos entrevistados pertencentes à primeira ou segunda Liga de futebol, dado o tamanho reduzido da amostra, é perceptível que apenas alguns clubes (os pertencentes à primeira liga) deste estudo, são organizados e têm estratégias de atuação definidas para enfrentar situações de tensão. No entanto, apesar de todos possuírem nos seus quadros profissionais responsáveis por acompanhar e garantir níveis ideais de estabilidade psicológica, nem sempre detêm formação específica para o desempenho dessas funções, particularmente nos clubes de menor dimensão. Ao ser definida uma estratégia de comunicação de um clube de futebol e perante a existência de uma forte tensão mediática sobre os protagonistas do jogo — jogadores, treinadores ou dirigentes — deverá existir uma preocupação interna para que todos possam seguir as mesmas diretrizes e possam comunicar de forma coerente em nome do clube.

Com efeito, afigura-se fundamental promover um maior acompanhamento e formação de âmbito comunicacional aos treinadores e jogadores ao longo da época desportiva, dado que com a profissionalização do futebol, os seus papéis ganharam enorme destaque na sociedade desportiva (Wang & Straub, 2012). Para além do jogador, a figura do treinador tornou-se essencial nas mais diversas relações desportivas (obtenção de bom desempenho e resultados, gestão do processo de treino da equipa, etc.) (Ferreira et al., 2018), o que nos leva a considerar que investir em ferramentas pertinentes à correta comunicação (e consoante as linhas orientadoras de cada clube) poderá ser um ponto importante no futuro das organizações desportivas.

Neste estudo procurou-se contribuir para uma melhor compreensão do processo comunicacional entre os *media* e os clubes portugueses de futebol profissional, o que poderá ser útil para perspetivar boas práticas de gestão da comunicação. Não obstante a relevância dos resultados obtidos, será importante reter as suas limitações, nomeadamente consequentes da reduzida dimensão da amostra recrutada. Com efeito, a

generalização dos resultados fica comprometida. Para além disso, não foi possível obter uma perceção diferenciada por experiência, nível competitivo (ligas de futebol), ou outros fatores que permitissem distinguir os entrevistados (por exemplo, idade; anos de experiência; formação académica e profissional), o que poderá ser relevante analisar em estudos futuros. Poderá ser ainda pertinente confrontar perspetivas de treinadores de diversos países, certamente com diferentes rotinas e processos comunicacionais. Para além disso, é importante considerar que não foi aplicado nenhum instrumento validado para avaliar competências mentais, emocionais ou psicológicas específicas, pelo que os resultados aqui apresentados são apenas expressões de opinião e podem servir de estímulo para estudos futuros, nomeadamente de natureza psicofisiológica.

CONCLUSÃO

A análise dos resultados deste estudo apoia as informações encontradas na literatura e destaca o papel dos *media* no desenvolvimento desportivo, bem como a importância do treinador e dos assessores de comunicação ao serviço dos clubes de futebol.

Nesta pesquisa, foi possível mostrar na perspetiva dos treinadores e dos assessores de comunicação entrevistados, que os *media* têm um papel fundamental, mas não determinante, na influência que exercem sobre o desempenho e o estado mental dos jogadores profissionais de futebol. Dado o efeito dos *media* nas diferentes dimensões das carreiras, vidas sociais e pessoais dos jogadores, os participantes deste estudo destacaram a importância de se manterem continuamente informados, trabalhando um bom relacionamento com os *media*.

Os resultados obtidos também mostram que os entrevistados desempenham um papel fundamental na comunicação dentro das organizações que representam, embora reconheçam que nem sempre a informação mediática é trabalhada eficazmente junto dos atletas. Em primeiro lugar, porque nem sempre se consegue manter o foco do atleta no seu bom desempenho. Em segundo lugar, nem sempre é possível garantir a consistência do comportamento e o apoio emocional aos atletas visto, serem alguns os fatores que nele interferem. O estudo mostrou que considerando o tamanho e a amplitude do clube em que operam, o relacionamento com os *media* depende do trabalho realizado na área de comunicação desportiva, embora esta esteja a atravessar um processo de transformação global, entre amadorismo improvisado, a profissionalização e a massificação de informações e conteúdos.

REFERÊNCIAS

- Alger, D. (2000). Os megamedia, a situação do jornalismo e a democracia. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 27, 97-107.
- Baardsen, J. (2017). Undersøkelse: Fire av ti norske toppspillere innrømmet psykiske problemer [Research: Four out of ten players admit having psychological problems]. VG Sport.
- Baker, J., Cobley, S., & Schorer, J. (2012). *Talent identification and development in sport: international perspective*. Londres: Routledge.
- Berelson, B. R., Lazarsfeld, P. F., & McPhee, W. N. (1954). *Voting: a study of opinion formation in a presidential campaign*. Chicago: University of Chicago Press.
- Betti, M. (2010). *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. (5ª ed.). Campinas: Papirus.
- Boyle, R. (2006). *Sports journalism context and issues*. Londres: Sage.
- Casanova, N., Palmeira-de-Oliveira, A., Pereira, A., Crisóstomo, L. D., Travassos, B., & Costa, A. M. (2016). Cortisol, testosterone and mood state variation during an official female football competition. *Journal of Sports Medicine and Physical Fitness*, 56(6), 775-781.
- Culver, D. M., Gilbert, W., & Sparkes, A. (2012). Qualitative research in sport psychology journals: The next decade 2000-2009 and beyond. *Sport Psychologist*, 26(2), 261-281. <https://doi.org/10.1123/tsp.26.2.261>
- Czech, D., Ploszay, A. J., & Burke, K. L. (2004). An examination of the maintenance of pre-shot routines in basketball free throw shooting. *Journal of Sport Behavior*, 27(4), 323-329.
- Davis, N. W. & Meyer, B. B. (2009). Qualitative data analysis: A procedural comparison. *Journal of Applied Sport Psychology*, 21(1), 116-124. <https://doi.org/10.1080/10413200802575700>
- Díaz, J. & Rodríguez, G. (2005). Intervención psicológica mediante rutinas de atención y concentración en un equipo de voleibol para mejorar la efectividad colectiva del saque. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 5(1), 219-230.
- Ferreira, H., Metzner, A., Ferreira, N., Cunha, L., Pinto, A., Murbach, M., & Drigo, A. (2018). Mídia e esporte: representações sobre treinadores em um jornal impresso. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 40(4), 397-403. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.03.022>
- Fletcher, D. & Scott, M. (2010). Psychological stress in sports coaches: a review of concepts, research, and practice. *Journal of Sports Sciences*, 28(2), 127-137. <https://doi.org/10.1080/02640410903406208>
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.
- Gerber, M., Best, S., Meerstetter, F., Walter, M., Ludyga, S., Brand, S., & Gustafsson, H. (2018). Effects of stress and mental toughness on burnout and depressive symptoms: a prospective study with young elite athletes. *Journal of Science and Medicine in Sport*, 21(12), 1200-1205. <https://doi.org/10.1016/j.jsams.2018.05.018>
- Gomes, R. (2007). Liderança e gestão de equipas desportivas: desenvolvimento de um guião de entrevistas para treinadores. In J. Cruz, J. Silvério, A. Gomes, & C. Duarte (Eds.). *Actas da conferência internacional de psicologia do desporto e exercício* (pp. 100-115). Braga: Universidade do Minho.
- Gulam, A. (2016). Role of mass media in sports communication. *International Journal of Advanced Educational Research*, 1(5), 51-53.
- Hastie, P. & Glotova, O. (2012). Analysing qualitative data. In K. Armour & D. Macdonald (Eds.). *Research methods in physical education and youth sport* (pp. 309-320). Londres: Routledge.
- Hastie, P. & Hay, P. (2012). Qualitative approaches. In K. Armour & D. Macdonald (Eds.). *Research methods in physical education and youth sport* (pp. 79-84). Londres: Routledge.
- Horne, J. (2006). *Sport in consumer culture*. Palgrave Macmillan.
- Howle, T. C. & Eklund, R. C. (2013). The effect of induced self-presentation concerns on cognitive appraisal and affect. *Anxiety, Stress, & Coping an International Journal*, 26(6), 700-710. <https://doi.org/10.1080/10615806.2013.763934>
- Hughes, G. & Fill, C. (2007). Redefining the nature and format of the marketing communications mix. *The Marketing Review*, 7(1), 45-57. <https://doi.org/10.1362/146934707X180677>
- Hutchins, B. & Rowe, D. (2012). *Sport beyond television: the internet, digital media and the rise of networked media sport*. Londres: Routledge.
- Kristiansen, E., Halvari, H., & Roberts, G. C. (2012). Organizational and media stress among professional football players: testing an achievement goal theory model. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, 22(4), 569-579. <https://doi.org/10.1111/j.1600-0838.2010.01259.x>
- Kristiansen, E., Roberts, G. C., & Sisjord, M. K. (2011). Coping with negative media content: The experiences of professional football goalkeepers. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 9(4), 295-307. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2011.623451>
- Lazarsfeld, P., Berelson, B., & Gaudet, H. (1948). *The people's choice* (2ª ed.). Nova York: Columbia University Press.
- Machado, A. (2010). A imagem dos treinadores de futebol na perspectiva dos jornalistas. *Pulsar*, 2(2).
- Masturelli, J. M. & Oliveira, A. L. (2005). Treinadores de futebol de alto nível: as evidentes dificuldades que cercam a produtividade destes profissionais. In XI Simpósio Internacional Processo Civilizador, Tecnologia e Civilização. Ponta Grossa.
- Michailidis, Y. (2014). Stress hormonal analysis in elite soccer players during a season. *Journal of Sport and Health Science*, 3(4), 279-283. <https://doi.org/10.1016/j.jsbs.2014.03.016>
- Nogueira-Martins, M. C. F. & Bógus, C. M. (2004). Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. *Saúde e Sociedade*, 13(3), 44-57. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902004000300006>
- Olmedilla, A., Ruiz-Barquín, R., Ponseti, F. J., Robles-Palazón, F. J., & Garcia-Mas, A. (2019). Competitive psychological disposition and perception of performance in young female soccer players. *Frontiers in Psychology*, 10, 1168. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01168>
- Olusoga, P., Maynard, I., Hays, K., & Butt, J. (2012). Coaching under pressure: a study of Olympic coaches. *Journal of Sports Sciences*, 30(3), 229-239. <https://doi.org/10.1080/02640414.2011.639384>
- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative research and evaluation methods* (3ª ed.). Thousand Oaks: Sage.
- Pederson, P. S., Miloch, K., & Laucella, P. (2007). *Strategic sport communication*. Engelska. Human Kinetics Publishers.
- Quintela, J. L. (2006). *Comunicação Financeira: transparência nos sites das empresa cotadas*. Lisboa: PressLivre.
- Quintela, J. L. (2020). O diretor de comunicação no futebol: perfis e tendências nos “três grandes” clubes portugueses. *PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review*, 9(1), 21-41. <https://doi.org/10.5585/podium.v9i1.13748>
- Rosado, A., Marques dos Santos, A., & Guillén, F. (2012). Estrategias de coping en jugadores de baloncesto de alta competición. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 7(1), 125-147.
- Rowe, D. (2004). *Sport, culture and the media: the unruly trinity*. Maidenhead: Open University Press.
- Salvador, A. & Costa, R. (2009). Coping with competition: neuroendocrine responses and cognitive variables. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 33(2), 160-170. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2008.09.005>

- Silva, L. S. (2011). *Futebol, media e sociedade: um fenómeno de sucesso*. Tese de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.
- Straus, A. L. (2003). *Qualitative analysis for social scientists* (14ª ed.). Cambridge: Cambridge University Press.
- Tench, R., Verčič, D., Zerfass, A., Moreno, A., & Verhoeven, P. (2017). *Communication excellence: how to develop, manage and lead exceptional communications*. Londres: Palgrave Macmillan.
- Wang, J. & Straub, W. (2012). An investigation into the coaching approach of a successful world class football coach: Anson Dorrance. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 7(3), 431-447. <https://doi.org/10.1260%2F1747-9541.7.3.431>
- Wenner, L. A. & Billings, A. C. (2017). *Sport, media and mega-events*. Nova York: Routledge.
- Zucker, H. G. (1978). The variable nature of news media influence. *Annals of the International Communication Association*, 2(1), 225-240. <https://doi.org/10.1080/23808985.1978.11923728>

Contributos para a história do desporto em Portugal

Contributions to the history of sport in Portugal

Fernando Moreira^{1,2*} , Daniela Fonseca^{1,2} 

RESUMO

Na passagem do século XIX para o século XX, o desporto em Portugal, nas mais diversas modalidades, conheceu um incremento assinalável. A reflexão que se propõe, precedida de uma curta passagem pela semântica da palavra desporto em língua portuguesa em épocas históricas distintas e de uma filiação nos quesitos socráticos quanto à importância da educação física/desporto para o bem estar humano, sinaliza, baseada em notícias da revista *Ilustração Portuguesa* e com especial enfoque nos anos compreendidos entre 1909-1912, o recrudescimento positivo da prática desportiva em Portugal, lazer e competição, nesses anos que precederam a primeira participação do país nas Olimpíadas da era moderna, em Estocolmo.

PALAVRAS-CHAVE: desporto; história; lazer; competição; *Ilustração Portuguesa*.

ABSTRACT

At the turn of the 19th to the 20th century, sport in Portugal, in its most diverse forms, experienced a remarkable increase. The proposed reflection, preceded by a short passage through the semantics of the word sport in the Portuguese language in different historical periods and a filiation on the Socratic questions about the importance of physical education/sport for human welfare, signals based on news of the magazine *Ilustração Portuguesa* and with particular focus on the years between 1909-1912, the positive growth of sports practice in Portugal, leisure and competition, in those years preceding the first participation of the country in the Olympics of the modern era, in Stockholm.

KEYWORDS: sport; history; leisure; competition; *Ilustração Portuguesa*.

INTRODUÇÃO

Num dos debates de Sócrates com dois irmãos de Platão, Lísias e Eutidemo, e também na presença do seu pai, Céfalos, em torno da definição de justiça que estes pretendem que se prove que é intrinsecamente boa, o filósofo grego, segundo Maria Helena da Rocha Pereira (1980, p. XXII), “transfere a sua análise do indivíduo para a cidade”, uma cidade que de primitiva passara a luxuosa, necessitando, por isso, de um conjunto de tarefas especializadas a realizar; precisava também de soldados que a defendessem, “guardiões com um treino próprio” (Pereira, 1980, p. XXII), nomeadamente serem educados pela música e pela ginástica. A justiça é, juntamente com a sabedoria, a coragem e a temperança, um dos quatro elementos da cidade perfeita. Este

debate em torno da educação assinala o que Paul Friedlander (1964) considera ser o momento de “substituição de uma tradição oral decorada por um sistema de instrução e educação completamente diferente” da cultura grega (Friedlander, 1964, p. 198), ou seja, a substituição da poesia por um ensino apoiado na filosofia, na *noesis* (inteligência, razão intuitiva).

Um perfeito guardião teria que ser “por natureza filósofo, fogueiro, rápido e forte” (Platão, 1980, p. 86) e, por isso, a ginástica para o corpo era essencial desde a tenra idade, temperada pela aprendizagem musical pois “Os que praticam exclusivamente a ginástica acabam por ficar mais grosseiros do que convém, e os que se dedicam à música tornam-se mais moles do que lhes ficaria bem” (Platão, 1980, p. 149).

¹Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Vila Real, Portugal.

²Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho – Braga, Portugal.

*Autor correspondente: Quinta de Prados, 5000-801 – Vila Real, Portugal. E-mail: fmoreira@utad.pt

Conflito de interesses: nada a declarar. **Financiamento:** Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., sob o projeto com a referência UIDB/00376/2020.

Recebido: 27/12/2021. **Aceite:** 02/07/2022.

Aplicava-se já, na velha Grécia, a máxima que os Romanos seus herdeiros tornariam célebre, após fixação pelo poeta Juvenal para o que as pessoas deviam desejar para a vida: *Mens sana in corpore sano*.

As vantagens do exercício físico (e de uma alimentação adequada) compõem a educação de Carlos n' *Os Maias*, seguindo o que aí se designa como um sistema inglês, que os bem portugueses Teixeira (o feitor da família Maia) e a sua mulher Gertrudes desaprovam em absoluto (Queirós, s.d., pp. 57-58); Carlos foi educado “com uma vara de ferro: dormir sozinho aos 5 anos, levantar cedo, banho matinal de água fria” e “correr, cair, trepar às árvores, molhar-se, apanhar soalheiros [...] e depois o rigor com as comidas” além de remar e fazer trapézio (Queirós, s.d., pp. 57-58). Brown, o seu preceptor inglês, invertendo a máxima aduzida, era taxativo quanto aos princípios básicos de uma educação: “Primeiro forrça! Forrça! Músculo...” porque

O primeiro dever do homem é viver. E para isso é necessário ser são, e ser forte. Toda a educação consiste nisto: criar a saúde, a força e os seus hábitos, desenvolver exclusivamente o animal, armá-lo de uma grande superioridade física. Tal como se não tivesse alma. A alma vem depois (Queirós, s.d., p. 63).

Com isto concordava enfaticamente Afonso da Maia: “Bela coisa, a ginástica”, mas o abade Custódio, defensor do ensino latim e da cartilha antes de tudo, replicava: “Esta educação faz atletas, mas não faz cristãos” (Queirós, s.d., p. 66). O velho abade da casa de Santa Olávia optava por um modelo educativo de que era exemplo o cristão Eusébio da Silveira, o Eusebiozinho, que recitava mecanicamente versos decorados para gáudio dos (alguns) mais velhos, mas

estava enfezado, estiolado, por uma educação à portuguesa: daquela idade ainda dormia no choco com as criadas, nunca o lavavam para o não constiparem, andava couraçado de rolos de flanelas! Passava os dias nas saias da titi a decorar versos, páginas inteiras do “Catecismo da Perseverança” (Queirós, s.d., p. 78).

sendo mais velho uns meses que Carlos o qual “Crescia belo e forte” (Queirós, s.d., p. 79). Coincidência ou não, as décadas finais do século XIX, inícios do século XX, viam emergir a prática desportiva, em termos individuais ou coletivos, bem como uma atitude e modo de estar em sociedade muito apoiada na prática de exercício físico associada ao lazer e ao desporto. Portugal não foi alheio a esta nova realidade e a presente pesquisa tem por objetivo contribuir para a

história do desporto português, tomando como foco de análise as notícias publicadas na revista *Ilustração Portuguesa*, uma publicação do jornal *O Século*, entre os anos de 1909-1912, a qual, para além de ser uma das poucas revistas que dedicaram espaço relevante ao desporto, aliava à reportagem escrita uma inovadora ilustração fotográfica. A escolha do período em causa está aliada aos anos que precedem a preparação da primeira presença de Portugal nos Jogos Olímpicos da Era Moderna, em Estocolmo, 1912. Usando uma metodologia qualitativa apoiada numa hermenêutica textual, foi efetuada não só uma coleta de dados a partir dos artigos/reportagens publicados na *Ilustração Portuguesa* e respetiva análise enquanto fenómeno social, mas também se traçou um percurso histórico da palavra desporto e das semânticas que lhe estavam associadas até aos finais do século XIX.

PERCURSOS DE UMA PALAVRA...

De acordo com José Pedro Machado (1977), no seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, a palavra desporto deriva do francês *desport*, sendo divergente de *deport* que significa divertimento, jogo (e também *déporter*, que se traduz por aguentar, salvaguardar, suportar); ambos os termos franceses tiveram origem no latim *deportare* que, ainda seguindo Machado (1977, p. 324), “em época tardia tomaria os sentidos de ‘suportar’ e ‘se divertir’”, sentidos ainda hoje profundamente ligados à prática desportiva em geral.

Com o significado de divertimento/lazer, é possível encontrar, já no século XV, em Portugal, o uso da palavra ‘desporto’, conforme reporta o cronista do reino Rui de Pina na sua *Crónica de D. Afonso V*, capítulo 203: “mas per outro caminho em que per seu desporto todos os pryncipaaes juntamente comiam e folgavam” (Pina, 1790-1793, p. 584). Também o poeta Sá de Miranda, agora por meados do século XVI, segue a mesma aplicação semântica do termo em referência inserida na *Carta a D. Fernando de Meneses*: “Por i passeia e vai a seus deportes” (Miranda, 1937, p. 99). Como se pode verificar, as duas formas de grafar faziam o seu percurso de uso.

Ainda no século XVI, mais para o seu final, André Falcão de Resende, na *Epístola IV*, regressa à lição de Sócrates nas recomendações que dá a um fidalgo cortesão: “E aqui, como em escola / Com todos bem me exercito, / Ou com lição pera o ‘spirito, / Ou pera o corpo co’a bola” (Resende, 2001, p. 43). Na mesma linha significativa segue D. Francisco Manuel de Melo no século seguinte, colocando na intervenção de um soldado, personagem de *A Visita das Fontes: Apólogo Dialogal Terceiro*, a seguinte afirmação: “Vede-me a mi aqui, que, por mais desencadernado de trajo e desprezível de figura que esteja, sei dançar, esgrimir, toco a minha guitarra” (Melo, 2004, p. 72).

Cairiam em desuso estas asserções vindas do francês; no final do século XIX será o anglicismo *sport* que entrará diretamente na correnteza da língua portuguesa, ainda que surgido, segundo José Pedro Machado (1977), já no século XV e que teria tomado o sentido moderno de ‘jogo’ e ‘divertimento’ no século XVI; o mesmo dicionarista assinala que *sport* “continua hoje [1952] com bastante uso em Portugal” (Machado, 1977, p. 324).

O DESPORTO NA ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

O desporto de competição (individual e coletivo) seria institucionalizado em moldes organizados internacionais com a criação do Comité Olímpico Internacional pelo barão Pierre de Coubertin e pela realização dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna em 1896, Atenas; contudo, a ideia de ‘sportsman’ não coincidia com a vertente competitiva pura, sendo antes uma atitude social que persistiria, pelo menos nas primeiras décadas do século XX, surgindo ligada a um determinado estatuto social.

A par dos tradicionais desportos organizados como a esgrima e o hipismo, ambos profundamente ligados às patentes militares mais elevadas, surgiram outras modalidades como o ténis ou o remo, aquele mais como divertimento, este mais do foro competitivo; outros desportos, como o futebol, ganhariam protagonismo crescente na viragem do século XIX para o século XX, e Portugal acompanhava essas mudanças que se revelariam profundas, não só a nível da ocupação dos tempos livres como das competições organizadas e consequente impacto nas sociedades e relação entre países, duas vertentes que, embora em moldes diferentes, ainda hoje subsistem; o papel desempenhado pela realização dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna seria essencial nessas mudanças.

Enquanto fenómeno social, as diferentes atividades desportivas ocupariam um lugar de destaque, e por direito próprio, nas páginas da imprensa escrita, que desempenhou, simultaneamente, um valioso papel na sua divulgação e promoção. Surgida em 1903, no âmbito do jornal *O Século*, a revista *Ilustração Portuguesa* (IP), de periodicidade semanal, é disso um bom exemplo; caracterizava-se por ser uma publicação onde pontificava a reportagem fotográfica e a composição gráfica com gravuras e apresentou-se, editorialmente, como uma “revista semanal dos acontecimentos da vida portuguesa – vida social, vida política, vida artística, vida literária, vida mundana, *vida sportiva* [grifo nosso], vida doméstica”. O *sport* (assim se escrevia na época) passaria a ter lugar cativo nas páginas deste semanário, o que atesta a sua importância crescente; regista-se, em seguida, alguns

apontamentos sobre as notícias desportivas nas páginas da *Ilustração Portuguesa* entre os anos de 1908 — data dos Jogos Olímpicos em Londres nos quais Portugal não participou — e 1912, ano em que o nosso país participou pela primeira vez nas Olimpíadas, em Estocolmo. Intenta-se fornecer elementos sobre que tipos de modalidades se interessava (e praticava) a sociedade portuguesa.

Os Jogos de Londres são reportados ao longo de sete páginas do nº 140 da IP, com particular realce para a corrida da Maratona; o repórter também não se coíbiu de comentar a ausência portuguesa de forma irónica: “22 nações se fizeram representar com excepção de Portugal é claro — nós *polimos calçadas*, passeamos na rua do Ouro ou pegamos touros, géneros de sport que a civilização não reconhece” (*Ilustração Portuguesa*, 1908); para além das onze fotos ilustrativas do evento, o artigo traça um histórico das anteriores edições da maratona e dos trágicos episódios nelas sucedidos, assinalando também o facto de, nos intervalos das sessões desportivas diurnas se servirem “as mais opíparas refeições” (*Ilustração Portuguesa*, 1908).

Em fevereiro de 1909, a IP dá notícia do “Concurso do Real Gymnasio”, com provas de corridas e tração de corda (*Ilustração Portuguesa*, 1909a, p. 255), sendo que esta última competição era a modalidade olímpica designada como Cabo de Guerra; em abril do mesmo ano, sob o título “Sports”, a revista informa, com fotos, sobre provas de corrida, ginástica, salto em altura e luta de tração — a tração de corda (*Ilustração Portuguesa*, 1909b, pp. 438-440) —, de salto em comprimento, corrida de obstáculos, luta de tração e salto de vara (*Ilustração Portuguesa*, 1909c, pp. 498-499); no mês de junho, há notícias de uma regata de remos e de uma prova de ciclismo no velódromo de Palhavã (*Ilustração Portuguesa*, 1909d, pp. 752-756), além de uma festa desportiva com corridas, corrida de obstáculos e salto em altura promovida pelo Sport Portuense, um clube de futebol (*Ilustração Portuguesa*, 1909e, p. 825); o mês de julho traz novidades sobre o ténis e esgrima no Porto (*Ilustração Portuguesa*, 1909f, p. 32), boxe no Campo Pequeno (*Ilustração Portuguesa*, 1909g, p. 42), de uma regata de canoas promovida pelo Real Club Naval de Lisboa (*Ilustração Portuguesa*, 1909h, pp. 215-216), uma outra regata no Porto (*Ilustração Portuguesa*, 1909i, pp. 234-235) e de um jogo de futebol promovido pelo exército (*Ilustração Portuguesa*, 1909j, p. 297).

No último dia de janeiro de 1910, a IP dava destaque ao “Grande match de Foot-ball entre os ingleses do Carcavelos Club e o Sport Lisboa e Benfica (*Ilustração Portuguesa*, 1910a, pp. 142-143), publicando, na semana seguinte, uma foto do “1º grupo de foot-ball do lyceu da Horta”, nos Açores, com o título “O sport nos lyceus” (*Ilustração Portuguesa*, 1910b, p. 191).

A rápida implantação da prática (e da criação de clubes) de futebol e a promoção de jogos de exibição (e já competitivos) comprova-se pela caixa da notícia que dá conta de um encontro entre um misto de jogadores de Lisboa, o Internacional Club de Futebol, e o Foot-ball Club do Porto (Ilustração Portuguesa, 1910c, p. 431). O desporto continuava ainda muito ligado às forças militares e no quartel de Engenharia foi promovida uma “festa sportiva” com praticantes de salto em altura e de luta de tração (Ilustração Portuguesa, 1910d, pp. 402-403). A *Ilustração Portuguesa* de 9 maio de 1910 reporta “um sport de luxo — a caçada ao veado” (Ilustração Portuguesa, 1910e, p. 577), um “Match de Foot-ball no Lumiar” entre ingleses e portugueses (Ilustração Portuguesa, 1910e, p. 581) e um “Torneio de Escolas de Lisboa”, competição que se compunha de corrida de resistência, lançamento do disco, peso e salto em comprimento, e corrida de velocidade (Ilustração Portuguesa, 1910e, p. 556); no mês subsequente havia notícia da “Regata da Taça de Lisboa” (Ilustração Portuguesa, 1910f, pp. 710-723), de uma corrida da Maratona e de um torneio de esgrima na Penhalonga, de um “Match de Tennis D’Ajuda” jogado por pares mistos e de uma “Festa Sportiva na Escola Académica”, com corridas de obstáculos, boxe, esgrima, patinagem, jogo do pau, volteio e galope (Ilustração Portuguesa, 1910g, pp. 818; 824-826).

O primeiro semestre de 1911, talvez por implicações do ainda recente derrube da monarquia, é parco em notícias de desporto; mesmo assim, dá-se a conhecer uma parada ciclista, com fotografia do grupo frente ao arco da rua Augusta, no Terreiro do Paço (Ilustração Portuguesa, 1911a, p. 87), de fotos da “Primeira partida de Hockey jogada em Lisboa”, hóquei em campo masculino com a curiosidade de ter sido arbitrado por uma senhora inglesa (Ilustração Portuguesa, 1911b, p. 165), de uma exibição de “jogadores de soco” estrangeiros no Coliseu de Lisboa (Ilustração Portuguesa, 1911c, p. 560), do primeiro “cross country oficial organizado” (7 equipas e 48 concorrentes) no campo de futebol do Lumiar, em que um dos premiados foi o futuro malogrado maratonista Francisco Lázaro (Ilustração Portuguesa, 1911d, p. 629) e ainda um “Match de Foot-ball disputado entre estudantes de Bordéus e os grupos Portuguezes”, no campo de Benfica, com fotos das equipas participantes e de momentos do jogo (Ilustração Portuguesa, 1911e, p. 693). Na segunda metade de 1911 é notícia o “Match de Cricket em Carcavelos” entre portugueses e ingleses da “companhia do Cabo Submarino” que assinala o recomeço dos torneios da modalidade na Quinta Nova (Ilustração Portuguesa, 1911h, p. 366), uma prova de atletismo no Lumiar promovida pelo Sport Grupo Progresso, o “curso de Atiradores civis na Carreira de Pedrouços integrado no campeonato de tiro de Lisboa (Ilustração Portuguesa, 1911f, pp. 85; 88), a regata

da taça de Lisboa em que participaram, entre outros, o Club Naval de Lisboa e o Gymnasio Club Figueirense (Ilustração Portuguesa, 1911g, p. 112-113). Os efeitos da República faziam-se sentir também no desporto e é novidade o anúncio da realização da Regata 5 de Outubro, que também é notícia pelo facto de uma das embarcações da corrida de quatro do Club Naval se ter escangalhado antes do início da prova (Ilustração Portuguesa, 1911j, p. 507), e as festas desportivas no aniversário do novo regime político com corridas de bicicleta e motocicleta, uma “matinée athletica” em que se bateram *records* de força (leia-se halterofilismo) (Ilustração Portuguesa, 1911i, pp. 491-2) e, finalmente, uma prova promovida pela UVP para bicicletas e motocicletas entre o Porto e Lisboa, evento ilustrado com fotos dos concorrentes, das autoridades da corrida e de assistentes em grande número: as motos demoraram 7 horas a percorrer a distância e os ciclistas 16 horas (Ilustração Portuguesa, 1911k, pp. 609-613).

No ano de 1912, as notícias de desporto em Portugal faziam-se cada vez mais em torno do futebol; em março, a IP anunciava um “Desafio de foot-ball entre os teams do Porto e do Internacional” realizado no Campo das Laranjeiras (Ilustração Portuguesa, 1912a, p. 339) e um outro “Desafio de foot-ball entre francezes e portuguezes” em que “os nossos jogadores foram de uma extrema correção” (Ilustração Portuguesa, 1912b, p. 504); era ainda um desporto para ‘gentlemen’, impulsionado por estrangeiros, especialmente ingleses, e ainda sem competições organizadas. É certo que, como se comprova a seguir, a disseminação do futebol pelo país se fazia e bom ritmo e pequenos torneios/encontros de exibição eram organizados; por exemplo, em 22 de abril de 1912, a IP trazia a informação sobre um “torneio de futebol entre os clubes ‘Fayal Sports’ e ‘Académico’, ambos e Ponta Delgada, Açores e um jogo de futebol integrado numa festa desportiva, em Castelo Branco, “com assistência de pé e em cadeiras de guarda-sol” (Ilustração Portuguesa, 1912c, p. 365); a finalizar o primeiro semestre de 1912, a revista informa, sob a rubrica “Sport Portuense”, provas de esgrima, ciclismo e salto de obstáculos de sebo (Ilustração Portuguesa, 1912e, p. 828). Convém deixar aqui destaque para os “Jogos Olímpicos Nacionais”, um “Campeonato dos Sports Athleticos” para apuramento para os jogos de Estocolmo, no mês de maio, que foram descritos como uma festa e “mais uma afirmação do desenvolvimento do sport em Portugal” (Ilustração Portuguesa, 1912d, p. 627).

Apesar deste otimismo e também como ficou patente na descrição feita anteriormente dos desportos praticados em Portugal entre 1908 e 1912, o que é facto é que o país apenas se fez representar com oito atletas nos Jogos Olímpicos de Estocolmo, distribuídos pelo atletismo (4), luta greco-romana (2) e esgrima (1), três das 15 modalidades em competição.

Os números da *Ilustração Portuguesa* publicados no segundo semestre de 1912 contêm 45 notícias de competições desportivas, desde corridas de automóveis ao ciclismo, concurso de tiro, natação, hipismo, regatas, ténis ou futebol; deste último desporto regista-se uma plêiade de clubes digna de registo, pelo número e pela implantação geográfica: Foot-ball Club do Porto, Boavista Foot-ball Club, Sport Lisboa & Benfica, Sport Marítimo do Funchal, Grupo Sport Club de Benguela, Leixões Sport Club, Sport Club Esperança de Portalegre, Club Angrense de Foot-ball, Internacional Club da Cruz Quebrada e Carcavelos Club, os dois últimos constituídos por comunidades estrangeira.

EM JEITO DE CONCLUSÃO

Regressando aos apontamentos iniciais desta reflexão em que se invocavam os ensinamentos de Sócrates sobre a importância da ginástica na formação do indivíduo e em que se perspetivou a(s) evolução(ões) semântica(s) da palavra desporto em textos de diferentes épocas e exemplificou com um período específico, pode concluir-se, na sequência da pesquisa realizada, que a dinâmica trazida à sociedade portuguesa no início do século XX com a adesão à prática de desportos físicos quer para lazer, quer em termos de competição, quer, sobretudo, como elemento integrante e necessário nos currículos educativos é uma realidade bem espelhada nas páginas da *Ilustração Portuguesa* (1909-1912). Entre os vários desportos que se popularizaram, o maior destaque vai para o futebol, com o surgimento de clubes por todo o país, ilhas incluídas, e o conseqüente aumento exponencial do número de praticantes, uma realidade a que não foi alheia a influência estrangeira, particularmente inglesa. Por estes tempos, a prática desportiva, mesmo que ainda circunscrita em algumas disciplinas a classes sociais bem identificadas, torna-se cada vez mais um fenómeno social alargado e transversal, até porque é tida agora como complemento necessário à educação, recuperando o já prescrito por Sócrates milénios antes para a cidade grega. Está-se no início de uma nova era para os denominados desportos físicos, recomendados para meninas e rapazes como forma de “robustecimento da raça”, segundo se escrevia na *Ilustração Portuguesa* no final de 1912 (*Ilustração Portuguesa*, 1912f, p. 855) e onde se destacava, exemplarmente, as inúmeras vantagens de praticar futebol, nomeadamente pelo seu contributo para o desenvolvimento muscular e pelo facto de, enquanto atividade física e desportiva, reunir todas as mais-valias das corridas ao ar livre.

REFERÊNCIAS

- Friedlander, P. (1964). *Plato* (v. I). Nova York: Panthen Books.
- Ilustração Portuguesa*. (1908). *Ilustração Portuguesa*, (40).
- Ilustração Portuguesa*. (1909a). *Ilustração Portuguesa*, (150).
- Ilustração Portuguesa*. (1909b). *Ilustração Portuguesa*, (163).
- Ilustração Portuguesa*. (1909c). *Ilustração Portuguesa*, (164).
- Ilustração Portuguesa*. (1909d). *Ilustração Portuguesa*, (173).
- Ilustração Portuguesa*. (1909e). *Ilustração Portuguesa*, (175).
- Ilustração Portuguesa*. (1909f). *Ilustração Portuguesa*, (176).
- Ilustração Portuguesa*. (1909g). *Ilustração Portuguesa*, (177).
- Ilustração Portuguesa*. (1909h). *Ilustração Portuguesa*, (182).
- Ilustração Portuguesa*. (1909i). *Ilustração Portuguesa*, (183).
- Ilustração Portuguesa*. (1909j). *Ilustração Portuguesa*, (185).
- Ilustração Portuguesa*. (1910a). *Ilustração Portuguesa*, (206).
- Ilustração Portuguesa*. (1910b). *Ilustração Portuguesa*, (207).
- Ilustração Portuguesa*. (1910c). *Ilustração Portuguesa*, (215).
- Ilustração Portuguesa*. (1910d). *Ilustração Portuguesa*, (216).
- Ilustração Portuguesa*. (1910e). *Ilustração Portuguesa*, (220).
- Ilustração Portuguesa*. (1910f). *Ilustração Portuguesa*, (224).
- Ilustração Portuguesa*. (1910g). *Ilustração Portuguesa*, (227).
- Ilustração Portuguesa*. (1911a). *Ilustração Portuguesa*, (256).
- Ilustração Portuguesa*. (1911b). *Ilustração Portuguesa*, (259).
- Ilustração Portuguesa*. (1911c). *Ilustração Portuguesa*, (271).
- Ilustração Portuguesa*. (1911d). *Ilustração Portuguesa*, (272).
- Ilustração Portuguesa*. (1911e). *Ilustração Portuguesa*, (275).
- Ilustração Portuguesa*. (1911f). *Ilustração Portuguesa*, (281).
- Ilustração Portuguesa*. (1911g). *Ilustração Portuguesa*, (283).
- Ilustração Portuguesa*. (1911h). *Ilustração Portuguesa*, (291).
- Ilustração Portuguesa*. (1911i). *Ilustração Portuguesa*, (295).
- Ilustração Portuguesa*. (1911j). *Ilustração Portuguesa*, (296).
- Ilustração Portuguesa*. (1911k). *Ilustração Portuguesa*, (316).
- Ilustração Portuguesa*. (1912a). *Ilustração Portuguesa*, (316).
- Ilustração Portuguesa*. (1912b). *Ilustração Portuguesa*, (321).
- Ilustração Portuguesa*. (1912c). *Ilustração Portuguesa*, (323).
- Ilustração Portuguesa*. (1912d). *Ilustração Portuguesa*, (325).
- Ilustração Portuguesa*. (1912e). *Ilustração Portuguesa*, (331).
- Ilustração Portuguesa*. (1912f). *Ilustração Portuguesa*, (358).
- Machado, J. P. (1977). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Melo, D. F. M. de (2004). *A Visita das Fontes: Apólogo Dialogal Terceiro* (n. 31). Lisboa: FCG.
- Miranda, S. de (1937). *Obras Completas* (v. 2). Lisboa: Sá da Costa.
- Pereira, M. H. (1980). Introdução. In Platão (Ed.), *A República* (pp. V-LIII). FCG.
- Pina, R. de (1790-1793). *Inéditos Históricos* (v. 1). Lisboa: Academia Real das Ciências.
- Platão (1980). *A República*. Lisboa: FCG.
- Queirós, E. de (s/d). *Os Maías*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Resende, A. F. de (2001). *História e Antologia da Literatura Portuguesa: século XVI*. Lisboa: FCG.

A mediatização do “racismo”? Análise a partir da representação dos casos Marega, Webó e Diakhaby nas primeiras páginas da imprensa

The mediatisation of “racism”? Analysis from the representation of Marega, Webó and Diakhaby cases in the media covers

Fábio Ribeiro^{1,2*} , Susana Pimenta^{1,2,3} 

RESUMO

Este artigo pretende refletir sobre a dimensão mediática do fenómeno racismo na primeira página dos jornais, a partir da análise de três episódios polémicos observados no futebol, que envolveram jogadores negros, a saber, Moussa Marega, Pierre Webó e Mouctar Diakhaby, entre 2020 e 2021. Opta-se por uma metodologia qualitativa, com a análise formal e textual de um *corpus* selecionado das primeiras páginas de periódicos generalistas e desportivos. Através deste estudo de caso, conclui-se que o *corpus*, na generalidade, representa uma condenação das alegadas atitudes racistas enquanto crime público, quer através do discurso linguístico quer através das imagens selecionadas, gerando uma narrativa de solidariedade para com os futebolistas envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: racismo; desporto; futebol; imprensa; primeira página.

ABSTRACT

This article seeks to discuss the mediatisation of racism on the front page of newspapers, based on the analysis of three controversial episodes in football involving black players, namely Moussa Marega, Pierre Webó and Mouctar Diakhaby, between 2020 and 2021. A qualitative methodology was carried out, following a formal and textual analysis of a corpus selected from the front pages of generalist and sports newspapers. The analysis suggests that the general condemnation of some alleged racist practices, portrayed as a public crime, comes after a particular linguistic discourse and through a specific selection of images, generating a narrative of solidarity with the footballers involved.

KEYWORDS: racism; sports; football; press; front page.

INTRODUÇÃO

O racismo é um assunto candente nas sociedades contemporâneas. O desporto e o futebol, em particular, configuram outra das arenas simbólicas onde a sociabilidade encontra espaços de expressão individual e coletiva. Por isso, nestes ambientes de grande concentração de pessoas e culturas, não é estranha a utilização de grandes desígnios sociais apoiados numa promoção da prática desportiva saudável, mas que extravasa a saúde física. A UEFA e a FIFA, apenas para citar

alguns exemplos, desenvolvem frequentemente campanhas nos relvados internacionais onde a expressão “No to Racism” é utilizada e promovida. Estas ações transitam igualmente para o terreno dos meios digitais e dos meios tradicionais de comunicação. A partir desta premissa relativamente elementar, que aponta uma perceção contextual factual, este artigo procura deslocar a atenção para a representação dos média sobre episódios onde a temática do racismo esteve, de algum modo, em destaque, para tentar observar uma parte

¹Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Vila Real, Portugal.

²Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho – Braga, Portugal.

³Instituto Politécnico de Bragança – Bragança, Portugal.

*Autor correspondente: Quinta de Prados, 5000-801 – Vila Real, Portugal. E-mail: fabior@utad.pt

Conflito de interesses: nada a declarar. **Fonte de financiamento:** Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020 (financiamento base) e UIDP/00736/2020 (financiamento programático).

Recebido: 02/05/2022. **Aceite:** 24/08/2022.

da realidade que enfatiza este tipo de fenómenos. Com base nas primeiras páginas de jornais nacionais e internacionais, procuraremos refletir sobre a dimensão mediática de alguns episódios futebolísticos, envolvendo jogadores e dirigentes em torno de polémicas alegadamente associadas ao racismo, com o objetivo de compreender de que modo os média se posicionam relativamente a estes fenómenos.

Racismo e desporto: o que entra em campo?

No *Dictionnaire des racismes, de l'exclusion et des discriminations* (Benbassa, 2010), *racismo* é entendido por “tout mécanisme essentialisant les différences entre les groupes majoritaires e minoritaires présents dans une société, ainsi qu'entre cette société et les populations étrangères vivant hors ses frontières [qualquer mecanismo que torne essenciais as diferenças entre grupos maioritários e minoritários numa sociedade, e entre essa sociedade e as populações estrangeiras fora das suas fronteiras]” (Benbassa, 2010, p. 569). De acordo com o mesmo dicionário, os comportamentos racistas promovem o ódio identitário e a rejeição do outro, o que inclui todos os outros tipos de discriminação: antissemitismo, misoginia, homofobia, etc. Na definição do historiador Francisco Bethencourt (2015), em *Racismos: das cruzadas ao século XX*,

O racismo atribui um único conjunto de traços físicos e/ou mentais reais ou imaginários a grupos étnicos específicos, acreditando que essas características são transmitidas de geração em geração. Os grupos étnicos são considerados inferiores ou divergentes da norma representada pelo grupo de referência, justificando assim a discriminação ou segregação (Bethencourt, 2015, p. 27).

Embora a presença de negros em Portugal remonte sobretudo ao século XV, existe ainda assim alguma relutância na aceitação da presença africana (ou afrodescendente) na vida sociocultural portuguesa. É de referir que a relação entre portugueses e africanos se desenvolveu assente na superioridade branca e europeia e na subalternidade (quer pela cor, da classe social, ou outra) e invisibilidade africanas, provocando a sua exclusão social. Isabel Castro Henriques (2019), em *A presença africana em Portugal, uma história secular: preconceito, integração, reconhecimento (séculos XV-XX)*, afirma que “a chegada de muitos homens e mulheres africanos introduzidos

em Portugal como escravos, conduz à criação portuguesa de formas de rejeição física e social desses Outros diferentes nos corpos e nos comportamentos” (Henriques, 2019, p. 5). A historiadora refere que,

Se a visibilidade dessa presença é pouco consistente, uma análise atenta e sistemática revela a densidade de uma herança africana silenciosa, frequentemente assinalada para registar fenómenos negativos, na organização do país: no trabalho, na produção, na religião, na magia, na festa, na música, na dança, no corpo, na sexualidade, na língua, na toponímia (Henriques, 2019, p. 9).

A esta herança africana, decorrente de uma sociabilidade assimétrica, associam-se os fenómenos racistas. Os trabalhos apresentados em *O estado do racismo em Portugal* (2021), organizados por Sílvia Rodriguez Maeso, provam a existência de racismo em Portugal, assim como evidenciam outras edições anteriores, como *Racismo em português: o lado esquecido do colonialismo* (2016) e *Racismo no país de brancos costumes* (2018), de Joana Gorjão Henriques, que associa a colonização portuguesa como fonte do racismo contemporâneo em Portugal. De acordo com a jornalista, o racismo colonial português “foi um apagão e um arrastão: apagão da cultura africana, obrigando as populações a despirem-se de toda a sua identidade; e um arrastão¹ ideológico, porque contaminou mentalidades de todos os quadrantes e durante séculos, de tal forma que até hoje se verificam os seus efeitos” (Henriques, 2016, p. 15).

No que respeita particularmente à presença do racismo no desporto, relatado ou representado pelos *media*, a literatura é ainda escassa relativamente ao número de episódios de racismo nos estádios. Em Portugal, não se verifica uma recolha sistemática de larga escala de casos de racismo, em particular no futebol, que permita, para além de os noticiar e denunciar (Neves et al., 2021), analisar as motivações e os contextos para que se possa efetivamente procurar meios eficazes de os combater através da educação, dos meios de comunicação social ou do campo da justiça.

Ainda assim, e a partir da identificação das organizações contra o racismo, do campo legal e de iniciativas de educação contra o racismo no desporto em geral, verifica-se um esforço no combate contra o racismo nos últimos anos, mas pouco se reflete na teorização do fenómeno do racismo em contexto desportivo e sobre a forma como é relatado pelos média. O contributo das obras coletivas *Race, Racism and*

¹ O vocábulo “arrastão” é alusivo ao fenómeno noticioso de um alegado “arrastão” (furtos, agressões) na praia de Carcavelos, em 2005, por um grupo de jovens negros, o que reforçou a estigmatização social destes na opinião pública. Sobre este assunto ver Gonçalves Pereira Rosa “O ‘arrastão’ de Carcavelos como onda noticiosa” (2011).

Sports Journalism (Farrington et al., 2012) e *Sport, Racism and Social Media* (Farrington et al., 2015) afiguram-se como ponto de partida desta reflexão e fundamentais para enquadrar o estudo de caso que nos propomos tratar. Estas refletem sobre a importância do jornalismo desportivo no contexto macro dos meios de comunicação e analisam a forma como o conceito “raça” é construído no mundo digital, dado o “crescente protagonismo social e cultural do jornalismo desportivo e o facto de a reportagem desportiva ter o poder e a capacidade para moldar as opiniões das pessoas sobre questões controversas como “raça”, racismo, etnia, nacionalismo e pertença” (Farrington et al., 2012, tradução nossa).

Achille Mbembe, no ensaio *Políticas da inimizade* (2017), admite a existência de um “nanoracismo”, entendido como uma “forma narcótica do preconceito em relação à cor expressa nos gestos anódinos do dia-a-dia” (Mbembe, 2017, p. 95). Este nanoracismo “desavergonhado” atua aparentemente de forma inconsciente, refletindo-se

numa brincadeira, numa alusão ou numa insinuação, num lapso, numa anedota, num subentendido e, é preciso dizê-lo, numa maldade voluntária, numa intenção maldosa, num atropelo ou numa provocação deliberada, num desejo obscuro de estigmatizar e, sobretudo, de violentar, ferir e humilhar, contaminar o que não é considerado como sendo dos nossos (Mbembe, 2017, p. 95).

Na Europa, o racismo é um problema social e cultural decorrente, essencialmente, de séculos da ação colonizadora dos impérios europeus e da descolonização no século XX, mas também do impacto das migrações populacionais e, na atualidade, dos novos movimentos circulatorios motivados “pelo comércio ou pelo negócio, pelas guerras, por desastres ecológicos e catástrofes ambientais, e por transferências culturais de toda a ordem” (Mbembe, 2017, p. 26).

O desporto, em particular o futebol, é um dos campos de “transferências culturais” por excelência. A inclusão de “não-semelhantes” (Mbembe, 2017) nas equipas europeias monocromáticas é uma prática que nasce no tempo colonial e que continua no período das pós-independências. O recrutamento de talentos futebolísticos em África não desacelerou com a queda do domínio das colónias, verificando-se, desde a década de 1990, um aumento da migração de jogadores africanos para a Europa, sobretudo com destino a França, Portugal e Bélgica (Darby, 2006; Melo, 2017).

O impacto da admissão e integração de jogadores oriundos das ex-colónias nas equipas nacionais dos países pós-imperiais

ecoa nos mais diversos discursos. Para além das atitudes violentas das subculturas constituídas pelos adeptos *hooligans* ou *ultras*, nos anos 80-90, as reverberações insultuosas vindas dos adeptos ou público em geral ecoam nos estádios, intensificando-se os insultos dirigidos aos jogadores negros. De acordo com Pedro Almeida (2016, 2018) analisar o desporto permite compreender a realidade social de um país que, no caso de Portugal, servirá para repensar a identidade nacional e assumir a diversidade cultural no território português na totalidade.

Denúncias de racismo: o papel da sociedade civil

A criação de organizações europeias e nacionais, tais como *Football Against Racism in Europe* (FARE)², nos finais dos anos 90 do século XX, ou *Autoridade para a Prevenção e o Combate à Violência no Desporto* (APCVD), criada em Portugal em 2018, e a legislação portuguesa que estabelece o regime jurídico da segurança e combate ao racismo, à xenofobia e à intolerância nos espetáculos desportivos (Assembleia da República, 2009, 2019) ou ainda o *Plano Nacional contra o Racismo e a discriminação 2021-2025* (PNCRD-2021-2025) (República Portuguesa, 2022) visam intervir nos fenómenos de violência na área desportiva, com especial incidência na dissuasão das manifestações de racismo, xenofobia e de intolerância, apelando para o respeito pela diversidade. O PNCRD 2021-2025 procura, entre outras medidas e ações, “encorajar as organizações de adeptos a adotarem protocolos contendo cláusulas antirracismo”, nomeadamente com a associação GOA (Grupos Organizados de Adeptos), representada por vinte e cinco grupos legalizados. As campanhas de sensibilização e educação dos(as) adeptos(as) revelam-se primordiais no combate aos distúrbios nas bancadas motivados por atitudes racistas ou discriminatórias.

Na Europa existem várias iniciativas de denúncia de comportamentos racistas nas sociabilidades do meio desportivo, em particular nas relações entre jogadores e adeptos (ou público em geral). As denúncias e o combate ao racismo surgem do seio do espaço desportivo, partindo principalmente dos jogadores que experienciaram ou observaram “em campo” atitudes de discriminação ou racialização.

Em França, foi lançado o documentário *Je suis pas un singe: le racisme dans le football* (2019), realizado por Marc Sauvourel e pelo ex-jogador Olivier Dacourt, que reúne os testemunhos de jogadores de futebol, de diversas equipas europeias, vítimas de gestos, gritos e/ou insultos racistas por parte dos espectadores. Nomes como Samuel Eto'o, Samuel Umititi, Patrick Vieira ou Mario Balotelli expõem episódios

² Organização parceira da UEFA e da FIFA.

marcantes de discriminação pública, assentes na cor da pele. O documentário pretende desconstruir o fenómeno do racismo nos estádios de futebol, mas os realizadores estão cientes que ainda é difícil abolir um fenómeno socialmente enraizado há demasiado tempo. Este contributo fílmico afigura-se tão-só como mais um apelo ao combate contra o racismo, ao que se seguiu o documentário *Outraged* (Bisset, 2020), promovido pela UEFA (União das Federações Europeias de Futebol).

Em França, a *Fondation Lilian Thuram — Éducation contre le racisme*, criada pelo ex-jogador de futebol Lilian Thuram em 2008, promoveu a exposição *Des Noirs dans les Bleus*, consciente da necessidade de trazer para o debate público a questão do racismo representada na equipa francesa. O ensaio *La pensée blanche* (Thuram, 2020) (Trad. *Pensamento branco*, Thuram, 2022), de Thuram em torno do racismo, enquanto ideologia e sistema hierárquico das sociedades modernas, é considerado uma “ferramenta pedagógica para a educação contra o racismo no contexto europeu” (Pimenta, 2021, p. 181).

No Reino Unido, a plataforma digital *Show Racism the Red Card* (SRtRC) (s.d.) é a principal instituição de caridade educacional antirracista, criada em 1996, patrocinada em parte pelo guarda-redes do Newcastle United, Shaka Hislop. Em Portugal, nasce em 2020 a *Black Lives Matter in Football – Matosinhos* (#Racismout, s.d.), criada na sequência do movimento americano homónimo, em parceria com a associação *Plano i*, Câmara Municipal de Matosinhos e o movimento português *SOS Racismo*. Esta iniciativa financiada pela FARE e pela APCVD, anteriormente referenciadas, vem preencher a lacuna existente na investigação estatística com *Estudo Nacional sobre o Racismo no Futebol em Portugal: Perceções e vivências* (Neves et al., 2021). Este estudo mereceria continuidade com “estudos qualitativos que pudessem aumentar a compreensão sobre os impactos do racismo e da discriminação na saúde das pessoas que os sofrem, bem como no exercício da prática desportiva” (Neves et al., 2021, p. 49). Este projeto tem ainda como *media partner* o jornal *A Bola*.

A proliferação de movimentos de luta contra o racismo que atuam nas suas diversas formas já referidas, a saber, livros, documentários, plataformas digitais ou projetos sociais/académicos, as políticas públicas de combate ao racismo, assim como a sensibilização e consciencialização dos jornalistas para o fenómeno encorajam os jogadores a tomarem atitudes de repúdio contra o “nanoracismo desavergonhado” (Mbembe, 2017) que (impunemente) perdura nos estádios de futebol.

A imprensa, ainda que de forma ténue, começa a sensibilizar-se e assume a responsabilidade na mediação de conflitos, a fim de se evitar as narrativas mediáticas parciais à semelhança do fenómeno noticioso do “arrastão de Carcavelos” (Almeida & Varela, 2021), em 2005.

MÉTODO

Este estudo utiliza uma metodologia qualitativa, que se dedica a fornecer “descrições detalhadas de fenómenos complexos, incluindo seus aspectos contextuais, ou focam em análises aprofundadas envolvendo poucos indivíduos. Desse modo, seus resultados não são generalizáveis” (Galvão, Pluye, & Ricarte, 2017, p. 8). Em relação às técnicas de recolha de dados, utilizou-se, por um lado, o estudo de caso, que se traduz “obtenção de um retrato o mais rigoroso possível de uma determinada realidade estudada em profundidade” (Anderson et al., 1994, p. 170), o que sugere, como contrapartida, a impossibilidade de transportar as considerações dele retiradas para o universo do problema ao qual reporta. Por outro, na linha de trabalhos anteriores (Vertoont et al., 2022), julgou-se adequado recorrer à análise textual, que se dedica à criação de unidades de interpretação de um determinado texto escrito, e da análise de textual, “fundamentadas na primeira página de alguns jornais escolhidos para este efeito. Seguindo o entendimento de Bengtsson (2016, p. 8), a análise de conteúdo procura apresentar significados coerentes e realistas dos dados analisados pelos investigadores. Como tal, deve optar por uma análise de ampla estrutura (análise manifesta) ou uma análise simplista da estrutura (latente), para colocar em evidência os elementos textuais, visuais (discursivos) que nele se encontram. Tendo em conta o propósito genérico de ilustrar o debate sobre esta área com elementos que acrescentam perspetivas aos estudos anteriormente sinalizados, este artigo funda-se no segundo nível de análise — a latente. Deste modo, este artigo não está em condições de garantir uma representatividade da amostra e das conclusões retiradas.

Amostra

De seguida, apresentaremos, seguindo uma ordem cronológica de acontecimentos, três situações onde se cruzam as três dimensões protagonistas deste artigo: racismo; desporto, neste caso futebol, e os média. Sublinhamos que cada uma das situações se refere a três contextos distintos entre si, relacionados com jogos oficiais a contar para a Liga Portuguesa de Futebol, a Liga Espanhola de Futebol e ainda uma partida da fase de grupos da Liga dos Campeões. Os três casos reportam-se ao arco temporal de fevereiro de 2020 a abril de 2021. É importante notar que, nesta altura, grande parte dos jogos de futebol foram diretamente afetados pela pandemia associada ao novo coronavírus SARS-CoV-2, responsável pela doença Covid-19, razão pela qual muitas dessas partidas foram disputadas sem público nas bancadas, adiadas ou com fortes restrições no número de espectadores.

A 16 de fevereiro de 2020, num jogo do campeonato de futebol da Liga Portuguesa, realizado em Guimarães, entre

o Vitória Sport Clube e o Futebol Clube do Porto, o futebolista maliano Moussa Marega decidiu abandonar o relvado quando faltavam ainda 20 minutos para o final da partida (Lusa, 2022). Gesticulando de forma reprovatória para as bancadas, o jogador queixava-se de alegados insultos que lhe eram dirigidos, por parte de adeptos vitorianos, com base em impropérios tidos como racistas. O jogo haveria de prosseguir, mas no dia seguinte os meios de comunicação social, em Portugal, davam conta do sucedido, como veremos no ponto seguinte.

Três adeptos do Vitória foram condenados a pagar 1.000 euros de multa ao Estado e emitir um pedido de desculpas num “jornal desportivo local”, onde assumiram os atos reportados judicialmente. A justiça desportiva teve um entendimento diferente, uma vez que ilibou o clube minhoto de qualquer responsabilidade, devido à ausência de som nas gravações de videovigilância (DN/Lusa, 2022).

No final desse mesmo ano, a 8 de dezembro, o jogo entre Paris Saint-Germain e Istambul Basaksehir, relativo à fase de grupos da Liga dos Campeões 2020/2021, foi interrompido depois de o quarto árbitro, o romeno Sebastian Coltescu, ser acusado de racismo (UOL, 2020). Aparentemente, o árbitro ter-se-á referido a Pierre Webó, um dos elementos da equipa técnica turca de modo “pejorativo”. Um dos jogadores que estava no banco, o senegalês Demba Ba confrontou o árbitro de forma ostensiva e gerou-se uma confusão entre as duas equipas que determinaria a suspensão do jogo. A partida seria retomada no dia seguinte, com outra equipa de árbitros.

Na sequência da ampla mediatização do caso, num jogo disputado com as bancadas vazias devido à já referida pandemia, a UEFA abriu um processo disciplinar e decidiu “suspender Sebastian Coltescu de exercer qualquer função de árbitro até final da época, ou seja, até 30 de junho de 2021, por comportamento impróprio durante um jogo da UEFA para o qual foi nomeado”, lê-se num comunicado do Comité de Ética e Disciplina da UEFA (DN/Lusa, 2021).

A 4 de abril de 2021, o jogo entre as equipas espanholas Cádiz e Valencia terminaria com a vitória por 2-1 da equipa que jogava em casa, mas do resultado pouco se escreveria. Nesta partida da 29ª jornada da Liga Espanhola, o árbitro David Medié denunciou no relatório que o jogador do Valência Diakhaby afirmou ter sido chamado de “negro de merda” por Juan Cala, do Cádiz, e era essa a razão pela qual o valenciano abandonara o jogo logo aos 20 minutos (Redação do GE, 2021).

Tal como nos casos anteriores, a mediatização do incidente ocuparia as primeiras páginas dos jornais desportivos em Espanha. A Liga Espanhola abriu um processo de averiguações e informou, meses depois, que “Após a análise dos

elementos, conclui-se que não se encontrou em nenhum dos suportes disponíveis em LaLiga nenhuma prova de que o jogador Juan Torres Ruiz (Juan Cala) insultou nos termos denunciados Mouctar Diakhaby”. O organismo que tutela a principal competição de futebol em Espanha sublinhou que “Foram analisados os arquivos audiovisuais e digitais disponíveis, os áudios e as imagens do encontro transmitidas e também o que foi difundido nas redes sociais” para além de ter sido “contratada uma empresa especializada que realizou uma leitura labial e um estudo do comportamento dos jogadores Juan Torres Ruiz e Mouctar Diakhaby”. Mesmo assim, o caso foi julgado improcedente, não obstante a mediatização que suscitou (Redação Mais Futebol, 2021).

Instrumentos e procedimentos

Como se referiu anteriormente, este artigo não pretende discutir a presença dos assuntos abordados neste trabalho na generalidade dos órgãos de comunicação social. Em primeiro lugar, por se investir numa abordagem exploratória e, em segundo, pela natureza dos próprios casos, na medida em que a geografia e o contexto cultural das diferentes situações não permitem a realização de uma comparação exata entre os diversos assuntos. Uma das situações apresentadas refere-se, até, a um jogo entre equipas de países diferentes, o que desde logo se levantaria várias reservas sobre a tipologia de amostragem escolhida. Tendo em conta o objetivo de discutir os assuntos retratados neste estudo, definiu-se um conjunto de notícias sobre os assuntos tratados, organizados numa amostra por conveniência, uma vez que se pretende aceder, com relativa facilidade, ao objeto de estudo considerado, na medida em que neste trabalho não se pretende estabelecer generalizações para a população em geral. Na linha de trabalhos anteriores (Meltzer et al., 2012), definiu-se esta técnica para compreender e validar um determinado ponto de vista suportado com alguns elementos da realidade social.

Na observação que se inicia de seguida, sugere-se dois níveis de investigação:

1. uma análise formal (relacionada com uma abordagem mais concreta ao conteúdo das primeiras páginas, nomeadamente com a caracterização dos jornais analisados, a presença do assunto na primeira página, o número de fotografias que acompanha esse destaque e o texto que ajuda a contextualizar o leitor para o sucedido);
2. uma análise textual e interpretativa sobre as possíveis funções que tanto a imagem fotográfica como o texto desempenham no discurso jornalístico que se destaca na primeira página. Em síntese, orientamos

este exercício na base de uma observação mais direta e empiricamente demonstrável para outra de natureza tendencialmente especulativa e interpretativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de partirmos para a análise, exibimos de seguida as capas que estiveram na base do primeiro caso (Figuras 1 e 2).



Fonte: Roseiro (2020).

Figura 1. O jogador Marega (à esquerda) abandona o relvado, protestando contra os adeptos.

A partir do primeiro caso apresentado, seguindo a análise formal descrita anteriormente, a Tabela 1 procura sistematizar um conjunto de informações relevantes.

Em Portugal, existem poucos jornais desportivos de âmbito local. O *Desportivo de Guimarães* é um desses exemplos. No entanto, a maior parte dos jornais desta amostra insere-se numa ampla circulação nacional, em que três são generalistas (*Diário de Notícias*, *Jornal de Notícias*, *Correio da Manhã*) e outros três desportivos (*Record*, *A Bola*, *O Jogo*). Apenas *A Bola* decidiu colocar o caso de Marega como a única notícia do dia, com destaque de primeira página. À exceção do *Correio da Manhã*, que dedicou menos de metade da capa, os outros diários coincidiram no facto de o assunto merecer quase a totalidade da primeira página. Uma sintonia que também se verificou no número de fotografias que acompanharam o destaque: seis jornais escolheram apenas uma fotografia, ao contrário do jornal *Record* que optou por cinco imagens, numa espécie de fotograma evolutivo do acontecimento. No que diz respeito ao texto, as palavras Marega, Racismo e Crime são, porventura, as que sublinham o maior impacto na primeira página.



Figura 2. Caso Marega: primeiras páginas de jornais generalistas. Edição de 17 de fevereiro de 2020.

Tabela 1. Caso Marega: análise formal às primeiras páginas selecionadas para a amostra.

Jornal	Abrangência geográfica	Tipo	Presença do assunto na primeira página	Fotografias (número)	Texto principal sobre o destaque na notícia
<i>Desportivo de Guimarães</i>	Local	Desportivo	Quase a totalidade da página	1	Terramoto Marega
<i>Diário de Notícias</i>	Nacional	Generalista	Quase a totalidade da página	1	Racismo e indignação
<i>Jornal de Notícias</i>	Nacional	Generalista	Quase a totalidade da página	1	Marega. Os golos não têm cor
<i>Correio da Manhã</i>	Nacional	Generalista	Menos de metade da página	1	Vergonha. Marega abandona jogo após insultos racistas
<i>Record</i>	Nacional	Desportivo	Quase a totalidade da página	5	Marega 5-0 Racismo
<i>A Bola</i>	Nacional	Desportivo	Totalidade da página	1	Somos Marega
<i>O Jogo</i>	Nacional	Desportivo	Quase a totalidade da página	1	Crime

Relativamente ao papel da imagem, as opções dos diferentes jornais não coincidem, do ponto de vista editorial. O jogador maliano aparece nos sete jornais, no entanto com diferentes posturas, o que, em termos semióticos, assume um fator amplamente significativo. A imagem do jogador que pretende sair do relvado, perante a tentativa contrária dos colegas, que o agarram, foi a opção do *Desportivo de Guimarães* e *Diário de Notícias*. Estas fotografias sugerem que a decisão do atleta contou com a tentativa — ainda que frustrada — dos companheiros que provavelmente não pretendiam que o conflito escalasse até ao abandono do jogador do campo. A raiva do jogador, quase em plano de protagonismo exclusivo (como no caso do *Jornal de Notícias*) demonstra eficazmente o plano emocional em que Marega abandonou o relvado, em pleno confronto com os adeptos locais, como no caso de *A Bola*. Esta opção editorial procura revelar, numa imagem, os dois lados da contenda: os alegados ofensores e o visado pelos supostos comentários insultuosos racistas. Três jornais optaram por posturas mais neutras naquilo que é o papel da imagem. O *Record* publica a fotografia dos festejos do golo marcado por Marega, muito antes do episódio retratado, *O Jogo* mostra a pose natural do jogador em pleno jogo, o que em termos informativos e visuais pouco acrescenta à compreensão do assunto, ou o *Correio da Manhã* que exhibe o jogador a sair do relvado, mas que sem a presença do texto, facilmente se poderia depreender que seria apenas uma fotografia habitual quando os jogadores são substituídos no centro do terreno.

Como ficou implícito na análise anterior, a presença do texto é fundamental para uma compreensão mais consistente do episódio. De um modo geral, os jornais definiram, desde logo, a situação como um ato de racismo. Este julgamento, eventualmente precipitado dos acontecimentos, choca com o plano da realidade judicial, que apenas condenou três adeptos. Ao designar o fenómeno como “crime”, “racismo” ou “terramoto”, os jornais manifestaram uma espécie de opinião sobre o acontecimento, o que contraria as regras

clássicas do jornalismo que sugere uma maior verificação dos factos antes da sua efetiva publicação. A expressão “Somos Marega”, do jornal *A Bola*, claramente veiculada a partir de uma reminiscência de grande apoio popular ao sucedido em 2015 com a redação do *Charlie Hedbo*, em França, com a popularização do slogan “Somos todos Charlie”, denuncia uma forma eficaz, automática e comum de aderir a uma causa que se pretende tornar coletiva, consensual e sólida. Curiosamente, a postura mais cautelosa foi a do *Desportivo de Guimarães*, que preferiu resumir o sucedido a um “incidente”, embora colocando a tónica numa metáfora hiperbólica de “terramoto”. Neste episódio de julgamento sumário por parte dos jornais, resta apenas a condenação evidente do racismo como fenómeno que deve ficar, segundo essa linha de pensamento, fora dos relvados.

No que se refere ao segundo estudo de caso, exibimos as capas que estiveram na base da análise que se apresenta de seguida (Figuras 3, 4, 5 e 6).

A dimensão internacional da competição justifica a inclusão de mais elementos a esta amostra. Até por isso se percebe a mediatização de uma competição relevante no futebol europeu, como a Liga dos Campeões.

A partir do caso apresentado, a Tabela 2 procura sistematizar as informações sobre a análise formal.

Nesta amostra constam nove jornais: dois turcos, um generalista e outro desportivo, o mesmo com os dois jornais franceses abordados; três italianos exclusivamente desportivos, o mesmo com os dois espanhóis retratados. Todos têm circulação nacional nos respetivos países.

Ao contrário do exemplo anterior, a maior parte dos jornais (sete em nove) não coloca o assunto em grande destaque, remetendo-o para menos de metade da página. Essa circunstância dever-se-á ao facto de um dos critérios jornalísticos residir na proximidade (Galtung & Ruge, 1965), entendida aqui num ponto de vista geográfico ou cultural. Embora a competição se dispute numa escala, a nível europeu, normalmente os desenvolvimentos das partidas podem ser mais mediatizados nos

países a que dizem respeito os clubes em análise. Relativamente ao número de fotografias, com a exceção dos jornais turcos, em que se apresentou, na primeira página, um conjunto de fotografias ilustrativas do acontecimento, a maior parte optou por colocar apenas uma imagem, muito à semelhança daquilo que se verificou no caso português. A este propósito deve ser sublinhado o jornal espanhol *Marca*, que noticiou o sucedido apenas com texto, uma opção inédita no conjunto de análises realizadas até ao momento.

Já no que se refere ao texto, as primeiras páginas esteleceram, por unanimidade, uma condenação ao episódio,



Fonte: Souza e Oliveira (2020).

Figura 3. Pierre Webó (à direita) pede explicações ao árbitro sobre os comentários que lhe foram dirigidos.

designando-o como ato racista e com o quarto-árbitro como principal visado na acusação. O jornal francês utilizou uma expressão idiomática para sublinhar uma eventual saturação perante situações de género — “a gota de água” — o que reforça o combate daquele meio de comunicação a situações daquela índole. Os termos “vergonha”, “escândalo” promovem a espetacularização do sucedido, mas a opção mais frequente — *La Gazzetta dello Sport*, *Tuttosport*, *Corriere dello Sport* — foi a de visar diretamente o árbitro apelidando-o de “racista”.

As fotografias colocadas para ilustrar o acontecimento apresentam opções distintas. Desde logo, com um pormenor curioso. Os protagonistas do caso foram o quarto-árbitro e o elemento da equipa técnica turca, Pierre Webó. No entanto, como se sublinhou na descrição do caso, foi o jogador suplente Demba Ba que confrontou diretamente a equipa de arbitragem e foi até mais efusivo e vocal nessa mesma interação. A verdade é que os jornais preferiram destacar esse momento, o que pode induzir o leitor em erro, uma vez que, tal como sublinham os diversos relatórios sobre o caso, Demba Ba apenas foi um dos instigadores do processo e não o principal visado nos comentários. Foi o caso da *La Gazzetta dello Sport*, *Tuttosport* e *Corriere dello Sport*. Ora, se o jornalismo lida com o rigor e exatidão seria importante acautelar estas situações.

Excluindo este pormenor que se pretende com a correção identificação dos protagonistas, os jornais turcos colocaram a face do quarto-árbitro em destaque, enquanto no *Charente Libre*, *TuttoSport*, *Corriere dello Sport*, *As* e *L'Équipe* surge o árbitro principal no meio da polémica. Também neste aspeto,



Figura 4. Caso Webó: primeiras páginas de jornais turcos e um francês. Edição de 9 de dezembro de 2020.



Figura 5. Caso Webó: primeiras páginas de jornais desportivos italianos. Edição de 9 de dezembro de 2020.



Figura 6. Caso Webó: primeiras páginas de dois jornais desportivos espanhóis e um francês. Edição de 9 de dezembro de 2020.

importaria adequar o princípio de rigor jornalístico às imagens apresentadas. Quanto à composição das fotografias, a maior exibe a discussão acalorada entre os árbitros e os jogadores da equipa turca. Nota-se perfeitamente a tendência de ilustrar o caso com o dedo indicador de Ba e Webó junto à face dos juizes da partida, numa postura intimidatória que exige explicações perante o sucedido. No jornal francês *Charente Libre* os jogadores franceses estão estrategicamente à volta do árbitro principal da partida que enfrenta as alegações de Demba Ba. O uniforme amarelo do árbitro destoa do restante

colorido da imagem, entre jogadores parisienses e elementos da equipa turca. A imagem que fica deste caso, do ponto de vista fotográfico, é justamente este pedido de explicações dos turcos perante o árbitro, que haveria de redundar na suspensão da partida e da equipa de arbitragem.

No que se refere ao terceiro estudo de caso, exibimos as capas que estiveram na base da análise que se apresenta de seguida (Figuras 7, 8 e 9).

A partir do caso apresentado, a Tabela 3 procura sistematizar as informações sobre a análise formal.

Nos seis jornais desta amostra, surge um aparente equilíbrio entre jornais desportivos/generalistas e locais/nacionais: cada um com três exemplos. Os jornais analisados consideraram que o caso deveria merecer amplo destaque na primeira página. Em apenas um desses meios de comunicação — *Marca* — se remete o episódio a um destaque menos expressivo. Esta coincidência editorial também se expressa nas fotografias utilizadas, neste caso contrariada pelas quatro imagens do jornal *Super Deporte*. Os restantes apenas usaram uma ilustração. Quanto ao texto que serve de base ao destaque, todos os jornais foram unânimes a condenar o sucedido, apelidando de episódio racista, embora com ligeiras nuances. Os jornais locais, da Figura 9, sublinharam o aspeto sombrio do triunfo da equipa do Cádiz. O jornal *Las Provincias* incidiu na decisão da equipa valenciana em suspender a partida, mas trata-se de uma formulação pouco apurada, uma vez que o jogo haveria de prosseguir. O título deste jornal não cumpre os critérios de informação rigorosa e precisa que se aplicam ao jornalismo. Já os jornais desportivos, o caso muda de tom. Na verdade, existe uma condenação feroz ao episódio ocorrido, que oscilam entre a censura ao racismo — *Super Deporte* — e um apoio ao jogador visado — *Marca* —, enquanto o diário *As* prefere colocar, numa nota de rodapé mais extensa, a declaração que terá estado na origem do sucedido.

Relativamente à segunda dimensão de análise, que reflete sobre o enquadramento noticioso da fotografia enquanto objeto de discurso igualmente jornalístico, podemos definir três posturas evidenciadas pela amostra estudada: a imagem do jogador a abandonar o relvado, cabisbaixo, acompanhado de um colega de equipa, em que se percebe a frustração de Diakhaby com o sucedido (*Las Provincias*, *La Voz de Cádiz*, *As* e *Super Deporte*). No caso deste último jornal, a fotogaleria de quatro imagens revela o episódio de acordo com uma

determinada ordem cronológica, desde o momento em que o jogador se sentiu ofendido até ao final, em que se sentou no banco de suplentes; o momento de tensão em que o jogador é agarrado por um adversário, justamente depois de se perceber que Diakhaby pretende abandonar o relvado, como sugere o *Diario de Cádiz*; utilização criativa da imagem como expressão de uma situação socialmente condenável. O jornal *Marca* concedeu ao jogador o destaque da primeira página, colocando-o no centro do episódio, envolto num foco negro que o rodeia, com a expressão “Não estarás sozinho” que, curiosamente, está em contrassenso com a imagem onde o jogador, visivelmente abatido, está sozinho no banco de suplentes, ou, pelo menos, sem companheiros no raio de proximidade. Este jogo semiótico de “estar sozinho vs. nunca estarás sozinho” confere à primeira página da *Marca* um interesse exercício



Fonte: Ríos (2021).

Figura 7. Diakhaby, do Valência (jogador com o número 12 nos calções), no momento em que abandona a partida, aos 20 minutos de jogo.

Tabela 2. Caso Webo: análise formal às primeiras páginas selecionadas para a amostra. Títulos traduzidos pelos autores.

Jornal	Abrangência geográfica	Tipo	Presença do assunto na primeira página	Fotografias (número)	Texto principal sobre o destaque na notícia
<i>fotoMaç</i>	Nacional	Desportivo	Metade da página	3	Vergonha na Liga dos Grandes
<i>Sabah</i>	Nacional	Generalista	Menos de metade da página	2	Escândalo de racism
<i>Charente Libre</i>	Nacional	Generalista	Menos de metade da página	1	Racismo: cartão vermelho para o árbitro em Paris
<i>L'Équipe</i>	Nacional	Desportivo	Quase a totalidade da página	1	A gota de água
<i>La Gazzetta dello Sport</i>	Nacional	Desportivo	Menos de metade da página	1	“Árbitro racista”
<i>Tuttosport</i>	Nacional	Desportivo	Menos de metade da página	1	4º árbitro racista. Jogo suspenso
<i>Corriere dello Sport</i>	Nacional	Desportivo	Menos de metade da página	1	Afastado árbitro racista
<i>AS</i>	Nacional	Desportivo	Quase a totalidade	1	Stop ao racismo
<i>Marca</i>	Nacional	Desportivo	Menos de metade da página	0	PSG-Basaksehir suspenso por um comentário racista do 4º árbitro



Figura 8. Caso Diakhaby: primeiras páginas de alguns jornais locais em Espanha. Edição de 5 de abril de 2021.



Figura 9. Caso Diakhaby: primeiras páginas de alguns jornais desportivos em Espanha. Edição de 5 de abril de 2021.

Tabela 3. Caso Diakhaby: análise formal às primeiras páginas selecionadas para a amostra. Títulos traduzidos pelos autores.

Jornal	Abrangência geográfica	Tipo	Presença do assunto na primeira página	Fotografias (número)	Texto principal sobre o destaque na notícia
Diário de Cádiz	Local	Generalista	Metade da página	1	Triunfo com nuvem de poeira
La Voz de Cádiz	Local	Generalista	Quase a totalidade da página	1	Grande triunfo marcado por polémica
Las Provincias	Local	Generalista	Metade da página	1	Valência interrompe um jogo por insultos racistas
As	Nacional	Desportivo	Menos de metade da página	1	“Chamou-me preto de merda”
Marca	Nacional	Desportivo	Quase a totalidade da página	1	Nunca estarás sozinho
Super Deporte	Nacional	Desportivo	Totalidade da página	4	Stop ao Racismo

de interpretação significativa. Normalmente, as cores que marcam o *lettering* do jornal, a encarnado, cedem o lugar a uma perspetiva cromática que recupera a imagem do luto, com tons sombrios. O jornal *Super Deporte* optou por uma utilização de cores expressivas na frase “Stop” — a vermelho, colocando o imaginário rodoviário em evidência — “ao racismo” com uma mão, em sinal de interrupção, pintada a preto e branco, porventura sinalizando dois lados desta questão racial. Parece uma visão algo redutora e gasta sobre o racismo, entre “negros” e “brancos”, numa frase que aparece repetida em tantas campanhas sobre o mesmo assunto.

Nos jornais em que se aborda este episódio, em Espanha, surge uma nota contrastante com o exemplo anterior, em que se visavam dois lados de um caso. Para os jornais espanhóis, o alegado ofensor apenas se identifica, timidamente, com o nome, sem imagem. Contudo, esta constatação não sugere a obrigatoriedade de exposição clara do suposto infrator, sempre que ocorram estas situações. Com efeito, se analisarmos o plano de representação mediática e aquilo que foram as decisões da justiça desportiva, encontramos um fosso enorme de interpretações, que variam entre a condenação jornalística e a ausência de provas factuais por parte das entidades jurídicas e desportivas. Tal como aconteceu no caso português, assiste-se a uma diferença de observação da realidade por parte dos média e de outras entidades oficiais, o que levanta a grande questão deste trabalho sobre os contornos da realidade do racismo de acordo com as diversas lentes que lhe observam e analisam.

CONCLUSÕES

Apesar do enquadramento legal existente, verifica-se que os meios de comunicação se afiguram mais eficazes na ação denunciadora dos racismos no desporto, em particular no futebol. Se é verdade que ainda são necessárias ações contínuas de combate contra o racismo no seio da sociedade civil, também é verdade que os meios de comunicação generalistas e desportivos têm um papel imediato na denúncia moral do racismo no desporto, em particular no futebol. Nos casos analisados e de acordo com a amostra apresentada datada entre 2020 e 2021, a condenação dos fenómenos racistas, assentes na cor da pele e noticiados na primeira página dos periódicos generalistas e desportivos, revela a consciencialização dos jornalistas para o racismo enquanto crime moral e público nas sociedades atuais.

Por um lado, a contratualização do jornalismo como fenómeno social (Ribeiro, 2020), capaz de investigar com a profundidade necessária todos os factos que compõem a realidade, encontra dificuldades na confrontação com os casos aqui estudados e representados. A narrativa jornalística utilizada foi demasiado simplista e as primeiras páginas simbolizam esse facilitismo

interpretativo. Para além dos visados, pouco se acrescenta à real perceção do sucedido com a participação de outros dirigentes, responsáveis ou até mesmo testemunhas (jogadores) que pudessem alargar a discussão. Nota-se, por isso, o futebol assume-se como um terreno altamente blindado à comunicação social, sobretudo aos jornalistas. Embora este artigo não procurasse detalhar esse ponto, a verdade é que todos os assuntos retratados perderam rapidamente espaço na agenda mediática nas semanas seguintes.

Por outro, a análise simplista realizada pelos jornalistas contrasta, isso sim, de forma dramática com o plano legal e judicial. No caso Marega, foram condenados alguns adeptos, na situação de Webó os árbitros foram afastados, no entanto, esperava-se um plano de condenação muito mais alargado tendo em conta o nível de alarme despertado pelos média. No fundo, as condenações desportivas foram completamente secundarizadas, no plano mediático e judicial, o que mais uma vez contrasta com o plano de imenso ruído mediático gerado pelos casos. O Código Deontológico do Jornalista (Sindicato dos Jornalistas, 2017), em Portugal, atualizado em 2017, refere, no ponto 8, que “jornalista deve salvaguardar a presunção de inocência dos arguidos até a sentença transitar em julgado”. Esta regra de ouro — elementar — da atividade jornalística não foi cumprida e a maior parte dos jornais preferiu destacar a ocorrência de um crime, mesmo sem ter efetivamente demonstrado que teria sucedido nesses termos.

A partir da análise destes casos, consideramos que em futuras investigações nesta área deverá ser incluída uma dimensão de observação capaz de identificar a perenidade do caso na agenda mediática. A compreensão destes fenómenos também se estabelece pela longevidade que muitos conseguem ocupar nos assuntos tratados pelos jornalistas.

REFERÊNCIAS

- #Racismout (s.d). *Black Lives Matter in Football*. Recuperado de de <https://blacklivesmatterplanoi.pt/>
- Almeida, P. (2016). Futebol, racismo e media: os discursos da imprensa portuguesa durante o fascismo e pós-Revolução de Abril. *Política & Trabalho*, (44), 71-90.
- Almeida, P. (2018). *Futebol, raça e nação em Portugal*. Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, Coimbra. Recuperado de <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/87616/1/Doutoramento%20em%20Democracia%20no%20S%ca9culo%20XXI.pdf>
- Almeida, P., & Varela, P. (2021). Racismo e os órgãos de comunicação social: do suposto “arrastão” à brutalidade policial na esquadra de Alfragide. In S. R. Maeso. *O estado do racismo em Portugal. Racismo antinegro e anticiganismo no direito e nas políticas públicas*. Tinta-da-China.
- Anderson, C. A., Hakansson, H., & Johanson, J. (1994). Dyadic business relationships within a business network context. *Journal of Marketing*, 58(4), 1-15. <https://doi.org/10.1177/002224299405800401>
- Assembleia da República (2009). Lei n.º 39/2009, de 30 de julho. *Diário da República*, (146), Série I. Recuperado de <https://data.dre.pt/eli/lei/39/2009/p/cons/20211217/pt/html>

- Assembleia da República (2019). Lei nº 113/2019, de 11 de Setembro. *Diário da República*, (174), Série I. Recuperado de <https://data.dre.pt/eli/lei/113/2019/p/cons/20191007/pt/html>
- Benbassa, E. (ed.). (2010). *Dictionnaire des racismes, de l'exclusion et des discriminations*. Larousse.
- Bengtsson, M. (2016). How to plan and perform a qualitative study using content analysis. *NursingPlus Open*, 2, 8-14. <https://doi.org/10.1016/j.npls.2016.01.001>
- Bethencourt, F. (2015). *Racismos: das cruzadas ao século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Bisset, S. (ed.). (2020). *Outraged* [Documentário]. Produções UEFA.
- Dacourt, O., & Savourel, M. (eds.). (2019). *Je suis pas un singe: le racisme dans le football* [Documentário]. Canal+.
- Darby, P. (2006). Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos: recurso colonial e neocolonial. *Análise Social*, 41(179). 417-433. Recuperado de <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/121872168714bIK7nc2Cd19RE4.pdf>
- DN/Lusa (2021). UEFA suspende árbitro do PSG-Basaksehmir mas afasta comportamento racista. *Diário de Notícias*. Recuperado de <https://www.dn.pt/desporto/uefa-suspende-arbitro-do-psg-basaksehmir-mas-afasta-comportamento-racista-13432870.html>
- DN/Lusa (2022). Caso Marega. Castigo a V. Guimarães anulado por não haver som nas câmaras de videovigilância. *Diário de Notícias*. Recuperado de <https://www.dn.pt/desporto/caso-marega-castigo-a-v-guimaraes-anulado-por-nao-haver-som-nas-camaras-de-videovigilancia-14785154.html>
- Farrington, N., Hall, L., Kilvington, D., Price, J., & Saeed, A. (2015). *Sport, Racism and Social Media*. Routledge.
- Farrington, N., Kilvington, D., Price, J., & Saeed, A. (2012). *Race, Racism and Sports Journalism*. Routledge.
- Galtung, J., & Ruge, M. H. (1965). The structure of foreign news. *Journal of Peace Research*, 2(1), 64-91. <https://doi.org/10.1177/002234336500200104>
- Galvão, M., Pluye, P., & Ricarte, M. (2017). Métodos de pesquisa mistos e revisões de literatura mistas: conceitos, construção e critérios de avaliação. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, 8(2), 4-24. <https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v8i2p4-24>
- Henriques, I. C. (2019). *A presença africana em Portugal, uma história secular: preconceito, integração, reconhecimento (séculos XV-XX)*. Alto Comissariado para as Migrações. Recuperado de https://www.acm.gov.pt/documents/10181/27754/Presenca_Africana_pt.pdf/f330d2d0-5f61-40be-93f2-d38d9fb35359
- Henriques, J. G. (2016). *Racismo em português: o lado esquecido do colonialismo*. Tinta-da-China.
- Henriques, J. G. (2018). *Racismo no país de brancos costumes*. Tinta-da-China.
- Lusa (2022). Arguidos do “caso Marega” publicam pedido de desculpas ao futebolista. *Público*. Recuperado de <https://www.publico.pt/2022/03/29/desporto/noticia/arguidos-caso-marega-publicam-pedido-desculpas-futebolista-2000581>
- Maeso, S. (2021). *O estado do racismo em Portugal. Racismo antinegro e antiganismo no direito e nas políticas públicas*. Tinta-da-China.
- Mbembe, A. (2017). *Políticas da inimizade*. Trad. Marta Lança. Antígona.
- Melo, L. M. S. (2017). O futebol africano na Europa: os casos de Portugal e França como destino migratório de jogadores das suas ex-colónias. *Cadernos de Campo*, (23), 141-167.
- Meltzer, C., Naab, T., & Daschmann, G. (2012). All Student Samples Differ: On Participant Selection in Communication Science. *Communication Methods and Measures*, 6(4), 251-262. <https://doi.org/10.1080/19312458.2012.732625>
- Neves, S., Borges, J., Topa, J., Silva, E., & Borges, F. (2021). *Estudo Nacional sobre o Racismo no Futebol em Portugal: Percepções e vivências*. Recuperado de https://blacklivesmatterplanoi.pt/wp-content/uploads/2021/03/ORacismoFutebolPortugal_Estudo.pdf
- Pimenta, S. (2021). (Recensão a) *La pensée blanche*, de Lilian Thuram. *Revista de Letras*, 3(1), 178-181.
- Redação do GE (2022). Francês Diakhaby deixa jogo do Valencia após acusar espanhol Juan Cala, do Cádiz, de racismo. *Globo Esporte*. Recuperado de <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/frances-diakhaby-deixa-jogo-do-valencia-apos-acusar-espanhol-juan-cala-do-cadiz-de-racismo.ghtml>
- Redação Mais Futebol (2021). Espanha: Liga não encontrou provas de insultos racistas de Cala a Diakhaby. *MaisFutebol*. Recuperado de <https://maisfutebol.iol.pt/racismo/juan-cala/espanha-liga-nao-encontrou-provas-de-insultos-racistas-de-cala-a-diakhaby>
- República Portuguesa (2022). *Plano Nacional contra o Racismo e a discriminação 2021-2025*. República Portuguesa. Recuperado de <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/documento?i=plano-nacional-de-combate-ao-racismo-e-a-discriminacao-2021-2025-portugalcontraoracismo>
- Ribeiro, F. (2020). Handling with online comments: a longitudinal approach in most accessed news sites in Portugal, Spain and Brazil. *Revista de Comunicación*, 19(2), 125-144. <https://doi.org/10.26441/RC19.2-2020-A7>
- Rosa, G. P. (2011). O “arrastão” de Caravelos como onda noticiosa. *Análise Social*, 46(198), 115-135.
- Ríos, R. (2021). Diakhaby abandona el césped por racismo. *El País*. Recuperado de <https://imagenes.elpais.com/resizer/DoYPyORhu2WH4upVsLnbnNk18QY=/1200x0/cloudfront-eu-central-1.images.arcpublishing.com/prisa/PBJ3AZWTW5D4JA72CGKNYTYNGA.jpg>
- Roseiro, B. (2020). Marega marcou, festejou a apontar para o braço, fugiu de cadeiras, ouviu insultos racistas e saiu – tudo em dez minutos. *Observador*. Recuperado de <https://observador.pt/2020/02/16/marega-marcou-exagerou-nos-festejos-fugiu-de-cadeiras-ouviu-insultos-racistas-e-saiu-tudo-em-dez-minutos/>
- Show Racism the Red Card (s.d.). *Show Racism the Red Card*. Recuperado de <https://www.theredcard.org/>
- Sindicato dos Jornalistas (2017). *Novo Código Deontológico*. Sindicato dos Jornalistas. Recuperado de <https://jornalistas.eu/novo-codigo-deontologico/>
- Souza, J. F., & Oliveira, L. (2020). Abandono de jogadores em episódio histórico da Champions expõe o racismo institucional. *Globo Esporte*. Recuperado de <https://ge.globo.com/blogs/ubuntu-esporte-clubes/post/2020/12/08/abandono-de-jogadores-em-episodio-historico-da-champions-expoe-o-racismo-institucional.ghtml>
- Thuram, L. (2020). *La pensée blanche*. Philippe Rey.
- Thuram, L. (2022). *Pensamento branco*. Trad. Susana Sousa e Silva. Tinta-da-China.
- UOL (2020). Quem são Pierre Webó e Demba Ba, vítimas de racismo em jogo do PSG. *UOL Esporte*. Recuperado de <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/12/08/quem-sao-pierre-webo-e-demba-ba-vitimas-de-racismo-em-jogo-do-psg.htm>
- Vertoont, S., Goethals, T., Dhaenens, F., Schelfhout, P., Deynse, T. V., Vermeir, G., & Ysebaert, M. (2022). Un/recognisable and dis/empowering images of disability: a collective textual analysis of media representations of intellectual disabilities. *Critical Studies in Media Communication*, 39(1), 1-14. <https://doi.org/10.1080/15295036.2021.1979239>

As estratégias de comunicação do Futebol Clube do Porto

The communication strategies of Futebol Clube do Porto

Daniela Fonseca^{1*} , Elísio Mota¹ 

RESUMO

Os gabinetes de comunicação dos clubes de futebol têm cada vez mais importância para o que ecoa nos *media* sobre as suas equipas. Este artigo tem, por isso, dois objetivos essenciais. Primeiro, pretende-se, através da revisão da literatura, perceber a importância da comunicação no desporto. Depois, é propósito ainda do texto perceber se os *media* têm influência nas estratégias comunicacionais do Futebol Clube do Porto (FCP), a partir da perceção dos seus adeptos. Para cumprir estes objetivos, a análise recorre a técnicas de âmbito qualitativo e quantitativo, como entrevistas exploratórias a jornalistas e a elementos da comunicação do FCP e aplicação de um inquérito via questionário a uma amostra não probabilística por conveniência.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; futebol; estratégias; Futebol Clube do Porto.

ABSTRACT

Football clubs' communication offices are increasingly important for what echoes in the media about their teams. This article has, therefore, two central objectives. Firstly, a literature review aims to understand the importance of communication in sports. Then, it is also the purpose of the text to understand if the media influence the communication strategies of Futebol Clube do Porto (FCP) from the perception of their supporters. The analysis uses qualitative and quantitative techniques, such as exploratory interviews with journalists and FCP communication elements and applying a questionnaire survey to a non-probabilistic convenience sample to accomplish these objectives.

KEYWORDS: communication; soccer; strategies; Futebol Clube do Porto.

INTRODUÇÃO

O desporto é um dos factos sociais mais significativos dos tempos modernos e funciona como um dos principais medidores da sociedade atual. Costa (2009) defende a ideia de que é possível alicerçar uma sociedade a partir do desporto e que este permite analisar a própria sociedade global.

As relações desenvolvidas entre a sociedade e o desporto são depois fortificadas pela comunicação, assumindo uma importância fulcral, não só a nível interpessoal, como a nível desportivo, tendo-se originado a necessidade da profissionalização desta área.

O Futebol Clube do Porto é uma entidade desportiva com vários triunfos nacionais e internacionais em várias modalidades, com um vasto leque de adeptos e parceiros. Este clube tem tentado encontrar, ao longo dos anos, a melhor forma de afirmar a sua notoriedade, através do seu departamento de comunicação, em especial no futebol.

Na primeira parte deste trabalho procede-se à fundamentação teórica, que cruza os campos da comunicação e do desporto; segue-se depois uma definição das opções metodológicas, e a análise dos resultados, de forma a perceber quais são as estratégias que o FCP tem utilizado a nível comunicacional, na perspetiva dos seus adeptos, finalizando-se com algumas reflexões.

¹Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Vila Real, Portugal.

***Autora correspondente:** Daniela Fonseca, Polo 1, Escola de Ciências Humanas e Sociais, Quinta de Prados, 5000-801 – Vila Real, Portugal. E-mail: dfonseca@utad.pt

Conflito de interesses: nada a declarar. **Fonte de financiamento:** nada a declarar.

Recebido: 06/06/2022. **Aceite:** 25/08/2022.

PERCURSOS TEÓRICOS

Do conceito de comunicação ao conceito de comunicação organizacional

A comunicação é essencial a qualquer ser vivo, pois permite convencer, influenciar, persuadir, entre outros. O processo comunicacional pode ser assim entendido como uma troca de mensagens entre sujeitos. Para Rego (2007, p. 58), “o emissor é eficaz se conseguir que o recetor compreenda na totalidade o significado das suas palavras”, mas o autor admite também que “a comunicação é tendencialmente ambígua e [...] é impossível aos interlocutores compreenderem-se completamente” (Rego, 2007, p. 58).

Sugere, por seu lado, Adriano Duarte Rodrigues (2004), que comunicar é “um processo de negociação entre indivíduos, mas também dos próprios indivíduos com a natureza [...] e até mesmo o relacionamento que cada indivíduo estabelece consigo próprio” (Rodrigues, 2004). Já Santos (1998) entende que o ato de comunicar é uma forma de “transmitir sentimentos casuais ou intencionais, de um ponto para outro”; esta visão é idêntica à de Joaquim Martins Lampreia (1999), que define comunicação como “o processo de transmitir informação de um indivíduo para outro e conseguir que ambos se compreendam” (Lampreia, 1999, p. 13).

Não sendo o objetivo deste trabalho esmiuçar, de forma demorada, o conceito de comunicação, avança-se com uma definição de *comunicação organizacional*, sendo este um conceito mais importante para a abordagem aqui em estudo.

As primeiras ações de comunicação nas empresas ocorreram nos primórdios do século XX, em Nova Iorque, onde Ivy Lee decidiu deixar a profissão de jornalista para abrir o primeiro escritório de relações públicas, com o intuito de garantir a publicação de notícias empresariais nos espaços editoriais. Os estudos de comunicação organizacional começaram nesta altura e pretendiam encontrar formas de desenvolver práticas comunicacionais que fossem usadas para coordenar e controlar as atividades dos membros das organizações com o exterior.

A comunicação organizacional passou assim a ser interpretada como um processo que uma organização utiliza para comunicar de forma assertiva com os seus públicos, para proveito de ambas as partes, procurando sempre que isso se transforme numa vantagem competitiva institucional, atendendo a que engloba a comunicação interna e externa.

Rita Mourão et al. (2018) apresentam, no artigo “A comunicação organizacional enquanto conceito e processo: percepções dos peritos”, uma proposta de definição:

a comunicação organizacional [pode ser perspectivada] como o processo responsável por gerar realidades partilhadas que permitem a tomada de decisão, o consenso, a influência e a cultura, sendo todos estes conceitos encarados como processos de comunicação que ajudam a criar a interação humana (Schockley-Zalabak, 2012 *apud* Mourão, 2018, p. 3).

Assim, os principais objetivos da comunicação organizacional passam por promover o relacionamento entre empresa/instituição/funcionários/consumidor; apontar os objetivos de comunicação interna e externa da instituição, planejar, elaborar e implantar políticas de comunicação e avaliar os resultados destas políticas; proporcionar interação com os grupos internos e externos; criar e editar publicações internas e externas como jornais e/ou revistas, entre outros; realização de eventos com a utilização de técnicas de gestão e marketing; gestão da comunicação em situações de crise e pesquisa de impacto de produtos da empresa no mercado (Costa, 2009).

Em *A Organização Comunicativa. Teoria e Prática em Comunicação Organizacional*, Ruão (2016) partilha uma aceção alargada de comunicação organizacional, capaz de integrar todos os componentes de um sistema de comunicação: A autora explica:

Referimo-nos às expressões de comunicação interna e externa, formal e informal, verbal e não-verbal, intrapessoal, interpessoal grupal e mediada. E assumiremos como relevantes todas as formas de comunicação passíveis de ser encontradas nas organizações, tais como: fala, ato, conversação, discurso, retórica, texto, narrativa, entre outros (Ruão, 2016, p. 16).

Esta é uma visão lata de uma área que é multidisciplinar e abrangente e que “privilegia uma análise da comunicação como eixo criador da organização, promovendo um estudo abrangente de todas as formas de comunicação humana a acontecer nas organizações” (Ruão in Ruão, 2016, p. 34). Uma definição com estes contornos remete para uma perceção de todos os fenómenos que ocorrem nas organizações e que se aproximam do fenómeno comunicacional.

Da comunicação no desporto ao caso específico do futebol

A comunicação no desporto é um elemento central na forma como se exercita, vê, interpreta e avalia a prática desportiva. Os exercícios comunicacionais são fundamentais para o sucesso do desporto profissional. Por volta dos anos 80 surgiram os primeiros estudos relacionados com o desporto e a comunicação, em que era analisado o impacto da

identidade coletiva ou o papel dos media no desporto (Pinheiro & Marín-Montín, 2019).

Uma década depois começaram a evidenciar-se, de forma mais insistente, trabalhos académicos que demonstraram a relação crescente entre desporto e comunicação, acentuando-se na viragem do século a ligação entre estes dois conceitos a partir de conferências, publicações e artigos publicados sobre o tema (Billings et al., 2012, p. 40).

A indústria desportiva tem vindo a crescer à medida que a comunicação passou a desempenhar um papel importante, dado que está intimamente ligada à popularidade que as coberturas mediáticas conferem à prática desportiva, pelos diferentes meios (televisão, imprensa e outros). É, por isso, fulcral que as estratégias adotadas a nível da comunicação estejam prontamente adaptadas aos públicos segmentados, pois só assim alcançarão os seus objetivos.

O mesmo sugere Cardoso (2018), afirmando:

Para comunicar com os públicos desejados, não são utilizados apenas os canais de comunicação das organizações desportivas. As relações com os media devem ser positivas para que eles possam, mesmo de forma involuntária, ser mais benévolos em momentos menos bons e para que deem cobertura nos bons momentos (Cardoso, 2018, p. 37).

Em “Futebol e comunicação, um processo de consumo chamado paixão”, Rafael Prieto Ferraz (2011) salienta o impacto dos clubes de futebol junto dos adeptos:

Além de os clubes possuírem forte poder de atração social sobre os torcedores, o consumo — simbólico e de produtos — dessas agremiações se torna o fator ratificador e condição básica, de pertencimento e de representação identitária dos valores clubísticos (Ferraz, 2011, p. 114).

A ligação da comunicação com o desporto deve ser, por isso, pautada pela promoção de relações favoráveis com os adeptos, mas sobretudo com os *media*, subentendendo-se que um bom relacionamento é fundamental para o sucesso de qualquer ação de comunicação.

Assim o indica também Ana Baleizão (2013, p. 80):

Os media têm um impacto extraordinário junto da opinião pública a nível local, regional, nacional e internacional e o seu trabalho pode ser fundamental no processo de “Comunicar/Fazer agir” e, por isso, na mudança e adoção de comportamentos. Por esta razão as relações com os media, são a forma mais comum de RP em campanhas de Desporto e devem ser baseadas,

tal como as restantes áreas da profissão, em determinados valores: advocacy, honestidade, expertise, independência, lealdade e justiça.

Sem contrariar o exposto, Pedersen *et al.* (2007, p. 120-124) afirmam que um bom relacionamento por si só não significa que os *media* deem boas notícias sobre a organização, mas acima de tudo que se ouse garantir uma boa relação organização-*media*, porque é a base de um conceito comunicacional efetivo.

Cada vez mais olhado como fundamental, a comunicação tem sido alvo de forte aposta, em especial por parte dos dirigentes dos clubes de futebol, uma vez que a maior parte das equipas profissionais já tem um gabinete de comunicação com um nível de profissionalização semelhante ao da própria equipa. Isto deve-se ao facto de a modalidade ser percecionada por toda a envolvência antes e depois do apito do árbitro, como se depreende das palavras do jornalista Luís Sobral (2006, p. 32): “As conferências de imprensa, zona mista, diretos, são quantas vezes tão ou mais relevantes do que os noventa minutos”.

Assim, a comunicação é vista como um aspeto preponderante e que funciona como um *mind game* com o intuito de ganhar pontos fora do campo aos adversários, tal como se depreende das palavras de José Mourinho, numa conhecida entrevista à BBC, em que o treinador dizia que: “o jogo começa na conferência de imprensa antes da partida e na conferência depois do jogo ainda continua. São jogos dentro do próprio jogo” (BBC, 2005).

Esta profissionalização da comunicação, ao nível futebolístico, pode ser equiparada à de grandes empresas de outros setores. Apesar disso, vê-se, ao mesmo tempo, uma grande diferença na forma de comunicação; ao nível futebolístico não são apenas os diretores de comunicação, ou os dirigentes mais importantes da empresa, que comunicam. No futebol, em nome do clube, podem falar os atletas, treinadores ou dirigentes em conferências de imprensa, *flash interviews*, zonas mistas, entrevistas para meios de comunicação social, e outros. Neste sentido, é importante que o gabinete de comunicação intervenha e prepare os funcionários para que a mensagem que proferem possa beneficiar a instituição e nunca o contrário. Isto é proposto por Christofer Galvão no seu *post*: “Media Training aplicado a executivos do futebol”, onde afirma que “como porta-vozes dos clubes, os profissionais futebolísticos precisam de preparação para entenderem o trabalho da imprensa e conseguirem transmitir informações aos adeptos da melhor forma possível” (Galvão, 2017). É daí que surge o plano de comunicação que obriga a que todos sigam a mesma estratégia, em prol dos interesses do clube. Se tal não se verificar pode ser um desastre para a equipa em várias situações. Por exemplo, em termos de processos negociais para a venda de jogadores,

se um jogador vier a público descredibilizar a equipa e afirmar que quer abandonar a instituição, pode ser um fator decisivo para influenciar negativamente as negociações, visto que, essa atitude faz com que o seu preço no mercado possa ser desvalorizado, revelando-se um prejuízo para a equipa que pretende efetuar a venda. Noutro sentido, é imprescindível lidar com a exposição mediática dos funcionários do clube para que esta não afete o balneário e toda a estrutura técnica.

De uma forma mais crua, o gabinete de comunicação de um clube de futebol é fundamental na resolução de problemas ou para a correção de notícias falsas; está responsável por esclarecer os assuntos do dia-dia de um clube, quer com os órgãos de comunicação social, quer com patrocinadores, mas também com os próprios sócios e adeptos, bem como assegurar que a transparência e a credibilidade do clube nunca serão postas em causa. Este departamento tem a responsabilidade de encetar todas as estratégias necessárias com o intuito de assegurar a otimização da opinião pública em relação à gestão do clube e também atrair investidores ou eventualmente conseguir um favorável aumento de património. Por intermédio de profissionais competentes na área, o gabinete de comunicação pode evitar conflitos e remediar problemas que estejam relacionados com funcionários do clube desde dirigentes, treinadores ou atletas. Christofer Galvão (2017) destaca:

a tarefa de comunicar no mercado futebolístico, onde as informações são transmitidas a todo o momento por diversas fontes nem sempre confiáveis, exige um trabalho específico da área de comunicação [...] para que se possa agir de maneira estratégica na gestão da marca, minimizando as variáveis negativas e reforçando as positivas (Galvão, 2017).

É responsabilidade, portanto, do departamento de comunicação controlar as declarações para o exterior dos seus funcionários ou eventuais problemas financeiros que possam surgir no plano mediático, bem como outro tipo de informação que deva ser tornada pública pelos canais oficiais do clube.

O profissional de comunicação de um clube deve, por isso, desempenhar três funções básicas: a função de jornalista (realizando as suas tarefas de comunicação da organização e as suas ações de forma transparente), a função de relações públicas (encarnando a figura de porta-voz da organização que representa) e, por último, a função de marketing e publicidade (como coordenador desde departamento deve encetar e organizar campanhas de publicitação de todos os serviços

do clube, tais como vendas de equipamentos e de bilhetes anuais ou simplesmente para os próximos jogos).

Dentro destas funções há um grande número de atividades desenvolvidas, tais como: a construção da comunicação institucional, ser o porta-voz do clube, a criação da imagem corporativa, a gestão de uma comunicação de crise, a implementação da cultura corporativa, o desenvolvimento da política social e institucional, criar campanhas de publicidade e conteúdos multimédia para o sítio oficial ou redes sociais, fazer a assessoria da presidência e do conselho diretivo, coordenar o departamento de marketing, encarregar-se das relações públicas e institucionais, das relações com os órgãos de comunicação social, entre outro tipo de ações.

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

O principal objetivo deste trabalho é perceber e analisar os fatores que têm conduzido à criação das estratégias de comunicação do FCP, a partir da gestão de comunicação do clube. Em termos de objetivos específicos, este texto visa: a) Identificar as estratégias de comunicação utilizadas pelo FCP; b) Compreender de que forma se produz uma receção dessa comunicação nos adeptos e nos órgãos de comunicação social. Para concretizar esses objetivos, optou-se maioritariamente por um método de pesquisa de natureza quantitativa, procedendo-se à aplicação de um inquérito via questionário com vista à sua mensuração estatística. Sem contrariar o exposto, procedeu-se também à aplicação de algumas entrevistas exploratórias, mesmo que se reconheçam as limitações associadas a uma metodologia de cariz mais qualitativo, uma vez que os dados não poderão ser generalizados à população em estudo (Johnson, 1994). As questões colocadas aos entrevistados foram do tipo aberto, possibilitando respostas de acordo com as opiniões e motivações dos respondentes (Kotler & Keller, 2000). Realizadas as entrevistas, sistematizou-se a informação, de modo a resumir e organizar os dados, tornando-os compreensíveis (Miles & Huberman, 1994). Essas entrevistas serviram apenas o enquadramento da temática, não sendo aqui o seu propósito tratá-las sob um ponto de vista estatístico.

Análise dos resultados das entrevistas

A primeira questão colocada aos jornalistas entrevistados pretendia apurar como é percecionada a abertura da estrutura FCP aos *media*. Um dos jornalistas entrevistados¹, da Sport-TV, falou da sua experiência de contacto com os elementos da comunicação do FCP. Para aquele jornalista, “é

¹ Por questões relacionadas com o trabalho e com a proteção de dados, preferiu-se manter o anonimato dos entrevistados, de forma a preservar a relação laboral dos intervenientes; de qualquer forma, os jornalistas foram devidamente identificados para efeitos de investigação.

fácil trabalhar as notícias do FCP”, quando, “nos é concedida a informação”, assumindo que na maioria dos casos, a tentativa de obter notícias sobre o clube é infrutífera. Outro jornalista, desta vez da Rádio Portuense — uma rádio *online* do Porto —, refere que “no início foi difícil impor o nosso trabalho e tivemos dificuldades que nos reconhecessem”.

Sendo os clubes tão fechados em geral, e não apenas aquele que se analisa neste trabalho, foram questionados os jornalistas quanto à forma de ultrapassarem as dificuldades de *blackout* e da pouca abertura dos elementos dos clubes. O jornalista da Sport-TV afirmou que, por vezes, “é difícil ter acesso à informação para além daquilo que os próprios clubes querem que os jornalistas saibam”. Já outro colega de profissão indica que, na estação que representa, “tentam pouco obter informações”, pois quando procuravam “não obtinham resposta”, afirmando mesmo que “é uma defesa nossa não o fazer”. Já o terceiro entrevistado refere ser essa a “função do jornalista” indicando que é necessário “recorrer a outros meios”, sendo uma “arma do trabalho” o contacto com os jogadores, por exemplo.

O elemento do gabinete de comunicação do FCP² que aceitou ser entrevistado, questionado diretamente se os *media* ou os próprios adeptos influenciavam as estratégias de comunicação que o FCP utiliza, afirmou perentoriamente que não: “Não temos qualquer tentativa de resposta àquilo que os órgãos de comunicação escrevem”, acrescentando informação sobre a política implementada pelo clube:

temos um planeamento bem claro, que muitas vezes foge ao que vem nos jornais e que procuramos que seja imune a resultados desportivos que acabam por ser, para os adeptos, a maior motivação, o maior foco. Procuramos seguir um caminho linear sem exultar as vitórias, nem depressões com derrotas, mantendo um fluxo de trabalho que permite transmitir as informações relevantes sobre o clube.

Procurou-se ainda saber se o FCP tinha um plano de comunicação definido, com atividades programadas e realizadas regularmente com agenda, *timing* e atividades por respeitar. O entrevistado afirmou que “há um planeamento antecipado dos conteúdos, procuramos distribuir os conteúdos pelos vários veículos. Na revista *Dragões* há um maior planeamento, já o site é mais factual, sobre o acontecimento diário, deixando a exploração dos conteúdos para a revista *Dragões*”.

Tocando no tema “conteúdos”, questionámos o entrevistado quanto ao facto se as ideias para esses conteúdos partiam

apenas dos elementos que trabalhavam nesse departamento ou se também podiam vir de fora:

Não há ideias que venham de fora, há sim ideias que vêm, internamente, de outros departamentos. Há uma ligação forte ao Porto Canal e à equipa de Redes Sociais, e desse esforço conjunto surgem as grandes ideias e o grande planeamento sobre grandes acontecimentos.

Clarificou com exemplos mais práticos: “a Gala Dragões de Ouro, a data de aniversário do clube ou quando um jogador atinge a marca dos 100 jogos pelo clube”, são casos em que as várias equipas pensam “a forma de abordar, os métodos de distribuição” e tudo feito é pensado “em conjunto” num processo “dinâmico” para que a ideia possa “viver de forma diferente nos vários meios”, com o intuito que esta “garanta a maior abrangência e cobertura de determinado evento”.

Outro tema abordado na entrevista ligou-se às principais apostas dos FCP em termos de comunicação. Questionou-se se estas apostas se caracterizavam por ser próximas dos públicos-alvo, ou seja, dos adeptos e da comunicação social. O elemento do gabinete da comunicação do FCP apontou o grande foco para “os adeptos” e a tentativa de “aproximação e dar o máximo de informação”, “não camuflando resultados negativos, não escondendo questões incómodas para a equipa”, tentando “prestar o melhor serviço possível”, sabendo que os adeptos são “parte integrante do clube.” Já relativamente aos *media*, este revelou haver uma “preocupação” em divulgar a informação correta a todos os órgãos, pois estão cientes de que “se muitas vezes não tiverem essas informações corretas e concisas, acabam por tentar saber por outros meios e a informação acaba por não ser clara”. Finalizou a entrevista, referindo que: “tentámos ser nós a facultar essa informação de forma pública para todos (*media* e adeptos), pois isso fará com que não surjam ideias erradas”.

Questionou-se ainda se o FCP tentava, de alguma forma, diferenciar ou segmentar o seu público e se realizava algum tipo de estratégia diferente, por exemplo, para o público feminino e/ou para as faixas etárias mais jovens. O entrevistado do gabinete de comunicação do FCP indicou que não há “qualquer tipo de segmentação, nem importa diferenciar”; contudo, referiu haver uma pequena diferença naquilo que escrevem para o *site* e revista *Dragões*, daquilo que o clube utiliza nas redes sociais: “Há uma linguagem diferente nos canais de comunicação formal e nas redes sociais. Nas redes sociais, por exemplo, trata-se o adepto por “tu”, já que se fala para um público mais jovem ligado a estas plataformas”, nos outros, como o *site*, revista ou canal, o

2 Também por questões de proteção laboral, as indicações relativas a este entrevistado estão ocultadas, estando, todavia, identificado o seu autor, para efeitos de investigação.

entrevistado acrescentou ainda que “procura-se seguir uma linguagem mais formal, tentando tratar o interlocutor por você”, havendo, ainda assim, essa “tentativa de aproximação ao adepto com um distanciamento formal que a postura do clube exige”.

Sendo o FCP um clube que vive para os seus adeptos, surgiu a necessidade de perguntar se estes partilhavam comentários e se havia *feedback*. O elemento da comunicação do FCP afirmou que recebem “vários emails durante o dia com sugestões de melhoria, correções e opiniões”, um *feedback* que o próprio afirma que os “alimenta”, acrescentando que “não comunicam para o vazio” e que sem este *feedback* “não faria sentido fazerem o que fazem”.

Numa primeira análise aos testemunhos orais recolhidos, conseguidos durante as entrevistas, vários pontos foram ao encontro da revisão de literatura realizada.

Recorrendo aos estudos de Pedersen *et al.* (2007), relembra-se que, para os autores, é preciso uma boa relação entre organização e os *media*, e esta relação deve ser pautada, principalmente, por honestidade. Segundo o elemento da comunicação do FCP, este é um dos principais objetivos e estratégias que o clube utiliza, havendo uma tentativa de serem sempre claros com os órgãos de comunicação social.

Christofer Galvão (2017) também partilha dessa opinião quando afirma que é preciso “transmitir informações aos adeptos da melhor forma possível”, uma visão que, novamente, o elemento da comunicação do FC Porto referiu, já que o clube tenta estar “próximo dos adeptos e dar o máximo possível de informação”.

Galvão (2017) mencionou ainda que a tarefa dos clubes é “comunicar num mercado onde as informações são transmitidas por diversas fontes, nem sempre confiáveis tentando minimizar as variáveis negativas e reforçando as positivas”.

Pinheiro (2012) refere que é fundamental os clubes serem “humildes/modestos nas vitórias, mas também tranquilos nas derrotas”, e isso mesmo afirmou o elemento do gabinete de comunicação do FCP, ao explicar o caminho que o FCP procura implementar: “procuramos seguir um caminho linear sem exultar as vitórias, nem depressões nas derrotas”.

Análise dos resultados do inquérito

A escolha do questionário procurou beneficiar, como referem Perrien *et al.* (1986), das vantagens associadas à obtenção de informações sobre questões importantes como a idade, a escolaridade, o estilo de vida, atitudes, interesses e opiniões.

Gil (2008, p. 122) lembra que, com um questionário, é possível alcançar um grande número de pessoas, independentemente do local onde se encontrem, já que o seu fácil envio e custos reduzidos são ainda secundados pelas questões de anonimato e liberdade de resposta. Afirmar as suas vantagens não significa,

porém, esquecer os entraves que a técnica implica, tais como o inconveniente de não poder ser utilizado por pessoas com baixo nível de alfabetismo, a impossibilidade de ajudar o inquirido na eventualidade de não compreender questões e ainda o facto de ter, obrigatoriamente, um reduzido número de perguntas.

O questionário deste estudo foi dividido em três grupos: no primeiro, procurou-se a resposta a itens que permitissem identificar socio-demograficamente os inquiridos; no segundo, pretendia-se estabelecer a caracterização do perfil do adepto típico do FCP³; e no terceiro grupo, procurou-se saber a opinião da amostra relativamente à comunicação do clube em si.

Com o objetivo de testar o questionário e os seus itens, procedeu-se a um pré-teste aplicado a 20 pessoas, de forma a “evidenciar possíveis erros na redação do questionário, tais como complexidade das questões, imprecisão na redação, desnecessidade nas questões, exatidão, entre outros” (Gil, 2008, p. 134). Deste pré-teste resultaram alguns ajustes à quantidade de perguntas e à forma como estas estavam redigidas, procurando tornar o questionário menos extenso e de fácil compreensão.

No que se refere à distribuição do questionário, este foi concebido na plataforma *online* “Google Formulários” e daí resultou um *link* que foi disponibilizado por vários meios de divulgação, como o *Facebook*, o *Instagram*, o *WhatsApp* e o *Messenger*. Mesmo correndo o risco de não ser a melhor ferramenta, as pesquisas realizadas recorrendo à Internet, a redes sociais inclusive, têm-se tornado cada vez mais populares e muito se deve às vantagens que daí advêm, como os custos baixos, rapidez e facilidade de alcance, tornando o processo de resposta do inquirido mais conveniente (Malhotra, 2006).

Na criação da amostra, partiu-se de um universo/população composto por indivíduos do sexo masculino e feminino, que podiam ser, ou não, simpatizantes do FCP. Para obter uma ideia sobre o número de indivíduos pertencentes à população, recorreu-se à página oficial do FCP no *Facebook*, através da quantidade de *likes*, realizando uma estimativa da população total. No dia 06 de outubro de 2018, a página apresentava 4.037.251 *likes*, perspetivando-se que o número real de adeptos pudesse ser aproximado.

O tipo de amostra escolhido foi de caráter não probabilístico, porque nem todos os elementos da população tiveram a mesma probabilidade de fazerem parte dessa amostra. Carmo e Ferreira (1998, p. 215) afirmam que estas amostras “podem ser selecionadas tendo por base critérios de escolha intencional utilizadas com a finalidade de determinar as unidades da população que fazem parte da amostra”. Além de não probabilística, a amostragem foi também por *conveniência*, uma vez que se formou de acordo com a disponibilidade e acessibilidade dos elementos da população (Huot, 2002).

3 Por questões de espaço e relevância, ocultamos deste artigo os dados relativos ao segundo grupo de questões.

O questionário foi lançado no dia 7 de outubro de 2018 e esteve disponível até ao dia 12 de outubro de 2018. No total foram obtidas 168 respostas válidas.

No que diz respeito aos principais dados recolhidos, propõe-se, primeiro, uma caracterização sociodemográfica e focaliza-se, mais adiante, os aspetos relativos à forma como os inquiridos percebem a comunicação do FCP.

De uma amostra composta por 168 elementos, 44.4% são do género masculino e 55.4% do género feminino, como apresentado no Gráfico 1, mostrando algum equilíbrio na distribuição das respostas por género, numa proporção semelhante à nacional.

A faixa etária dos 18 aos 25 anos foi a que mais se destacou nas respostas a este inquérito, correspondendo a 51.5% da amostra. Logo de seguida, 19.04% dos inquiridos estão na faixa dos 34 aos 41 anos; já 18.4% dos inquiridos tem idade compreendida entre os 26 e os 33 anos. O valor menos relevante surge em escalões etários com idade mais avançada (+ de 66 anos), como se lê no Gráfico 2.

Já no que concerne ao nível de escolaridade dos inquiridos (Gráfico 3), predominam os que possuem habilitações ao nível do ensino secundário com um total de 43.6%, logo seguidos dos sujeitos que possuem licenciatura, com 41.1%. Depois, surgem os inquiridos com nível de mestrado, correspondendo a 10% da amostra, e, com apenas ensino básico, salientam-se as respostas de 5 sujeitos. Este último nível é levemente mais elevado, do que o número de indivíduos que possuem Doutoramento (3).

A análise do Gráfico 4 permite compreender a ocupação dos respondentes, verificando-se que os dois maiores grupos se referem aos trabalhadores por conta de outrem (67%) e aos estudantes (26%), sendo menos relevante o n.º de desempregados (4%), de reformados (1%) e de trabalhadores/estudantes (2%).

Já no que diz respeito à localização geográfica dos inquiridos (Gráfico 5), observa-se uma predominância dos que residem no norte do país (158 inquiridos), correspondendo a 94.04% da amostra. Este fenómeno deve-se ao facto de os adeptos/simpatizantes do FCP residirem, maioritariamente, na zona norte de Portugal.

Quando questionados sobre o estado civil (Gráfico 6), 76,1% dos inquiridos pertencem à categoria de solteiro (128 indivíduos) e 17.2% à categoria de casado (29 casos). Há ainda a destacar que 4.7% (8) dos inquiridos são divorciados e que 1.7% estão numa união de facto (3 sujeitos).

Quando questionados sobre o seu clube (Gráfico 7), 126 sujeitos (76,5%) responderam ser do FCP, sendo que 25% dos restantes se dividiram pelo Benfica, Sporting, Rio Ave, Leixões, Amarante, e ainda houve quem referisse que não tinha clube.

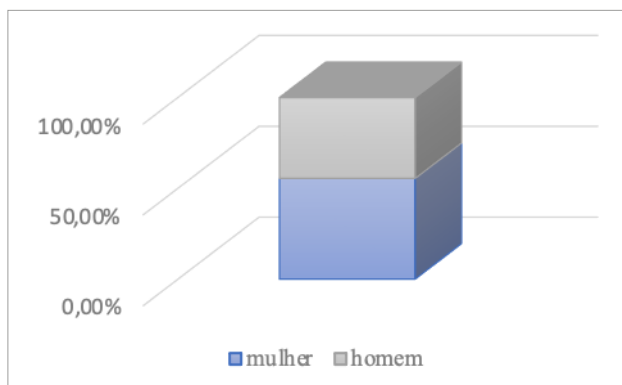


Gráfico 1. Género dos inquiridos.

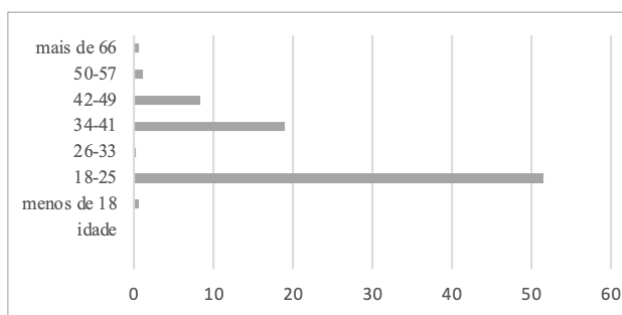


Gráfico 2. Idade dos Inquiridos.

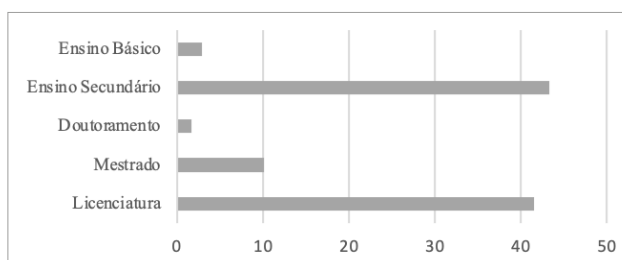


Gráfico 3. Habilitações Académicas.



Gráfico 4. Situação Profissional dos Inquiridos.

A questão sobre a ligação a um clube de futebol era importante, não só para identificar os inquiridos que seriam adeptos do FCP, mas também para conduzir os 126 simpatizantes do clube para o Grupo II do questionário, onde se pretendia

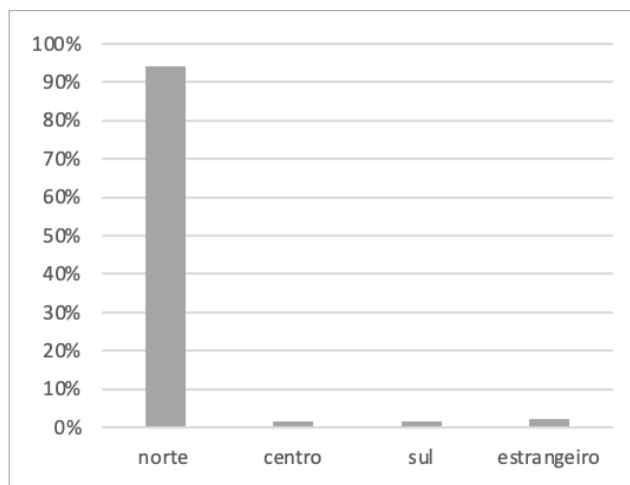


Gráfico 5. Localização dos respondentes.

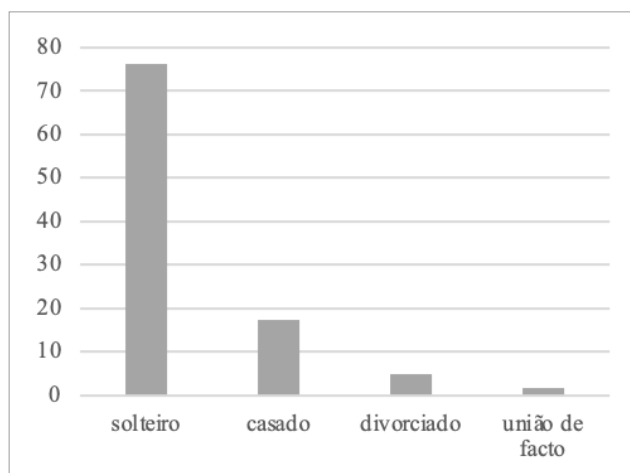


Gráfico 6. Estado civil dos inquiridos.

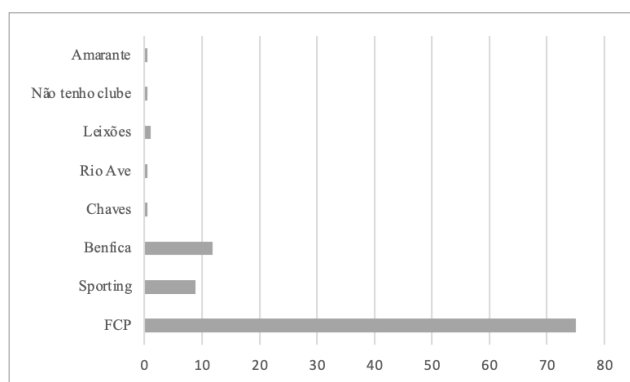


Gráfico 7. Identificação do Clube de que os sujeitos são simpatizantes.

realizar uma caracterização mais aprofundada do adepto⁴. Os restantes 42 sujeitos foram redirecionados para o Grupo III, referente apenas à perceção sobre a comunicação do FCP.

Assim, a primeira pergunta do Grupo II pretendia saber quais, dos adeptos do FCP que responderam ao inquérito, seriam efetivamente sócios do clube. Como é possível observar no Gráfico 8, 77.8% dos respondentes disseram que não eram sócios do clube, prevendo-se aqui um número maior de simpatizantes do que de sócios efetivos.

No Gráfico 9 analisam-se as respostas dos inquiridos à pergunta “Como se caracteriza enquanto adepto do FCP?”, sendo apresentadas, neste caso, várias opções para permitir ao respondente selecionar 3. Verificou-se a seguinte distribuição: Apaixonado com 30.6%, seguido de Respeitador com 16.5% e Racional, com 13.6%. As restantes opções foram: Fervoroso com 12.3%, Passivo e Participativo, curiosamente com 5.9% cada, Ferrenho e Maduro com 5.5%, Doente com 3.4% e Teimoso com apenas 0.4%.

No Gráfico 10 foi pedido aos inquiridos que caracterizassem o adepto do FCP no geral e, neste caso, a opção Apaixonado voltou a liderar destacar-se, com 35.3% das escolhas, seguido de Fervoroso com 21.3% e Ferrenho com 16.8%. Seguiu-se

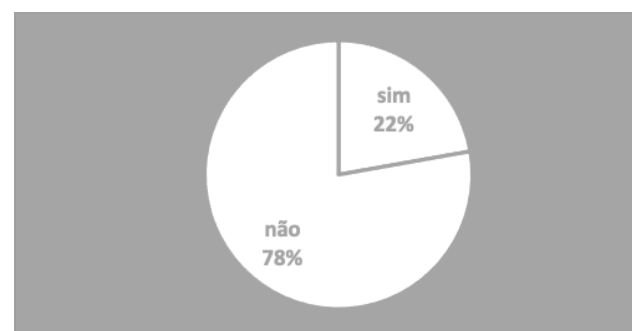


Gráfico 8. Resposta à questão “És Sócio do Clube?”.

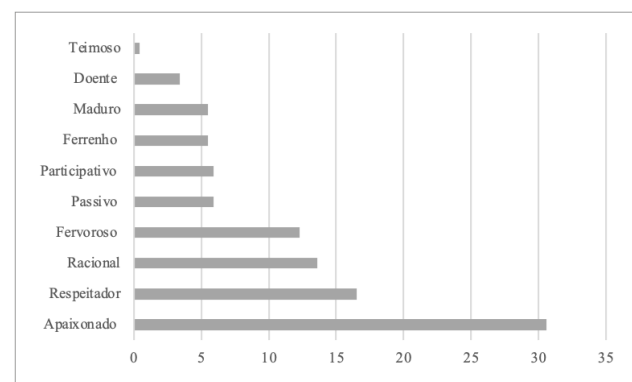


Gráfico 9. Como se caracteriza enquanto adepto do FC Porto?

⁴ Apesar de o Grupo II permitir traçar o perfil do adepto do FCP, julgou-se pouco relevante colocar todos os dados colocados no questionário.

Participativo com 7.8%, Doente com 6.1%, Respeitador com 4.1%, Racional com 3.2%, Teimoso com 2%, Maduro com 1.6% e Passivo com 1.2%.

Não deixa de ser curioso, a avaliar pelo Gráfico 11, que o adepto FCP se caracterize a si próprio como Respeitador e Racional, mas quando é incentivado a caracterizar o adepto em geral a interpretação que faz do “outro” já inclui designações como Fervoroso e Ferrenho, demonstrando aqui uma diferença entre aquilo que se refere a uma autodefinição como adepto e a descrição que se faz dos outros.

No Gráfico 12, a pergunta era “Se não fosse do FCP de que outro clube seria?”. 80,9% dos inquiridos (102) responderam que não trocariam o seu clube por outro e, curiosamente, 19.04% (24) dos inquiridos optaram pela resposta “Outro”, sendo que 14.2% (18) optaram por escolher clubes do norte do país tais como Canelas, Pedras Rubras, Braga, Rio Ave, Penafiel, Leixões, Fafe, Salgueiros, Chaves e Boavista, com este último a ter uma predominância de 5.5% (7 escolhas), sobressaindo como o principal clube para além do FCP. Destaque ainda para 3.9% (5 dos inquiridos) que afirmaram optar por um dos outros dois rivais do clube da cidade invicta com 2.3% (3) a escolherem o Sporting e 0.7% a optarem pelo Benfica, e, por último, 1 inquirido escolheu a Académica de Coimbra.

No Grupo II foi ainda pedido aos inquiridos, através de uma questão aberta, que apresentassem mudanças que

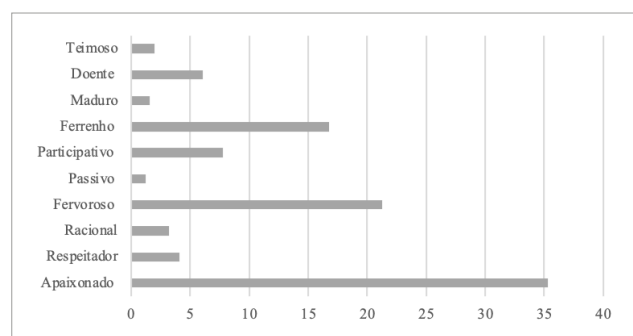


Gráfico 10. Caracterização do adepto FCP no geral.

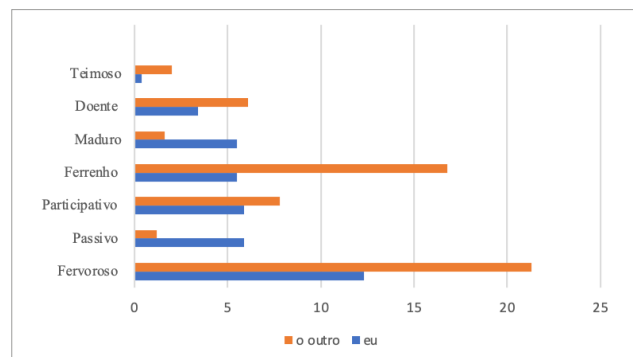


Gráfico 11. Comparação entre o “eu” e o “outro” enquanto adeptos.

realizariam no seu clube. Por ser uma questão aberta, apenas 42 dos 126 inquiridos responderam, sendo que 16 dos quais referiram que “não mudavam nada” no seu clube. Os restantes 26 dividiram as suas respostas por situações que gostavam de ver implementadas no seu clube, tais como: mudanças na SAD e na Presidência; acabar com o excesso de comissões aos agentes desportivos; transparência em todos os processos realizados pelo clube; baixar o preço de bilhetes e quotas; apostar no regresso do atletismo e na implementação do *futsal* como modalidades oficiais do clube.

Finalmente, no *Grupo III* do questionário, analisou-se a *comunicação do FCP*, a partir das respostas dos inquiridos (Gráfico 13).

A primeira pergunta do Grupo III questionava os inquiridos se gostavam, ou não, da comunicação desenvolvida pelo FCP. 88% da amostra respondeu favoravelmente, enquanto apenas 12% disse não gostar. Se cruzarmos a informação do Gráfico 8 (onde se questiona “De que clube é?”) com a do Gráfico 12 “Gosta da comunicação desenvolvida pelo FCP?”, chega-se à conclusão que, dos 20 inquiridos que responderam não gostar da comunicação desenvolvida pelo clube, 5 são adeptos do FCP. Noutro sentido, a maioria dos inquiridos que respondeu gostar da comunicação do clube são adeptos do FCP.

No Gráfico 14 pode-se verificar a opinião dos inquiridos em relação à pergunta “Como analisa a comunicação do FCP através dos seguintes meios?”, numa escala que ia de 1 a 5. O *site* oficial do FCP (55) e o Porto Canal (54) foram os mais escolhidos pelos inquiridos com a classificação máxima de 5, com o *Dragões Diário* a ficar com 41 e a *Revista Dragões* com 40, nesta avaliação de 5 valores. Depois, no grau de avaliação 4, o Porto Canal obteve 61 votos, seguido pelo *site* oficial com 52, a *Revista Dragões* com 40 e o *Dragões Diário* com 39.

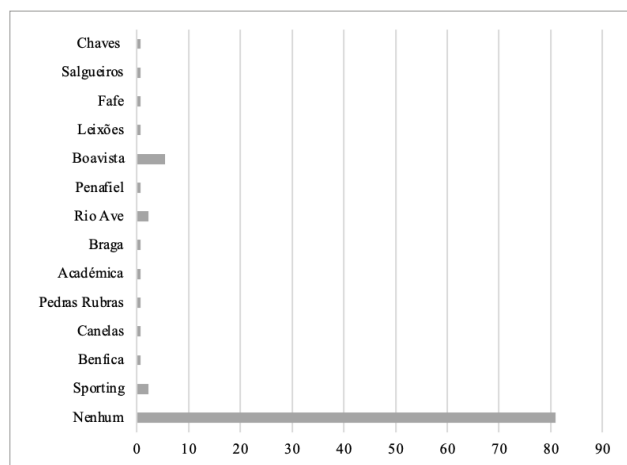


Gráfico 12. Resposta à pergunta: “Se não fosse do FCP de que outro clube seria?”.

Por último, verificou-se que no caso da *Revista Dragões* e do *Dragões Diário* a opção mais escolhida foi a NS/NR — não sabe/não responde, o que se traduz num possível ponto de melhoria a ser tomado em conta pelo gabinete de comunicação do FCP, na comunicação desenvolvida através destes meios ou na sua publicitação. Pelas respostas pode-se concluir que a amostra do inquérito se revela satisfeita com a comunicação desenvolvida pelo FCP.

No Gráfico 15, que apresenta as respostas à pergunta “Que análise faz à comunicação do FCP através das seguintes plataformas?”, os inquiridos, tal como na pergunta anterior, deveriam responder numa escala de 1 a 5. O *Instagram* com 58 e o *Facebook* com 57 respostas foram classificados com a máxima cotação de 5. Em sentido contrário, os inquiridos não se mostram conhecedores da comunicação do FCP, através do *Twitter*, com 73 deles a responderem NS/NR — não sabe/não responde, tal como a resposta *YouTube* que obteve 56 respostas iguais.

Depreende-se daí que a amostra é particularmente conhecedora da comunicação que o FCP desenvolve através das redes sociais *Facebook* e *Instagram*, mas em sentido contrário, o *YouTube* e o *Twitter* são ainda plataformas por explorar.

No Gráfico 16, referente aos resultados à pergunta “Como classifica a gestão da comunicação do FCP em momentos de crise?”, 39.8% da amostra (67 inquiridos), classifica a gestão

da comunicação de crise como *Boa*. Logo de seguida, 29.1% inquiridos opta por classificar como *Razoável* e 20.8% dos inquiridos classifica essa gestão como *Muito Boa*. 4.5% dos inquiridos atribuíram a opção *Fraca*; e 4.1% classificou de *Muito Fraca*, a gestão destes momentos; ainda 1.1% diz que *Não sabe/Não responde* a esta questão.

O Gráfico 17 é apresenta os resultados à pergunta “Como classifica os seguintes elementos do FCP?”, onde se solicita aos inquiridos para classificarem o Emblema, o Equipamento e o Site do clube numa escala de 1 a 5. No que ao *emblema* atual diz respeito, 108 inquiridos atribuíram o valor máximo da escala de 5, já quanto ao *equipamento* apenas 75 responderam com nota 5 e, por último, relativamente ao *site* oficial, só 72 o fizeram. No que concerne aos valores 3 e 4 os números foram muito próximos não havendo uma discrepância grande nestas escolhas.

No Gráfico 18, referente à pergunta “Que avaliação faz da evolução da imagem do clube?”, 40.5% dos inquiridos, equivalente a 68 pessoas, atribuiu a resposta *Boa*, seguido de *Muito Boa* com 33.9%, o equivalente a 57 pessoas, com a resposta *Razoável* com 15.5%, equivalente a 26 pessoas, a fechar as três opções mais votadas. De seguida 12 pessoas (7.1%) responderam que a imagem do clube estava estagnada, ao passo que 2 (1.2%) consideraram a imagem *Fraca* e por último 3 pessoas (1.8%)



Gráfico 13. Resposta à pergunta: “Gosta da comunicação desenvolvida pelo FCP?”.

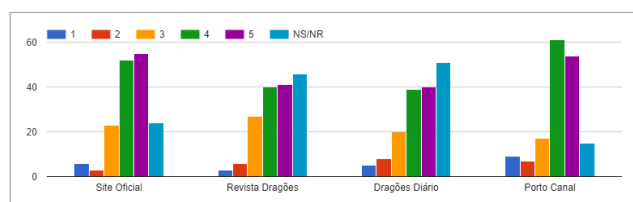


Gráfico 14. Resposta à questão “Como analisa a comunicação do FCP nos seguintes meios?”.

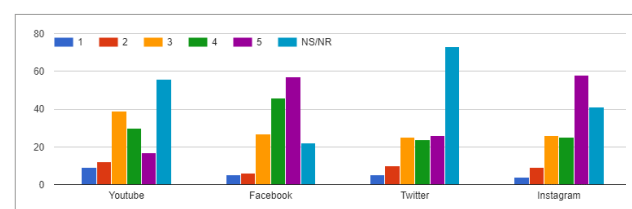


Gráfico 15. Análise à comunicação desenvolvida através de redes sociais.

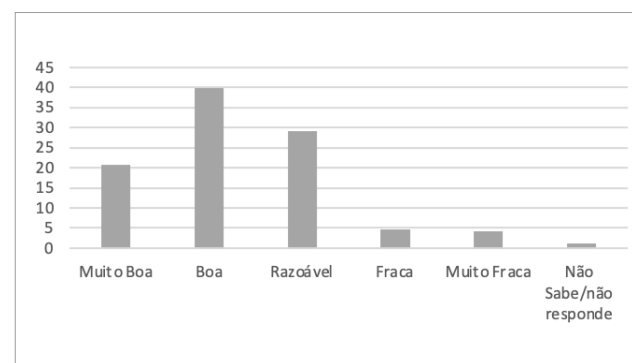


Gráfico 16. Percepção sobre a gestão da comunicação do FCP em tempos de crise.

5 Como se procedeu à apresentação do gráfico retirado dos formulários do Google Drive, este gráfico e o que se segue foram convertidos em imagem, por questões de ausência dos dados isolados em Excel.

não souberam/não quiseram responder à questão. Pode-se verificar que a amostra do inquérito se revela satisfeita com a atual imagem do clube com mais de 73% a classificá-la como Boa ou Muito Boa.

O Gráfico 19 apresenta as respostas à pergunta “Através de que meios recebe notícias do FCP?”. A resposta mais selecionada pelos inquiridos foi a opção *online* que foi selecionada por 134 inquiridos (32.1%), seguido da opção televisão com 112 (26.9%) e da opção jornais com 82 (19.7%). Rádio com 48 (11.5%) e Revistas com 31 (7.4%). Para último com 2.4% ficou a opção nenhuma ou que não recebem notícias do FCP.

No Gráfico 20 pode-se analisar as respostas dos inquiridos à pergunta “Que temas associa ao FCP?”, sendo que as opções eram: E-Toupeira, Vouchers, Corrupção, Apito Dourado, Títulos, Caso dos E-mails, Cashball e Vitórias. Os mais escolhidos pelos inquiridos foram Vitórias, com 29.5%, Títulos, com 28.9%, e Apito Dourado 19% das respostas. Seguiram-se Corrupção, com 10.5%, E-Toupeira com 5.6%, Caso E-mails com 4.04%, Vouchers com 1.5% e Cashball, com 0.6% das preferências. Visto que grande parte dos inquiridos é adepto do FCP, pode-se concluir que as respostas refletiram essa tentativa de procurar os temas positivos para o clube, como são o caso de “vitórias” e “títulos”, ainda assim, o último tema mais escolhido foi o “apito dourado”, apesar do seu teor negativo.

O Gráfico 21 mostra as respostas à pergunta “Que importância dá à comunicação efetuada pelas seguintes figuras?” em que era pedido aos inquiridos que classificassem a importância da comunicação efetuada pelo presidente Jorge

Nuno Pinto da Costa; pelo treinador da equipa de futebol Sérgio Conceição; pelo diretor de comunicação Francisco J. Marques; pelo *speaker* do Estádio do Dragão e Oficial de Ligação aos Adeptos Fernando Saúl; e pelo líder dos Super Dragões Fernando Madureira; numa escala de 1 a 5.

Cerca de 105 dos inquiridos deu um 5 à comunicação efetuada por *Jorge Nuno Pinto da Costa*, o que revela a importância que a comunicação efetuada pelo presidente do FCP tem nos adeptos em geral. Se se proceder a uma análise pormenorizada, percebe-se que dos 105 que classificaram a comunicação de Pinto da Costa com um “5”, 93 deles são do FCP. No extremo oposto, dos 10 elementos que classificaram a comunicação de Pinto da Costa com um “1”, apenas um elemento é adepto do FCP. Esta análise permite ainda perceber que 12 dos inquiridos que não são adeptos do FCP também classificam a comunicação do presidente azul e branco com um 5.

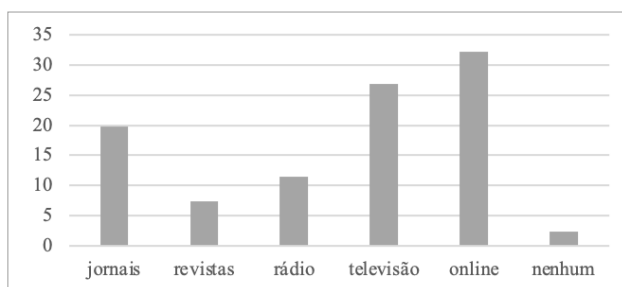


Gráfico 19. Resposta à pergunta “Através de que meios recebe notícias do FCP?”.

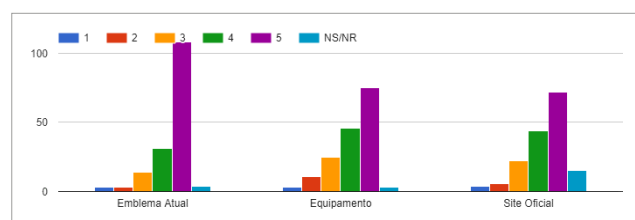


Gráfico 17. Resposta à pergunta: “Como classifica os seguintes elementos do FCP?”.

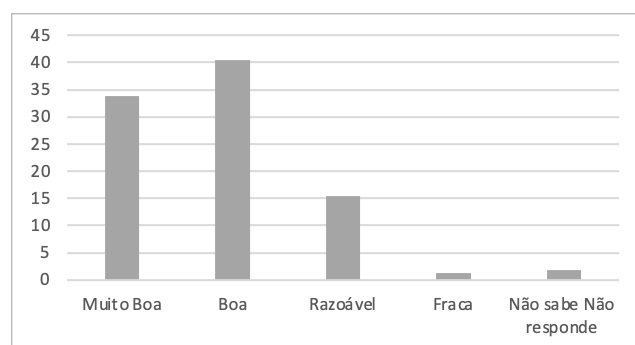


Gráfico 18. Resposta à questão: “Como avalia a evolução da imagem do clube?”.

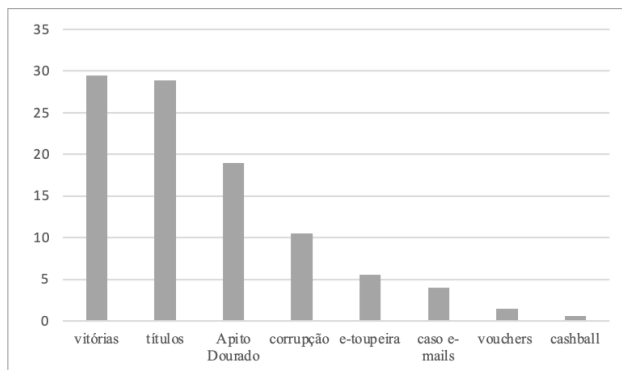


Gráfico 20. Resposta à pergunta “Que temas associa ao FCP?”.

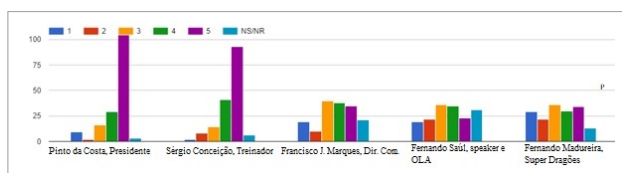


Gráfico 21. Resposta à pergunta “Que importância dá à comunicação efetuada pelas seguintes figuras?”.

Já relativamente ao treinador Sérgio Conceição, 93 dos inquiridos atribuiu um “5” na avaliação da escala de 1 a 5. Voltando a fazer o cruzamento de informação com aqueles que responderam que o seu clube era o FCP, 85 destes classificam a comunicação do treinador como muito importante. Por outro lado, nenhum adepto portista classificou a comunicação do técnico com “1”, mas houve 3 deles que classificaram com um “2”.

Relativamente ao diretor de comunicação, Francisco J. Marques, houve menos discrepância na atribuição de valores referentes à importância da comunicação deste elemento, com as classificações 3, 4 e 5 a ficarem muito perto umas das outras com 40, 38 e 35 escolhas, respetivamente. Destes, 35 adeptos do FCP atribuíram um 3, 34 atribuíram um 4 e, finalmente, 33 atribuíram um 5. Por último, 7 atribuíram um 2 e apenas 3 elementos classificaram a comunicação do diretor de comunicação com 1 e ainda 21 responderam que não sabiam/não respondiam.

No que à comunicação de Fernando Saúl diz respeito, os valores também foram muito idênticos com a resposta 3 e 4 a receberem 36 e 35 votos, respetivamente. O terceiro valor mais escolhido diz respeito ao não sabe/não responde com 31 escolhas. Ainda assim, 41 adeptos atribuíram valores negativos à importância da comunicação do Oficial de Ligação aos Adeptos divididos por 22 no número 2 e 19 no número 1.

Por fim, Fernando Madureira, líder dos Super Dragões, tal como os dois anteriores elementos, obteve números equilibrados na avaliação da sua comunicação por parte dos inquiridos. A opção número 3 foi escolhida por 36 adeptos, a opção 5 por 34 adeptos, seguido da 4 por 30, a 1 com 29, a 2 com 22 e por último a opção não sabe/não responde com 13.

O Gráfico 22 mostra as respostas à pergunta “Na sua opinião, quanto condicionada é a comunicação do FCP devido à cobertura que os *media* fazem do clube?”. A resposta mais selecionada foi a intermédia, referente a “Condicionada” com 70 inquiridos a optar por esta opção o que corresponde a 42.3% da amostra. De seguida, 43 optou por “Pouco Condicionada” o que equivale a 26.4%; 29 dos inquiridos respondeu que a comunicação do FCP era “Bastante Condicionada”, ou seja, 16% dos inquiridos; 20 dos inquiridos optou por responder “Nada Condicionada” o que representa 11.6% da amostra; por último apenas 6 elementos escolheram a opção “Totalmente Condicionada” num total de 3.7%.

No Gráfico 23, apresentam-se as respostas à pergunta “A sua opinião relativa ao FCP é condicionada pelo que os *media* produzem?”. Neste caso, os inquiridos responderam maioritariamente que os conteúdos dos *media* em nada influenciam a opinião, correspondente a 41.1% da amostra. De seguida, 45 inquiridos disseram ser *pouco condicionados*, o que equivale a 26.4%; 41 sujeitos optaram por escolher a opção mais neutra que corresponde a 24.5% da amostra; 10 indivíduos responderam

bastante condicionada, referente a 6.1%; e, por último, 3 inquiridos, referentes a 1.8% da amostra, dizem ser *totalmente condicionados* pelos *media* relativamente à opinião que têm do FCP.

Da opção mais escolhida, relativa a “nada condicionada”, 60 adeptos do FCP referem que os *media* não os influenciam na opinião que têm do FCP e 30, dos 45 que responderam “pouco condicionada”, também são afetos ao FCP. Portanto, consegue-se perceber que 90 dos 126 inquiridos do FCP, dizem não ter a opinião relativa ao clube condicionada pelo que os *media* produzem.

À pergunta “Como classifica, no geral, a cobertura dos *media* nos assuntos relacionados com o FCP?”, em que os inquiridos eram questionados sobre Jornais, Revistas, Rádio e Televisão, a resposta mais selecionada foi “Razoável”, para todas, com 69, 74, 69, e 64 respetivamente, destacando-se também de seguida a opção “Boa” com 47, 27, 46 e 47. Os inquiridos, maioritariamente, escolheram a opção neutra para classificar a cobertura dos *media*, o que nos diz que a amostra considera esta cobertura como sendo razoável, tendo, porventura, possibilidade de ser melhor realizada (Gráfico 24).

O último grupo de questões teve ainda duas perguntas do tipo aberta, uma sobre o que os inquiridos mudavam na comunicação do FCP se pudessem, e outra referente a possíveis mudanças no próprio questionário. À primeira delas, relativamente à comunicação, apenas 45 da totalidade dos inquiridos quis responder, sendo que 17 dos quais afirmou

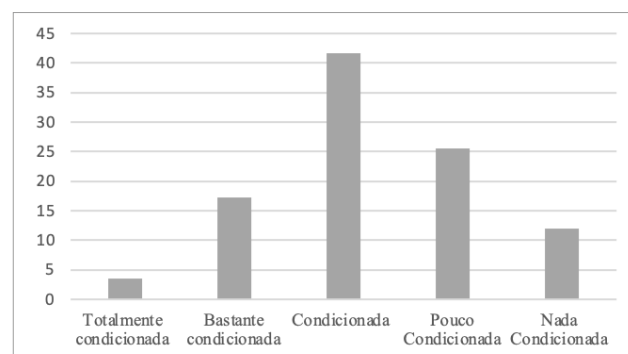


Gráfico 22. Opinião relativa ao condicionamento da comunicação do FCP.

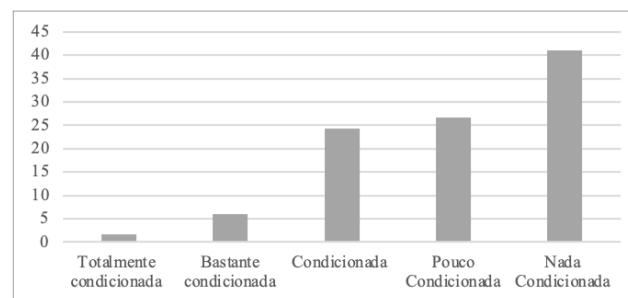


Gráfico 23. Resposta à pergunta: A sua opinião relativa ao FCP é condicionada pelo que os *media* produzem?

que não mudava nada. As restantes respostas foram muito díspares com algumas sugestões de melhoria, como pedidos para a comunicação ser efetuada pelo presidente do clube, Pinto da Costa, haver mais transparência na informação prestada aos adeptos e também mais interação com o público.

CONCLUSÃO

O presente artigo teve como principal preocupação o estudo da comunicação do FCP e das suas estratégias, com o propósito de perceber se os *media* influenciam estas mesmas práticas.

Para compreender essa questão, encetou-se uma pesquisa qualitativa e outra quantitativa; se, por um lado, na pesquisa qualitativa, se verificou que o entrevistado ligado à estrutura de comunicação do FCP afirmou perentoriamente que os *media* não tinham influência nas estratégias que o clube utiliza; por outro lado, durante a pesquisa quantitativa, a amostra também indicou que o clube é condicionado, a nível de comunicação, por aquilo que os *media* produzem.

Ainda assim, observámos que os jornalistas apontam o dedo à pouca abertura do clube ao nível de comunicação e isso, sendo intencional ou não, é uma estratégia utilizada pelo FCP, inspirado pelos *media*. Crê-se, portanto, que seja esta a principal influência dos *media* nas estratégias de comunicação do FCP, levando o clube a fechar-se numa espécie de *blackout* do mundo futebolístico.

Os objetivos do estudo foram também analisados à luz da pesquisa qualitativa realizada. Foi devido à entrevista que se conseguiu identificar não só a interferência que os *media* têm no FCP, mas também as estratégias de comunicação utilizadas pelo clube, que, de acordo com a pesquisa, são: estar próximo dos públicos-alvo, passando-lhes uma mensagem clara e concisa, através de todos os meios que têm ao seu dispor.

Posto isto, crê-se que o este trabalho contribuiu para os estudos realizados em comunicação desportiva, ainda que, por ser de caráter exploratório, se possa apresentar com algumas limitações.

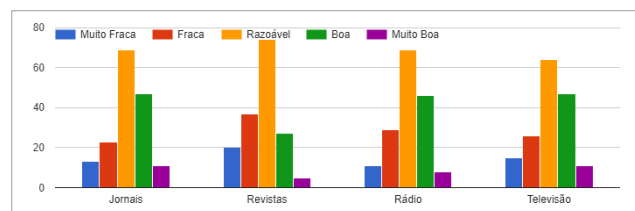


Gráfico 24. Opinião relativa à cobertura dos media nos assuntos FCP.

REFERÊNCIAS

- Baleizão, A. (2013). *Comunicação no Desporto: Estratégia de Relações Públicas para a divulgação da Nataçao Sincronizada em Portugal*. Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Comunicação Social, Lisboa. Recuperado de <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/3391/1/TESE.pdf>
- Billings, A. B. (2012). *Communication and Sport: Surveying the Field*. Sage.
- BBC (2005). *José Mourinho – The Special One*. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=tL5YwAoXAk>
- Cardoso, M. F. (2018). *Comunicação de Crise no Desporto: Gestão da Reputação no "Caso E-mails"*. Dissertação de Mestrado em Comunicação Estratégica: Publicidade e Relações Públicas, Faculdade de Artes e Letras, Universidade da Beira Interior, Covilhã. Recuperado de https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9764/1/6534_13972.pdf
- Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação: Guia para autoaprendizagem*. Universidade Aberta.
- Costa, A. (2009). *Desporto e política: dois fenómenos estruturalmente idênticos*. Afrontamento.
- Ferraz, R. P. (2011). Futebol e comunicação, um processo de consumo chamado paixão. *Organicom*, 8(15), 107-123. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2011.139109>
- Galvão, C. (2017). *Media Training aplicado a executivos de futebol*. Recuperado de <http://universidadedofutebol.com.br/media-training-aplicado-a-executivos-de-futebol/>
- Gil, A. C. (2008). *Dados e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). Atlas.
- Huot, R. (2002). *Métodos quantitativos para as ciências humanas*. Tradução de Maria Luísa Figueiredo. Instituto Piaget.
- Johnson, D. (1994). *Research methods in educational management*. Longman Harlow.
- Kotler, P. K., & Keller, L. (2000). *Administração de Marketing*. Prentice Hall.
- Lampreia, J. M. (1999). *A Assessoria de Imprensa nas Relações Públicas*. Texto.
- Malhotra, N. (2006). *Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada*. Bookman.
- Miles, M. B., & Huberman, A. M. (1994). *Qualitative data analysis: an expanded sourcebook*. Sage.
- Mourão, R., Miranda, S., & Gonçalves, G. (2018). A comunicação organizacional enquanto conceito e processo: percepções dos peritos. *Comunicação Pública*, 13(25), 1-21. <https://doi.org/10.4000/cp.2506>
- Pedersen, P., Miloch, K., & Laucella, P. (2007). *Strategic Sport Communication*. Human Kinetics.
- Perrien, J., Chéron, E. J., & Zins, M. (1986). *Recherche en marketing: methods et decisions*. Gaetan.
- Pinheiro, F., & Marín-Montín, J. (2019). Media, comunicação e desporto: uma introdução. *Mediapolis*, (8), 4-10. https://doi.org/10.14195/2183-6019_8_0
- Pinheiro, V. (2012). 10 Mandamentos do Treino com Jovens Futebolistas. *Revista de Desporto e Atividade Física*, 5(1), 1-12.
- Rego, A. (2007). *Comunicação Pessoal e Organizacional*. Sílabo.
- Rodrigues, A. D. (2004). *Dicionário Breve da Informação e da Comunicação*. Presença.
- Ruão, T. (2016). *A Organização Comunicativa. Teoria e Prática em Comunicação Organizacional*. Centro de Estudos em Comunicação e Sociedad.
- Santos, J. (1998). *O que é a Comunicação*. Difusão Cultural.
- Sobral, L. (2006). *TVI: Um jogo desequilibrado à partida*. A TV do Futebol. Campo das Letras.

Futebol e comunicação: influência e as percepções de adeptos, árbitros, jogadores e treinadores

Football and communication: influence and fans, referee, players and coaches' perceptions

José Lemos Quintela^{1*} 

RESUMO

O futebol é mais do que um jogo onde a comunicação desempenha um papel de grande centralidade. Tendo por objectivo perceber a influência da comunicação dos clubes e dos diversos *stakeholders* sobre os árbitros, os jogadores e os treinadores versus a percepção dos adeptos, fizemos uso de uma abordagem qualitativa e quantitativa, partindo de uma revisão da literatura, seguida de uma análise documental e a aplicação de quatro questionários *on-line* a adeptos, a árbitros, a jogadores e a treinadores, como instrumentos de recolha de dados. Os dados foram tratados e analisados através de leituras flutuantes de artigos da imprensa e da análise estatística dos questionários. Conclui-se que a comunicação influencia os protagonistas do fenómeno futebolístico, não sendo possível, contudo, determinar em que sentido essa influência se manifesta. Verifica-se ainda que as percepções dos adeptos diferem quanto à influência que atribuem à comunicação face àquela que os próprios árbitros, jogadores e treinadores reconhecessem ter sobre eles.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; futebol; influência; público; percepção; *stakeholder*.

ABSTRACT

Football is more than a game where communication plays a very central role. In order to understand the influence of the communication from the clubs and the different stakeholders on referees, players and coaches versus the perception of the fans, we used a qualitative and quantitative approach, starting with a literature review, followed by a documental analysis and the application of four online questionnaires to fans, referees, players and coaches, as data collection tools. Data were processed and analysed through floating readings of press articles and statistical analysis of the questionnaires. It is concluded that communication influences the protagonists of the football phenomenon, and it is not possible, however, to determine in what sense this influence manifests itself. It is also verified that the perceptions of the supporters differ in terms of the influence they attribute to communication compared to the one that the referees, players and coaches themselves have on them.

KEYWORDS: communication; football; influence; perception; public; stakeholder.

INTRODUÇÃO

O futebol é denominado como o “desporto rei” e representa muito mais do que a simples prática de uma modalidade desportiva. Para aqueles que consideram que o futebol se traduz em pontapés na bola, num jogo de onze contra onze, Rodrigues (1993, p. 103) é perentório ao afirmar que

“não há juízo mais inexato, mais utópico, mais irrealístico”, pois “há mais ‘futebóis’ no mundo do futebol” (Gastaldo & Helal, 2013, p. 121).

Futebol é sociedade, cultura, comunicação, media, negócio e também política (L'Etang, 2006), onde cada partida é mais do que um jogo, é um acontecimento complexo e simbólico

¹Instituto Universitário de Lisboa – Lisboa, Portugal.

*Autor correspondente: Avenida das Forças Armadas, 1649-026 – Lisboa, Portugal. E-mail: joselemosquintela@gmail.com

Conflito de interesses: nada a declarar. **Financiamento:** Fundação para a Ciência e Tecnologia, referência SFRH/BD/144278/2019.

Recebido: 18/10/2022. **Aceite:** 22/12/2022.

que ultrapassa o estádio e os 90 minutos da partida (Cardoso, Xavier & Cardoso, 2007). Antes, durante e depois do jogo, o futebol é um tema omnipresente em casa, no café, no trabalho ou nos media (Coelho, 2004). Um jogo de futebol começa antes do apito do árbitro e prolonga-se após o seu final em conversas entre amigos, colegas de trabalho e nos inúmeros programas desportivos que proliferam nas mais diversas plataformas de comunicação, seja na TV, rádio e jornais ou em redes sociais (Cardoso et al., 2007).

O futebol tem uma centralidade social e mediática invulgar, atravessando transversalmente domínios sociais, políticos e económicos, enquanto pólo aglutinador (Coelho & Tesler, 2006) de interesses conflituantes que simultaneamente constrói, mas também destrói relações. O futebol é parte integrante do quotidiano de milhões de pessoas e ocupa o espaço mediático de forma incondicional (Moragas, 2012). A comunicação tem um papel cada vez mais relevante na indústria do futebol, sobretudo nos grandes clubes, num mundo rodeado de media (Livingstone, 2009). A actividade humana, a sociedade e a vida quotidiana dos cidadãos são inevitavelmente influenciadas pelos novos media e pela mediação que estes protagonizam em diversas dimensões da vida social, desde as alterações globais que produzem, como também pela centralidade que as tecnologias de comunicação e de informação assumiram (Lievrouw & Livingstone, 2009). Media, comunicação e mediatização fazem parte integrante do dia-a-dia dos indivíduos, dos grupos e das organizações (Lievrouw & Livingstone, 2009).

Tecnologia e digitalização dos media

As tecnologias foram e são um motor de mudança (Castells, 2007), levando a alterações nos media, na comunicação e no futebol (Boyle, 2012). As tecnologias incentivam novas práticas comunicacionais dos clubes (Borges, 2019), mas também no próprio futebol (Boyle, 2013), sobretudo com a sua hipermercantilização (Giulianotti, 2012). O aparecimento de novos media implicou ao longo do tempo ajustamentos e a uma redistribuição de forças entre os media. Estes trouxeram também alterações nas práticas jornalística, desde logo na imprensa, com aparecimento da rádio e da televisão e mais recentemente com entrada em cena dos media digitais (Boyle, 2012). Os clubes de futebol sofreram igualmente os efeitos transformadores dos media digitais. A comunicação dos clubes profissionalizou-se, tornaram-se em produtores de conteúdos (Ginesta, 2009), passando a deter múltiplas

plataformas de Comunicação (Boyle & Haynes, 2014; Ginesta, 2009) que concorrem directamente com qualquer grupo de comunicação social (Moragas, 2012). Passaram a controlar e a veicular mensagens de acordo com os seus interesses (Boyle, 2013), através do poder de edição que passaram a ser detentores, sem necessidade de intermediação jornalística.

As tecnologias integraram o jogo, evoluindo desde a introdução do sistema de comunicação remoto, entre o árbitro principal e os seus auxiliares¹ até, por exemplo, à mais recente introdução do assistente de vídeo do árbitro (VAR). Esta transformação é sentida também por aqueles que assistem à transmissão de um jogo, pois para além das imagens são lhes disponibilizadas informações adicionais, como são os casos das estatísticas do jogo e do desempenho dos jogadores (ibid.). A relação entre media e desporto apresenta-se assim como mutuamente dependente, sobretudo no futebol que tem uma dimensão universal (Borges, 2019; Boyle & Haynes, 2009).

Os clubes enquanto produtores de media

Os clubes, sobretudo os maiores, são actualmente para além de entidades desportivas, produtores de media (Tench, Vercic, Zerfass, Moreno, & Verhoeven, 2017), como por exemplo os “três grandes” do futebol português: FC Porto, SL Benfica e Sporting CP que entre outros media, detém jornais, sites, redes sociais, *podcasts* e televisões. Os clubes fazem uso destas plataformas enquadradas nas suas políticas globais de comunicação, contando com estruturas sofisticadas de comunicação e altamente profissionais. Estas são lideradas por directores de comunicação (dircom) cujas funções vão muito além da comunicação desportiva, integrando também dimensões de negócio e política (Quintela, 2020). Esta situação acontece, sobretudo, após a constituição das Sociedades Anónimas de Desportivas (SAD's), que por imperativo legal, a partir de 1997 determinou que os clubes passassem a ter uma forma jurídica societária. O futebol assumiu decisivamente uma dimensão de negócio e a ter de ser pensado e gerido como tal, como nunca fora até aí.

Comunicação, poder e influência

A comunicação passou a assumir grande centralidade nos clubes com a constituição SAD's, no espaço mediático (Boyle & Haynes, 2014) e nas relações com os diversos stakeholder's. De acordo com Foucault (1988) os relacionamentos entre as

1 Quando o sistema foi introduzido os árbitros auxiliares levantavam a bandeira e carregavam num botão que provocava uma descarga eléctrica no árbitro chamando-o assim à atenção. Esta foi a solução encontrada para uma situação que provocava ruidosas vaias dos adeptos, pois era recorrente a bandeira ser levantada e o árbitro estar de costas e não ver.

peças, as instituições, podem ser considerados como manifestações de relações de poder, sendo que, poder e influência estão intimamente ligados (Berger & Reber, 2006). Pois, “se o poder é a capacidade ou potencial de fazer as coisas, então a influência é o uso, expressão ou realização do poder (Hinkin & Schriesheim, 1990; Mintzberg, 1983; Salancik & Pfeffer, 1977)” (Berger & Reber, 2006, p. 4).

As estruturas de comunicação dos clubes desenvolvem estratégias para aumentarem o seu espaço de legitimidade, poder e influência. Esta entendida como o esforço realizado pelos clubes para que os outros actuem de acordo com os seus interesses e alterem as suas atitudes e comportamentos nesse sentido (Shi & Wilson, 2017). Tratando-se de um acto consciente e deliberado pode ser planeado de forma a atingir os objectivos estratégicos dos clubes (Shi & Wilson, 2017). Para isso, particularmente os “três grandes” do futebol português, contam com robustas direcções de comunicação que trabalham de acordo com os seus objectivos estratégicos (Olabe Sánchez, 2015) para atingir os seus propósitos.

Percepções e mediatização

As percepções dos adeptos sobre a actividade dos clubes e sobre os diversos actores do fenómeno futebolístico, num mundo cada vez mais mediatizado, são inevitavelmente condicionadas por aquilo que é difundido através dos media e pelo que vão consumindo (Fazenda, Costa, Garcia-Mas, & Carvalho, 2022). Mas os media desportivos estão cada vez mais dependentes dos clubes, nomeadamente de conteúdos *premium*, em que o futebol é um caso paradigmático, conteúdos que pelas suas audiências são fundamentais e que os media necessitam. Estes conteúdos ao serem detidos pelos clubes permitem-lhes, uma ascendência negocial sobre aqueles que deles necessitam. Conteúdos esses que anteriormente eram de livre acesso, mas que os clubes entretanto passaram a negar ou a colocar barreiras (Olabe Sánchez, 2013). Exemplo disso são os treinos que anteriormente ocorriam em campos, junto aos estádios, onde os jornalistas e os adeptos assistiam e interagiam com os protagonistas quando o desejavam. Actualmente este tipo de interacções é praticamente inexistente e quando acontecem são de forma controlada, como são exemplo as competições no âmbito da UEFA² ou em situações especiais de treinos abertos no estádio, geralmente em épocas festivas. A relação com os jogadores, por força dos regulamentos internos dos clubes, passou só a ser possível para os jornalistas quando os jogadores estão devidamente e previamente autorizados pelo clube.

A mediatização, enquanto conceito, é explorado no campo da comunicação e media, em diferentes perspectivas entre académicos (Couldry, 2008; Deacon & Stanyer, 2014; Hepp, Hjarvard, & Lundby, 2015; Livingstone, 2009) com avanços significativos na pesquisa, através do contributo de inúmeros estudos empíricos, no entanto ainda lhes é apontada alguma falta de clareza conceptual (Skey, Stone, Jenzen, & Mangan, 2018).

O conceito de mediatização desenvolve-se em torno da comunicação dos media, cultura e sociedade (Hepp et al., 2015), com estudos empíricos a serem desenvolvidos no campo da política, da religião, do desporto, entre muitas outras áreas. A mediatização pode ser considerada como “um meio de compreender domínios sociais”, como é o caso do futebol e “a maneira como as instituições e os actores orientam as suas actividades para os media” (Skey et al., 2018, p. 588).

Media, comunicação e desporto estão cada vez mais interligados e o conceito de mediatização, embora recentemente tenha mais força, remete-nos para práticas mais antigas (Couldry & Hepp, 2013). A mediatização é, simultaneamente, explorada e contestada a partir de diferentes perspetivas (Hepp et al., 2015). A conceptualização da mediatização tem trazido um conjunto de discussões e reflexões, entre académicos de diferentes áreas disciplinares, nomeadamente se a mediatização é um conceito ou um movimento conceptual (Deacon & Stanyer, 2014) e ou se se trata de mediatização ou mediação (Couldry, 2008). Neste processo, vão sendo dirimidos argumentos, encontradas algumas respostas, mas também novas questões surgem e as respostas nunca serão definitivas, pois haverá sempre outras perspectivas e novas inquietações (Hepp et al., 2015).

Pese o interesse na participação nesse debate, não é, contudo, o propósito central desta investigação. O que nos propomos neste artigo é explorar a mediatização (Couldry & Hepp, 2013; Hepp et al., 2015) e a submissão às lógicas comunicacionais do futebol (Skey et al., 2018), que se podem manifestar na forma como a comunicação organizacional dos clubes de futebol ganha centralidade na vida dos próprios clubes, no espaço mediático e consequentemente nos adeptos. Assumimos assim que o actual contexto mediático reforça o processo de transvase das disputas desportivas para fora do relvado e expõe e “espectaculariza” esse transvase através da constante presença do futebol em diversas plataformas mediáticas.

O objectivo central deste artigo é conhecer as percepções dos adeptos quanto à influência que a comunicação pode exercer em três agentes desportivos fundamentais: árbitros, jogadores e treinadores. Simultaneamente pretende-se explorar a opinião dos próprios (agentes desportivos) sobre a influência

2 Nas competições da UEFA, por questões regulamentares, há actividades dos clubes abertas à comunicação social.

que consideram que a comunicação tem sobre eles mesmos, permitindo-nos confrontá-la com a percepção dos adeptos. Pretende-se ainda, quando assistimos a uma comunicação por parte dos clubes cada vez mais profissionalizada e mediada, conhecer a percepção que tanto os adeptos como os agentes desportivos referidos anteriormente têm da influência da comunicação dos clubes sobre os diversos *stakeholders*.

Em termos de limitações desta investigação sublinhamos a limitação de tempo e disponibilidade para responder ao questionário por parte de árbitros e jogadores. Esta situação obrigou-nos a elaborar questionários mais curtos daqueles que inicialmente pretendíamos e com reflexos inevitáveis na informação de caracterização dos inquiridos nas diferentes amostras, não possibilitando a sua homogeneidade. A inexistência de estudos semelhantes que cruzem os quatro actores em estudo para que pudéssemos comparar e servir de referência foi outra das limitações com que nos defrontámos.

MÉTODOLOGIA

Partindo de uma revisão da literatura mais relevante no campo da comunicação e dos media, este estudo assumiu uma abordagem mista, qualitativa e quantitativa. Como estratégia metodológica, utilizámos a análise documental em notícias e artigos de opinião nos media desportivos, pela “sua natureza não-intrusiva e não-reactiva” (Daymon & Holloway, 2011, p. 278) e por possibilitar o acesso a fontes de difícil contacto (Daymon & Holloway, 2011). Para tal, recorremos à análise de conteúdo, através de leituras flutuantes (Bardin, 1977), criando núcleos de sentido, operacionalizando e sistematizando “ideias iniciais” (Bardin, 1977, p. 95). Foram aplicados quatro questionários *on-line*, em quatro diferentes amostras de conveniência, não probabilísticas (Reis & Moreira, 1993), constituídas cada uma delas exclusivamente por: adeptos, árbitros jogadores e treinadores. Esta opção, justifica-se por estes serem os protagonistas do jogo: no relvado (árbitros, jogadores e treinadores) e nas bancadas físicas/virtuais (adeptos). Já o uso de questionários *on-line* prende-se com um conjunto de vantagens que permitem face aos objectivos do estudo, nomeadamente: possibilitarem uma ampla cobertura geográfica (Evans & Mathur, 2005); a rapidez do processo, possibilitando que em tempo real se aceda a dados preliminares (Evans & Mathur, 2005, p. 208); ausência de interação entre entrevistador/entrevistados o que é considerado menos intrusivo (Evans & Mathur, 2005), bem como, a facilidade de divulgação, nomeadamente a destinatários específicos, como no caso desta investigação.

Para a caracterização sócio-demográfica foram utilizadas as seguintes variáveis: sexo, idade, residência, rendimento,

habilitações literárias, condição perante o trabalho. Para a caracterização da variável residência, utilizámos a nomenclatura criada pela Eurostat — a Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS), um sistema hierárquico que divide o território em regiões. Dos três níveis de NUTS existentes, adoptámos a NUTS II que considera as seguintes regiões: Norte, Centro, Área Metropolitana de Lisboa, Alentejo, Algarve, Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira. Foram ainda utilizadas como de caracterização da amostra e de acordo com as suas especificidades, as seguintes variáveis: Preferência Clubística (adeptos), Escalão Competitivo (árbitros, jogadores e treinadores), situação profissional (jogadores), Categoria/Nível (Treinadores).

Amostras

Foram geradas quatro amostras de conveniência: adeptos, árbitros, jogadores e treinadores. O perfil de cada uma das amostras são apresentadas nos gráficos seguintes, tendo-se garantido o anonimato e confidencialidade dos dados.

Perfil da amostra “Adeptos”

Os respondentes aos questionários deste estudo são praticamente todos do sexo masculino, com excepção dos adeptos (10,6%) e dos treinadores (3,3%). O futebol é ainda uma modalidade predominantemente masculina, apesar de se verificar já uma maior adesão das pessoas do sexo feminino ao fenómeno futebol e do próprio quadro competitivo ter conhecido avanços sem precedentes, nomeadamente com a entrada no principal escalão nacional da competição feminina das equipas do Sporting Clube de Braga e Sporting Clube de Portugal e, mais recentemente, do Sport Lisboa e Benfica.

Quanto à idade (Gráfico 1), a amplitude etária é maior no caso dos adeptos (18-83 anos) e treinadores (24-71 anos), face a árbitros (24-47 anos) e jogadores, o que se explica por as actividades deste últimos terem um ciclo de vida mais reduzido quando comparados com os primeiros. Quanto à residência (Gráfico 2), a Área Metropolitana de Lisboa e o Norte são as regiões que registam o maior número de respondentes, o que se poderá justificar por serem as regiões com maior densidade populacional, onde estão instaladas as sedes da Federação Portuguesa de Futebol (Lisboa) e da Liga Portugal (Porto), bem como as sedes dos “Três Grandes”: FC Porto, SL Benfica e Sporting CP. As habilitações académicas da maioria dos respondentes neste estudo, com excepção dos jogadores, é no mínimo o 12º ano, sendo que no caso dos treinadores e árbitros esta é superior, o que revela um nível de qualificação considerável.

Relativamente ao sexo dos adeptos foram inquiridos 4.675 indivíduos, registando-se 2.858 respostas omissas e

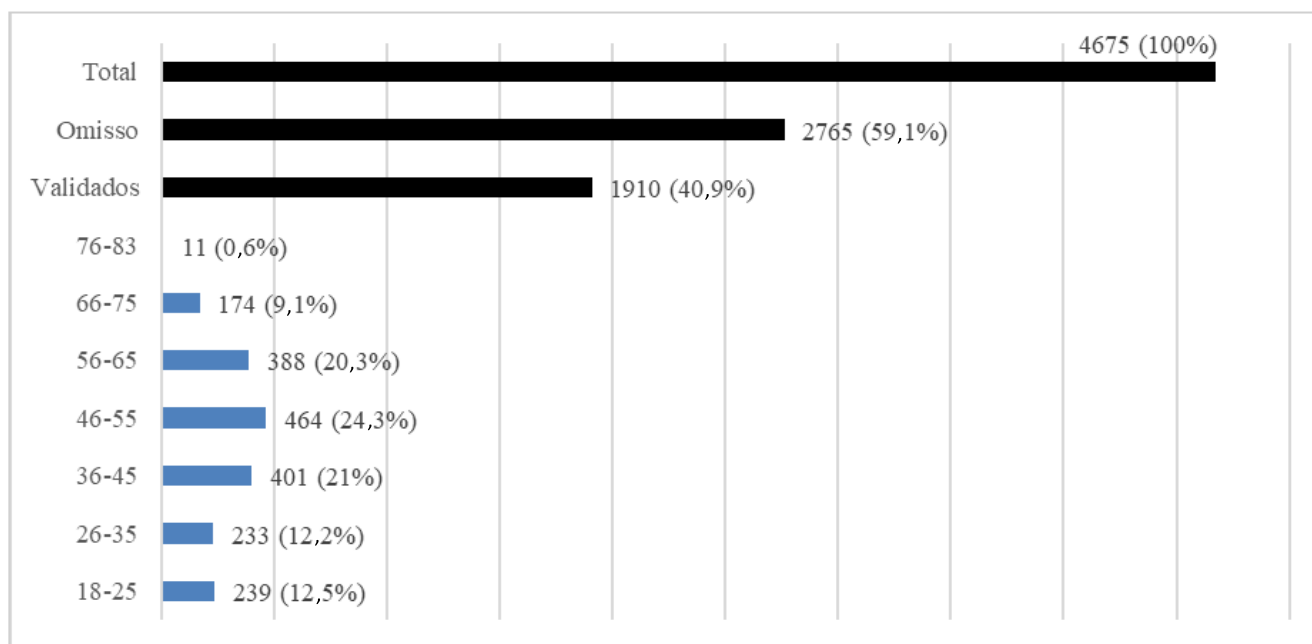


Gráfico 1. Idade dos adeptos.

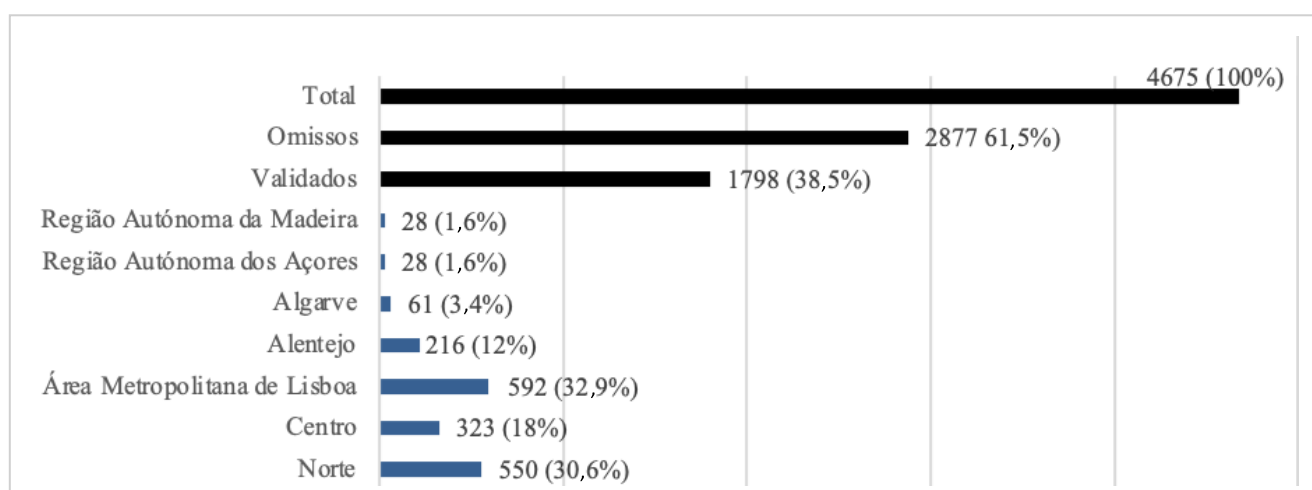


Gráfico 2. Residência dos adeptos (NUTS II).

1.817 respostas validadas, sendo estas de adeptos predominantemente do sexo masculino (1.625 masculino e 192 feminino). O futebol continua, apesar do progresso dos últimos, a ser ainda uma modalidade com uma conotação muito masculina.

A idade dos inquiridos que a revelaram, situa-se entre os 18 e os 83 anos, sendo que os grupos etários com mais expressão são os compreendidos entre os 36 e os 65 anos (65,6%). Verifica-se uma larga amplitude etária o que está em linha com o facto de o futebol ser um fenómeno multigeracional.

Os inquiridos apresentam uma grande dispersão geográfica, com residentes em todas as regiões, mas concentrados

sobretudo nas regiões NUTS II da Área Metropolitana de Lisboa e o Norte, representando no seu conjunto mais de 60%. O futebol é a maior modalidade a nível nacional, com grande transversalidade, sendo a Área Metropolitana de Lisboa e o Norte as regiões mais povoadas e aquelas que onde estão sedeadas as instituições que gerem o futebol e os “Três Grandes” clubes portugueses.

A maioria dos inquiridos aufer mensalmente (Gráfico 3) até um máximo de 1.499 euros (54%) e se considerármos o patamar até 5.000 euros mensais, o número sobe para 92,1%, dos casos. Apenas 18% aufer um salário abaixo do salário mínimo nacional, enquanto 44% aufer no mínimo duas

vezes o salário mínimo nacional. Este revela-se acima do valor médio bruto anual do salário indicado para Portugal pela Eurostat a partir do Inquérito ao Emprego e do sistema de contas nacionais, relativos a 2021 e que ascendia a 19.300 euros, ou seja, o correspondente a 1.379 euros mensais (catorze meses).

Em termos de habilitações literárias (Gráfico 4), dos inquiridos que se disponibilizaram a revelá-las, 80,5% afirmam ter o 12º ano ou grau académico superior, sendo o grupo mais expressivo constituído por aqueles que detêm o 12º ano (34,9%), patamar de habilitações correspondente à actual escolaridade mínima obrigatória para indivíduos até 18 anos de idade.

Ao nível das preferências clubísticas (Gráfico 5), os adeptos que indicam as suas simpatias, são maioritariamente adeptos dos “três grandes” do futebol português (FC Porto, SL Benfica e Sporting CP), representando no conjunto 81,56% dos casos. A diferença de adeptos dos “três grandes” face aos outros clubes, está em linha com o nível de preferências clubísticas revelado no Estudo Sociedade em Rede do CIES 2013 (Cardoso, Costa, Coelho & Pereira, 2015), embora este, considere um valor mais expressivo (94,5%). Num segundo patamar de preferências clubísticas, estão os adeptos do Vitória SC (59) e SC Braga (46), ambos os clubes pertencentes ao distrito de Braga. Os restantes adeptos (204) são distribuídos por outros clubes.

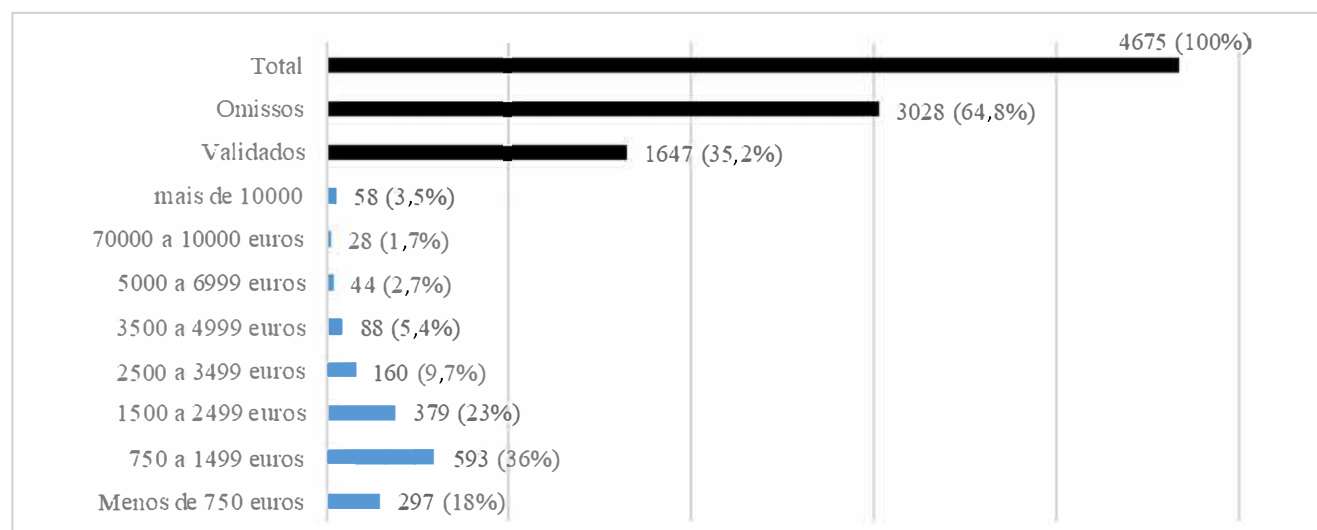


Gráfico 3. Rendimentos mensais dos adeptos.

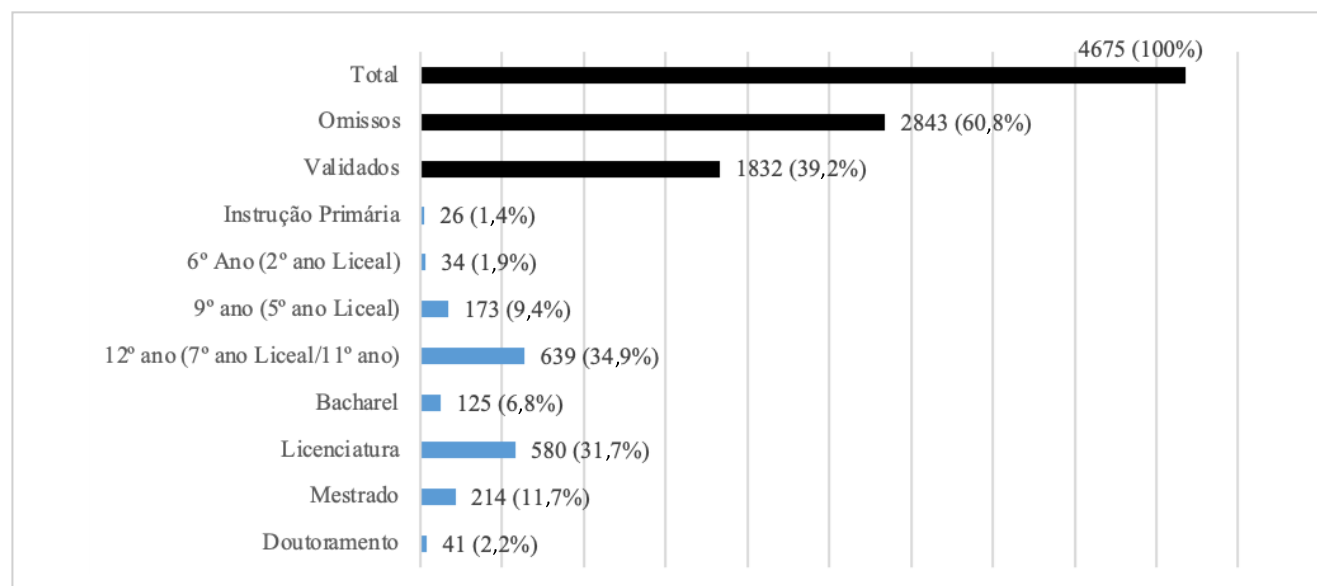


Gráfico 4. Habilitações literárias dos adeptos.

Perfil da amostra “Árbitros”

Total de inquiridos 58 árbitros, casos omissos 28, casos validados 30, sendo estes todos do sexo masculino.

Dos 58 árbitros respondentes apenas 15 revelaram a sua idade (Gráfico 6), sendo estas compreendidas entre 24 e 47 anos, com o grupo etário com idade superior a 35 anos, a ser o mais expressivo.

O nível de habilitações literárias (Gráfico 7) mais baixo revelado pelos árbitros é do 12º ano, sendo também o mais expressivo (58,1%) e o mestrado o grau mais elevado.

Em termos de condições perante o trabalho (Gráfico 8), em cerca de $\frac{3}{4}$ dos casos, os árbitros são trabalhadores por conta de outrem.

Em termos de residência por regiões NUTS II (Gráfico 9), todas as regiões estão representadas com excepção da Região Autónoma da Madeira, sem nenhum inquirido, sendo o Centro a região mais representada, seguida pelo Norte.

Quanto ao escalão a que os árbitros pertencem (Gráfico 10), a maioria revela arbitrar no escalão do futebol profissional (76,9%).

Perfil da Amostra “Jogadores”

O Gráfico 11 apresenta-nos a situação profissional dos jogadores e o Gráfico 12 o campeonato em que jogam.

A maioria dos jogadores inquiridos no que respeita à situação profissional, encontram-se no activo e com clube conforme se pode verificar no Gráfico 11.

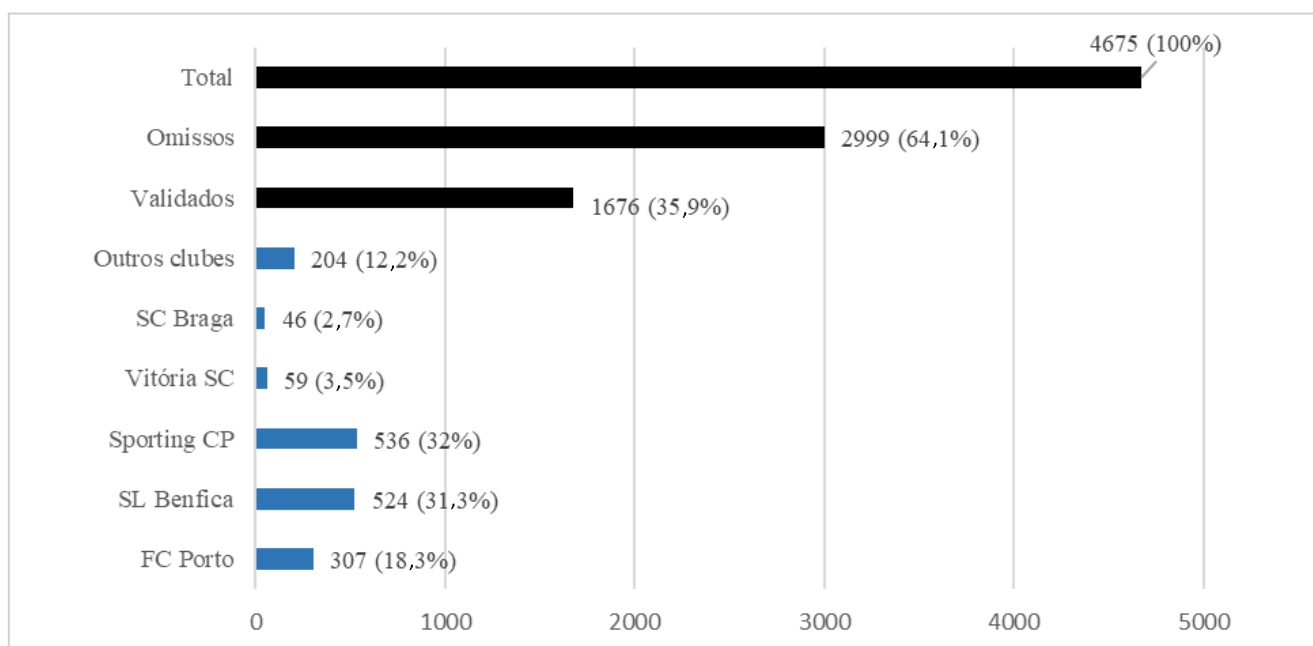


Gráfico 5. Preferência clubística dos adeptos.

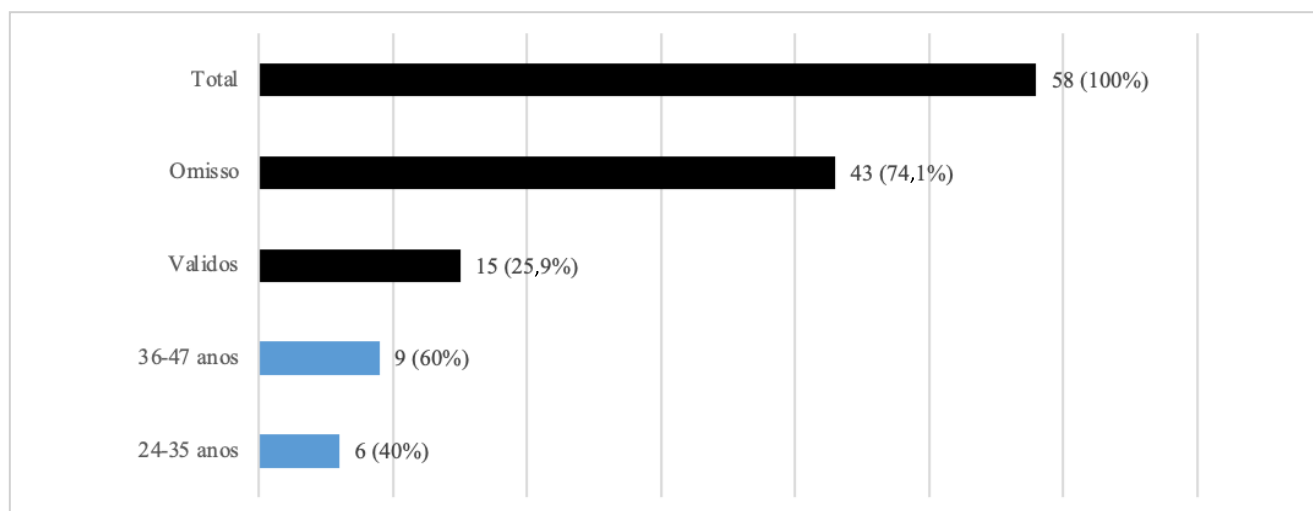


Gráfico 6. Idade dos árbitros.

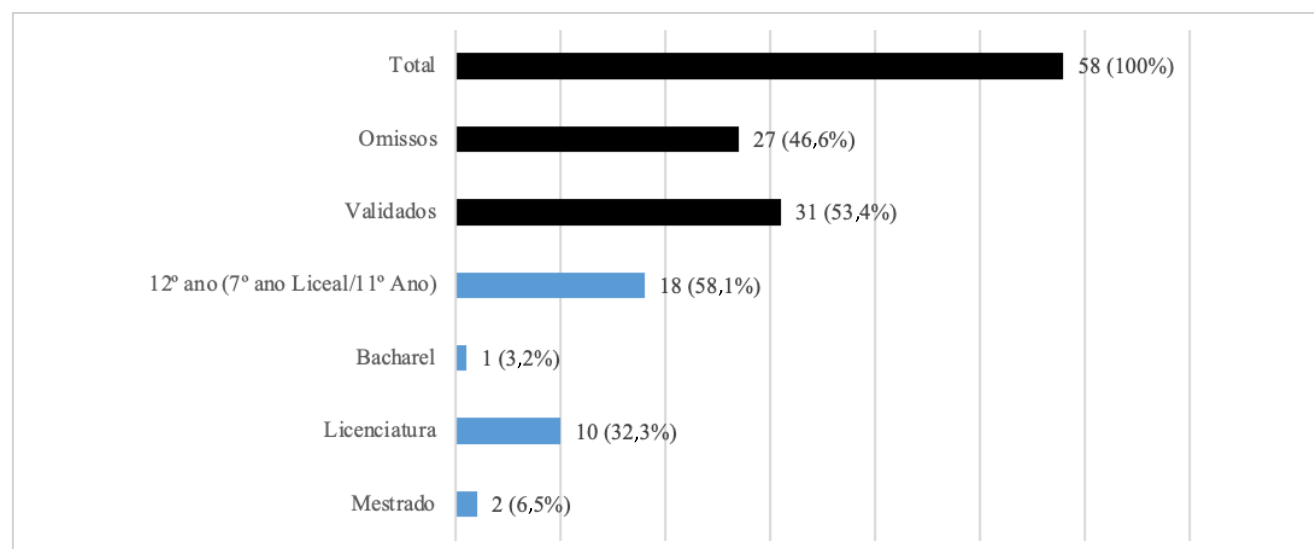


Gráfico 7. Habilitações literárias dos árbitros.

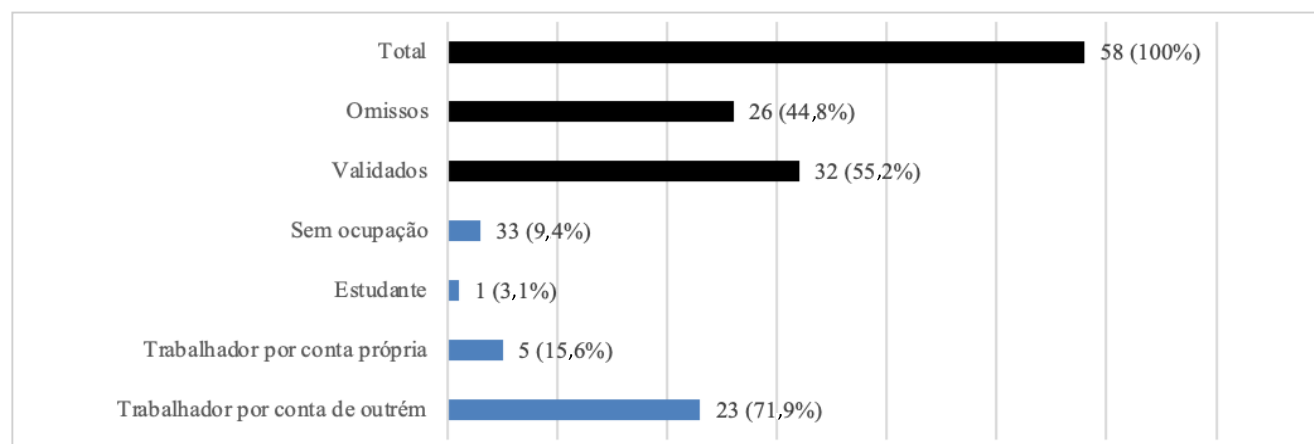


Gráfico 8. Condição perante o trabalho dos árbitros.

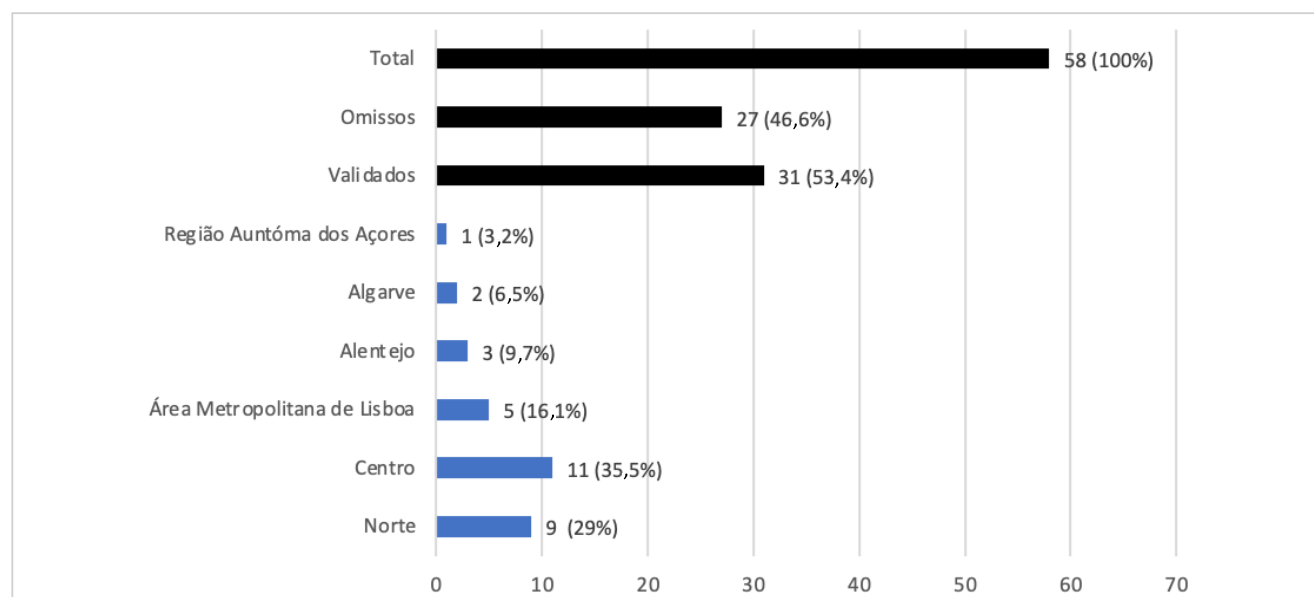


Gráfico 9. Residência dos árbitros (NUTS II).

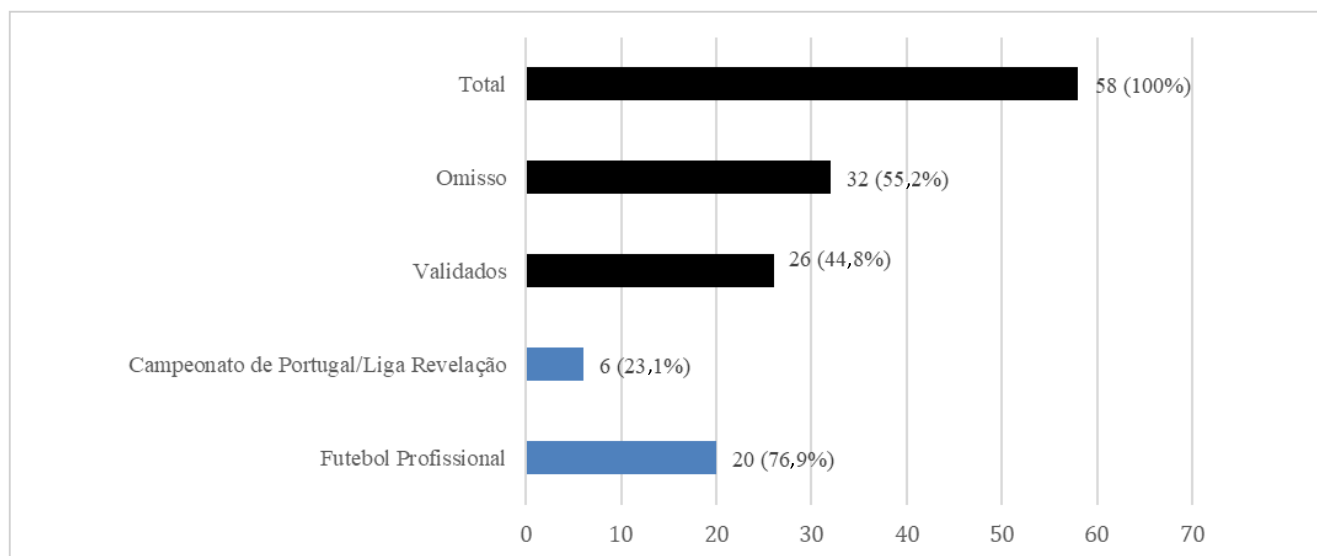


Gráfico 10. Escalão de árbitro.

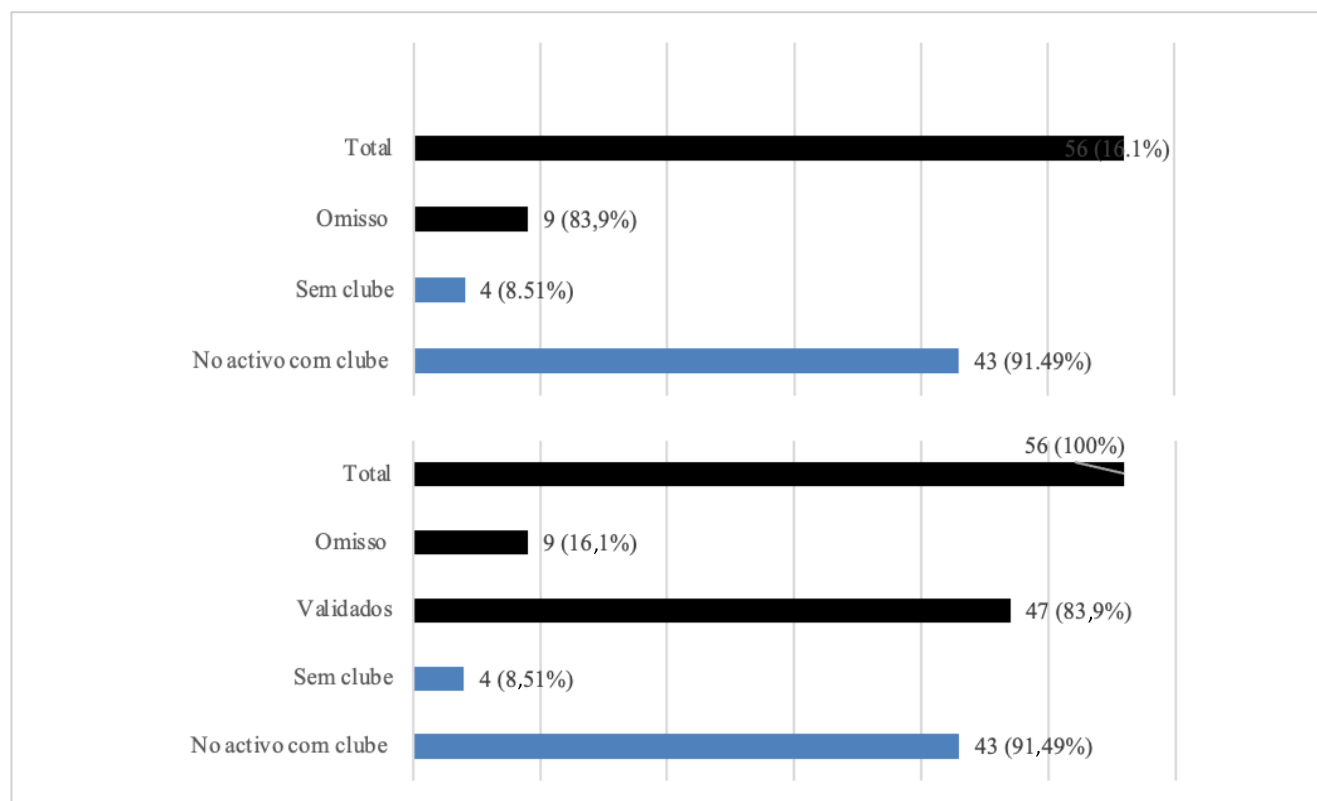


Gráfico 11. Situação profissional dos jogadores.

Os jogadores inquiridos jogam na sua grande maioria na Liga NOS (82,6%), a principal competição a nível nacional, conforme apresentado no Gráfico 12.

Perfil da amostra “Treinadores”

Total de inquiridos 266 (100%), casos omissos 114 (42,9%), casos validados 152 (57,1%). A amostra de treinadores é

constituída praticamente por treinadores do sexo masculino, apenas cinco revelam ser do sexo feminino.

A idade dos treinadores (Gráfico 13) revela uma grande amplitude, à semelhança dos adeptos, variando entre os 24 e os 71 anos, sendo que o grupo etário mais representativo é o que se situa entre os 36-45 anos. Com excepção do grupo etário entre os 66-71 anos, o de menor dimensão, todos os

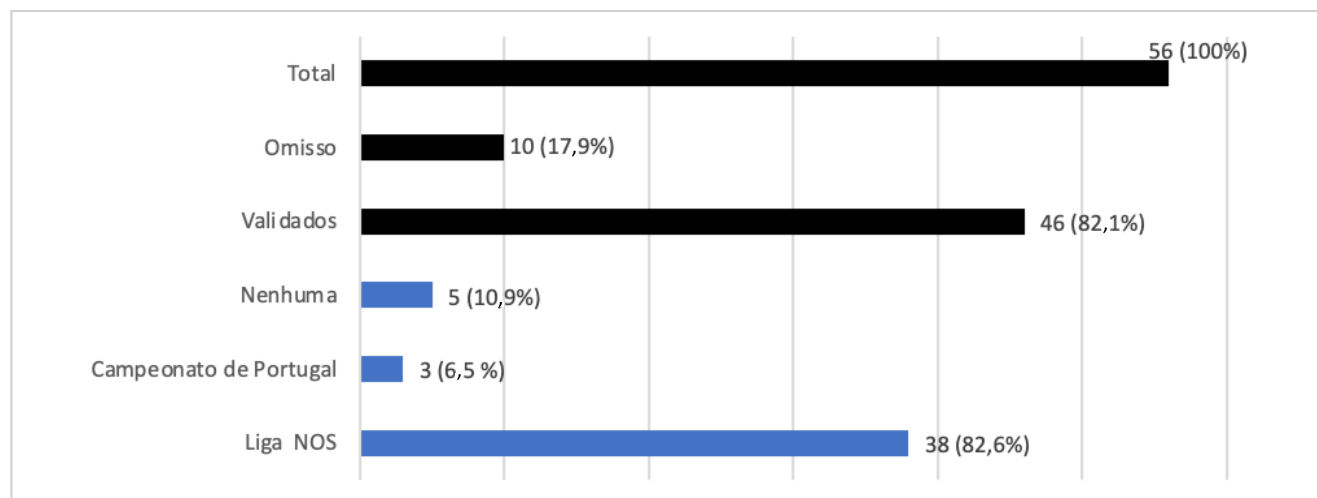


Gráfico 12. Liga em que os jogadores participam.

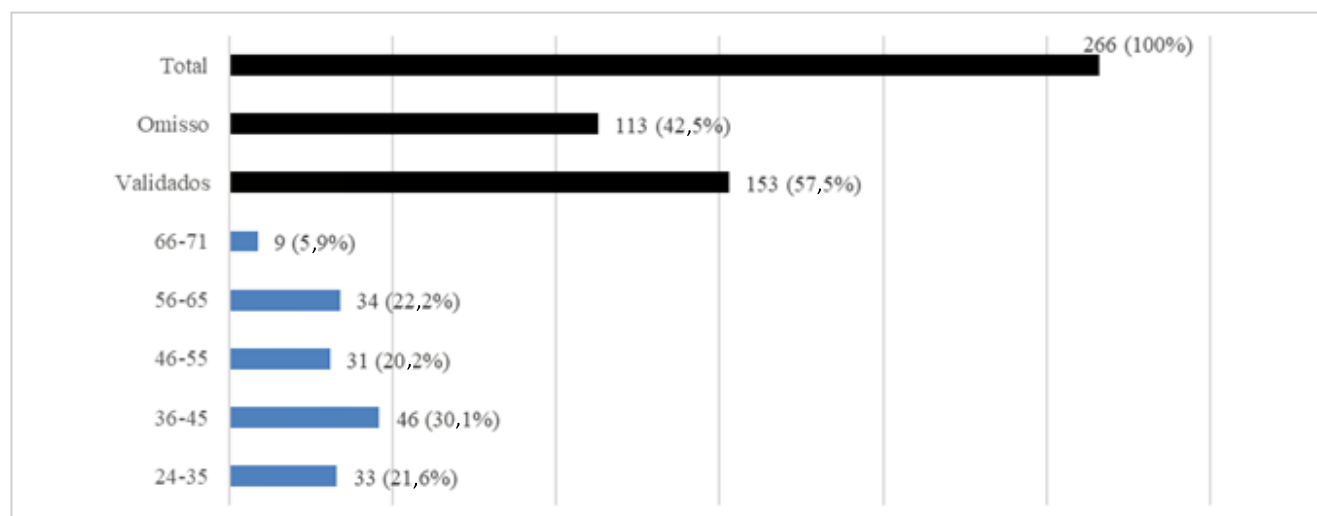


Gráfico 13. Idade dos treinadores.

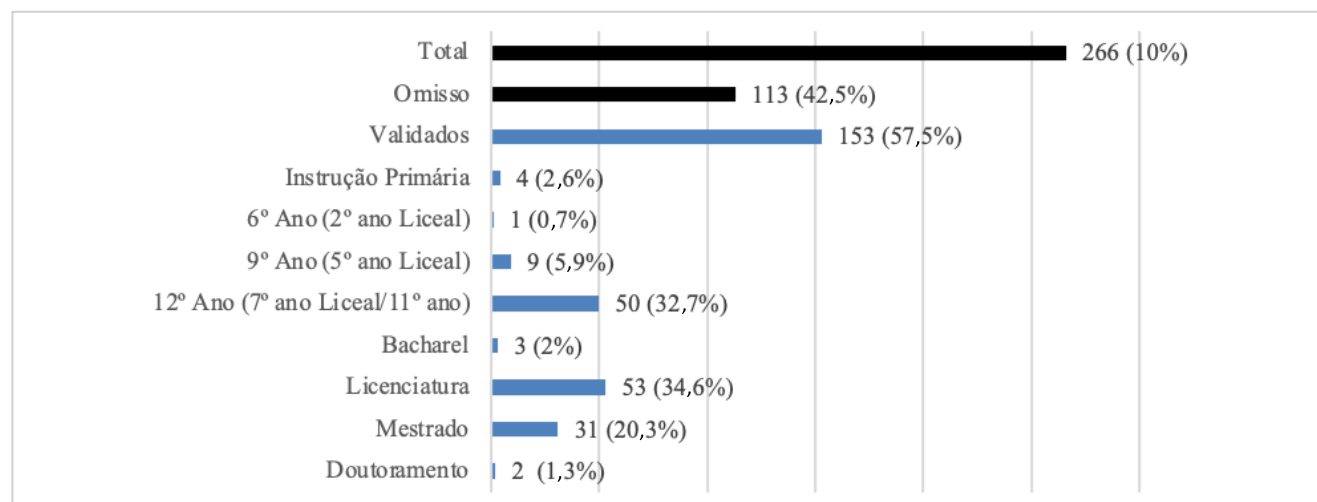


Gráfico 14. Habilitações literárias dos treinadores.

outros grupos etários têm uma representação similar, em torno dos 20%.

Em termos habilitações literárias (Gráfico 14), o nível de escolaridade dos treinadores apresenta uma grande amplitude, entre o nível mais baixo- a instrução primária e o mais elevado — o doutoramento. O grupo mais expressivo é o dos treinadores com o grau de licenciatura (34,4%), com uma expressão muito

similar ao grupo que detém o 12º ano (32,7%). Mais de metade dos treinadores (56,2%), têm a licenciatura ou um grau superior.

Em termos de condição perante o trabalho (Gráfico 15) a grande maioria dos treinadores é trabalhador por conta de outrem (64,9%).

Em termos do local de residência (Gráfico 16), todas as regiões NUTS II estão representadas, sendo a região Norte

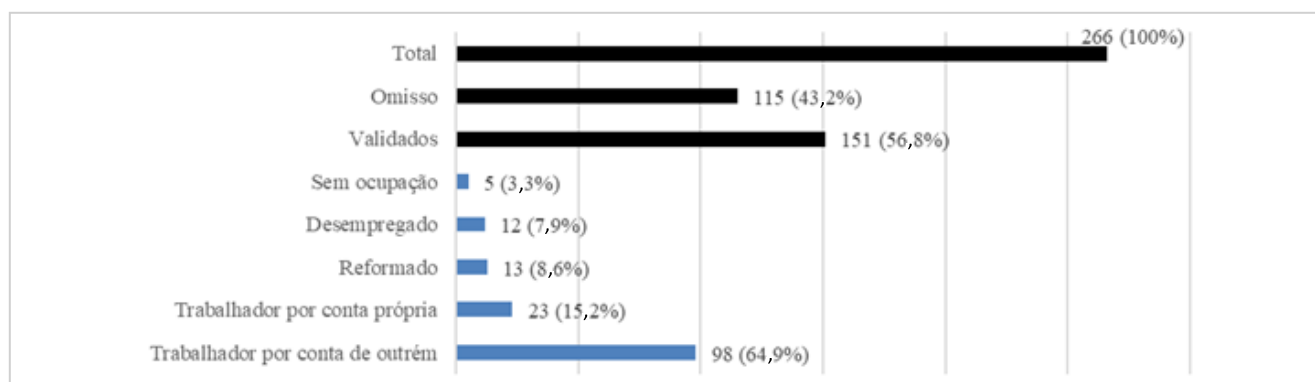


Gráfico 15. Condições perante o trabalho dos treinadores.

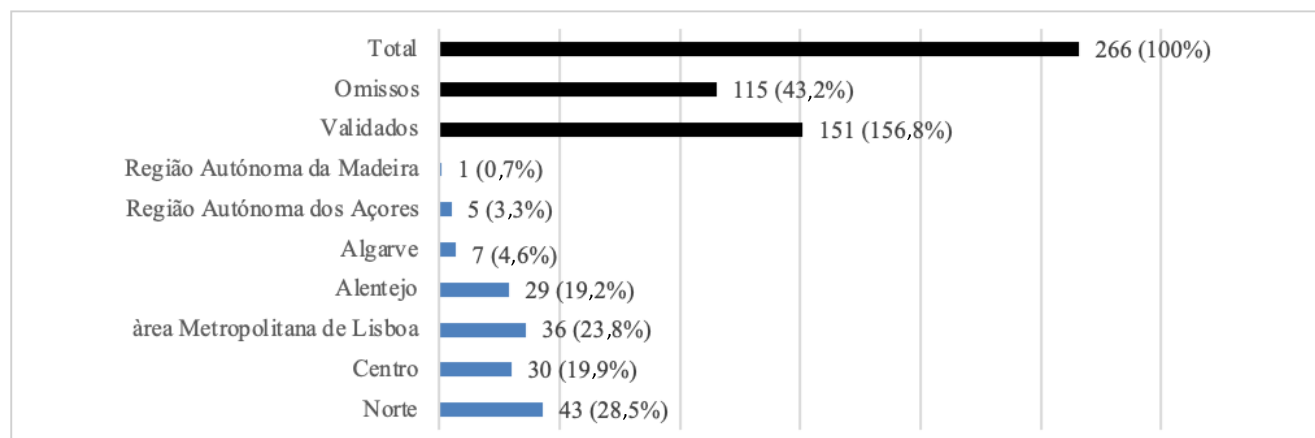


Gráfico 16. Residência dos treinadores (NUTS II).

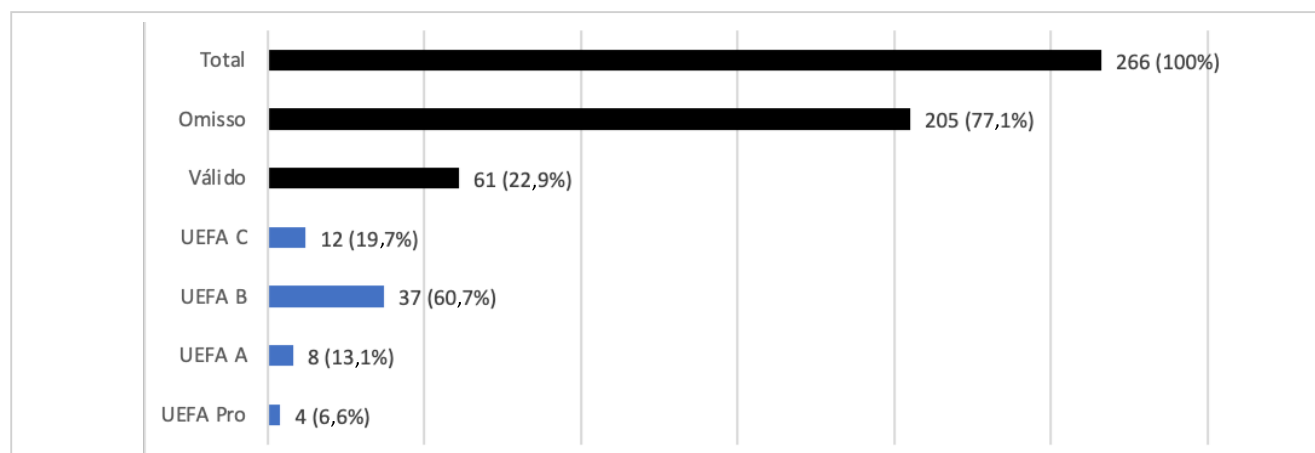


Gráfico 17. Categoria/nível de treinador.

a mais expressiva (28,5%), seguida da Área Metropolitana de Lisboa (23,8%), estas são as regiões que também têm mais clubes.

No que respeita à categoria/nível de treinador (Gráfico 17) que varia entre mais baixa a C e a mais alta a Pro, a maioria dos treinadores detém a licença da UEFA de nível B.

São diversas as ligas onde os treinadores exercem a sua actividade (Gráfico 18), sendo, no entanto, o escalão de formação o mais expressivo (36,6%). Os treinadores que afirmam treinar a Liga NOS representam 2,8% da amostra, mas se considerarmos que a Liga NOS é constituída por 18 equipas, verificamos que representam 22,2% dos treinadores do escalão principal do futebol profissional em Portugal.

Instrumentos

Os questionários foram elaborados e distribuídos com recurso ao software Qualtrics XM e aplicados a amostras de conveniência, não probabilísticas (Reis & Moreira, 1993).

Procedeu-se ao mapeamento prévio das entidades/personalidades que se relacionam com árbitros, jogadores e treinadores em torno dos principais espaços em que se movimentam: casa (família e amigos); trabalho (centro de treinos), e espectáculo (estádio). Estes dados foram sistematizados numa matriz que integrou o questionário.

Na introdução dos questionários informou-se os inquiridos dos objectivos da investigação e dos fins da utilização dos dados, assegurando-se o seu anonimato.

As perguntas foram organizadas numa tabela matriz likert, com uma escala de seis pontos, para os inquiridos classificarem a influência de cada uma das personalidades/

entidades listadas, usando-se para o efeito, uma escala entre zero e cinco, em que zero correspondia a influência nula e cinco a influência máxima.

As questões foram organizadas em três dimensões de análise, as duas primeiras com duas questões cada (P.1 e P.2), sobre a influência da Comunicação e uma terceira dimensão, com um conjunto de questões de caracterização e ajustado em cada um dos questionários, em função dos destinatários alvo.

Na P.1 pediu-se aos adeptos que relativamente a cada uma das entidades/personalidades indicadas na matriz, classificassem qual a influência que pensavam ter a comunicação desses actores, sobre os árbitros, jogadores e treinadores, independentemente de a considerarem positiva ou negativa. Esta mesma questão foi utilizada nos questionários aplicados a árbitros, jogadores e treinadores, mas nestes casos, adaptada a cada um dos agentes desportivos, considerando a influência da comunicação daquelas entidades/personalidades apenas sobre a respectiva classe profissional de cada um dos agentes desportivos inquiridos.

A segunda dimensão foi constituída por uma questão comum a todos os questionários (P.2). Apresentou-se aos inquiridos uma matriz com alguns dos alvos principais da comunicação dos clubes, constituída pelos seguintes actores: adeptos/sócios; árbitros; adversários; dirigentes da Liga, dirigentes da FPF; funcionários, jogadores; patrocinadores; poder político; e treinadores. Pediu-se aos adeptos, árbitros, jogadores e treinadores que em cada um dos actores da matriz, classificassem a influência que pensavam ter a comunicação dos clubes sobre cada um deles, incluindo a realizada pelos

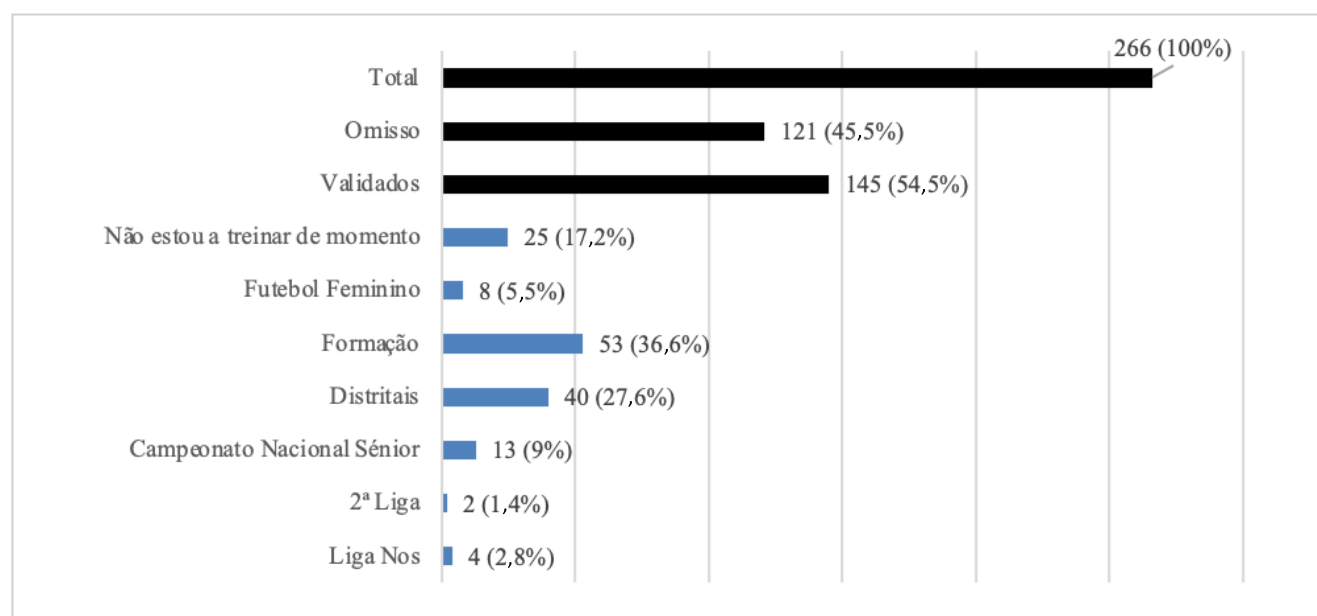


Gráfico 18. Liga em que os treinadores participam.

presidentes e directores de comunicação, independentemente de a considerarem positiva ou negativa.

A terceira dimensão foi constituída com perguntas de caracterização sócio-demográficas e ajustadas em cada um dos questionários em função dos destinatários. Os dados para a caracterização das diferentes amostras não são homogêneos, nem têm o mesmo nível de detalhe, dadas as especificidades e disponibilidade dos inquiridos para responderem aos questionários não ser as mesmas. Enquanto no caso dos adeptos a disponibilidade era maior, como foi nos treinadores, já no caso dos jogadores e árbitros esta revelou-se diminuta. Assim para conseguirmos com sucesso que respondessem aos questionários, optámos, em detrimento de alguma informação, por exemplo de caracterização socio-demográfica, formular menos questões e assegurar que teríamos respostas desses grupos profissionais, o que se veio a verificar.

Procedimentos

Após elaboração do questionário e antes de o mesmo ser dissimulado, realizámos um pré-teste (Croucher & Cronn-Mills, 2015) para cada um dos quatro questionários, junto de indivíduos alvo do estudo verificando a adequação dos mesmos aos objectivos da investigação, a sua exequibilidade, nomeadamente quanto ao tempo necessário para responder, o comportamento nas diversas plataformas, nomeadamente móveis (android e ios), a sequência lógica, acessibilidade, usabilidade, a linguagem, clareza e compreensão por parte dos destinatários. Em função do feedback obtido, procedeu-se aos ajustamentos necessários, tais como nos questionários aos árbitros e jogadores, em que se reduziu o número de questões, ou alterando a redacção das questões para que estas fossem claramente entendidas. Só posteriormente passámos para a sua dissimulação. Para o efeito foram gerados para cada questionário um *link*, com acesso directo à plataforma Qualtrics XM.

O processo de disseminação dos questionários, no caso dos adeptos, foi realizado através das redes sociais, Tweeter e Facebook (FB), tendo sido criada nesta última uma página específica denominada “A Comunicação no Futebol”. A opção por esta rede social deve-se ao facto de o FB ser a plataforma com o maior número de adeptos. Paralelamente, como forma de promover e alargar a distribuição do questionário, contactou-se os jornais Record e Correio da Manhã dando-lhe a conhecer o estudo e seus objectivos, tendo este esforço resultado na publicação de duas notícias, nas versões digitais dos jornais Record (Record, 2019) e Correio da Manhã (Correio da Manhã, 2019) onde disponibilizavam on-line o *link* de acesso aos questionários dos adeptos, contribuindo para uma participação mais expressiva ao questionário.

Para a dissimulação dos questionários destinados aos árbitros, jogadores e treinadores seguiu-se uma estratégia distinta da aplicada no caso dos adeptos. Dada a especificidade daqueles agentes desportivos e a algumas dificuldades que antevíamos na obtenção de respostas, contactámos os presidentes da Associação Portuguesa de Árbitros de Futebol (APAF), da Associação Nacional de Treinadores de Futebol (ANTF) e do Sindicato dos Jogadores (SJ) dando-lhes conhecimento do estudo e seus objectivos solicitando-lhes a colaboração para a distribuição dos questionários junto dos respectivos associados, o que se veio a verificar.

Cada um dos questionários estiveram disponíveis para preenchimento no período compreendido entre:

- Adeptos: 25 de novembro de 2019 e 18 de maio de 2020, registando-se 4675 inquiridos;
- Árbitros: 4 de dezembro de 2019 e 29 de janeiro de 2020, registando-se 58 inquiridos;
- Jogadores: 23 de abril de 2020 e 31 de julho de 2020, registando-se 56 inquiridos;
- Treinadores: 9 de dezembro de 2019 e 14 de fevereiro de 2020, registando-se 266 inquiridos.

Análise estatística

Para a análise estatística fizemos uso do software estatístico IBM SPSS Statistics for Windows, Versão 28.0. (Armonk, NY: IBM Corp). A análise realizada tem por base estatísticas descritivas, nomeadamente a média, enquanto medida de tendência central, para compararmos os resultados obtidos em cada uma das amostras na P.1. No caso da P.2, por se tratar de uma questão comum a todos os questionários, em amostras independentes e com diferentes dimensões, na análise da média, procedemos a comparações múltiplas, com recurso à *One-Way ANOVA*, com testes *Pos Hoc* de comparação múltipla, através do teste de Tukey HSD, para valores de significância de $p < 0,05$.

RESULTADOS

Na Tabela 1 apresentamos a percepção que os adeptos têm face à influência que a comunicação de diversos actores que gravitam junto das esferas públicas e privadas de árbitros, jogadores e os treinadores têm sobre estes. Nas Tabelas 2, 3 e 4 apresentamos a opinião dos próprios: árbitros (Tabela 2), jogadores (Tabela 3) e treinadores (Tabela 4), sobre os actores que consideram ter a comunicação que mais os influenciam.

A percepção dos adeptos sobre a influência da comunicação nos árbitros, jogadores e treinadores é a indicada na Tabela 1. Pela sua análise, verificamos, embora com intenções diferentes, que os adeptos têm a percepção de que a

Tabela 1. A percepção dos adeptos sobre a influência da comunicação das entidades/personalidades nos árbitros, jogadores e treinadores.

P.1 Adeptos	Influência nos Árbitros			Influência nos Jogadores			Influência nos Treinadores		
	N	Média	Erro Desvio	N	Média	Erro Desvio	N	Média	Erro Desvio
Presidente do Clube	2,039	4,9	1,367	3,324	4,85	1,273	2,264	5,28	1,071
Director Desportivo	2,024	5,02	1,319	3,290	4,22	1,293	2,243	4,57	1,185
Treinador	2,026	3,94	1,384	3,321	5,46	0,951	-	-	-
Jogadores	2,025	3,79	1,425	-	-	-	2,249	5,06	1,125
Dirigentes do Clube	2,025	4,58	1,424	3,265	3,74	1,333	2,237	4,19	1,231
Director de Comunicação	2,030	4	1,439	3,282	3,67	1,512	2,236	3,76	1,398
Equipa Técnica	-	-	-	3,311	4,88	1,264	2,226	4,92	1,208
Árbitros	-	-	-	-	-	-	2,240	3,89	1,468
Outros Árbitros	2,023	4,03	1,452	-	-	-	-	-	-
Dirigentes da Arbitragem	2,048	3,89	1,52	-	-	-	-	-	-
Adversários	-	-	-	2,846	4,09	1,465	2,223	3,52	1,642
Colegas de Equipa	-	-	-	2,842	4,94	1,195	-	-	-
Staff (Médico/Roupeiros...)	-	-	-	2,847	3,91	1,478	2,236	3,81	1,478
Adeptos/Sócios	2,016	4,27	1,447	2,845	4,5	1,355	2,242	4,41	1,363
Empresários	2,014	4,18	1,473	2,852	4,09	1,547	2,228	3,8	1,517
Família/Namorada	2,014	3,43	1,563	2,842	4,28	1,566	2,225	3,35	1,513
Amigos	2,011	3,17	1,631	2,829	3,94	1,475	2,221	4,02	1,586
Federação/Liga	2,041	4	1,66	2,842	3,41	1,533	2,231	3,72	1,5
Ass..Profissional/Sindicato	2,009	3,46	1,648	2,823	3,09	3,69	-	-	-
Jornalistas/Comentadores	2,027	3,64	1,686	2,862	1,451	1,666	2,234	3,67	1,622
Blogues/Redes Sociais	2,015	3,52	1,61	2,841	3,43	1,593	2,223	3,34	1,588
Patrocinadores	-	-	-	2,831	3,67	1,565	2,214	3,47	1,589

Tabela 2. As entidades/personalidades que os árbitros consideram ter influência sobre eles.

P.1 Árbitros	Influência nos Árbitros		
	N	Média	Erro Desvio
Dirigentes da Arbitragem	39	4,97	0,986
Colegas de Equipa	39	4,92	1,0161
Federação	38	4,68	0,84
Liga	38	4,24	1,125
Outros Árbitros	38	4,21	1,094
Família/Namorada	35	4,2	1,451
Amigos	37	4,11	1,286
Ass.Profissional/Sindicato	36	3,69	1,508
Director de Comunicação	36	3,56	1,508
Treinador	38	3,55	1,554
Dirigentes do Clube	37	3,49	1,865
Presidente do Clube	37	3,46	1,850
Director Desportivo	37	3,46	1,773
Jogadores	38	3,39	1,386
Jornalistas/Comentadores	35	3,37	1,832
Blogues/Redes Sociais	36	3,17	1,828
Adeptos/Sócios	36	2,89	1,687
Empresários	36	2,56	1,482

Tabela 3. Entidades/personalidades que os jogadores consideram ter influência sobre eles.

P.1 Jogadores	Influência nos Jogadores		
	N	Média	Erro Desvio
Treinador	54	5,59	0,630
Presidente do Clube	55	5,13	1,334
Director Desportivo	54	4,94	0,811
Colegas de Equipa	49	4,73	1,016
Família/Namorada	50	4,60	1,457
Amigos	51	4,29	1,316
Adeptos/Sócios	50	4,28	1,144
Director de Comunicação	55	4,22	0,896
Blogues/Redes Sociais	49	4,10	1,636
Jornalistas/Comentadores	51	4,06	1,392
Adversários	50	4,04	1,068
Equipa Técnica	55	3,91	1,418
Dirigentes do Clube	55	3,76	1,154
Empresários	50	3,44	1,163
Ass.Profissional/Sindicato	50	3,06	1,406
Staff Médico	50	3,02	1,584
Patrocinadores	50	3,02	1,169
Restante Staff	50	2,84	1,419

Tabela 4. As entidades/personalidades que os treinadores consideram ter influência sobre eles.

P,1 Treinadores	Influência nos Treinadores		
	N	Média	Erro Desvio
Equipa Técnica	200	5,64	0,689
Jogadores	197	5,35	0,986
Director Desportivo	199	5,09	1,067
Presidente do Clube	200	4,96	1,265
Staff Médico	198	4,8	1,324
Família/Namorada	189	4,56	1,438
Director de Comunicação	200	4,51	1,299
Dirigentes do Clube	198	4,23	1,261
Restante Staff	199	4,16	1,322
Adversários	189	4,10	1,388
Amigos	188	4,09	1,383
Adeptos/Sócios	199	3,96	1,340
Árbitros	192	3,95	1,563
Jornalistas/Comentadores	190	3,73	1,418
Patrocinadores	188	3,69	1,538
Empresários	190	3,60	1,539
Dirigentes da Federação	189	3,57	1,470
Dirigentes Liga	189	3,56	1,481
Blogues/Redes Sociais	189	3,41	1,533

comunicação dos vários actores tem influência nos agentes desportivos. Destaca-se a atribuição de maior influência, aos actores que estão no topo da pirâmide hierárquica, e a quem compete dirigir o clube no seu todo e na vertente desportiva em particular, a par daqueles que fazem parte do grupo de trabalho semanal. Dos três agentes desportivos em análise, os adeptos consideram que são eles próprios que realizam a comunicação mais influenciadora sobre aqueles.

Em sentido contrário, os adeptos consideram que a comunicação é exercida com menos influência pelos actores que gravitam mais na esfera privada e familiar, sobretudo no caso dos árbitros e treinadores. Já no que respeita aos jogadores, os media e as instituições desportivas e patrocinadores são quem os adeptos considerem menos influenciadores. Pese os adeptos serem grandes utilizadores das redes sociais/blogues, consideram, no entanto que estas, relativamente a todos os agentes desportivos têm uma influência menor.

Para os adeptos, a família/namorada não tem no caso dos treinadores e árbitros, nestes últimos também os amigos, a mesma influência que têm nos jogadores, o que poderá eventualmente encontrar explicação no facto da família/namorada dos árbitros e treinadores não serem habitualmente personalidades

mediatizadas, como o são no caso dos jogadores. Quer isto dizer que os adeptos ao não conhecerem essa realidade da esfera privada também não percebem essa capacidade de influência.

Os árbitros são entre os agentes desportivos aqueles que frequentemente são, mesmo sem terem claques próprias organizadas, objecto de reacção, praticamente em contínuo, por parte dos adeptos das duas equipas em disputa ao longo de uma partida de futebol. Estas são quase sempre, inevitavelmente, a contestarem as suas decisões. Mas é desnecessária qualquer decisão, pois, até mesmo antes de esta acontecer, é frequentemente audível nos estádios, ao entrarem em campo serem logo “mimados” com apupos dos adeptos de ambas as equipas. Não deixa de ser curioso que a manifestação ruidosa que em determinados períodos do jogo os adeptos adoptam, nos façam colocar a hipótese que alguns pensem que com esses comportamentos conseguirão condicionar o árbitro e daí retirar partido para a sua equipa, situação que não encontra paralelo na hierarquia de influência das entidades/personalidades que os próprios árbitros consideram ter influência sobre eles, conforme se pode vericar na opinião manifestada por estes. Os adeptos, a par dos empresários, os únicos com valores médios negativos são aqueles que os árbitros atribuem o lugar mais baixo da hierarquia de influência sobre eles. Nas 18 entidades/personalidades apresentadas aos árbitros para classificarem quanto à capacidade de influência sobre eles, os adeptos e os empresários, ocupam a 17ª e a 18ª, respectivamente. As redes sociais, embora com valor médio positivo (3,17) são no caso dos árbitros praticamente desvalorizadas ao nível da influência que consideram ter sobre eles, ocupando a 16ª posição.

Em sentido contrário, os árbitros consideram que a comunicação que mais os influencia são as entidades/personalidades hierárquicas de que dependem, a par dos seus colegas de classe. Ou seja, aqueles de quem a evolução da sua actividade directamente depende. O seu círculo privado/familiar, geralmente pouco ou nada mediatizado, é considerado revelante, com a família/namorados e amigos a ocuparem as posições imediatas (6ª e 7ª posição).

A associação profissional/sindicato, no caso a APAF, tem de acordo com os árbitros uma influência relevante (3,69), na fronteira entre os mais e menos influentes, seguida imediatamente pelo dircom, personalidades geralmente muito activas publicamente relativamente ao desempenho dos árbitros.

Para os jogadores, a comunicação que tem como protagonistas a cadeia hierárquica ascendente e aqueles com quem trabalham diariamente, são aqueles que referem que mais os influenciam. Tal como no caso dos árbitros, são também as entidades/personalidades de quem dependem hierarquicamente e com quem trabalham, aqueles que mais directamente podem condicionar a evolução da sua actividade profissional.

São estes: o treinador, por ser aquele que tem a prerrogativa de o colocar ou não a jogar; o presidente do clube, a figura de topo e a quem compete a última palavra; o director desportivo, o responsável pela gestão contratual; e os colegas de equipa, com quem trabalha, de quem o seu sucesso também depende.

Num segundo patamar e tal como nos árbitros, segue o núcleo privado, família/mamorada e amigos. Mas e ao contrário dos árbitros, seguem-se os adeptos (7ª posição), que são como se sabe figuras geralmente muito activos, tanto no apoio como na contestação.

Relativamente ao dircom, os jogadores admitem que exerce influência sobre eles, mas que esta é relativa, o que só que em linguagem futebolística poderíamos traduzir como uma “equipa do meio da tabela”. Mas, se os árbitros consideram que a sua associação profissional é influente neles, já os jogadores minorizam neste aspecto o papel do Sindicato dos Jogadores, ainda que com valor médio positivo (3,06), ocupando a 15ª posição nas entidades/personalidades que mais influenciam os jogadores. Apenas a comunicação do restante staff (2,84) do clube apresenta valores médios negativos, ocupando a última posição (18ª).

Os treinadores, contrariamente a árbitros e jogadores, consideram que a comunicação exercida por todas as 18 entidades/personalidades listadas, embora em diferentes níveis, têm influência sobre eles. A equipa de trabalho e a sua hierarquia directa são aqueles que consideram que mais os influencia. Aqui verifica-se, ao ocupar o lugar cimeiro (5,64), a importância que atribuem à respectiva equipa técnica. Por norma a equipa técnica é escolhida pelo treinador na totalidade ou quase, por vezes os clubes indicam também pessoas da sua estrutura. Quer isto dizer que constitui o seu bastião, o seu núcleo duro, pois usualmente são contratados em conjunto e saem também de igual forma. Esta é uma situação que difere da realidade dos árbitros e jogadores, os árbitros não são contratados e

os jogadores embora o sejam, é num processo individual, daí se poder explicar e compreender esta classificação atribuída pelos treinadores.

A família/namorada também no caso dos treinadores ocupam um lugar relevante (6º), à semelhança dos árbitros e jogadores, mas os amigos contrariamente a estes, ocupam a parte inferior da tabela (11ª), à semelhança dos adeptos (12ª).

O dircom ocupa a 7ª posição, posicionando-se na metade superior da hierarquia de influencia classificada pelos treinadores, com um valor médio de 4,51. O treinador e o dircom desenvolvem com mais frequência um trabalho regular em conjunto, comparativamente com aquele que é realizado entre dircom e jogadores, pois o treinador tem que falar semanalmente à comunicação social, antes e depois dos jogos. Já quanto aos jogadores, apenas falará aquele que for seleccionado pelo clube para a *flash-interview*, embora por vezes também participem em conferências de imprensa. Já as estruturas que regulam e dirigem o futebol (3,57 e 3,56), a par dos blogues/redes sociais (3,41), são aquelas a que menos influência atribuem, ocupando os últimos lugares da hierarquia.

A Tabela 5 apresenta-nos a percepção que os adeptos, árbitros, jogadores e treinadores têm sobre a influência da comunicação dos clubes não só sobre eles, mas também nas restantes entidades/personalidades listadas na tabela. A primeira evidencia que os resultados nos mostram é que há uma unanimidade entre os diferentes alvos do estudo quanto ao facto de serem os adeptos aqueles que são mais influenciáveis pela comunicação dos clubes. A comunicação dos clubes dispõe actualmente de um poderoso ecossistema comunicacional, com plataformas de comunicação próprias, estruturas de comunicação altamente profissionalizadas o que vem de encontro com os trabalhos de Boyle and Haynes (2014) e Ginesta (2009), adoptando modelos de comunicação integrada e propagandísticos, em linha com o defendido por Quintela (2020). Os adeptos actuam tendencialmente naquilo que nos

Tabela 5. A percepção dos adeptos, árbitros, jogadores e treinadores sobre a influência da Comunicação dos clubes.

Influência da comunicação dos clubes (P.2)	Adeptos			Árbitros			Jogadores			Treinadores		
	N	Média	Erro Desvio	N	Média	Erro Desvio	N	Média	Erro Desvio	N	Média	Erro Desvio
Adeptos/Sócios do Clube	1.951	5,09	1.129	34	4,97	1.605	47	4,96	1.141	178	5,11	1.022
Adversários	1.934	3,94	1.346	34	4,35	1.125	46	4,26	1.063	176	4,16	1.243
Árbitros	1.942	4,03	1.489	34	3,53	1.398	47	3,74	1.242	178	4,01	1.376
Dirigentes da Federação	1.940	3,88	1.413	34	4,47	0.992	47	3,96	1.197	177	3,94	1.233
Dirigentes da Liga	1.939	3,95	1.433	33	4,52	1.034	47	4,15	1.215	177	3,92	1.252
Funcionários	1.933	3,81	1.511	33	4,21	1.556	47	4,53	1.213	177	4,38	1.287
Jogadores	1.938	4,63	1.279	33	4,30	1.403	47	4,70	0.954	178	5,07	1.034
Patrocinadores	1.940	4,19	1.463	32	4,13	1.540	47	4,23	1.289	178	4,63	1.225
Poder Político	1.940	3,87	1.679	33	3,73	1.682	47	4,06	1.241	176	3,78	1.422
Treinadores	1.930	4,70	1.261	33	4,12	1.386	47	5,13	0.741	179	5,05	1.172

sugere ser um eixo emocional e na defesa daqueles ou daquilo que consideram ser os interesses do seu clube, mas de forma tendencialmente dogmática, seguindo e alimentando-se do que a comunicação do clube produz. Esta é uma realidade que é bem conhecida dos dircom's dos clubes que disso tiram proveito para os seus objectivos e actividade comunicacional em linha com o defendido por Quintela (2020).

Se calculármos a média da média das classificações atribuídas por cada um dos alvos do estudo às diferentes entidades/personalidades, verificamos que os adeptos (4,21) são aqueles que registam a média das médias mais baixa quando comparados com os árbitros (4,23), jogadores (4,37) e treinadores (4,41). Estes resultados apontam para que os adeptos, apesar de considerarem que a comunicação dos clubes é altamente influenciadora no seu caso, já não o será tanto relativamente aos restantes actores classificados. Na classificação atribuída pelos adeptos, apenas estes (5,09) em conjunto com treinadores (4,70) e jogadores (4,63), têm médias superiores à sua média das médias (4,21) dos adeptos, ou seja, em três casos. Enquanto este número, no caso dos árbitros, sobe para 4 e nos jogadores e treinadores, 3 e 4 respectivamente.

Tanto jogadores (4,7) como os treinadores (5,05), consideram que a comunicação dos clubes tem uma influência considerável sobre eles, colocando-a no 3º e 2º lugar da hierarquia, respectivamente. Poderemos então afirmar pelos dados analisados que comunicação dos clubes desempenha um papel importante na promoção e defesa tanto de jogadores e treinadores como poderá ter uma acção poderosa em sentido contrário em caso de desalinhamento e litigância, destes com o clube.

Quanto à influência da comunicação dos clubes nos árbitros, quer os próprios quer os jogadores, colocam-na no último lugar da lista, ou seja, são os que menos influenciam. Já os adeptos colocam-na em 5º lugar e os treinadores em

7º. A comunicação dos clubes não terá grande influência nos árbitros ao contrário daquilo que por vezes possa transparecer através das estruturas de comunicação dos clubes e dos seus dirigentes. As acções de comunicação dos clubes que se interpretamos como uma tentativa de condicionar os árbitros, servirão pelo que os resultados parecem indiciar, outros propósitos de comunicação que não aqueles que numa primeira análise parecem perseguir, nomeadamente, criar “cortinas de fumo” que servem por exemplo para desviar as atenções de resultados menos conseguidos.

A percepção é praticamente unanime entre os alvos do estudo (adeptos, árbitros, jogadores e treinadores) que a comunicação dos clubes não terá grande influência no poder político. Será assim? Pelo menos é esse o caminho que os resultados apontam, mas não exclui a hipótese que possamos pensar que eventualmente as acções comunicacionais visando o poder político se desenvolvam num contexto não mediado, naquilo que podemos considerar nos “corredores do poder”, longe dos alofotes, acções que são desenvolvidas de forma discreta e que pelo facto de o serem desta forma, não são conhecidas pelos actores alvo deste estudo.

Em termos globais, podemos verificar que treinadores e adeptos convergem mais nas suas opiniões do que face a jogadores e árbitros, passando-se o mesmo entre estes dois que convergem mais entre si do que face a adeptos e treinadores. Os treinadores e os árbitros, são quem tem a opinião mais divergente quanto à influência da comunicação dos clubes nos vários stakeholders. Esta situação poderá resultar do próprio posicionamento comunicacional destes actores, ambos protagonistas, mas de formas diferentes. Os árbitros por norma têm um posicionamento *low-profile* e não comunicam na esfera pública, enquanto os treinadores têm um papel activo na comunicação dos clubes, a par dos presidentes

Tabela 6. Comparações Múltiplas/Tukey HSD: Funcionários.

Variável dependente			Diferença média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
Funcionários	Adeptos	Árbitros	-0,407	0,261	0,404	-1,08	0,27
		Jogadores	-0,726*	0,220	0,005	-1,29	-0,16
		Treinadores	-0,573*	0,117	0,000	-0,87	-0,27
	Árbitros	Adeptos	0,407	0,261	0,404	-0,27	1,08
		Jogadores	-0,320	0,338	0,780	-1,19	0,55
		Treinadores	-0,166	0,282	0,935	-0,89	0,56
	Jogadores	Adeptos	0,726*	0,220	0,005	0,16	1,29
		Árbitros	0,320	0,338	0,780	-0,55	1,19
		Treinadores	0,153	0,244	0,923	-0,47	0,78
	Treinadores	Adeptos	,573*	0,117	0,000	0,27	0,87
		Árbitros	0,166	0,282	0,935	-0,56	0,89
		Jogadores	-0,153	0,244	0,923	-0,78	0,47

*A diferença média é significativa no nível 0.05.

Tabela 7. Comparações Múltiplas/Tukey HSD: Jogadores.

Variável dependente			Diferença média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
Jogadores	Adeptos	Árbitros	0,331	0,221	0,439	-0,24	0,90
		Jogadores	-0,068	0,186	0,983	-0,55	0,41
		Treinadores	-,434*	0,098	0,000	-0,69	-0,18
	Árbitros	Adeptos	-0,331	0,221	0,439	-0,90	0,24
		Jogadores	-0,399	0,285	0,501	-1,13	0,33
		Treinadores	-,764*	0,238	0,007	-1,38	-0,15
	Jogadores	Adeptos	0,068	0,186	0,983	-0,41	0,55
		Árbitros	0,399	0,285	0,501	-0,33	1,13
		Treinadores	-0,365	0,206	0,287	-0,90	0,16
	Treinadores	Adeptos	,434*	0,098	0,000	0,18	0,69
		Árbitros	,764*	0,238	0,007	0,15	1,38
		Jogadores	0,365	0,206	0,287	-0,16	0,90

*A diferença média é significativa no nível 0.05.

Tabela 8. Comparações Múltiplas/Tukey HSD: Patrocinadores.

Variável dependente			Diferença média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
Patrocinadores	Adeptos	Árbitros	0,068	0,257	0,993	-0,59	0,73
		Jogadores	-0,041	0,213	0,998	-0,59	0,51
		Treinadores	-0,436*	0,113	0,001	-0,73	-0,15
	Árbitros	Adeptos	-0,068	0,257	0,993	-0,73	0,59
		Jogadores	-0,109	0,331	0,988	-0,96	0,74
		Treinadores	-0,504	0,277	0,264	-1,22	0,21
	Jogadores	Adeptos	0,041	0,213	0,998	-0,51	0,59
		Árbitros	0,109	0,331	0,988	-0,74	0,96
		Treinadores	-0,395	0,237	0,340	-1,00	0,21
	Treinadores	Adeptos	,436*	0,113	0,001	0,15	0,73
		Árbitros	0,504	0,277	0,264	-0,21	1,22
		Jogadores	0,395	0,237	0,340	-0,21	1,00

*A diferença média é significativa no nível 0.05.

e dircom. Isto poderá evidenciar o maior conhecimento que os treinadores têm da comunicação dos clubes face àquela que é do conhecimento dos árbitros.

Nas Tabelas de 6 a 9 apresentamos as comparações múltiplas/Teste HSD em função de cada um dos stakeholders (variável dependente).

Em relação a Adeptos/sócios, Adversários, Árbitros, Dirigentes da Federação, Dirigentes da Liga, e Poder Político não foram encontradas diferenças significativas entre stakeholders.

A diferença da média só é considerada estatisticamente significativa ao nível de 0,05. Estas são significativas nos resultados apresentados nas Tabelas 6, 7, 8 e 9 e nas situações indicadas.

A diferença nas médias na variável funcionários é significativa ($p < 0,5$), na avaliação média no caso dos adeptos e jogadores; adeptos e treinadores, não sendo significativa nos restantes casos. Ou seja, quer os jogadores quer os treinadores consideram que a comunicação dos clubes tem mais influência nos funcionários do que os adeptos.

Tabela 9. Comparações Múltiplas/Tukey HSD: Treinadores.

Variável dependente			Diferença média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
Treinadores	Adeptos	Árbitros	0,579*	0,219	0,041	0,02	1,14
		Jogadores	-0,427	0,184	0,094	-0,90	0,05
		Treinadores	-0,350*	0,097	0,002	-0,60	-0,10
	Árbitros	Adeptos	-,579*	0,219	0,041	-1,14	-0,02
		Jogadores	-1,006*	0,283	0,002	-1,73	-0,28
		Treinadores	-0,929*	0,236	0,001	-1,54	-0,32
	Jogadores	Adeptos	0,427	0,184	0,094	-0,05	0,90
		Árbitros	1,006*	0,283	0,002	0,28	1,73
		Treinadores	0,077	0,204	0,982	-0,45	0,60
	Treinadores	Adeptos	0,350*	0,097	0,002	0,10	0,60
		Árbitros	0,929*	0,236	0,001	0,32	1,54
		Jogadores	-0,077	0,204	0,982	-0,60	0,45

*A diferença média é significativa no nível 0.05.

A diferença nas médias na variável jogadores é significativa é significativa ($p < 0,5$), na avaliação média nos casos dos adeptos e treinadores; árbitros e treinadores, não sendo significativa nos restantes casos. Ou seja, a comunicação dos jogadores influencia mais os treinadores na perspectiva dos adeptos e árbitros do que influencia os restantes agentes desportivos. Já na perspectiva dos treinadores, a comunicação dos jogadores tem mais influência nos adeptos e árbitros.

A diferença nas médias na variável patrocinadores é significativa ($p < 0,5$), na avaliação média dos adeptos e treinadores, não sendo significativa nos restantes casos. Ou seja, na perspectiva dos adeptos, a comunicação dos patrocinadores tem mais influência nos treinadores e na perspectiva dos treinadores tem mais influência nos adeptos.

A diferença nas médias na variável treinadores é significativa ($p < 0,5$), na avaliação média dos adeptos e árbitros; adeptos e treinadores; árbitros e treinadores; árbitros e jogadores não sendo significativa nos casos dos adeptos e jogadores; treinadores e jogadores. Ou seja, a comunicação vinda dos treinadores tem influência quer nos adeptos quer nos agentes desportivos em análise, sendo que tem mais influência em jogadores e treinadores na perspectiva dos próprios do que na perspectiva dos adeptos e árbitros.

DISCUSSÃO

O futebol revela-se um fenómeno transversal à nossa sociedade atravessando diferentes grupos etários, escalões sócio-económicos. No entanto, pese esta transversalidade e o próprio perfil dos inquiridos indicia isso, o futebol continua

ainda a ser uma modalidade com um cariz marcadamente masculino, apesar do interesse e da participação crescente do público feminino, quer como adeptas quer como agentes desportivas.

Os resultados obtidos apontam para que a comunicação na generalidade dos actores (exceção dos sócios/adeptos e empresários na perspectiva dos árbitros) tem influência nos adeptos e nos agentes desportivos em análise, em linha com a centralidade da comunicação no espaço mediático (Boyle & Haynes, 2014). Independentemente da intensidade e sentido que a influência se manifesta, é comum a todos os actores alvo deste estudo reconhecerem que a comunicação tem influência neles, tanto na forma como sentem essa influência, como na percepção da influência que a comunicação tem nos outros.

Os resultados deste estudo apontam para uma diferença entre as percepções dos adeptos sobre a influência que a comunicação tem nos árbitros, jogadores e treinadores face à opinião que os próprios manifestam sobre a influência que consideram que a comunicação tem neles. Esta situação, poderá ser explicada pelo facto de vivermos num mundo mediatizado (Hepp et al., 2015; Skey et al., 2018) e as percepções resultarem da exposição ao medias e do consumo que realizam (Fazenda et al., 2022). Evidencia-se ainda a importância da mediatização do futebol e dos seus actores na forma como estes são percebidos precisamente por via dessa mesma mediatização, nomeadamente, quanto à capacidade percebida que cada um desses actores tem para influenciar ou ser influenciado, por terceiros. Os dados apontam que quanto maior é a mediatização de um actor, maior é a capacidade de influência percebida que lhe é atribuída, sobretudo

quando se trata da percepção dos adeptos. Exemplo disso são as percepções dos adeptos quanto àqueles que consideram ter mais influência nos árbitros versus a opinião dos próprios árbitros. Enquanto estes reconhecem a importância no processo de influência daqueles que lhes estão mais próximos, como por exemplo a família, já os adeptos, por aquele núcleo mais próximo dos árbitros ser tendencialmente constituído por figuras pouco ou não nada mediatizadas, não percebem essa capacidade de influência. Na realidade, apesar dos adeptos viverem intensamente o dia-a-dia dos seus clubes, exceptuando os dias de jogo e outras raras excepções, em que podem assistir directamente e ao vivo, a restante vida interna, as relações e o trabalho diário do clube está-lhes vedado, sendo todo o conhecimento dessa realidade dado-lhes a conhecer apenas por terceiros e sobretudo através do espaço mediático. Já os agentes desportivos, por seu lado, apesar de protagonistas, vivem directamente as suas actividades e interacção entre si, contudo não deixam também de ter percepções que são resultado da própria mediatização do fenómeno futebol, pela exposição aos media, sobretudo, relativamente aqueles que lhes estão mais distantes do seu trabalho directo. Jogadores e treinadores interagem ao longo da semana nos trabalhos conjuntos de preparação da equipa o que lhes permite um conhecimento mais directo, pelo que as percepções da influência que cada um destes actores tem relativamente ao outro é tendencialmente menor do que aquela que é manifestada pelos adeptos. Mesmo com os árbitros e apesar de existir uma interacção directa com jogadores e treinadores, esta resume-me praticamente aos dias de jogo. Pelo que também entre estes actores possa ser evidenciado em alguns aspectos uma maior divergência. Nos quatro actores em estudo (adeptos, árbitros, jogadores e treinadores), os que têm uma participação directa mais activa no espaço mediático são os adeptos e os treinadores. Os adeptos têm-na através das multiplataformas digitais, sobretudo as redes sociais que têm disponíveis e os treinadores pelas intervenções que têm ao longo da semana, nomeadamente aquelas que são do foro regulamentar da competição, conferências de imprensa e *flash interview*. Os jogadores praticamente só intervêm nesta última, variando jogo-a-jogo o jogador seleccionado que pode falar. No entanto, jogadores e treinadores também reconhecem que a comunicação exerce uma grande influência sobre eles.

Apesar de amplamente escrutinados e de ocuparem muito do espaço mediático, árbitros e jogadores, praticamente não intervêm directamente no espaço público, sobretudo pelos condicionamentos a que estão sujeitos, por força dos respectivos regulamentos, do conselho de arbitragem e dos clubes, respectivamente.

A percepção pelos adeptos que as esferas privadas e familiares tem menos influência do que aquela que é revelada pelos próprios agentes desportivos é indiciadora do próprio processo de mediatização e que vai de encontro aos estudos de Fazenda et al. (2022), Livingstone (2009) e Skey et al. (2018). A esfera privada não é tanto mediatizada ou não é mesmo, como outros aspectos da actividade dos agentes desportivos, como por exemplo, no caso dos árbitros. Isto contribuirá para que os adeptos não tenham a percepção da real importância que os próprios agentes desportivos lhes atribuem, pois esta ao não ser mediatizada, é-lhes desconhecida em linha com os estudos de Skey et al. (2018).

Os adeptos são claramente aqueles que mais são influenciados pela comunicação pelo que o conhecimento de toda a lógica de mediatização num mundo rodeado de media é fundamental para as direcções de comunicação dos clubes que têm nos adeptos/sócios um dos seus alvos privilegiados, em linha com o defendido por Olabe Sánchez (2015) e Quintela (2020).

Se considerarmos a influência da comunicação atribuída a cada entidade/personalidade, podemos identificar os públicos/stakeholders que estão melhor posicionados e que podem eventualmente ser privilegiados pelas direcções de comunicação dos clubes para os usarem como influenciadores junto dos adeptos e dos agentes desportivos em estudo.

CONCLUSÕES

A comunicação tem influência nos adeptos e nos agentes desportivos, embora manifestando-se com diversas intensidades e se verifiquem diferenças entre a percepção dos adeptos e a opinião dos agentes desportivos. Estes enquanto protagonistas directos do jogo e integrados em instituições desportivas conhecem a realidade das suas estruturas desportivas, enquanto para os adeptos o seu conhecimento provém da percepção resultante da mediatização do fenómeno futebolístico, num mundo rodeado de media.

A percepção de influência que se tem de alguém, tende a constituir em si mesma uma capacidade de influência, pois a influência é também a capacidade que os outros nos reconheçam para influenciar. Isto explicará a razão de algumas acções de comunicação dos clubes, como por exemplo sobre os árbitros, nomeadamente através das frequentes tentativas de condicionamento através de declarações públicas de responsáveis dos clubes. Mesmo que estas não cumpram o objectivo aparentemente pretendido, condicionar, de acordo com a opinião manifestada pelos árbitros quanto à influência exercida sobre eles, não deixará de servir também outros propósitos comunicacionais. Se considerarmos que as

direcções de comunicação dos clubes seguem modelos unidireccionais de comunicação (Quintela, 2020) propangandísticos, então estas acções permitem-lhes aproveitar estas percepções em função dos seus objectivos (Olabe Sánchez, 2015), possibilitando uma eventual manipulação dos adeptos, por exemplo através de “cortinas de fumo”, para desviar a atenção de resultados desfavoráveis, sejam estes desportivos ou financeiros.

A percepção tanto dos adeptos como dos árbitros, jogadores e treinadores é que a comunicação dos clubes tem influência, não só sobre eles, como também sobre outros stakeholder's. No entanto, não nos é possível determinar em que sentido essa influência se verifica, se em linha com os objectivos comunicacionais pretendidos pelos clubes ou se em sentido contrário. Estamos perante aquilo que poderemos designar como uma influência em módulo. Fazendo a analogia, considerando que um módulo é a distância de um número real a zero, independentemente de este ser positivo ou negativo. Quer isto dizer que as acções de comunicação dos clubes sobre os diversos agentes desportivos têm influência, mas não se pode afirmar que as mesmas sejam eficazes e que atinjam o objectivo pretendido uma vez que o seu efeito poderá ser eventualmente, até o oposto do desejado. Estes aspectos abrem o caminho a investigações futuras em que se explore a eficácia da comunicação junto dos diversos stakeholder's dos clubes. O estudo do comportamento dos dirigentes dos clubes, dos seus dircoms, as diversas acções de comunicação, nomeadamente as declarações que proferem, algumas bem emotivas, como são avaliadas por pelos actores deste estudo? Que impacto têm neles?

A comunicação como pudemos concluir tem influência nos diversos actores deste estudo, pelo que se torna necessário em estudos futuros, explorar os conteúdos da comunicação, na óptica do emissor, em função dos objectivos para cada um dos alvos comunicacionais e na perspectiva do emissor, explorar quais desses conteúdos exercem mais influência sobre estes.

Sugere-se que em investigações futuras, considerando as diferentes intensidades registadas para a influência da comunicação nos diversos stakeholder's, que se explore quais os media que mais podem intensificar essa mesma influência em cada um dos alvos objecto de estudo.

Em termos de limitações do estudo sublinhamos a pouca disponibilidade de tempo dos árbitros e jogadores o que condicionou um estudo mais aprofundado, nomeadamente no número de questões realizadas e a possibilidade de os voltar a contactar para a exploração de alguns pontos específicos. O facto de não termos conseguido amostras representativas, inviabilizou a extrapolação estatística das

amostras para o universo o que constituiu também uma condicionante nesta pesquisa. Sublinhamos ainda a inexistência de trabalhos similares que explorem em simultâneo os quatro actores alvo deste estudo, o que nos impossibilitou de ter uma referência que nos possibilitasse uma comparação com o nosso estudo, o que constituiu também, inevitavelmente, uma limitação para este.

REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Berger, B. K., & Reber, B. H. (2006). *Gaining influence in public relations: the role of resistance in practice*. Lawrence Erlbaum Associates.
- Borges, F. (2019). Soccer clubs as media organizations: a case study of Benfica TV and PSG TV. *International Journal of Sport Communication*, 12(2), 275-294. <https://doi.org/10.1123/ijsc.2019-0001>
- Boyle, R. (2012). Social Media Sport? Journalism, Public Relations and Sport. In R. Krovel & T. Roksvold (Eds.), *We Love to hate Each Other* (pp. 45-60). Nordicom.
- Boyle, R. (2013). Reflections on communication and sport on journalism and digital culture. *Communication and Sport*, 1(1-2), 88-99. <https://doi.org/10.1177/2167479512467978>
- Boyle, R., & Haynes, R. (2009). *Power Play: sport. The media and popular culture*. Edimburg University Press.
- Boyle, R., & Haynes, R. (2014). Sport, Public Relations and Social Media. In A. C. Billings & M. Hardin (Eds.), *Routledge Handbook of Sport and New Media* (pp. 133-142). Routledge.
- Cardoso, G., Costa, A. F., Coelho, A. R., & Pereira, A. (2015). *A sociedade em rede em Portugal: uma década de transição*. Almedina.
- Cardoso, G., Xavier, D., & Cardoso, T. (2007). Media, futebol e identidade na sociedade em rede. *Observatorio (OBS*) Journal*, 1(1), 119-143. <https://doi.org/10.15847/obsOBS11200759>
- Castells, M. (2007). *A sociedade em rede* (3ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Coelho, J. N. (2004). “Ondulando a bandeira”: futebol e identidade nacional. *R: I Relações Internacionais*, (2), 119-125. Recuperado de http://www.ipri.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/r2/RI02_JNC.pdf
- Coelho, J. N., & Tesler, N. C. (2006). O paradoxo do jogo português: a omipresença do futebol e a ausência de espectadores dos estádios. *Análise Social*, 41(179), 519-551.
- Correio da Manhã (2019). Comunicação e Influência no Futebol. *Correio da Manhã*. Recuperado de <https://www.cmjornal.pt/comunicados-de-imprensa/detalhe/comunicacao-e-influencia-no-futebol>
- Couldry, N. (2008). Mediatization or mediation? Alternative understandings of the emergent space of digital storytelling. *New Media & Society*, 10(3), 373-391. <https://doi.org/10.1177/1461444808089414>
- Couldry, N., & Hepp, A. (2013). Conceptualizing mediation: contexts, traditions, arguments. *Communication Theory*, 23(3), 191-202. <https://doi.org/10.1111/comm.12019>
- Croucher, S. M., & Cronn-Mills, D. (2015). *Understanding communication research methods*. Routledge.
- Daymon, C., & Holloway, I. (2011). *Qualitative research methods in public relations and marketing communications* (2ª ed.). Routledge.
- Deacon, D., & Stanyer, J. (2014). Mediatization: Key concept or conceptual bandwagon. *Media, Culture & Society*, 36(7), 1032-1044. <https://doi.org/10.1177/0163443714542218>

- Evans, J. R., & Mathur, A. (2005). The value of on-line surveys. *Internet Research*, 15(2), 195-219. <https://doi.org/10.1108/10662240510590360>
- Fazenda, T., Costa, A. M., Garcia-Mas, A., & Carvalho, P. G. (2022). How media influence is perceived by professional soccer players: a qualitative case study in Portugal. *Sport in Society*, 25(12), 2541-2552. <https://doi.org/10.1080/17430437.2021.1944115>
- Foucault, M. (1988). Social security. Em L. D. Kritzman (Ed.), *Michel Foucault: Politics, philosophy, culture* (pp. 159-177). Routledge.
- Gastaldo, É., & Helal, R. (2013). Homo Ludens e o futebol-espetáculo. *Revista Colombiana de Sociologia*, 36(1), 111-122.
- Ginesta, X. (2009). Mediapro contra Sogecable: la guerra del utebol i la ineficaz regulació de l'Administració a Espanya (2006-2008). *Observatorio (OBS*) Journal*, 9, 113-134.
- Giulianotti, R. (2012). Fanáticos, Seguidores, Fãs e Flaneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. *Record: Revista de História do Esporte*, 5(1), 1-35. Recuperado de http://www.sport.ifcs.ufrj.br/record/pdf/recordV5N1_2012_11.pdf
- Hepp, A., Hjarvard, S., & Lundby, K. (2015). Mediatization: theorizing the interplay between media, culture and society. *Media, Culture & Society*, 37(2), 314-324. <https://doi.org/10.1177/0163443715573835>
- L'Etang, J. (2006). Public relations and sport in promotional culture. *Public Relations Review*, 32(4), 386-394. <https://doi.org/10.1016/j.pubrev.2006.09.006>
- Lievrouw, L. A., & Livingstone, S. (2009). Major works in new media. In L. A. Lievrouw, & S. Livingstone (Eds.), *Introduction* (pp. xi-xl). Sage.
- Livingstone, S. (2009). On the Mediation of Everything. *Journal of Communication*, 59(1), 1-18. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2008.01401.x>
- Moragas, M. (2012). Deportes, medios de comunicación e identidades en la sociedad global. In J. Marques & O. Morais (Eds.), *Esportes na Idade Mídia: diversão, informação e educação* (pp. 17-48). Edições Intercom.
- Olabe Sánchez, F. (2013). The sports journalists up against the communication model of football clubs in Spain: the case of Real Madrid CF in the 2011-2012 season. *Communication & Society*, 26(4), 195-215.
- Olabe Sánchez, F. (2015). El gabinete de Comunicación como impulsor de la gestión comunicativa de los clubes de fútbol. *Revista Mediterránea de Comunicación*, 6(1), 83-104. <https://doi.org/10.14198/MEDCOM2015.6.1.06>
- Quintela, J. L. (2020). O director de comunicação no futebol: perfis e tendências nos "três grandes" clubes portugueses. *Podium - Sport, Leisure and Tourism Review*, 9(1), 21-41. <https://doi.org/10.5585/podium.v9i1.13748>
- Record (2019). Comunicação e Influência no Futebol. *Record*. Recuperado de <https://www.record.pt/comunicados-de-imprensa/detalhe/comunicacao-e-influencia-no-futebol>
- Reis, E., & Moreira, R. (1993). *Pesquisa de Mercados*. Edições Sílabo.
- Rodrigues, N. (1993). *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. Companhia das Letras.
- Shi, X., & Wilson, S. (2017). Influence. In C. R. Scott (Ed.), *The International Encyclopedia of Organizational Communication* (v. 2, pp. 1211-1223). Wiley. <https://doi.org/10.1002/9781118955567.wbieoc107>
- Skey, M., Stone, C., Jenzen, O., & Mangan, A. (2018). Mediatization and Sport: A Bottom-up perspective. *Communication & Sports*, 6(5), 588-604. <https://doi.org/10.1177/2167479517734850>
- Tench, R., Vercic, D., Zerfass, A., Moreno, Á., & Verhoeven, P. (2017). *Communication Excellence*. Palgrave Macmillan. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-48860-8>

O doping esportivo na mídia: uma revisão sistemática da literatura sobre dopagem no contexto das teorias de agendamento e enquadramento

Andressa Fontes Guimaraes Mataruna^{1*} 

ABSTRACT

Notícias e reportagens sobre casos de *doping* esportivo são frequentes no discurso midiático de vários países, e se tornam mais proeminentes nos anos em que os Jogos Olímpicos ou outros megaeventos esportivos acontecem. Este artigo realiza um estudo sobre como as publicações acadêmicas enfocam a temática da dopagem e a cobertura da mídia, que por sua vez exerce influência na opinião pública. Uma revisão sistemática foi realizada em artigos publicados entre 2000 e 2021 com o foco em identificar de que forma as notícias sobre *doping* foram enquadradas ou usadas para definir agendas na cobertura da mídia. O resultado da revisão sistemática da literatura aponta para 1.152 trabalhos encontrados, dos quais foram estratificados 27 artigos envolvendo dopagem e as teorias elencadas, sendo estes 10 eliminados por repetição. Identificou-se que as publicações sobre esta temática se intensificaram após 2010 com a predominância em pesquisas qualitativas, que envolvem a mídia americana, além do conteúdo explorado ser dominante em formatos de jornais impressos. Constata-se uma dependência de pesquisas sobre a mídia americana, que afeta a questão da imparcialidade, uma vez que determinada notícia é analisada através do ponto de vista de apenas um país. Portanto, argumenta-se sobre a necessidade de produção de futuros estudos envolvendo outros meios de comunicação, tendo em vista a pluralidade de canais disponíveis, bem como uma oportunidade de comparar o conteúdo selecionado e publicado sobre dopagem em outros países.

PALAVRAS-CHAVE: *doping*; teorias da comunicação de massa; jornalismo esportivo.

INTRODUÇÃO

As notícias sobre o *doping* fazem parte do cotidiano da mídia, e estão presentes principalmente nas editorias esportivas. No entanto, estas notícias não ficam restritas apenas a esta editoria, e podem inclusive ser publicadas com destaque nos diversos meios de comunicação. Histórias envolvendo o uso de drogas, trapaça e corrupção no esporte alcançam as manchetes frequentemente e se tornam escândalos que ganham repercussão mundial de acordo com cada caso (Whannel, 2002). Uma das características mais marcantes de um escarcéu esportivo pode ser encontrado na intensa cobertura da mídia de massa, e o *doping* desempenha um papel significativo em vários escândalos esportivos (Wagner & Kristiansen, 2019).

O processo de agendamento destas notícias se intensificou na virada do século XXI, quando casos de atletas que realizaram o uso de substâncias dopantes em eventos de grande visibilidade como o ciclismo e atletismo, começaram a ser noticiados frequentemente na mídia (Pfister & Gems, 2015).

Em relação aos estudos sobre a comunicação de massa, há uma diversidade de pesquisas que pretendem discutir a influência do conteúdo transmitido através da mídia para os receptores. Dentre algumas das teorias que pretendem verificar estes efeitos, estão a teoria do agendamento e enquadramento, que foram sistematizadas em estudos realizados na década de 70 (Goffman, 1974; McCombs & Shaw, 1972).

A teoria do agendamento em inglês *agenda-setting*, afirma que a mídia organiza a seleção de notícias de maneira a influenciar a

¹Universidade da Beira Interior – Covilhã, Portugal.

***Autora correspondente:** Rua Morais do Convento, S/N, 6200-371 – Covilhã, Portugal. E-mail: andressa.mataruna@ubi.pt

Conflito de interesses: nada a declarar. **Financiamento:** nada a declarar.

Recebido: 08/09/2021. **Aceite:** 20/04/2022.

opinião pública (McCombs, 2014). Desta forma a mídia pode influenciar inclusive como as pessoas pensam sobre tal assunto abordado (Cohen, 1963). Apesar da base dos estudos sobre agendamento terem começado na década de 20 com Walter Lippmann (1922) na clássica obra *Public Opinion*, a primeira pesquisa foi realizada por McCombs e Shaw (1972) com eleitores Americanos em Chapel Hill, na disputa entre George McGovern e Richard Nixon para a presidência. Os autores concluíram que havia uma correlação entre o conteúdo publicado na mídia com a temática abordada por estes candidatos (Weaver, 1996). De certa forma, os veículos de comunicação possuíam a capacidade de estruturar o conteúdo de modo que estes assuntos eram vistos como importantes para os receptores. Além disso, estes receptores que também eram eleitores, se informavam sobre política e as propostas dos candidatos através da mídia.

No entanto, há uma nova tendência dentre os estudos da comunicação, que pretendem observar o processo de seleção e saliência ao enquadrar determinado assunto. Com o desenvolvimento de estudos sobre o agendamento, outros pesquisadores foram incluindo análises sobre o enquadramento, considerado como uma segunda dimensão de *agenda-setting*, com o foco em observar como a mídia difunde suas mensagens (Díaz, 2004).

O termo Enquadramento, em inglês *framing*, é descrito por Entman (1993, p. 52) como o processo de “selecionar alguns aspectos da realidade percebida e ressaltá-los em um texto comunicativo, promovendo uma definição particular de um problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou um tratamento recomendado”. O autor esclarece que enquadramentos são configurados pelo processo de seleção e saliência. Ao descrever uma determinada realidade, os quadros escolhidos retratam apenas alguns aspectos, enquanto ocorre a omissão de outros elementos. Para Entman (1993) a omissão e a inclusão precisam ser igualmente avaliados. Desta forma, a mídia ajuda a construir uma realidade por meio das escolhas de seus enquadramentos, que apenas demonstram uma parcela da realidade, sendo capaz de influenciar a audiência em diferentes segmentos, mas principalmente em questões de natureza política (Porto, 2004).

Em se tratando sobre a problemática que envolve o processo de seleção e produção de notícias sobre casos de dopagem, este

manuscrito buscou responder à questão: Quais foram os artigos científicos publicados de 2000 a 2021 que envolveram a discussão sobre *doping*, *agenda-setting* (agendamento) e *framing* (enquadramento)? Consequentemente, o objetivo principal foi investigar através de uma revisão sistemática de literatura as produções acadêmicas sobre esta temática. Além disso, buscou-se identificar quais são os meios de comunicação mais utilizados na cobertura sobre a dopagem, abordados pela literatura.

MÉTODO

A evolução da era eletrônica e a digitalização das comunicações levou ao desenvolvimento de vários bancos de dados na rede mundial de computadores (internet), que ampliaram os recursos de busca sobre um assunto específico, além da capacidade de realizar análises de citações (Falagas et al., 2007). Neste artigo, utilizou-se a pesquisa em base de dados a fim de mapear as publicações relacionadas à dopagem e às teorias do jornalismo sobre a comunicação de massa. A busca de artigos que incluam dopagem e as teorias da comunicação de massa permite verificar a quantidade e a variedade de trabalhos científicos nesta temática. Assim como oferece a possibilidade de compreender de forma ampla estudos sobre as teorias referentes à produção e seleção de notícias e o *doping*.

A partir das bases de dados indicadas na Tabela 1, elaborou-se uma revisão sistemática seguindo o protocolo de Itens de Relatório Preferenciais para Revisões Sistemáticas e Meta-análises, conhecido também pelo acrônimo PRISMA (Moher et al., 2009). Após uma leitura exploratória, os seguintes termos de pesquisa foram definidos, em combinação com a palavra-chave: “doping”, “framing” e “agenda-setting”.

Para cada grupo de busca, as palavras-chave foram combinadas por meio de AND (e). Como critérios de inclusão foram adotados: (1) artigos originais de periódicos científicos (nenhum fator de impacto foi considerado); (2) escritos em inglês, espanhol ou português; e (3) textos completos disponíveis. Entretanto, com para os critérios de exclusão, foram anulados os artigos que: (1) não mencionassem o *doping* ou substâncias ilícitas, ou ainda qualquer relação com o contexto teórico (*framing*, *agenda-setting*); (2) pesquisas, que

Tabela 1. Busca em bases de dados bibliográficas.

Termos pesquisados	PubMed	Scopus	Taylor & Francis	Web of Science
<i>Doping + (and) Framing</i>	Total: 148 Inclusão: 2 Exclusão: 146	Total: 21 Inclusão: 7 Exclusão: 14	Total: 44 Inclusão: 4 Exclusão: 40	Total: 888 Inclusão: 6 Exclusão: 882
<i>Doping + (and) Agenda-setting</i>	Total: 0 Inclusão: 0 Exclusão: 0	Total: 4 Inclusão: 4 Exclusão: 0	Total: 46 Inclusão: 3 Exclusão: 43	Total: 1 Inclusão: 1 Exclusão: 0

*Dados estratificados em Setembro de 2021.

em condição total ou parcial, não apresentassem uma relação direta com a produção de notícias; (3) artigos que não incluíam, total ou parcialmente, a discussão sobre os termos chave; (4) publicações anteriores ao ano 2000; e (5) que não eram literatura acadêmica.

RESULTADOS

Após a pesquisa nas quatro base de dados científicas destacadas, realizou-se a leitura dos resumos e constatou-se a presença de 1.152 artigos que mencionaram as palavras-chave da pesquisa (Tabela 1). Na plataforma da *Taylor & Francis* foi necessário refinar a busca procurando os termos somente como palavras-chave ou inseridos no *abstract*.

No total 1.125 artigos foram excluídos por não pertencerem aos critérios de inclusão.

Dos artigos excluídos da amostra, uma considerável parcela estava relacionada a área da saúde e aos estudos sobre *doping* e os seus efeitos no corpo. Desta forma, a amostra de estudos elegíveis foi de 27 artigos que após a checagem de repetência, chegou-se a seleção final de 17 artigos (Tabela 2).

Em seguida, os 17 artigos selecionados foram encaminhados para a leitura na íntegra do conteúdo que foi realizado pelo pesquisador principal e autor do manuscrito, e os resultados discutidos com dois professores doutores em Comunicação. Destaca-se que não foram utilizadas ferramentas de automação no processo de seleção e triagem da amostra, conforme apontado no risco de viés (Risk of Bias).

Tabela 2. Caracterização dos estudos.

Id.	Título	Ano	Autores	Periódicos	Tipologia
1	<i>An experimental test of the efficacy of gain- and loss-framed messages for doping prevention in Adolescent athletes</i>	2019	Duncan e Hallward	<i>Substance Use & Misuse</i>	Framing
2	<i>Facing irregularities in sport: Whistleblowing and Watchdog Journalism, The Romanian Case</i>	2019	Constantin e Stoicescu	<i>Physical Culture and Sport. Studies and Research</i>	Framing
3	<i>Is there still hope for clean sport? Exploring how the Russian doping scandal has impacted North American sport culture and identity using an ethnographic content analysis</i>	2019	Alexander et al.	<i>Qualitative Research in Sport, Exercise and Health</i>	Agenda-setting
4	<i>Coverage of the Russian doping scandal in the New York Times: Intramedia and Intermedia Attribute Agenda-Setting Effects</i>	2019	Denham	<i>Communication & Sport</i>	Agenda-setting
5	<i>From political sports to sports politics: on political mobilizations of sports issues</i>	2018	Seippel et al.	<i>International Journal of Sport Policy and Politics</i>	Framing
6	<i>Talking Doping: A Frame Analysis of Communication About Doping Among Talented, Young, Norwegian Road Cyclists</i>	2017	Sandvik et al.	<i>Sociology of Sport Journal</i>	Framing
7	<i>English Doping suspension trigger event for U.S. news</i>	2017	Denham	<i>Newspaper Research Journal</i>	Agenda-setting
8	<i>Who is responsible for doping in sports? The attribution of responsibility in the german print media</i>	2017	Starke e Flemming	<i>Communication & Sport</i>	Framing
9	<i>Meta Framing And Polyphonic Structures: A case study of news reporting in sports journalism</i>	2017	Pedersen	<i>Journalism Studies</i>	Framing
10	<i>Fairy tales? Marion Jones, C.J. Hunter and the framing of doping in American newspapers</i>	2015	Pfister e Gems	<i>Sport in Society</i>	Agenda-setting/ Framing
11	<i>Tweeted Joke Life Spans and Appropriated Punch Lines: Practices Around Topical Humor on Social Media</i>	2015	Highfield	<i>International Journal of Communication</i>	Framing
12	<i>Intermedia Attribute Agenda Setting in the New York Times: The Case of Animal Abuse in U.S Horse Racing</i>	2014	Denham	<i>Journalism & Mass Communication Quarterly</i>	Agenda-setting
13	<i>Beyond elite sports: Analysis of the coverage of anabolic steroids in the Spanish press (2007-2011)</i>	2014	Calatayud et al.	<i>Catalan Journal of Communication & Cultural Studies</i>	Agenda-setting/ Framing
14	<i>From Yellow to Blue: Exploring Lance Armstrong Image Repair strategies across traditional and Social media</i>	2013	Hambrick et al.	<i>Communication & Sport</i>	Framing
15	<i>Applying the health belief model to examine news coverage regarding steroids in sports by ABC, CBS, and NBC between March 1990 and May 2008</i>	2010	Quick	<i>Health Communication</i>	Framing
116	<i>'Reversed agenda-setting effects' in China Case studies of Weibo trending topics and the effects on state-owned media in China</i>	2014	Jiang	<i>The Journal of International Communication</i>	Agenda-setting
17	<i>The News Framing of the 2004 Olympic Games</i>	2007	Zaharopoulos	<i>Mass Communication and Society</i>	Framing

Durante a leitura dos artigos buscou-se identificar a periodicidade a fim de compreender quando os estudos se tornaram mais recorrentes bem como a tipologia do estudo mais utilizada. Levou-se em consideração avaliar o formato de mídia e principalmente o país de cada veículo estudado, revelando possibilidades para expansão e aplicação de um mesmo estudo em outros países.

No que tange a perspectiva de pesquisas sobre teorias de seleção de notícias, na amostra foram encontrados 8 estudos que envolvem o *doping* e *agenda-setting* e 12 estudos sobre *doping* e a teoria *framing* (Figura 1).

Na Tabela 2, foram descritas a tipologia do estudo, de forma que em dois artigos são mencionadas ambas teorias como em Calatayud et al. (2014) e Pfister e Gems (2015). O número de pesquisas que envolvem o enquadramento foi maior do que em relação ao agendamento, indicando o interesse crescente em explorar esta teoria por meio de estudos empíricos. Gradim (2016) cita que o enquadramento se tornou uma

temática popular para acadêmicos de diversas áreas. A autora menciona que em uma amostra de artigos publicados em jornais acadêmicos como o *Political Communication* e o *Journal of Communication*, foi observado que ocorreu um aumento exponencial entre duas décadas da utilização do termo. Fato que pode ser constatado no cruzamento comparativo de dados na década de 1990, onde foram verificadas 15 publicações sobre o tema em comparação a 38 artigos entre 2000 até 2009.

DISCUSSÃO

Em relação aos resultados encontrados nos 17 artigos publicados, a mídia Americana foi investigada em 7 artigos (Alexander et al., 2019; Denham, 2014, 2017, 2019; Pfister & Gems, 2015; Quick, 2010; Zaharopoulos, 2007). Seguidos por pesquisas sobre a mídia: Alemã (Starke & Flemming, 2017), Espanhola (Calatayud et al., 2014), Dinamarquesa (Pedersen, 2017), Romena (Constantin & Stoicescu, 2019),

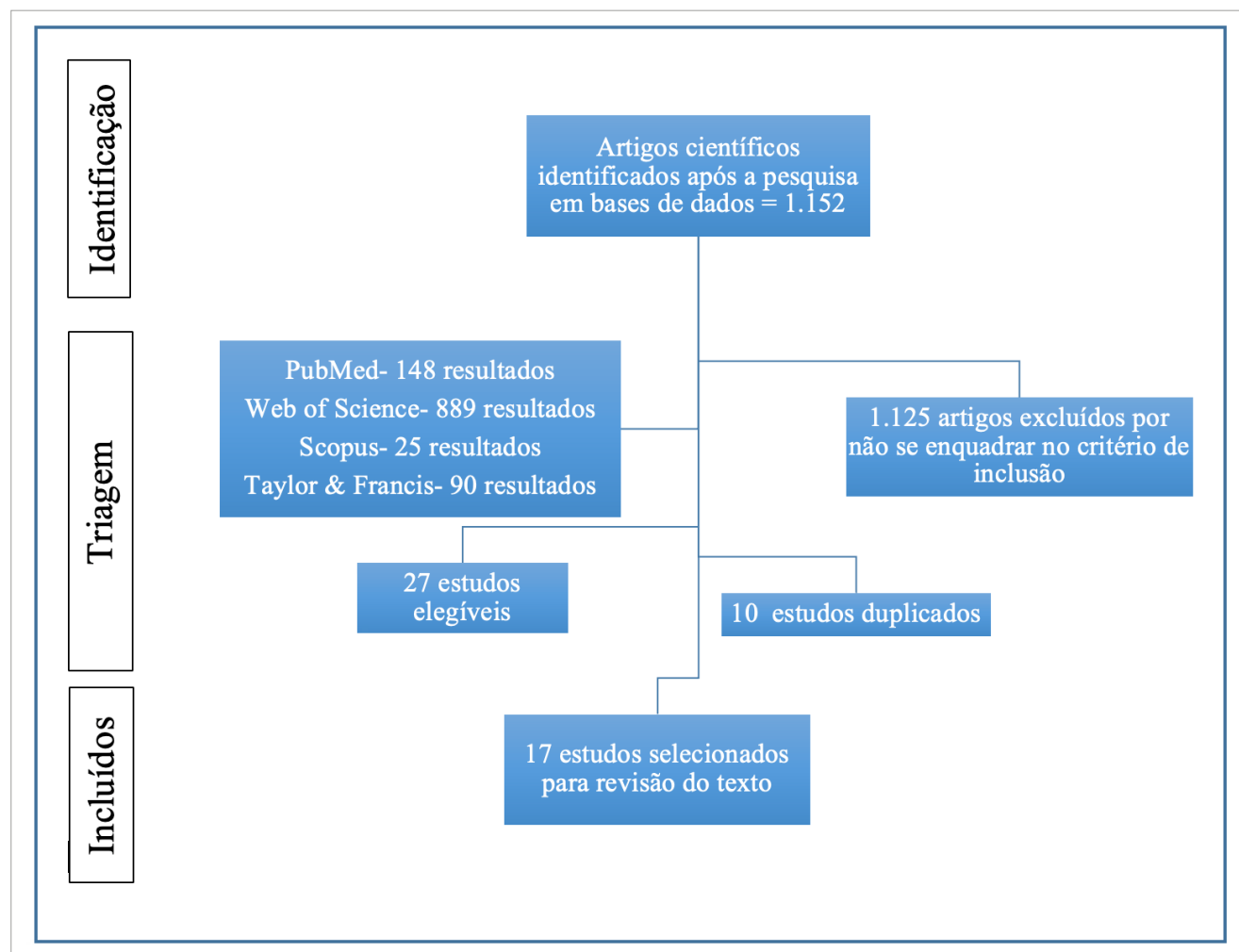


Figura 1. Fluxograma: *doping*, *agenda-setting* e *framing*.

Chinesa (Jiang, 2014). Os demais artigos não estudam uma mídia específica de um país e analisam os enquadramentos de mensagens sobretudo em redes sociais.

Entre os artigos que utilizaram a rede social como meio de comunicação para análise estão as pesquisas dos autores: Hambrick et al. (2013), Highfield (2015), Jiang (2014). Jiang (2014) avaliou a rede social chinesa *WEIBO*, *micro-blogging* Chinês, afim de identificar como o público reagia as notícias sobre a suspeita de *doping* da nadadora Ye Shiwen nas Olimpíadas de Londres de 2012. Em Hambrick et al. (2013) foram analisadas 859 mensagens no *Twitter* publicadas enquanto o atleta Lance Armstrong confessava o uso de substâncias proibidas na entrevista com Oprah Winfrey. Highfield (2015) também fez sua pesquisa estudando os “*tweets*” com a palavra-chave “armstrong” entre Agosto de 2012 até Março de 2013 através da ferramenta *Twitter Streaming API*. Foram selecionados os *tweets* mais relevantes e em seguida classificados por tipo, fontes e número de repostagem. Desta forma, o autor tentou identificar conteúdos de humor nos enquadramentos da amostra, bem como definir qual o tipo de conteúdo é o mais popular no *Twitter* em relação ao atleta Lance Armstrong no período que abrangeu vários desenvolvimentos importantes no escândalo, desde as alegações, sentenças e confissão de Armstrong (Highfield, 2015).

Em Sandvik et al. (2017) foi investigado como os atletas de ciclismo da Noruega comunicavam-se sobre *doping* através do *Focus Group*, com o tratamento de dados através da perspectiva da análise de enquadramento de Goffman (1974). Primeiro, os autores observaram como os participantes se comunicavam sobre a dopagem entre pares, e em seguida se concentraram em como os participantes se expressaram quando falavam sobre a dopagem dentro de um dilema moral.

Utilizando o *Focus Group* também como método de pesquisa qualitativa, Constantin e Stoicescu (2019) entrevistaram quatro jornalistas investigativos na edição de esporte da Romênia em 2018. O objetivo era identificar como os jornalistas obtinham acesso as denúncias sobre corrupção, *doping* e outros casos de irregularidades prejudiciais no esporte, e como elas são tratadas.

Duncan e Hallward (2019) realizaram a pesquisa observando a eficácia na transmissão de mensagens de antidopagem para atletas adolescentes. O método aplicado por estes pesquisadores, consistia em apresentar um vídeo de cerca de 5 minutos para atletas participantes, seguido por entrevistas sobre o conteúdo que acabaram de assistir. Enquanto que a pesquisa realizada por Seippel et al. (2018), verifica que o esporte está sempre relacionado com aspectos políticos. Neste artigo foi utilizado o referencial teórico tridimensional baseado na teoria do movimento social, e não é citado uma mídia específica.

O meio de comunicação mais estudado foi o jornal impresso, presente em 8 artigos da amostra. De maneira que as pesquisas sobre esse meio, seguem diferentes justificativas quanto a escolha metodológica e periodicidade. Sobre a mídia Alemã, por exemplo, utilizou-se três jornais *Sueddeutsche Zeitung (SZ)*, *Die Welt e Frankfurter Allgemeine Zeitung (FAZ)*, no período entre Janeiro de 1998 a Abril de 2014 (Starke & Flemming, 2017). Os autores analisaram 754 notícias publicadas, através de uma análise quantitativa para compreender o enquadramento mais comum em relação à responsabilidade do uso de substâncias para a melhora do desempenho.

No artigo sobre a mídia Espanhola, Calatayud et al. (2014) utilizaram quatro jornais: *El País de Madrid*, *La Vanguardia de Barcelona*, *Levante-El Mercantil Valenciano de Valência e Las Provincias* para avaliar uma cobertura de notícias entre 2007 até 2011. Foram reunidas 581 matérias encaminhadas para a análise quantitativa e qualitativa. Desta forma os autores conseguiram fornecer números relativos à quantidade de notícias a cada ano gerada sobre o *doping* em cada jornal, além de identificar quais as editoriais foram relacionadas ao tema e a percentagem de incidências dessas publicações, bem como avaliar os casos de casos predominantes na mídia. Por outro lado, na análise qualitativa foram verificados o título, o corpo da história considerando a semântica, o sensacionalismo, a presença do conteúdo de celebridades ou crime, além de identificar se os fatos relatados estavam descontextualizados. Esta análise de segundo os autores foi realizada sob uma perspectiva de enquadramento na qual tratam como um segundo nível de *agenda-setting*.

Em Pedersen (2017), o autor realizou uma pesquisa da cobertura no jornal BT na Dinamarca em um período de uma semana entre 12 de Novembro até 18 de Novembro de 2012, reunindo um total de 12 artigos. O objetivo foi de mapear uma cobertura jornalística sobre o possível conhecimento do proprietário da equipe de ciclismo, Bjarne Riis, à respeito de uso de *doping* em suas equipes de ciclismo. Foi utilizada uma análise de conteúdo qualitativa, na qual o autor realizou a degeneração de manchetes, subtítulos, corpo do texto e classificou os enquadramentos dos artigos como positivos, típicos ou neutros em relação a Bjarne Riis.

As demais pesquisas envolvendo o jornal impresso estudaram a mídia americana. Denham (2014, 2017, 2019) publicou três artigos sobre *agenda-setting* e a cobertura sobre dopagem. Em todas as publicações o autor utiliza uma análise quantitativa para gerar dados estáticos e argumentar sobre a cobertura em jornais. Em Pfister e Gems (2015), é explorado o caso da atleta americana de atletismo Marion Jones, e o seu marido e treinador C.J. Hunter, durante os Jogos Olímpicos de Sydney 2000. Foram selecionados três jornais para análise

qualitativa, o *New York Times* (NYT), *New York Post* (NYP) e o *Chicago Sun-Times* (CST), no período de 8 de setembro até 8 de outubro de 2000 para incluir a cobertura antes, durante e após os Jogos Olímpicos de Sydney. Zaharopoulos (2007) optou por utilizar uma versão online do jornal americano *New York Post* para explorar os enquadramentos sobre as Olimpíadas de 2004 em Atenas. O autor identificou a presença de 7 reportagens sobre dopagem no total da amostra de 337, com a incidência de 2,1%.

A cobertura de notícias sobre dopagem transmitida pela televisão foi abordada em um artigo apenas, que investigou os enquadramentos das reportagens sobre o uso de esteróides no esporte nas emissoras ABC, CBS e NBC entre Março de 1990 e Maio de 2008 (Quick, 2010). Outra pesquisa ainda sobre a mídia Americana, foi de Alexander *et al.* (2019). Os autores escolheram a etnografia e desenvolveram um método no qual os participantes deveriam discutir, após a leitura de reportagens sobre *doping* em jornais Norte-Americanos. O objetivo foi de observar os discursos dominantes em torno do programa sistemático de *doping* russo conforme apresentado na mídia norte-americana nas Olimpíadas de Sochi em 2014, e para as Olimpíadas de Pyeongchang em 2018.

Na perspectiva temporal, observa-se a predominância de pesquisas datadas entre 2010 a 2019. Apesar das teorias mencionadas terem sido sistematizadas na década de 70, e os debates a cerca do *doping* percorrerem um longo caminho com casos documentados em diferentes modalidades esportivas e de atletas de diversos países. Estas discussões inclusive resultaram no aumento de políticas de controle de dopagem no final da década de 90. Ainda que esta temática fosse discutida em diferentes plataformas de comunicação, e casos fossem reportados com frequência na mídia, em relação as pesquisas acadêmicas sobre a dopagem e a cobertura jornalística, as mesmas só se intensificaram após 2010.

A maioria das pesquisas desenvolvidas tratam de avaliar assuntos da própria mídia local, exceto a cobertura sobre o uso de *doping* por parte dos atletas da Rússia, que foram avaliados sob a ótica da imprensa Americana. Ainda que o caso Russo fosse retratado em meios de comunicação americanos, a predominância de estudos sobre a mídia americana limita e influencia na imparcialidade. Ao comparar determinado caso avaliando as mídias locais e internacionais, se torna possível verificar as diferenças na modulação da comunicação, que sofre interferência por elementos distintos, dentre eles a cultura local que influencia no enquadramento e agendamento destas notícias. Será que um caso de *doping* de um atleta americano é retratado com a mesma importância em veículos de outros países? Quais seriam as diferenças no

enquadramento de mídias locais em comparação as mídias estrangeiras? De que forma a mídia estrangeira impacta e influencia a mídia local ou vice-versa na cobertura do *doping*? Estudos sobre esta temática são oportunos para avaliar os efeitos da comunicação de massa em diferentes perspectivas.

CONCLUSÕES

Evidenciou-se que pesquisas na área das Ciências da Comunicação e a temática da dopagem que se relacionam com as teorias do agendamento e enquadramento podem ser expandidas, uma vez que há a concentração na utilização do jornal impresso e a mídia americana como objeto de estudo. Pesquisas para expandir os estudos nestas áreas podem ser desenvolvidas tendo em vista a pluralidade de canais de comunicação disponíveis e de plataformas diferenciadas, bem como a oportunidade de comparar o conteúdo selecionado e publicado em outro país.

Contata-se que as publicações científicas sobre a dopagem envolvendo estas duas teorias dos estudos da comunicação intensificaram-se após 2010. Argumenta-se que apesar da criação da Agência Mundial Antidopagem (AMA) em 10 novembro de 1999, e as primeiras noções do conceito de dopagem e discussões sobre esta temática se estabelecerem na década de 50 e 60 (Brissonneau & Montez de Oca, 2018), investigações para compreender como estas notícias são agendadas e enquadradas ganharam ênfase durante a segunda década de formação da AMA. Deste modo, investigações futuras são recomendadas para aprofundar a discussão dos motivos do crescimento de publicações científicas sobre a temática.

Considerando que a busca por artigos científicos nas plataformas de dados incluiu como critério de inclusão os artigos em inglês, espanhol ou português; constata-se uma lacuna de estudos em língua portuguesa e espanhola para esta temática.

REFERÊNCIAS

- Alexander, D., Hallward, L., Duncan, L. R., & Caron, J. G. (2019). Is there still hope for clean sport? Exploring how the Russian doping scandal has impacted North American sport culture and identity using an ethnographic content analysis. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 11(5), 618-635. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1589561>
- Brissonneau, C., & Montez de Oca, J. (2018). *Doping in Elite Sport: Voices of French Sportspeople and Their Doctors, 1950-2010*. Londres: Routledge.
- Calatayud, V. A., Castello i Cogollos, R., Valderrama Zurián, J. C. (2014). Beyond elite sports: Analysis of the coverage of anabolic steroids in the Spanish press (2007–2011). *Catalan Journal of Communication & Cultural Studies*, 6(2), 197-220. https://doi.org/10.1386/cjcs.6.2.197_1

- Constantin, P., & Stoicescu, M. (2019). Facing Irregularities in Sport: Whistleblowing and Watchdog Journalism. The Romanian Case. *Physical Culture and Sport Studies and Research*, 84(1), 12-20. <https://doi.org/10.2478/pcssr-2019-0021>
- Denham, B. E. (2014). Intermedia Attribute Agenda Setting in the New York Times: The Case of Animal Abuse in U.S. Horse Racing. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 91(1), 17-37. <https://doi.org/10.1177/1077699013514415>
- Denham, B. E. (2017). English doping suspension trigger event for U.S. news. *Newspaper Research Journal*, 38(2), 144-157. <https://doi.org/10.1177/0739532917716174>
- Denham, B. E. (2019). Coverage of the Russian Doping Scandal in the New York Times: Intramedia and Intermedia Attribute Agenda-Setting Effects. *Communication & Sport*, 7(3), 337-360. <https://doi.org/10.1177/2167479518765188>
- Díaz, R. R. (2004). *Teoría de la "agenda-setting": Aplicación a la enseñanza universitaria*. Madrid: Observatorio Europeo de Tendencias Sociales.
- Duncan, L. R., & Hallward, L. (2019). An Experimental Test of the Efficacy of Gain- and Loss-Framed Messages for Doping Prevention in Adolescent Athletes. *Substance Use & Misuse*, 54(12), 2013-2024. <https://doi.org/10.1080/10826084.2019.1626432>
- Entman, R. M. (1993). Framing: Towards Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51-58. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>
- Falagas, M. E., Pitsouni, E. I., Malietzis, G., & Pappas, G. (2007). Comparison of PubMed, Scopus, Web of Science, and Google Scholar: Strengths and weaknesses. *FASEB*, 22(2), 338-342. <https://doi.org/10.1096/fj.07-9492LSF>
- Goffman, E. (1974). *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Harvard: Harvard University Press.
- Gradim, A. (2016). *Framing, o enquadramento das notícias*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Hambrick, M. E., Frederick, E. L., & Sanderson, J. (2013). From Yellow to Blue: Exploring Lance Armstrong's Image Repair Strategies Across Traditional and Social Media. *Communication & Sport*, 3(2), 196-218. <https://doi.org/10.1177/2167479513506982>
- Highfield, T. (2015). Tweeted joke lifespans and appropriated punch lines: Practices around topical humor on social media. *International Journal of Communication*, 9, 2713-2734.
- Jiang, Y. (2014). 'Reversed agenda-setting effects' in China Case studies of Weibo trending topics and the effects on state-owned media in China. *Journal of International Communication*, 20(2), 168-183. <https://doi.org/10.1080/13216597.2014.908785>
- Lippmann, W. (1922). *Public opinion*. Nova York: MacMillan.
- McCombs, M. (2014). *Setting the agenda*, 2nd edition. Cambridge: Polity Press.
- McCombs, M., & Shaw, D. L. (1972). The Agenda-setting Function of Mass Media. *Public Opinion Quarterly*, 36(2), 176-187. <https://doi.org/10.1086/267990>
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & PRISMA Group. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *PLoS Medicine*, 6(7):e1000097. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>
- Pedersen, K. (2017). Meta Framing And Polyphonic Structures. *Journalism Studies*, 18(7), 910-924. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2015.1091744>
- Pfister, G., & Gems, G. (2015). Fairy tales? Marion Jones, C.J. Hunter and the framing of doping in American newspapers. *Sport in Society*, 18(2), 136-154. <https://doi.org/10.1080/17430437.2013.854443>
- Porto, M. (2004). Enquadramentos da Mídia e Política. In Rubim, A. C. (ed.), *Comunicação e Política: Conceitos e abordagens* (pp. 73-104). Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia.
- Quick, B. L. (2010). Applying the health belief model to examine news coverage regarding steroids in sports by ABC, CBS, and NBC between March 1990 and May 2008. *Health Communication*, 25(3), 247-257. <https://doi.org/10.1080/10410231003698929>
- Sandvik, M. R., Strandbu, Å., & Loland, S. (2017). Talking doping: A frame analysis of communication about doping among talented, young, Norwegian road cyclists. *Sociology of Sport Journal*, 34(2), 195-204. <https://doi.org/10.1123/ssj.2016-0073>
- Seippel, Ø., Dalen, H. B., Sandvik, M. R., & Solstad, G. M. (2018). From political sports to sports politics: on political mobilization of sports issues. *International Journal of Sport Policy and Politics*, 10(4), 669-686. <https://doi.org/10.1080/19406940.2018.1501404>
- Starke, C., & Flemming, F. (2017). Who is Responsible for Doping in Sports? The Attribution of Responsibility in the German Print Media. *Communication & Sport*, 5(2), 245-262. <https://doi.org/10.1177/2167479515603712>
- Wagner, U., & Kristiansen, E. (2019). The Fall of the Queen of Nordic Skiing: A comparative analysis of the Swedish and Norwegian media coverage of the Therese Johaug scandal. *Nordicom Review*, 40(1), 121-138. <https://doi.org/10.2478/nor-2019-0007>
- Weaver, D. H. (1996). What Voters Learn from Media. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 546(1), 34-47. <https://doi.org/10.1177/0002716296546001004>
- Whannel, G. (2002). *Media Sport Stars: Masculinities and Moralities*. Londres: Routledge.
- Zaharopoulos, T. (2007). The News Framing of the 2004 Olympic Games. *Mass Communication and Society*, 10(2), 235-249. <https://doi.org/10.1080/15205430701265752>

Music, rhythmic gymnastics and expressiveness: an artistic performance

Elsa Maria Gabriel Morgado^{1,2} , Maria Beatriz Licursi³ ,
Levi Leonido Fernandes da Silva^{4,5*} 

ABSTRACT

In rhythmic gymnastics, we appreciate the brilliant success in a true performing art whose sensitively expressive movements of great technical skill integrated into the music result in an exquisite and refined performance that involves body plasticity, musical receptivity, feelings and emotions. The practice of gymnastics significantly contributes to the development of body movements and musicality, boosting motor and artistic abilities by the acquisition of improved skills for jumping, running and practising different exercises. This study aimed to investigate how music is important in the development of rhythmic gymnastics. A literature review was carried out, including research from 2016 to 2021, published in Google Academic. We emphasise how the body action perfectly integrated into the music is essential for the artistic representation of an enchanting plastic, musical and grandiose beauty. We understand that encouraging physical exercise, especially artistic rhythmic gymnastics, is very important for the development of essential qualities for the individual, such as physical, behavioural, artistic and emotional attributes.

KEYWORDS: rhythmic gymnastics; music; integration; artistic performance.

INTRODUCTION

The analysis of data from anthropometric measurements and medical examinations in recent years has shown a positive change regarding the height of children aged 7 to 18. However, physical fitness declines because Physical Education and sports in schools do not provide enough physical activities, which are crucial during the growth and development of young children (Brochado & Brochado, 2017).

Children and teenagers need extra physical activities through which they practice appropriate physical activity and sports. In this way, the child develops the main qualities that define physical fitness: strength, speed, endurance and flexibility (Fernández & Alcalá, 2021). The author emphasises that floor and equipment exercises provide a great diversity of movements, which leads to positive results for the student's physical development (Oliveira, 2017).

Rhythmic Gymnastics (RG) is one of the main sports that involve choreography with selected musical accompaniment.

Whose primary purpose of the artistic component is to transfer “emotion and the idea of expression, both translated through the following three aspects: the musical accompaniment, plastic artistic image and expressivity” (Toledo & Antualpa, 2016, p. 126).

Many studies highlight the benefits of this Olympic discipline. The act of following the rhythm of music promotes the individual, in addition to corporeality, the development of the ability to express themselves through their movements. Other similar sporting activities include figure skating, synchronised swimming and martial arts that require a high level of acrobatic techniques but also show creativity and artistic elements. However, rhythmic gymnastics is the closest to music among these sports due to its origins and historical background (Trevisan, 2016).

Rhythmic Gymnastics was created from the idea of merging music and dance into expressive performance. The idea of RG was initially recognised and considered a sport/discipline

¹Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos, Universidade Católica Portuguesa – Braga, Portugal.

²Instituto Politécnico de Bragança – Bragança, Portugal.

³Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ), Brazil.

⁴Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Vila Real, Portugal.

⁵Centro de Investigação de Ciência e Tecnologia das Artes, Universidade Católica Portuguesa – Porto, Portugal.

*Corresponding author: Quinta de Prados, 5000-801 – Vila Real, Portugal. E-mail: levileon@utad.pt

Conflict of interests: nothing to declare. **Funding:** nothing to declare.

Received: 11/11/2021. **Accepted:** 01/11/2022.

in the Soviet Union during the 1940s, and its invention came from the idea of three prominent dancers and musicians: Jean-Georges Noverre (1722-1810), François Delsarte (1811-1871) and Rudolf Bode (1881), the latter, a student of Emile Jacques Dalcroze (important musical pedagogue), who believed that dance was a prominent means for the individual to express themselves musically (Leonido, 2005).

In this sense, the characteristics of RG were very specific in relation to other bodily activities (Madureira, 2008a, 2008b, 2020). Rudolf Bode (1881-1971) idealises Expressive Gymnastics (EG), which later became Modern Gymnastics (GM) and which, finally, would become the RG as we know it, which incorporated certain differentiating characteristics of the other models and bodily practices in its design (Toepfer, 1997). It assumes the possibility of “grouping body exercises, music, dance, expressiveness and later the manipulation of portable objects, it was, in fact, an innovation that went hand in hand with other revolutions in dance, music, arts and in education” (Pereira, 2019, p. 37).

This concept links music to Eurythmy (or Dalcroze Method), developed by Dalcroze in the 1880s. In his study and creation of musical pedagogy, he believed that rhythm, physical movement and bodily processes were the three fundamental bases of musical expressiveness (Leandro, 2018; Leonido, 2005, 2007).

RG is a modality and category of sport linked to music through which the body can (and should) express itself artistically. It includes a group of sports activities that “establish a very close relationship with art, making it an inexhaustible source of creativity, which generates significant aesthetic experiences, as it is indelibly linked to music and the handling of portable devices” (Pereira, 2019, p. 15). In other words, for Pereira (2019, p. 15) the characteristics acquired since its creation “resulted in the promotion of infinite possibilities of expression of the body. What in the eyes of the common connoisseur can be translated as simple or soft, when it comes to high-performance teams, is the result of bodily transformations resulting from excruciating efforts”.

As well pointed out by Carvalho and Silva (2020), Pereira (2019), and Trevisan (2016), we understand that as well as the cadenced execution in RG, music is structured by elements such as rhythm, tempo, dynamics, articulation, expression, phrasing that also contribute for the synchronisation of movements in exercise. This particularity in the relationship between music and sport (or physical activity) has been the object of different types of studies. Many researchers investigate how music enhances ergogenic effects among athletes; it usually involves repetitive motion activities such as running, cycling, aerobics, and so on.

Oliveira (2017) asserts that there are investigations about changes in emotion and motivation when music (synchronous or asynchronous) is used during exercises. The use of music in synchronous mode can be limited to the rhythmic-temporal aspects of music used as a kind of metronome that regulates the movement patterns in question. In turn, the use of asynchronous music is commonly used to provide a background simulation without conscious synchronisation between movement patterns and the rhythm-musical environment (Oliveira, 2017).

However, Trevisan (2016) states that these facts refer to cyclically repeated exercises and, therefore, the musical accompaniment of sports routines invariably becomes more complex as it may have to add style, character, and dynamics at a time. The musical movement, among others, fits the athlete/performer's choreography. Objectively that choreographic activity is clearly related to dance that supports movement and structured and planned/programmed elements, and, once again, music can play a key role in cohesion, connection and artistic context and desired result (Trevisan, 2016). Like repetitive exercises, dance and sports often employ music as an essential component. In the case of dance and GR, the music is perfectly synchronised with body movements, thus structuring the series to be presented. According to RG coaches, it is customary first that the selected song is edited according to the composition of the series of rhythmic sequences of steps and movements. For Oliveira (2017), the quality of congruence is when a musical accompaniment is composed based on an existing choreographed routine and not vice versa, as is the conventional method.

It is noteworthy, from personal experience, that previously pianists and gymnasts progressed simultaneously in the development of the performance, as the athlete's talent through the movements performed was underlined by the interpretive and creative talent of the musician through musical arrangements composed specifically using pianistic technique resources such as glissandos, staccatos, ornaments, speeds and jumps among others. The pianist, when visualising the athletic performance, improvised instantly and simultaneously his arrangement fully integrated the musical art and the art of RG, in which varied music was included depending on the choreography.

We carried out bibliographical research in order to investigate how much music is relevant to the structuring and improvement of GR's artistic performance.

METHOD

We decided on the methodological procedure regarding the systematic matrix bibliographic research

(De-La-Torre-Ugarte-Guanilo et al., 2011; Depaepe et al., 2013; Gomes & Caminha, 2014; Medina & Pailaquilén, 2010; Segura-Muñoz et al., 2002; Thomas et al., 2012; Wright et al., 2007). Therefore, we developed a relevant theoretical framework for the central theme of the study. The bibliographical survey used the Google Academic platform through the procedures and phases detailed below.

Participants

Fifty researches were collected, but after inserting the inclusion and exclusion criteria, 15 of them were selected for analysis with a research time horizon from 2016 to 2021 (Table 1), structured in the following sequence: Carvalho and Silva (2020); Gantcheva et al. (2021); Handayani (2020); Leandro (2018); Menegaldo and Bortoleto (2017); Nakashima et al. (2018); Oktariyana (2020); Olga (2018); Oliveira (2017); Paz et al. (2018); Pereira (2019); Toledo et al. (2018); Trevisan (2016); Zanolenci et al. (2020); Zhou (2021).

Instruments

The descriptors in Portuguese were used: 1. Gymnastics (1,476= 32/43¹ | 539= 9/15²); 2. Movement (1,553= 29/43 | 245= 7/15); 3. Body (2,365= 27/43 | 320= 7/15); 4. Music (447= 22/43 | 313= 8/15). Descriptors in English: 1. Gymnastics (429= 31/43 | 301= 15/15); 2. Movement (78= 15/43 | 57= 9/15); 3. Body (128= 23/43 | 54= 9/15); 4. Music (278= 9/43 | 297= 8/15). These descriptors were inserted in the databases in an isolated and combined way.

Procedures

In relevant research, initially, the title and abstract were read, and then the inclusion and exclusion criteria were applied. Inclusion criteria were: 1. *scientific research in Portuguese, English and Spanish*; 2. *literature area that meets the research objectives*. Exclusion criteria were: 1. *literature review articles and integrative review*, 2. *case reports*; 3. *research that is not related to the proposed objective*; 4. *full surveys not available or subscription required*; 5. *letters from the editor and editorials*; 6. *duplicate articles*.

After surveying the research, the analysis with interpretation was started, seeking to relate them to the objective of the present investigation. This research is classified as qualitative, as the data collected in this study were analysed according to an analysis of data found in the literature. Qualitative

researchers use their own eyes, ears and intelligence to collect detailed insights and descriptions of target populations, places and events. Their results are collected through a variety of methods, and often a researcher will use at least two or more of the following when conducting a qualitative study (Gil, 2009).

RESULTS

We can say that both music and RG are inter and intra-personal communicational processes, and in view of this we observe the expressiveness of ideas and feelings through the body due to the kinesthetic body intelligence.

Expression exercises can represent a strong motivation for psychomotor development, facilitating dexterity, creativity and originality in the choice and execution of various motor actions with expressive qualities (Pereira, 2019; Trevisan, 2016; Zhou, 2021). All possible forms of bodily expression have a remarkable educational value, contributing to better self-knowledge in the field of gesture. Musical art involves movement in time and space (Zhou, 2021).

Another important issue is that RG activities and body expression reflect their influence on the aesthetic side of students' personality and leave their mark on early childhood psychomotor education (Handayani, 2020; Nakashima et al., 2018; Olga, 2018; Zanolenci et al., 2020). There is an enlightening view in the sense that the educational perspectives provided by RG are unique and translate into the creation of emotions rich in meaning through motor expressiveness (Menegaldo & Bortoleto, 2017; Oliveira, 2017; Pereira, 2019; Trevisan, 2016).

RG can help communication through suggestive body expression and contributes to the development of motor expressiveness. The results obtained confirm the efficiency of the proposal, conceived so that the preparation includes aspects related to expression, rhythmicity and motor musicality (Paz et al., 2018; Pereira, 2019). We also agree with Oktariyana (2020), Pereira (2019) and Trevisan (2016) when they present some sensitive and fundamental points for RG. They argue that the approach of varied and original artistic-motor content contributes to educating the attitude and artistic execution, developing body expressiveness, rhythmicity and motor musicality, to stimulate communication through

1 Form of data presentation: (total of identified descriptors= total of documents in which the descriptors are verified / total of verified documents). In this case, 43 (out of 50) searches were verified, since the remaining 7 were previously excluded, as they are not available in full and / or require a subscription for this purpose.

2 Form of data presentation: (total of identified descriptors= total of documents in which the descriptors are verified / total of verified documents). In this case, 15 researches were verified.

Table 1. Summary of included studies.

Autor	Subject	Type	Year
Carvalho and Silva	<i>Motor performance associated with musical rhythms</i>	Article	2020
Olga	<i>Technology and coordination abilities in rhythmic gymnastics</i>	Article	2018
Gantcheva et al.	<i>Artistic abilities</i>	Article	2021
Handayani	<i>Rhythmic Gymnastics to Improve Motor Skills</i>	Article	2020
Leandro	<i>Rhythmic gymnastics routines</i>	Article	2018
Menegaldo and Bortoleto	<i>Rhythmic Gymnastics Teaching</i>	Article	2017
Oliveira	<i>Rhythmic Gymnastics Scoring Codes</i>	Grad. Research	2017
Oktariyana	<i>Electronic module teaching materials in rhythmic gymnastics subject</i>	Article	2020
Paz et al.	<i>The constitution of a sporting subfield in rhythmic gymnastics</i>	Article	2018
Pereira	<i>Expressiveness of gymnastic bodies</i>	PhD Thesis	2019
Toledo et al.	<i>The musical attributes of the code of points</i>	Article	2018
Trevisan	<i>Motor creativity in sports dance and rhythmic gymnastics</i>	PhD Thesis	2016
Zhou	<i>Aesthetic Characteristics of Sports Music and Communication Channels</i>	Article	2021
Zanlorenzi et al.	<i>Anthropometric indicators in rhythmic gymnastics athletes</i>	Article	2020
Nakashima et al.	<i>Parental involvement and sports career development</i>	Article	2018

appropriate and revealing body expression, as well as imagination of the subjects.

If we approach expressive motricity within a systematic learning process, we can favourably influence the path of spontaneous-unconscious expression to educated expressive behaviour, capable of responding effectively to the needs of communication and understanding, but also to sociocultural demands and norms (Pereira, 2019; Toledo et al., 2018; Trevisan, 2016).

Dance and rhythmic-musical preparation should be complemented with means mainly aimed at body expression (Carvalho & Silva, 2020; Gantcheva et al., 2021; Trevisan, 2016; Zhou, 2021). We recognise how much all possible forms of bodily expression have a remarkable educational value, contributing to better self-knowledge in the field of gesture (Paz et al., 2018; Zhou, 2021).

According to Menegaldo and Bortoleto (2017), Oliveira (2017), Pereira (2019) and Trevisan (2016), mastering gymnastics actions can richly contribute to the acquisition of self-awareness by developing the creativity of their own gestures and motor actions, of according to the style and specific personality of each one. Regarding the musical bond, Leandro (2018) and Zhou (2021) argue that it will be extremely valuable to educate the rhythmic sense of students and form their general musical culture, which will make them able to understand the message of the music and then transpose it through expressive body movement. However, Paz et al. (2018) emphasise that in an educational environment in

expressive motricity, the subject must restructure and adapt his movement in response to external temporal stimuli and in this perspective, music plays a particular role as it is a temporal art that performs the durations by organising the sounds. The author declares that music helps to stimulate the imagination, creating some emotional states and educating the ability of motor communication.

Within the scope of sports development and musical development integrated into RG, it is undoubtedly crucial to highlight the consecutive kinesis of a gymnast. Competitive activities must be musically congruent, as stated in many competition regulations; for example, the International Confederation of Rhythmic Gymnastics postulated penalties for occurrences in the presentation, such as lack of rhythm, between the athlete and the music (Menegaldo & Bortoleto, 2017).

We agree with Leandro (2018) when stating in RG, that musical interpretation and choreography are responsible for points that can be decisive in a dispute over a medal. The choice of music becomes one of the most important decisions in the development of performance and must highlight the athlete's personality, talent and technicality (Paz et al., 2018). The issue of congruence between auditory and visual aspects has been studied extensively in various fields. In music itself, many studies deal with the bodily gestures of RG practitioners (Leandro, 2018). The author also highlights that musical performance combined with artistic gymnastics is relevant to enhance the display of heels, curves

and other artistic shifts that, without music, would become boring, dull and emotionless. The quality of the alignment between music and the gymnast can affect momentum, or excitement, particularly when performing an acrobatic element. He adds that the seriousness of musical participation in sports performances that include choreographic elements extends to synchronised swimming, figure skating and martial arts. Music is indispensable in any form of competition event and has a great influence on individual attendance. RG is an artistic activity (Olympic discipline), and it is important to communicate a theme, an idea that reflects the beauty in the musical and bodily representation as a single element on display (Menegaldo & Bortoleto, 2017; Paz et al., 2018).

Studies carried out suggest that psychology presents empirical results proving that music provides physical and psychological effects through the study of various musical components, such as tonality, tempo, rhythm and so on (Zhou, 2021). In previous studies, it has been observed that the tonality of music affects mood change, that fast music results in excitement and emotional activity, and the reverse is true for slow music (Paz et al., 2018).

According to Leandro (2018), fast-paced music and simple rhythmic structure produce positive results in increased blood pressure, ventilation and heart rate. In the past, researchers have proven that music has effects on endurance and emotion. The author adds that there is a growing interest in the study of music type and preference in sports activities.

The role and contribution of music in RG and its outcomes in providing ergogenic, psychological, psychophysical and psychophysiological effects have been analysed by researchers (Menegaldo & Bortoleto, 2017). Furthermore, the congruence between music and dance is evident where participants correlate movement and sound (Paz et al., 2018; Pereira, 2019; Trevisan, 2016). We also emphasise how much the RG modality comprises an activity and sport whose subtlety, vivacity and emotionality exceed that determined by the technique (Nakashima et al., 2018; Paz et al., 2018).

CONCLUSIONS

The function of RG is the basis of a phenomenon in musical interpretation and use. Although RG original intention came from the fusion of expression between music and movement, the development of aesthetics, interpretation and a post-modern vision in music and dance contributed to new interpretations and functions. From a musical perspective, we conclude that music, musicality and understanding of musical elements are important factors that contribute to

a more coherent and congruent audiovisual performance. We emphasise that music drives the gymnast and the audience. In the school context, it was concluded that RG combined with music help in body development and expressiveness. In particular, further research should be carried out testing the perception of gymnasts, musicians and audience perspectives, with the aim of proving that the function of music is an important means of improving a gymnast's movements, rather than an asynchronous background accompaniment. RG presents components of classical ballet showing plasticity, beauty and sensitivity to movements in addition to social inclusion.

In short, and after analysing the 15 central pieces of research, the objective of the investigation that establishes the relationship between music and rhythmic gymnastics is timeless, but in the context of the current world of rampant technological relevance, musical participation in loco (and/or alive) in public preparation and presentation will be, yes, only and only, a memory of those who lived these times and, in person, realised its immense importance and performative artistic framing much more pleasurable and ingenious, more challenging and less dependent on technological resources and more based on the magic of art, interpretation and dialogue between artistic expressions.

REFERENCES

- Brochado, F. A., & Brochado, M. M. V. (2017). *Fundamentos de ginástica artística e de trampolins* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara.
- Carvalho, A. L., & Silva, L. E. (2020). Desempenho motor associado aos ritmos musicais usados por atleta brasileira em competições solo de ginástica artística. *Revista da Saúde da AJES*, 6(12), 17-26.
- De-La-Torre-Ugarte-Guanilo, M. C., Takahashi, R. F., & Bertolozzi, M. R. (2011). Revisão sistemática: noções gerais. *Revista da Escola de Enfermagem USP*, 45(5), 1260-1266. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342011000500033>
- Depaepe, F., Verschaffel, L., & Kelchtermans, G. (2013). Pedagogical content knowledge: A systematic review of the way in which the concept has pervaded mathematics educational research. *Teaching and Teacher Education*, 34, 12-25. <https://doi.org/10.1016/j.tate.2013.03.001>
- Fernández, J. C. L., & Alcalá, D. H. (2021). A percepção dos futuros professores sobre a implementação do conteúdo de expressão corporal. *Movimento*, 27, e27033. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.111735>
- Gantcheva, G., Borysova, Y., & Kovalenko, N. (2021). Evaluation and development of artistic abilities of 7-8-year-old rhythmic gymnasts. *Science of Gymnastics Journal*, 13(1), 59-69. <https://doi.org/10.52165/sjg.13.1.59-69>
- Gil, A. C. (2009). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Gomes, I. S., & Caminha, I. O. (2014). Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. *Movimento*, 20(1), 395-411. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.41542>

- Handayani, S. G. (2020). The effect of implementing rhythmic gymnastics to improve motor skills of primary school students. *Proceedings of the 1st Progress in Social Science, Humanities and Education Research Symposium*, 464, 777-779. <https://doi.org/10.2991/assehr.k.200824.173>
- Leandro, C. (2018). Apparatus difficulty in rhythmic gymnastics routines: comparison between 2 olympic cycles. *Science of Gymnastics Journal*, 10(3), 413-513. <https://doi.org/10.52165/sjg.10.3.413-419>
- Leonido, L. (2005). *Método Interdisciplinar de Literacia Musical, Educação e Sensibilização Artística*. (Tese de Doutorado). Universidade de Salamanca, Espanha.
- Leonido, L. (2007). *MILMESA: Método Interdisciplinar de Literacia Musical, Educação e Sensibilização Artística* (v. 1). Vila Real: UTAD. Série Didáctica – Ciências Humanas e Sociais.
- Madureira, J. R. (2008a). *Émile Jaques-Dalcroze: Sobre a experiência poética da rítmica uma exposição em 9 quadros inacabados*. (Tese de Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Madureira, J. R. (2008b). Ginástica Expressiva. *Pro-posições*, 19(2), 217-222. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000200016>
- Madureira, J. R. (2020). A coreologia de Rudolf Laban e o ensino de artes corporais: uma síntese de conceitos-chave. *Pensar a Prática*, 23, e60104. <https://doi.org/10.5216/rpp.v23.60104>
- Medina, E. U., & Pailaquilén, R. M. B. (2010). A revisão sistemática e a sua relação com a prática baseada na evidência em saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 18(4), 1-8. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692010000400023>
- Menegaldo, F. R., & Bortoleto, M. A. C. (2017). O ensino da ginástica rítmica: em busca de novas estratégias pedagógicas. *Motrivivência*, 29(52), 305-318. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2017v29n52p305>
- Nakashima, F. S., Junior, J. R. A. N., Vissoci, J. R. N., & Vieira, L. F. (2018). Envolvimento parental no processo de desenvolvimento da carreira esportiva de atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica: construção de um modelo explicativo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 40(2), 184-196. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.01.016>
- Oktariyana, O. (2020). Application of electronic module teaching materials to improve student learning outcomes in rhythmic gymnastics subject. *Kinesthetic: Jurnal Ilmiah Pendidikan Jasmani*, 4(2), 122-127. <https://doi.org/10.33369/jk.v4i2.12529>
- Olga, C. (2018). Technology for developing coordination abilities in rhythmic gymnastics at the stage of initial athletic training. *Știința Culturii Fizice*, 32(3), 141-145.
- Oliveira, B. F. (2017). *O elemento artístico e a expressão corporal nos códigos de pontuação da ginástica rítmica*. (Trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em Educação Física). Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Rio Claro.
- Paz, B., Souza, J., & Barbosa-Rinaldi, I. (2018). A constituição de um subcampo esportivo: o caso da ginástica rítmica. *Movimento*, 24(2), 651-664. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.73658>
- Pereira, H. C. M. C. (2019). *A expressividades dos corpos ginásticos e a singularidade da ginástica rítmica*. (Tese de Doutorado em Educação Física). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Segura-Muñoz, S. I., Takayanagui, A. M. M., Santos, C. B., & Sanchezswatman, O. (2002). Revisão sistemática de literatura e metanálise: noções básicas sobre seu desenho, interpretação e aplicação na área da saúde. *Anais do Simpósio Brasileiro de Comunicação em Enfermagem*, 8., 2002, Ribeirão Preto (SP). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP. Retrieved from http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000052002000200010&lng=en&nrm=abn
- Thomas, J. R., Nelson, J. K., & Silverman, S. J. (2012). *Métodos de pesquisa em atividade física* (6ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Toepfer, K. E. (1997). *Império do êxtase: desnudez e movimento na cultura corporal alemã, 1910-1935*. Los Angeles: University of California Press.
- Toledo, E., & Antualpa, K. (2016). The appreciation of artistic aspects of the Code of Points in rhythmic gymnastics: an analysis of the last three decades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 30(1), 119-131. <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000100119>
- Toledo, E., Oliveira, M., Scarabelim, M. L., & Assumpção, B. (2018). The impact of the change in the musical attributes of the code of points (2013-2016) on the routines in rhythmic gymnastics of the Rio2016 Olympic Games. *Science of Gymnastics Journal*, 10(3), 421-435. <https://doi.org/10.52165/sjg.10.3.421-435>
- Trevisan, P. R. T. C. (2016). *Criatividade motora na dança esportiva e na Ginástica Rítmica: Percepção subjetiva de técnicos e árbitros*. (Doutorado em Ciências da Motricidade). Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro.
- Wright, R. W., Brand, R. A., Dunn, W., & Spindler, K. P. (2007). How to write a systematic review. *Clinical Orthopaedics and Related Research*, 455, 23-29. <https://doi.org/10.1097/BLO.0b013e31802c9098>
- Zanlorenzi, S., Martins, P. C., Silva, D. A. S., & Bleil, R. A. T. (2020). Comparação de indicadores antropométricos em atletas de ginástica rítmica satisfeitas e insatisfeitas com a corporal. *Motricidade*, 16(4), 340-345. <https://doi.org/10.6063/motricidade.19232>
- Zhou, N. (2021). Analysis on the aesthetic characteristics of sports music and its communication channels. *Journal of Frontiers in Art Research*, 1(3), 43-50. <https://doi.org/10.23977/artpl.2021.020610>

Navigating colonialism through Sports in Portuguese Africa

Orquídea Moreira Ribeiro^{1,2*} 

ABSTRACT

“Navigating colonialism through Sports in Portuguese Africa” aims to present a brief review of literature on the importance of sports in the African colonies/provinces of the Portuguese Colonial Empire, namely regarding the diffusion and the appropriation of sports — as a tool of colonial control and repression by the coloniser and as a tool of resistance by the colonised. The research question focuses on the fact that the colonised accepted (European) sports but also used the opportunity to resist the colonial system. The selected articles reflect on the role of colonialism and its link to the effort placed on the use of sports to promote national cohesion and identity building (coloniser) or to promote resistance (colonised). The different studies prove that football/soccer was the most practised sport in the former colonies during the Portuguese occupation.

KEYWORDS: colonialism; sports; Portuguese Africa; appropriation; identity; resistance.

INTRODUCTION

The importance of sports in Portuguese Africa during the Estado Novo, namely regarding the diffusion and the appropriation of sports for political reasons — as a tool of colonial control and repression by the colonizer and as a tool of resistance by the colonized has not been the object of specific studies *per se*. It is this angle that is the focus of this work. Football was the most easily accepted and appropriated sport by the Portuguese African territories, but it is not the aim of this work to pay specific attention to football in the context of colonialism, but to sports in general.

This article aims to synthesize the evidence found in the selected articles and consider the impact of colonialism on sports in the former Portuguese colonies or provinces¹, how it affected the different communities and their identity building mechanisms and how a specific sport was shaped by culture, politics and resistance in the different Portuguese territories.

This brief review considers journal articles that focus on sports in the former Portuguese Africa during the period of the Estado Novo. The intersection of sports with the history of colonialism is evident and has been widely written about. The texts considered for this review reflect on the objectives of the use of sports by both the colonizer and the colonized — whether to exert repression, promote cohesion, spread imperial values, strengthen identity and nation discourses and create bonds or to promote resistance and anticolonialism.

Colonialism and sports in Portuguese Africa

This brief review will focus on academic journal articles published between 2006 and 2021 that focussed on navigating through the issues of colonialism and sports during the Estado Novo and Fascism in Portugal.

The chosen texts had to be (1) academic articles published during the last 15 years; that focused on (2) sports

1 In 1951, the colonies became known as provinces: “A Lei n.º 2048 de 11 de junho de 1951 integrou o Ato Colonial na Constituição de 1933. A integração foi sobretudo formal, mantendo-se o essencial do conteúdo do Ato Colonial. [...]: 1) A integração política formal de todos os territórios sob soberania portuguesa, banindo a expressão ‘Império Colonial’ e o termo ‘colónia’ e substituindo-os por ‘Ultramar’ e ‘província ultramarina’” (Valério, 2021, p. 1).

¹Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Vila Real, Portugal.

²Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho – Braga, Portugal.

*Corresponding author: Quinta de Prados, 5000-801 – Vila Real, Portugal. E-mail: oribeiro@utad.pt

Conflict of interests: nothing to declare. **Funding:** Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., Project UIDB/00736/2020 (base funding) and Project UIDP/00736/2020 (programmatic funding).

Received: 10/20/2021. **Accepted:** 12/22/2022.

in the Portuguese colonies in Africa during the period of the Estado Novo (1933-1974); (3) the diffusion of sports in the colonies; (4) and sports as a tool of colonial control and as (5) a tool of resistance against the colonizer. defined and established that no chapters or books on the subject would be considered in this brief review.

Not much has been published about the importance of sports and its link to colonialism and sports policies of the Portuguese Estado Novo.

Studies covering the topics of sports, colonialism and resistance in former colonies of “other empires” mostly concluded that “colonial sports [...] [were] actually used as a form of resistance against colonial culture” (Anderson, 2006), discussed “Colonial Sport and the Politics of Resistance” while acknowledging that “undertones of political conflict also existed in colonial sport” (Sikes, 2019) and the “enduring negative legacy of colonialism” (Besnier, Brownell & Carter, 2019).

The initial search for articles covering sports and colonialism in the former Portuguese colonies/provinces in Africa confirmed the above. This brief review aims to lead to a reflection on the role of sports in the mentioned territories, namely focussing on the appropriation of (European) sports by the Africans, but also the importance of the political uses of sports by the colonial administration and by the colonized. An emerging corpus of academic articles (Domingos, 2020b; journals (*The International Journal of the History of Sport*, volume 35 (2018) — Sport and Colonialism in Lusophone Africa), book chapters (Domingos, 2020a), books (Domingos, 2012; Domingos & Neves, 2011; Nauright & Amara, 2022) is now enriching the research on colonialism and the history of sports related to the former Portuguese territories.

Sports challenged colonial paradigms, with its social dynamics either promoting racial segregation and implying cultural heterogeneity or contributing to build an image of unity between metropolitan Portugal and its Colonies in a quest to implement and strengthen the idea of nation.

In the Introduction to the special issue of *The International Journal of the History of Sport Africa Regional* entitled “Sport and Colonialism in Lusophone Africa” (2018), Victor Melo, Marcelo Bittencourt and Augusto Nascimento (2018, p. 293) state that “in Lusophone Africa, both colonized natives and colonists utilized sporting activities, either as strategies of subversion of colonial power or as strategies of social control to bolster colonial power”. Domingos (2020a, p. 2) reinforces this idea stating that “Contrary to a policy of cultural proximity, until the late colonial period, the state’s sports policies replicated forms of racial and social discrimination”.

“Para o bem da nação: usos políticos do desporto na Guiné portuguesa (1949-1961)” (Melo, 2017) focuses on the

political uses of sports in Guiné Bissau and the role played by Governor Sarmiento Rodrigues in the development of sports in the colony, which reduced tension in colonial relations (Melo, 2017, p. 849) and stimulated a greater identification with the idea of nation, “forging a greater sense of belonging to the ‘imagined community’ of Portugal” (Melo, 2017, p. 850). Melo (2017, p. 850) mentions Gilberto Freyre and “lusotropicalism”, whose discourse was based on the peculiarity of the Portuguese colonization, described as multiracial and less violent. Guiné Bissau was not at the level of the other colonies as far as the implementation of different sports and their practice was concerned (Melo, 2017, p. 853), due to the silence and lack of interest of the youth. To promote interest, sports activities were often associated with commemorative events and football was slowly gaining ground in the social dynamics of the colony (Melo, 2017, p. 857) and, curiously, there were events involving locals and Europeans: “A curious aspect of these events is that sometimes “civilised” activities (sport, gymnastics, physical education) were mixed with other traditional native activities, such as Indian wrestling, which even became one of the province’s symbolic sports” (Melo, 2017, p. 858).

In “Different Faces of Colonialism: Sport in Cape Verde and Portuguese Guinea”, Melo (2018) explains the differences between the colonization of the two African territories, in a text that “centres on two themes: (a) the political uses of sport by metropolitan interests and (b) the political uses of sport by local interests” (Melo, 2018, p. 297), thus responding to the defined inclusion criteria defined for this review. The author compares the context of the two colonies, whose paths were intertwined (Melo, 2018, p. 297), but also separate: Cabo Verde was at peace while Guiné Bissau was involved in full-blown colonial war. The development of sports also occurred at different rhythms, leaving Guiné Bissau far behind. Melo (2018, p. 297) states that “these differences provide a glimpse into both the plasticity of sport as a phenomenon and the specificities of colonial processes”.

With a section entitled “Political Uses of Sport: Metropolitan Interests”, Melo (2018, p. 303) mentions “the uniqueness of the Cabo Verde case” related to its own relationship with Portugal and the islands’ geographical features, questioning whether “involvement in sport [...] [could be considered] a liberating stance” as they wanted recognition not as a colony but as part of the Portuguese Colonial Empire. It was “a struggle not for national sovereignty, as such, but, rather, against being treated as a colony. In other words, they accepted the premises of nationhood but proposed eliminating the signs of differentiation that justified colonial practices” (Fernandes *apud* Melo, 2018, p. 303). Melo

(2018, p. 303) claims that “sporting events were in some way regarded as a sign of the success of Portuguese colonization [...] [and even] showed a strengthening of sentimental ties to Portugal” portrayed by the written media chronicled football matches, “exalt[ing] the Portuguese identity and nation” (Melo, 2018, p. 306).

In the section “Political Uses of Sport: Local Interests”, Melo (2018) reports “initiatives aimed at subverting the colonial power’s tendency to look down on natives”. The strategy was to prove their “civilized status” while demanding “different treatment and respect”: “while simultaneously dialoguing with a large-scale process, [the caboverdianos] found their own specific solution: rather than waiting for ‘civilization’ to come from the colonizer, they took the initiative in demonstrating that they were ‘civilized’” (Melo, 2018, p. 307). Practicing golf and cricket was proof of this strategy. The political use of sports was promoted by Amílcar Cabral in Guiné Bissau, who attempted to establish a club, which “was conceived as a strategy to open a space for political activities. [...] Amílcar viewed the initiative, then, as a way to awaken the awareness of participants of their colonial condition and to call them to participate more actively in acts of resistance”, pointing out “the importance of sport as a strategy for bringing people together” (Melo, 2018, p. 308). Cabral’s “conception of practicing sport was fully linked to his strategic vision and thought” which was based on using sport to “forg[e] a nationalist vision” (Melo, 2018, p. 310).

Nuno Domingos, in one of the first articles written on the theme of sports and colonialism in Portuguese Africa, “Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano” (Domingos, 2006) focuses on the creolization of sports, especially football and in Mozambique. Basing his research on bibliography covering sports in the British Colonial Empire, he states that most studies about sports in colonial times relate to contexts of social change (Domingos, 2006, p. 399) and researchers focussed on understanding “the use of sport as a tool to exercise power” (Domingos, 2006, p. 399). Domingos (2006) recurs to various authors like Dirks for whom “colonialism was itself a cultural project of control (1996, p. ix)”; mentioning Mangan (1992) who introduced a “bond theory”, arguing that sporting practices collaborated in the creation of ‘cultural ties’ between colonizer and colonized. The structure of these ties would determine the acceptance of the colonizers’ practices and values by the autochthonous populations, which led to a political legitimization” of the colonizer (Domingos, 2006, p. 399); and Stoddart (1988) who considered the “colonial sport as a vehicle for the transmission of ideas, beliefs, values and conventions that contributed to consolidate the imperial

mission” (Domingos, 2006, pp. 399-400). Domingos (2006, p. 401) asserts that football always allowed space for recreation, for processes of creolization regarding individual and collective movements, incorporating strong local dynamics (Domingos, 2006, p. 402). Football reigned, was played on the streets, in low income outskirts of the towns and cities (Domingos, 2006, p. 406) and in rural areas, popularized by the media (Domingos, 2006, p. 408). This contributed to its popularity and to the surge of African players known for their “expressive individuality” and creativity during the game:

As football was an activity in which creativity was a fundamental element, it was a matter of highlighting the unique capacity of the African player, no longer in relation to a model, but as an autonomous creator [...] football made it possible to highlight interpretative and creative components, to evoke images of physical power, but also to suggest mental capacity (Domingos, 2006, p. 409).

In his text “Following the ball: African soccer players, labor strategies and emigration across the Portuguese colonial empire, 1949-1975” (2013), Todd Cleveland questions the initial importance of football in the colonial process: “Africans throughout the empire embraced the game, though it remains unclear whether Portugal’s colonial regime deliberately intended soccer to “civilize” the indigenous populations” (Cleveland, 2013, p. 19). However, he recognizes the impact of the sports in the overall objectives of the Portuguese colonial empire, claiming that

soccer came to play an important role in Portugal’s campaign of cultural imperialism, a key pillar in the broader process of empire. If Europeans colonized Africa, as the maxim goes, with a gun in one hand and a bible in the other, perhaps they were also kicking along a soccer ball, a third hegemonic tool (Cleveland, 2013, p. 20).

It was during the “rudimentary leagues and in a variety of less formal, or even impromptu, matches that the African players who would one day showcase their skills in the metropole first learned the game” (Cleveland, 2013, p. 20). This text focuses almost totally on the daily lives of African football players whose talent was discovered, leading to them migrating to mainland Portugal. Cleveland (2013) goes on to explain that the “process of cultural acculturation and assimilation had actually begun prior to their arrival in the metropole” as they came into contact with Portuguese

coaches and had to move into urban areas, living in what he calls “colonized spaces” (Cleveland, 2013, p. 28). The author discusses whether geographic mobility accompanied social mobility and how athletes “navigated politically-charged environments in both the metropole and the colonies” (Cleveland, 2013, p. 37) during the colonial wars.

Em “Futebol, Racismo e Media: os discursos da imprensa portuguesa durante o fascismo e pós-Revolução de Abril” (2016), Pedro Sousa de Almeida focuses on the role of discourses regarding football in the Portuguese press “during fascism and [the] post-April Revolution”. The relevant information for this review is the part that refers to the fascism period. The text also discusses the issue of racism in football and mentions the fact that there is very little research done on the topic and thus almost no publications. Almeida (2016) acknowledges the work published by Nuno Domingos, his contribution to research on football and Portuguese society, which explore “the experiences of local populations in the face of the introduction of football in a colonial context” and how he somehow also mentions racism and how football crossed racial segregation lines in the Mozambican capital (Almeida, 2016, p. 77). Almeida (2016, p. 78) highlights the role of the media as opinion makers and the fact that their racist and colonialist discourse cannot be dissociated from the fascism of the Estado Novo and the application of the censorship. The idea of glorification of the nation, of the colonial and imperial past and a more tolerant racist attitude is also implied. The text analyses the discourses of the written Portuguese press published between 1960 and 1974 in four publications. The Portuguese press reproduced the colonial ideology as expected, but the author states that Salazar’s government did not have a plan to use football as a political tool. The recruitment of African players for the national team called for the thesis of a multiracial nation, but the performance of some players was associated with their “negritude” with the emergence of the “black athlete” (Almeida, 2016, p. 82). The press sometimes used explicit racist language (Almeida, 2016, p. 83), but it is “it is pertinent to point out that the denial of racism, [...] took root in the different sectors of society. That is to say, the thesis was produced and reified that Portuguese colonialism was distinguished by the absence of any kind of racial discrimination” (Almeida, 2016, p. 84).

In “O esporte nos países africanos de língua portuguesa: um campo a desbravar”, Andrea Marzano and Augusto Nascimento (2013, p. 54) aim to “highlight the potential of research on sport in Portuguese-speaking African countries, making considerations on previously conducted studies”. A

time frame is not provided. The authors recur to published studies such as Domingos (2011) to point out the different rhythms and characteristics of each colony (Marzano & Nascimento, 2013, p. 54) and the fact that the “sport can be a field of observation of the gestation of perceptions of colonialism; of the differences between the status of whites and blacks and the collision between segmenting legal frameworks of the population and the new social relationship arising from the emergence and subsequent spread of sport” (Marzano and Nascimento, 2013, p. 54). Referring to the possibility of “social bonds in domination contexts” (Marzano and Nascimento, 2013, p. 56), they call on Marzano (2010) for whom “the sporting practices highlighted conflicts between settlers and natives, but also prejudices and divisions between the latter” (Marzano & Nascimento, 2013, p. 56), meaning during the colonial period there was always the relationship between colonizer and colonized to be considered in all aspects of life in the colonies. Considering sports in the Portuguese-speaking African countries as yet an open field, Marzano and Nascimento (2013) conclude that sports was more than “an instrument of the colonial state to discipline the masses nor a weapon favouring nationalisms and the anticolonial fight”; it was also “opportunities for diversion, sharing and conflicts” (Marzano & Nascimento, 2013, p. 68).

In “Sports in the Colonial Portuguese Politics: *Boletim Geral do Ultramar*” (2013), Melo and Bittencourt aim to discuss how the *Boletim Geral do Ultramar*,² an official publication of the Portuguese government covering issues of the overseas territories, dealt with the issue of sports. The authors point out that the “mobilization of sport by the Portuguese regime was also related to their strategies to keep possessions in Africa and Asia [...] with the purpose of exalting a supposed imperial identity, as a sign that it had constructed a ‘civilized’ nation that was the product of interracial encounters” (Melo and Bittencourt, 2013, p. 71), linking it to Freyre and luso-tropicalism, already seen in Melo (2017). In the 1940s and 1950s, the Portuguese government invested in legislation promoting sports and physical education and an “aspect regularly observed on the Bulletin’s pages is the investment in the construction and renovation of sport installations” (Melo & Bittencourt, 2013, p. 75). The *Boletim* provided some information related to sports, but the authors noted that there was a “clear mobilization of the practice in the sphere of Portuguese colonial politics, notably from the 1950s”; however, it was “not possible to notice sports mobilization by those involved with movements that opposed the colonial order” (Melo & Bittencourt, 2013, p. 79), as it was an official publication.

2 All numbers of this publication are available at <http://memoria-africa.ua.pt/Library/BGC.aspx>.

In “Associativismo, Desporto e Identidade em Moçambique (décadas de 1920 a 1950)” (2021), Aurélio Rocha aims to investigate if affirmations of identity or belonging to a shared referent called Mozambique occurred in sports associations. The author points out that sports “carries within it a potential for contestation from which actions challenging constituted powers may emerge, such an important clue for the understanding of historical, social, political and cultural events” (Rocha, 2021, p. 93), an issue relevant to this review. Sports associations were places where a true social and political conscience developed, a basis for the “construction of what Cabaço (2010: 268) defines as a ‘political strategy of unity’, thereby beginning to shake the passivity and the sleeping consciences of the ‘Mozambican community’ as a whole” (Rocha, 2021, pp. 96-97). He furthers this thought when he highlights “the emancipating role that sport played, within the scope of associativism, for the understanding of the history of the colonial period [...] [and] it was in the sports scenario that, as in other societies, manifestations of identity emerged, indicating the existence of a social conscience” (Rocha, 2021, p. 100). The recognition of African talent in sports encouraged the “the Mozambican intellectuals’ awareness-raising process in the 1940s and 1950s, shaping what Chaves (1999: 157) defines as an identity clearly committed to the emerging Mozambican nationalism, which [...] in the midst of the colonial era [...] served to construct ‘Mozambicaness’ (moçambicanidade)” (Rocha, 2021, p. 104).

Diffusion of sports: a tool of colonial control or of resistance?

The analysed articles clearly show that the colonized accepted (European) sports, but also used the opportunity to resist the colonial system; football was easily appropriated by the Africans who introduced creativity to the game and adapted it to their needs.

As mentioned by Marzano and Nascimento (2013, p. 58), the “the potential of sports practices to reveal racial tensions in colonial society” should be pointed out. Conditions between the Europeans and the colonized changed along the years, specifically after the instauration of the Estado Novo: “Until the 1920s, there was room in clubs and teams for the coexistence of settlers and the children of the land”; however, thirty years later, with the colonies becoming overseas provinces, the policies changed, “favouring the valorisation of multiracial sports teams and highlighting the participation of Africans in teams and competitions in the metropolis” (Marzano and Nascimento, 2013, p. 58). This decision impeding references to skin colour in the press and in official documents showed the overwhelming presence

of racism in a society trying to conceal it (Marzano and Nascimento, 2013, p. 59).

Melo (2017, 2018) are important contributions to this brief review and to specific cases of the Guiné Bissau and Cabo Verde, with some of the information being published before in Melo e Bittencourt (2013). Melo (2017) covers the introduction of sports in the decade or so before the beginning of the colonial war and the impact that it sports had in the cultural scene of the country contributing to the effort of implementing the idea of national identity. Commemorative occasions always included sports, and, in some occasions, traditional sports appeared alongside European sports, an attitude that the “[colonial] government supposedly respected local peculiarities, an expression of the presumed non-racial stance it adopted” (Melo, 2017, p. 858). Melo (2018) explains the peculiarities of the two colonies and how the differences between the colonization of the two territories marked the pace of the introduction and settling of sports in Guiné Bissau and Cabo Verde.

There is a certain consistency in the results obtained and most of them confirm the research question, enriching the history of sports during the colonial occupation in Portuguese Africa and enlightening the relationship between colonizer and colonized.

All the texts showed how sports was present in the Portuguese colonies/overseas provinces during the period of the Estado Novo (1933-1974) and reflected on the diffusion of sports in the colonies. Sports as a tool of colonial control and as a tool of resistance against the colonizer was covered by Almeida (2016), Cleveland (2013), Marzano and Nascimento (2013), Melo (2017), Rocha (2021), with Domingos (2006) and Melo (2018) authoring the articles that best address the issue of the political impact of sports on colonialism.

Marzano and Nascimento (2013) considered that sports could be a “field of observation of the gestation of perceptions of colonialism” where “opportunities for diversion, sharing and conflicts” (Marzano and Nascimento, 2013, p. 68) also occurred.

Melo and Bittencourt (2013) contributed with their reading of sports in the *Boletim Geral do Ultramar*, that as a state publication aimed to glorify infrastructures in the Portuguese overseas provinces and did not provide any information on the question of sports being linked to colonial control or African resistance to accomplish independence.

FINAL REMARKS

This brief review can be considered as limited evidence on the topic discussed here — the diffusion and the

appropriation of sports as a tool of colonial control and repression by the colonizer and as a tool of resistance by the colonized. However, the authors and articles studied are adamant regarding the results achieved in their own research and studies on the same topic in what concerns the British Empire (Anderson, 2006; Besnier *et al.*, 2017; Guttmann, 1988; Hutchison, 2009; Roser, 2016; Stoddart, 1988) have reinforced the achieved conclusions and discussed the negative legacy of colonialism on sports.

The study of sport is a privileged means to analyse colonial societies, the relationships between colonizers and colonized, the forms of power, the formation of social groups and the processes of exclusion and social incorporation.

Africans of the Portuguese colonies and others used and appropriated sports, especially football as a way of upholding their identity during the colonialization, but also as a way of resisting colonial rule, as a bonding opportunity in the struggle for independence defying colonialism's hubris. Sports was used for varied political reasons: as a tool of colonial control, as a tool of resistance against the colonizer, to promote national identity and social and cultural cohesion and to highlight the special relationship between the Portuguese and their colonized subjects as professed by Freyre's luso-tropicalism theory.

Future research on this topic should be considered as Sports and its impact on Portuguese colonialism and *vice-versa* is an area of study which is still relatively unexplored.

REFERENCES

- Almeida, P. S. de (2016). Futebol, racismo e media: os discursos da imprensa portuguesa durante o fascismo e pós-Revolução de Abril. *Política e Trabalho*, (44), 71-90. Recuperado de <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/download/28332/16469/71182>
- Anderson, E. D. (2006). Using the master's tools: resisting colonization through colonial sports. *International Journal of the History of Sport*, 23(2), 247-266. <https://doi.org/10.1080/09523360500478273>
- Besnier, N., Brownell, S., & Carter, T. F. (2017). Sport, Colonialism, and Imperialism. In N. Bernier, S. Brownell & T. F. Carter (Eds.), *The Anthropology of Sport: Bodies, Borders, Biopolitics* (pp. 39-70). University of California Press. <https://doi.org/10.1525/9780520963818-005>
- Cleveland, T. (2013). Following the ball: African soccer players, labor strategies and emigration across the Portuguese colonial empire, 1949-1975. *Cadernos de Estudos Africanos*, 26, 15-41. <https://doi.org/10.4000/cea.1109>
- Domingos, N. (2006). Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano. *Análise Social*, 41(179), 397-416. Recuperado de <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218721655B5jHL2dx8Yi23BI5.pdf>
- Domingos, N. (2011). O desporto e o Império Português. In J. Neves & N. Domingos (Eds.), *Uma história do desporto em Portugal* (v. 2, pp. 51-107). Quidnovi.
- Domingos, N. (2012). *Futebol e colonialismo: corpo e cultura popular em Moçambique*. Imprensa de Ciências Sociais.
- Domingos, N. (2020a). Football in Lusophone Africa. In *Oxford Research Encyclopedia of African History*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190277734.013.805>
- Domingos, N. (2020b). L'urbanisation coloniale et la citoyenneté sportive: Le processus de «sportivisation» à Lourenço Marques, Mozambique. *Histoire Urbaine*, (57), 87-108. <https://doi.org/10.3917/rhu.057.0087>
- Domingos, N., & Neves, J. (2011). *Uma história do desporto em Portugal* (v. 2). Quidnovi.
- Guttmann, A. (1988). Our former colonial masters: the diffusion of sports and the question of cultural imperialism. *Stadion*, 14(1), 49-63.
- Hutchison, P. M. (2009). Breaking boundaries: football and colonialism in the British Empire. *Inquiries*, 1(11), 1-2. Retrieved from <http://www.inquiriesjournal.com/articles/64/breaking-boundaries-football-and-colonialism-in-the-british-empire>
- Marzano, A. (2010). Práticas esportivas e expansão colonial em Luanda. In V. A. de Melo & M. B. A. Nascimento (Eds.), *Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano* (pp. 71-99). Apicuri.
- Marzano, A. & Nascimento, A. (2013). O esporte nos países africanos de língua portuguesa: um campo a desbravar. *Revista Tempo*, 17(34), 53-68. Retrieved from <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=167027926006>
- Melo, V. A. de (2017). Para o bem da nação: usos políticos do desporto na Guiné portuguesa (1949-1961). *Análise Social*, 52(225), 848-872. Retrieved from <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/n225a07.pdf>
- Melo, V. A. de (2018). Different faces of colonialism: sport in Cape Verde and Portuguese Guinea. *International Journal of the History of Sport*, 35(4), 296-313. <https://doi.org/10.1080/09523367.2018.1458714>
- Melo, V. A. de, & Bittencourt, M. (2013). Sports in the Colonial Portuguese Politics: Boletim Geral do Ultramar. *Revista Tempo*, 19(34), 69-80. <https://doi.org/10.5533/TEM-1980-542X-2013173407>
- Melo, V. A. de, Bittencourt, M., & Nascimento, A. (2018). Sport and colonialism in Lusophone Africa: an introduction. *The International Journal of the History of Sport*, 35(4), 293-295. <https://doi.org/10.1080/09523367.2018.1538029>
- Nauright, J., & Amara, M. (2022). *Sport in the African World*. Elsevier.
- Rocha, A. (2021). Associativismo, Desporto e Identidade em Moçambique (décadas de 1920 a 1950). *Africana Studia*, (36), 93-107. [https://doi.org/10.21747/0874-2375/afr36a6Roser,I.\(2016\).Sport:AToolofColonialControlfortheBritishEmpire.TheButlerScholarlyJournal.Retrievedfromhttps://butlerscholarlyjournal.com/2016/04/30/sport-a-tool-of-colonial-control-for-the-british-empire/](https://doi.org/10.21747/0874-2375/afr36a6Roser,I.(2016).Sport:AToolofColonialControlfortheBritishEmpire.TheButlerScholarlyJournal.Retrievedfromhttps://butlerscholarlyjournal.com/2016/04/30/sport-a-tool-of-colonial-control-for-the-british-empire/)
- Sikes, M. (2019). *Sport and Politics in Africa*. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190228637.013.889>
- Stoddart, B. (1988). Sport, Cultural Imperialism, and Colonial Response in the British Empire. *Comparative Studies in Society and History*, 30(4), 649-673. Retrieved from <https://www.jstor.org/stable/178928>
- Valério, N. (2021). *Cartas e Leis Orgânicas do Império Colonial Português*. GHES/ISEG. Retrieved from <https://www.repositorio.utl.pt/bitstream/10400.5/21410/1/WP71.pdf>

Recensão a Cristóbal Villalobos Salas. “Futebol e Fascismo”. Lisboa, Edições 70, 2021, 203 pp.

*Review of Cristóbal Villalobos Salas. “Futebol e Fascismo”.
Lisbon, Editions 70, 2021, 203 pp.*

Esser Jorge Silva^{1*} 

RESUMO

Neste trabalho apresenta-se uma recensão à obra “Futebol e Fascismo” de Cristóbal Villalobos Salas (2021), livro originalmente publicado em Espanha, pela Altamareca Ediciones com o título “Fútbol y Fascismo”. A leitura assentou na versão portuguesa, editada pelas Edições 70 (Edições Almedina) que contou com a tradução de Manuela Parada Ramos e Revisão de Ana Breda. O autor é professor de História, escritor e colunista de imprensa com colaboração em vários títulos de diversos países.

PALAVRAS-CHAVE: futebol; fascismo; manipulação.

ABSTRACT

This work presents a review of the work “Football and Fascism” by Cristóbal Villalobos Salas (2021), book originally published in Spain, by Altamareca Ediciones with the title “Fútbol y Fascismo”. The reading was based on the Portuguese version, published by Edições 70 (Edições Almedina) and translated by Manuela Parada Ramos and revised by Ana Breda. The author is a professor of History, writer and press columnist with collaboration in various titles in several countries.

KEYWORDS: soccer; fascism; manipulation.

Uma evocação de Jorge Luis Borges, escritor argentino que detestava, sem desprezar, o pontapé na bola, coloca o leitor na rota de uma realidade insofismável: falando de futebol, estamos perante um fenómeno que a nada e a ninguém escapa, muito menos a escritores e intelectuais como os nobel Mário Vargas Losa, Albert Camus e Gabriel Garcia Marquez ou os não menos célebres Eduardo Galeano, Javier Marias, Roberto Bolaño, Ryszard Kapuściński ou Peter Hanke. Essa condição extraordinária de múltiplo e intenso abraço dos que fazem da dependência coletiva uma adesão tribal que liberta o humano “do peso das responsabilidades individuais” (Salas, 2021, p. 16), também subsidia a inspiração para a

compreensão do mundo. A importância atribuída a um jogo suportado na exigência do adestramento dos membros inferiores, superiorizou-se de tal modo, ao ponto de convocar os interesses centrais da política. A aparente vida desligada dos seus executantes e a adesão dos humildes ao espetáculo, depressa convocou os mecanismos de fomento de ideologias através da manipulação das multidões. Estes despojados dedicadas à simplicidade do jogo prestam-se, inconscientemente, à manipulação dos poderes instituídos.

O futebol constituiu-se num fenómeno de adesão popular, cujas regras simples permitem a participação de todos, às vezes, como praticantes, outras como assistentes de um

¹Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho – Braga, Portugal.

*Autor correspondente: Rua D. Nuno Álvares Pereira, 1294, 4810-781 – Pinheiro GMR – Matosinhos, Portugal. E-mail: esser.jorge@gmail.com

Conflito de interesses: nada a declarar. **Financiamento:** Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020 (financiamento base) e UIDP/00736/2020 (financiamento programático).

Recebido: 24/06/2022. **Aceite:** 08/09/2022.

espetáculo cujo objetivo principal se limita a fazer uma bola entrar numa baliza, vigorando a lei dos mais audazes — porque mais fortes. A partir da década de 1930 o jogo de onze contra onze viu-se invadido por atravessamentos de natureza política, estranhos à sua lógica de entretenimento. Particularmente, o fascismo, nas suas variadas vertentes, foi das mais eficazes ideologias políticas na captura do futebol para centro de produção e manifestação das suas divisas e juízos filosóficos. Ora para manipulação das massas, ora com o objetivo de fabricar resultados, ora apropriando-se ou capturando os clubes mais importantes para difusão de ideias e da noção de poder, ora submetendo jogadores e clubes a dilemas éticos e/ou escolhas entre a vida e a morte, o fascismo não se poupou à criatividade para se afirmar através do futebol.

A exaltação “dos seus valores supremos, a juventude — como, por exemplo, o hino fascistas italiano, *Giovinezza*, a ação, a força e a violência em si” (Salas, 2021, p. 19), encontrou na promoção da prática desportiva enquanto “forma de educar os jovens com vista a cumprirem melhor os deveres patrióticos, e como fórmula para promover o carácter e a disciplina que era suposto um «bom» fascista ter” (Salas, 2021, p. 19). Como se tratasse de marcar uma oferta cronográfica ao leitor, Alemanha, Espanha e Itália, países que fomentaram e experienciaram os valores do fascismo até ao limite, configuram as três realidades fornecedoras de histórias que ilustram o ponto de partida da obra.

Na origem fascista estão três figuras que advogaram o autoritarismo, impuseram o poder total, reprimiram oposições e submeteram tudo e todos à nação. Ao contrário dos seus congéneres Francisco Franco em Espanha e Adolf Hitler na Alemanha, Benito Mussolini, popularizado como “o *Duce* desportista”, explorava a sua figura de praticante de vários desportos, a que não se furtava de afirmar ser o desporto o seu “único prazer” (Salas, 2021, p. 20). E, embora a memória apenas o localize visualizando um único jogo de futebol, o seu regime dedicou-se a erguer novos estádios, a que não faltou um complexo desportivo a si dedicado, o “Benito Mussolini de Turim” (Salas, 2021, p. 21).

Por essa altura, na década de 1930, o futebol passa a ombrear com outros espetáculos produzindo a sua imprensa especializada e as suas estrelas. Mais do que “exemplos a imitar” estes tornam-se “embaixadores do país e do fascismo” suportados por uma comunicação social sustentada “numa linguagem bélica” (Salas, 2021, p. 21) com vista à consolidação de prestígio internacional. O futebol transforma-se num veículo de transmissão da ideia de “pátria que o fascismo equipara à identificação com o regime; enaltece-se a pertença ao grupo, a fidelidade, a disciplina e a subordinação dos interesses pessoais aos coletivos” (Salas, 2021, p. 21)

obrigando, inclusive, alguns clubes a submeterem-se aos seus valores e lógicas ideológicas de onde sobressai o caso paradigmático do Internazionale de Milão, obrigado a mudar de denominação para Società Sportiva Ambrosiana, para assim fazer desaparecer a palavra evocadora da “Terceira Internacional Comunista de Estaline” e afastar qualquer alusão, imaginária que fosse, ao movimento comunista (Salas, 2021, p. 21-22).

Cristóbal Villalobos Salas (1985-), autor da obra, é professor de História na Universidade de Málaga e escritor. O reconhecimento através dos prémios *Jérez Perchet e Málaga Crea 2015*, como que certificam a sua colaboração com a imprensa, em especial a coluna no jornal SUR. Salas recorre aos três casos clássicos para introduzir a relação do fascismo com o desporto em geral e o futebol e particular. Enquanto o caso do “*calcio* fascista frente ao mundo” ilustra a realidade italiana, a vivência do “super-homem nazi” mostra a relação da Alemanha nazi com o desporto. Por sua vez, o dissecar de “um nacionalismo banal e futebolístico” ilustra o modo como a Espanha franquista se aproveitou do fenómeno futebolístico para se consolidar e chegar às massas.

A obra ganha dimensão e profundidade com o mergulho do autor nos restantes quatro capítulos, que mais do que detalhar, ilustram de forma bastante profusa a expressão de poder de “Mussolini e Hitler atrás do esférico” (Salas, 2021, p. 35-75), “a malograda conversão ao fascismo” pela Espanha (Salas, 2021, p. 79-153) e “o futebol nas mãos das ditaduras americanas” (Salas, 2021, p. 157-193). É nesse corpo do livro, com recurso a quarenta e duas *short stories*, de acontecimentos por vezes já retirados para as brumas da memória, que se pode contactar com realidades que comprovam a tendência do fascismo no seu apego e consolidação e afirmação através do futebol.

Este conjunto de rememorações permitem trazer à superfície particularidades cuja notação histórica, em algumas circunstâncias ainda presentes, fazem perdurar idiossincrasias passadas em particularidades e ações visíveis na hodiernidade. Um pequeno resumo, não exaustivo, de algumas dessas *short stories* pode demonstrar a pertinência do atravessamento da cultura fascista no desporto-rei. O caso italiano surge como o suporte primário do fascismo:

- O roubo ao Génova, clube que só recuperou o seu nome original depois da morte de Mussolini — Genoa Cricjet and Athletic Club, em vez do postigo *fascio* Genoa 1893 Circolo del Calcio — demonstra como os resultados podiam ser determinados à partida, assim fabricando um campeão, no caso o Bolonha, clube protegido pelos *camisas negras* — grupo paramilitar fascista (Salas, 2021, p. 35-36);

- A estratégia de naturalização de jogadores de diversas nacionalidades, pagos a peso de ouro, para construir uma seleção italiana campeã do mundo em 1934, é o resultado de uma batalha futebolística do fascismo, cujos métodos, amplos e ilimitados, demonstram a tendência de jogo em todos os tabuleiros. O uso da violência atingiu o seu apogeu numa partida contra a Inglaterra, país então considerado superior na cultura futebolística levando Mussolini a disputar e demonstrar a superior cultura futebolista fascista (Salas, 2021, p. 41-46);
- A evocação da resistência de Matthias Sindelar, vedeta austríaca autor de um dos golos que sentenciou o jogo de despedida da Áustria enquanto nação, contra a Alemanha anexadora e que, mais tarde, se furtou a representar a seleção Alemã — tendo, por isso, sido proibido de jogar — e que apareceu morto, juntamente com a esposa, numa intoxicação fruto de uma fuga de gaz (Salas, 2021, p. 51-54);
- A mostra das contradições humanas, expressa na cedência dos jogadores polacos, que por via da divisão do seu território entre União Soviética e Alemanha passaram a representar a Alemanha. Mais tarde viram a sua sorte mudar quando, a partir de 1942, na já notória derrapagem alemã, passaram a ser apontados aos campos de concentração, enquanto alguns, por aparecerem em fotografias da seleção alemã dominadas pela suástica, ficaram impedidos de regressar à Polónia natal (Salas, 2021, p. 63-64);
- O dilema ético no caso do árbitro e do jogo de Sarnano, que bem podia ter inspirado John Huston no filme *Fuga para a Vitória*. O jogo, realizado a pedido dos alemães para levantar o moral das suas tropas deixou a equipa de jovens italianos sem saber o que fazer. Depois de marcarem um golo, e perante a manifesta inoperância do adversário, os italianos tudo fizeram para “ajudar” os alemães a marcarem um golo, num jogo que nenhum italiano queria vencer para não ofender o ego germânico e, desse modo, convocar o real poder bélico teutónico (Salas, 2021, p. 69-71);
- A construção política de uma rivalidade em Roma entre AS Roma — clube nascido de uma fusão de várias agremiações imposta por Mussolini, e a Lazio — clube resistente à fusão e do qual o Duce se tornaria associado gerou duas idiossincrasias. De um lado o diverso e incluso AS Roma, capaz de albergar a diferença, inclusive um setor comunista. Do outro, a Lazio, clube com “fama de fascista” cuja claque, os *Irredutibile*, a “mais fascista, racista, homofóbica e

antissemita”, capaz de, num jogo contra o rival, cantar em coro “Auschwitz é a vossa pátria” (Salas, 2021, p. 73-75);

O caso espanhol, resultante das consequências da Guerra Civil e da instituição de um ditador militar nacionalista que se havia imposto pela força das armas (1936-1939), coloca em cena não só a realidade do poder do *generalíssimo* Francisco Franco, mas também da resistência ao ditador que, através do futebol, vai aqui e ali pontuando a sua presença. Porém, tal como em Itália, o futebol vai revelar-se um ótimo instrumento de manipulação das massas. Na ação do quadro espanhol, não faltam alguns encontros com as linhas da ditadura portuguesa em algumas das pequenas histórias coligidas pelo autor:

- A forma como a sobrevivência através da comédia transforma a personagem na pessoa. Travestido de “cruel Gálvez” para sobreviver numa Madrid dividida pela guerra civil, o poeta Pedro Luíz Galvez, usando atitude e voz de autoridade, conseguiu libertar o Ricardo Zamora, o excelso guarda-redes e “grande jogador internacional de futebol” que lhe havia dado muitas vezes de comer pela Madrid da boémia. Libertado, sob beijos do poeta, Zamora pode sair de Espanha e terminar a sua carreira em França. O poeta morreria fuzilado após julgamento por um tribunal que tomou por verdadeira a sua inventiva biografia de criminoso (Salas, 2021, p. 83-86);
- A odisseia da seleção basca denominada “equipa de futebol da República de Euskadi”, errante pelo mundo em missão de propaganda, após a queda basca nas mãos franquistas, cuja digressão por países como França, Checoslováquia, Polónia, Suécia, Noruega e Finlândia acabou por dar visibilidade à causa basca. Após infligir danos na imagem da Espanha nacionalistas, os franquistas não descansaram até conseguir duas deserções da seleção “Eukadi”. Com o declínio deu-se o fracasso, apesar da equipa acabar os seus dias a disputar o campeonato mexicano onde terminaram vice-campeões na época 1938-1939 (Salas, 2021, p. 91-93);
- O vermelho desapareceu em dois jogos de seleções realizados em 1937 e 1938 entre a Espanha e Portugal, o primeiro disputado em Vigo. Popularizou-se aí o “encarnado” para designar o Benfica e assim evitar conotações com os “vermelhos” comunistas. O segundo jogo ficou marcado pela desobediência de três jogadores da seleção portuguesa em fazer a saudação fascista: Quaresma manteve os braços em baixo

enquanto Azevedo e Amaro cerraram os punhos lá no alto. Espanha perdeu os dois jogos mas o franquismo ganhou na propaganda (Salas, 2021, p. 97-99);

- Além de submetida à esfera militar, a intromissão da política franquista nos clubes espanhóis seguiu a lógica de prémios. A lealdade de Navarra para com os rebeldes resultou na tentativa de subida de divisão do Osassuna. O Athletic de Madrid foi transformado em Atlético de Aviación, assim como o Recuperação de Levante. Em 1941, tal como ocorrera na Alemanha nazi, a Delegação Nacional de Imprensa e Propaganda obrigou vários clubes a adotarem uma fórmula espanhola: “O Athletic passou a ser Atlético de Bilbao, o Sporting seria o Deportivo de Gijón, e o Fútbol Club de Barcelona, Club de Fútbol Barcelona” (Salas, 2021, p. 102-104);
- Logo após a Guerra Civil, Espanha viveu um período necessitado de afirmação internacional. Um jogo contra a Inglaterra no mundial de 1950, jogado no Brasil e ganho pelo Uruguai no célebre Maracanazo, serviu para elevar o estatuto externo e animar as hostes internas espanholas. Uma vitória por uma bola a zero contra a “pérfida Albion”, segundo um “dirigente federativo” de então, animou o *Caudillo*. Franco acabou por telegrafar a felicitar “emocionante encontro e brilhantismo triunfo”. O quarto lugar obtido, considerado uma façanha, foi celebrado no filme *España en Brasil* que considerou a vitória sobre a Inglaterra “um novo episódio na luta histórica contra Albion” (Salas, 2021, p. 109-111);
- A “forte comoção misturada com enorme sentimento de orgulho” provocada, em 1955, pela vitória do Real Madrid na primeira edição da Taça dos Clubes Campeões Europeus. Após cinco vitórias consecutivas na prova, o Real passava a ser o melhor embaixador de Espanha e do regime”. A recepção dos madridistas em todo o mundo passou a ser “uma vitória publicitária do franquismo” (Salas, 2021, p. 117-118);
- O debate sobre a identidade madridista e as suas ligações ao regime franquista encontram várias explicações. Desde a possibilidade da opções pessoais dos representantes históricos do clube se terem transformado na visão generalizada sobre o Real Madrid como representante do regime, ao facto do *Caudillo* e os seus dignitários se terem aficionado. Desde a circunstância de todos os clubes terem, de alguma forma servido para “centralizar as emoções dos trabalhadores e mantê-los afastados das reivindicações políticas”, levando-os em simultâneo a viver “entre o franquismo e os nacionalismos”. No caso do Real, apesar de marca internacional de “inquestionável prestígio”, não deixa de ser historicamente considerado “uma equipa do regime” (Salas, 2021, p. 121-123);
- O cinema, a “cultura de evasão” e o futebol foram armas que o franquismo não poupou para espalhar a sua ideologia. Constituídos em modelos os futebolistas passaram a ser modelos de cidadãos. A história de Kubala, húngaro, transformado em espanhol, fugido do comunismo, chegou ao cinema em “Os Ases Procuram a Paz”. Um argumento anticomunista a evocar a “humildade, espírito de sacrifício, lealdade” em que Kubala “mostra o seu reconhecimento” pelo acolhimento de “uma Espanha idílica” (Salas, 2021, p. 125-126);
- Apesar reconhecida política dos três *efes*, “futebol, fado e Fátima”, António de Oliveira Salazar, o ditador português, detestava futebol. Mas Eusébio, mais do que um jogador de futebol, convertera-se num valioso símbolo do país. Não tanto por ter sido o melhor marcador no mundial de 1966 mas pelo facto de poder ser apresentado como a prova da possibilidade da aquisição de estatuto pelos indivíduos oriundos das colónias. Numa possibilidade de transferência para o estrangeiro, o ditador comunicou a Eusébio que tal não podia ocorrer se tendo em conta a sua condição de “Património do Estado” (Salas, 2021, p. 131-133);
- Em 1960 Francisco Franco mandara a seleção espanhola faltar a uma eliminatória, contra a União Soviética, para a fase final da Taça Europeia das Nações. Não queria a sua seleção a disputar com “comunistas”. Com os soviéticos campeões europeus, o *Pravda* escreveu que “o regime fascista espanhol temia a equipa do proletariado soviético”. Quatro anos depois, em 1964, Franco reparou a sua decisão e a Espanha, inclusive, não só organizou o então campeonato europeu de seleções, como chegou à final, exatamente contra a União Soviética. Na final ganhou por duas bolas a uma. O momento, comemorativo dos 25 anos da Guerra Civil, serviu para exortar, não os jogadores campeões mas “o verdadeiro artífice da vitória e da paz” (Salas, 2021, p. 139-145);
- Em 1975, o fuzilamento de cinco membros da ETA provocaria uma onda de indignação em todo o mundo. Com o vislumbre do fim da ditadura alguns jogadores manifestaram-se com símbolos de luto. Já com o *Generalíssimo* morto, em dezembro de 1976, o jogo entre o Athletic de Bilbao e a Real Sociedad de San Sebastian teve um quadro que inusitado: as duas equipas

entraram em jogo segurando a *ikurrña*, “rompendo-se aí o tabu” da proibição da bandeira Basca (Salas, 2021, p. 151-153).

A manipulação do futebol não escapou às mãos de particularmente todas as ditaduras americanas. O cariz pátrio e as características da mais simples forma de evocação nacionalista encontradas no futebol constituíram motivação mais do que suficiente para a apropriação do futebol pelas ditaduras.

- Cunhado pelo jornalista polaco Ryszard Kapuściński, “Guerra do Futebol” é o modo como ficou conhecido o conflito entre as Honduras e El Salvador ocorrido em 1969. A verdade é que o futebol não foi causa de nenhum conflito. Mas foi a eliminatória para o mundial de 1970, no México, jogado em três jogos entre os dois países, que recebeu o cognome de um conflito entre vizinhos com uma desestruturação demográfica e económica. Donos de cerca de metade das propriedades agrícolas hondurenhas, os salvadorenhos ali residentes viram-se expropriados por uma reforma agrária e expulsos para a sua terra debaixo do grito “Hondurenho, pega num lenho e mata um salvadorengo” (Salas, 2021, p. 160). Nasceu aí a “guerra das 100 horas” na qual as duas partes se acusavam sobre a responsabilidade da sua origem, o que implicou o exacerbar dos nacionalismos e uma ativa participação dos adeptos dos dois países. Cortadas as relações, estas foram reatadas dez anos depois, “como não podia deixar de ser, com a organização de um amigável de futebol” (Salas, 2021, p. 157-160);
- O “jogo fantasma” é a história de uma eliminatória de apuramento de uma das 16 equipas finalistas do Mundial de 1974 jogado na Alemanha. Os chilenos pretendiam dar um ar de normalidade enquanto no seu país, em pleno Estádio Nacional em Santiago se dava a tortura de mais de 40 mil pessoas. Na União Soviética, perante adversário comunista, nas antípodas de Pinochet, o jogo da primeira mão terminou empatado a zero. Para o jogo da segunda mão os soviéticos desenvolveram esforços para que a partida se realizasse em espaço neutro. Com a recusa da FIFA, a eliminatória iria sentenciar-se no Estádio militarmente vigiado onde se acredita estarem milhares de presos detidos nas caves. Os soviéticos optaram pela não comparência e o jogo terminou com a vitória chilena com um golo simbólico, marcado por pelo capitão Chamaco Valdés, para sempre conhecido como o golo marcado contra ninguém (Salas, 2021, p. 167-169);
- A história do Mundial da Argentina em 1978, carregada de manipulações, suspeitas, contradições, represões, ausências é um perfeito libelo da ação da ditadura militar na qual, inclusive, não faltou a vitória da Argentina, na final contra a Holanda. Foi uma vitória de um país de presos políticos, esforçando-se por parecer normal através de uma comunicação e propaganda e capacidade de manipulação do regime. Anos depois, o treinador Menotti, ou os jogadores Oswaldo Ardiles e Ricardo Villa, reconhecem como foram “usados” como “elementos de distração do povo” (Salas, 2021, p. 176). A manipulação teve inclusive a colaboração da FIFA ao aceitar que o último jogo entre o Brasil e a Polónia, decisivo para apurar o finalista, se jogasse horas antes, dando possibilidade dos argentinos de saberem da necessidade de marcarem seis golos ao Peru e assim chegarem à final. Nesse dia, o balneário da Argentina teve a visita do General Videla acompanhado de Henry Kissinger e, mais, tarde, a imprensa denunciou o descongelamento de créditos peruanos no Banco Central Argentina (Salas, 2021, p. 173-178);
- Também a ditadura militar no Uruguai, no poder desde o golpe de estado de 1973, teve o seu momento. Porém, o planeado saiu contraditado e, no final, as consequências foram paradoxais. Com um *Mundialito*, denominado Taça de Ouro, em que participaram todas as equipas até aí campeãs do mundo — à exceção da Inglaterra cuja recusa resultou no convite à Holanda, organizado para celebrar a vitória da ditadura num referendo convocado para substituir a constituição de 1967, os militares foram surpreendidos com a sua derrota no ato eleitoral. De repente os estádios tornaram-se “nas primeiras concentrações em massa autorizadas pelos militares”, cantando, “vai acabar, vai acabar, a ditadura militar” (Salas, 2021, p. 186). Por ter constituído uma organização manipulada, a vergonha pelo *Mundialito* subsiste de tal modo, ao ponto de não aparecer “na web da FIFA”, nem na página web da Federação uruguaia (Salas, 2021, p. 183-186);
- Adilson Monteiro Alves, sociólogo, pouco ou nada sabia de futebol. Mas a sua contribuição para a formação política de Sócrates Brasileiro Sampaio de Sousa Vieira de Oliveira, foi determinante para a sociedade brasileira compreender os princípios da democracia direta. A experiência deu-se no Corinthians, clube de futebol onde todas as decisões resultavam do voto. Aonde fosse, o clube de S. Paulo levava a mensagem “ganhar ou perder mas sempre em democracia”. Só em 1989 o Brasil passou a eleger um presidente através

de sufrágio universal mas a “democracia corinthiana”, com o médico-futebolista doutor Sócrates à cabeça, tornou-se numa iconografia da afirmação política por cidadãos futebolistas (Salas, 2021, p. 187-190).

Para além da ideia básica de que se trata apenas de um espetáculo exclusivamente para entreter as massas, este livro constitui uma contribuição bastante pertinente para a compreensão do fenómeno futebolístico sob pontos de vista geralmente arredados das discussões. Sendo certo que existem várias dimensões ainda por explorar nos estudos sobre o futebol, a manipulação política do desporto futebolístico, embora conhecido, e várias vezes aventado em discussões avulsas, carece de trabalhos sistematizados através da recolha histórica. Os exemplos que Villalobos Salas (2021) recolhe e traz ao leitor, como que provêm de um fotorama que, passo a passo, vai lançando fragmentos que, por sua vez, compõem uma imagem nítida, sólida e geograficamente ampla, do modo como o fascismo se foi servindo do desporto-rei em várias partes do mundo.

Como referido logo no início, a obra convoca vários escritores e intelectuais que não se escudaram a olhar para o

futebol como um dos fenómenos mais importantes graciosos do século XX. A leitura de “Futebol e Fascismo” convoca, no imediato, o trabalho de Franklin Foer (2004), ex-jornalista da prestigiada revista *The Atlantic*, cujo livro *How Soccer Explains the World: An Unlikely Theory of Globalization*¹, também explora o fenómeno futebolístico, que mais do que um estilo de vida, se constitui num fenómeno sem fronteiras. Não só embrenha-se na construção da realidade, como explica ódios religiosos, mostra a sua força fazendo cair regimes políticos, convoca, por exemplo, a coragem das mulheres iranianas, resiste nas suas particularidades locais e identitárias no desmembramento da ex-Jugoslávia (Foer, 2004). No fundo, o futebol, apesar da globalização, conseguiu manter as suas idiossincrasias regionais e fazendo prevalecer a sua cultura à volta de razões grupais e clubistas, de onde não faltam os seus apaixonados adeptos.

REFERÊNCIAS

- Foer, F. (2004). *How soccer explains the world: an unlikely theory of globalization*. Nova York: Harper Collins.
- Salas, C. V. (2021). *Futebol e fascismo*. Lisboa: Edições 70.

¹O livro foi originalmente editado, em 2004, pela HarperCollins Publishers Inc. A tradução portuguesa tem o título “Como o Futebol Explica o Mundo” (Palavra Marca Branca, 2006).

